O Eremita apresenta

Discografia Comentada do

Os discos de estúdio

Versão 12 - Março de 2026

Discografia Comentada do

Os discos de estúdio

Texto, edição, fotos, recortes e gafes: O Eremita.

Colaboraram: Alexandre Gibin Neto, André Luiz "Heavy", Marcelo Soares, Marco Aurélio "Olhos de Lince" Valentoni, Reinaldo Alves, Roberto Silva e Souza, Sérgio de Carvalho, Anderson Frota, William Cook, Luis Molist Vilanova e Pedro Szasz.

Versão 12 – Março de 2026 (376 páginas).
Mudanças em relação à anterior: inclusão do "= 1" e mais um punhadão de coisas.

Contatos: eremita@arquivosdoeremita.com.br

Distribuição gratuita, via internet:
www.arquivosdoeremita.com.br

Esta edição não é protegida por nenhuma medida legal de direitos autorais ou intelectuais. Qualquer reprodução de conteúdo sem autorização prévia do autor será considerada muito esquisita.

Considerando os políticos que temos no Brasil, a decisão de votar na direita ou na esquerda é o mesmo que escolher entre perder um braço ou uma perna.

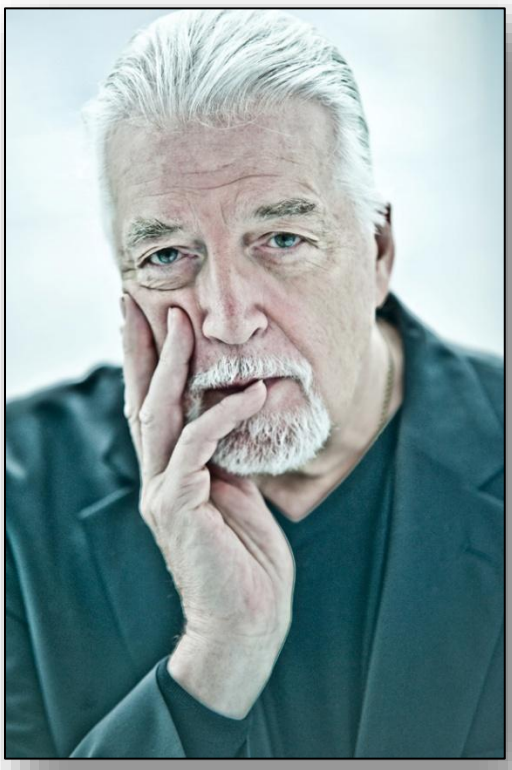
O Eremita

Dedicatórias

Este mui modesto trabalho não poderia deixar de ser dedicado a outrem que não aos músicos do Deep Purple (a todos, menos um!) e também aos seus fãs, por serem pessoas de gosto apurado. Existem os que têm um gosto ainda mais apurado, pois, além de fãs do Deep Purple, são palmeirenses.

Sempre cabe mais uma lembrança e uma homenagem a dois de nossos heróis que deixaram os palcos cedo demais: Ronnie James Dio e Gary Moore.

Em julho de 2012 tivemos o falecimento de Jon Lord. Uma grande pessoa, um grande músico e um grande ídolo, a quem esta versão, muito modestamente, é especialmente dedicada. Ainda como homenagem, foi colocada na Internet uma compilação de entrevistas d'O Maestro (veja no item A.9 do Apêndice).



Sumário

Apresentação *(página 06)*

PARTE I – Contexto *(09)*

Capítulo 1: Cena Rockeira no Brasil nos anos 70 *(09)*

Capítulo 2: Uma breve história do Deep Purple - origem e personagens *(26)*

PARTE II – Núcleo *(52)*

Capítulo 3: Shades Of Deep Purple *(56)*

Capítulo 4: The Book Of Taliesyn *(69)*

Capítulo 5: Deep Purple *(78)*

Capítulo 6: Concerto For Group And Orchestra *(86)*

Capítulo 7: In Rock *(94)*

Capítulo 8: Fireball *(111)*

Capítulo 9: Machine Head *(119)*

Capítulo 10: Who Do We Think We Are *(141)*

Capítulo 11: Burn *(153)*

Capítulo 12: Stormbringer *(163)*

Capítulo 13: Come Taste The Band *(175)*

Capítulo 14: Perfect Strangers *(188)*

Capítulo 15: The House Of Blue Light *(196)*

Capítulo 16: Slaves And Masters *(206)*

Capítulo 17: The Battle Rages On *(215)*

Capítulo 18: Purpendicular *(222)*

Capítulo 19: Abandon *(230)*

Capítulo 20: Bananas *(237)*

Capítulo 21: Rapture Of The Deep *(247)*

Capítulo 22: Now What?! *(255)*

Capítulo 23: Infinite *(267)*

Capítulo 24: Whoosh! *(279)*

Capítulo 25: Turning to crime *(291)*

Capítulo 26: = 1 *(306)*

PARTE III – Outras coisas *(316)*

Capítulo 27: Balanço dos conceitos e notas *(316)*

Capítulo 28: Discografia complementar *(322)*

Capítulo 29: Bibliografia *(331)*

Apêndice *(349)*

Apresentação

Se você está lendo este texto, foi por um de dois caminhos: um deles é por ser meu amigo ou conhecido, a quem indiquei o endereço. Neste caso, não há muito que falar – você já deve estar sabendo o que esperar daqui para frente. O segundo caminho seria utilizando um site de busca, provavelmente com o nome "Deep Purple" e, após passar por um monte de outras referências, acabou abrindo este arquivo. A este raríssimo segundo tipo de leitor é que esta apresentação é direcionada.

Por que eu resolvi fazer mais um texto sobre esta banda, cuja história já foi relatada tantas vezes? Os motivos são vários: (1) um passatempo – gosto de escrever sobre o Deep Purple e esta não é a primeira vez que faço isso; (2) um gesto de reconhecimento e gratidão – uma banda que me proporcionou tantos momentos de deleite merece uma retribuição como esta, ainda que simples; (3) a facilidade da Internet – não estou fazendo mal a ninguém ao produzir e colocar à disposição este texto. São apenas alguns trilhões de bits, que podem ser baixados gratuitamente, sem consumir papel nem muita energia. É, portanto, um texto sustentável. Desculpe se o termo parece deslocado, mas eu não podia deixar de usar "sustentável" em algum lugar – está tão na moda!; (4) repartir alguns conhecimentos, documentos (de que servem essas coisas guardadas?) e opiniões com os fãs da banda, ainda que estas eventualmente gerem a ira de alguns.

Este texto não foi escrito por um jornalista, nem por um escritor profissional ou por um músico. Sou um apreciador de boa música, com uma predileção por Rock, particularmente pelo Deep Purple, por razões expostas mais à frente. Também sou Engenheiro e tenho no sangue (ou melhor, na massa cinzenta) a tendência muitas vezes irritante de racionalizar as coisas e querer quantificar aquilo que só deveria ser qualificável. Esse cartesianismo estará presente em várias partes do texto. O mínimo que devo fazer é pedir sua paciência. Recomendo um truque – pule as partes chatas e vá em frente!

Qual é afinal o objetivo deste texto? Resposta: comentar os discos de estúdio, faixa a faixa. Só isso. Fazem parte do trabalho alguns textos complementares, como um breve panorama a respeito da cena Rockeira no Brasil e outro sobre a história do Purple. Uma das vantagens da Internet é a total liberdade de expressão que ela oferece. Tirei proveito disso, produzindo este texto, que é um mero registro de impressões e opiniões pessoais e, por que não, algumas brincadeiras inconsequentes. É muito provável que ao ler algumas dessas opiniões você pense: "esse cara tá louco!". Discordâncias são inevitáveis, ainda mais em um assunto tão apaixonante como música. A minha defesa, nesse caso, é que absurda ou não, irrelevante ou não, cada opinião aqui expressa foi carregada de sinceridade e sem segundas intenções.

Ainda em cima das polêmicas e discordâncias, este texto traz ao final uma crítica. Eu explico melhor. Coisas importantes como novos livros, discos ou filmes são criticados por especialistas e essas opiniões saem na mídia, ajudando as pessoas a se decidir se consomem ou não aquele produto. No caso deste pobre e humilde opúsculo, se poucos perderão seu tempo para lê-lo, contar que alguém fosse criticá-lo, sem chance. Por causa disso, foi encomendada uma análise a um crítico e que já vem incorporada a este texto (veja no Apêndice, seção C). Dessa forma, garantiu-se a publicação de ao menos uma crítica a este trabalho. Para aquele que se interessar em ler a crítica, antecipo algumas palavras ao meu favor: o crítico não recebeu nenhum tipo de pagamento pelo seu texto e pessoas próximas a ele me informaram que tal indivíduo andava em um mau humor constante devido aos fracassos seguidos do seu time do coração. Duvido que essas coisas tenham sido abstraídas na hora de fazer a crítica.

Esta é a décima-segunda versão da Discografia. Correções foram feitas em todas as versões. Sempre vão escapar um ou outro erro de concordância e de digiçãota, não tem jeito. O texto, que começou com 199 páginas e tem agora mais de 299, recebeu a devida atualização após dois fatos importantes na história da banda: a substituição de Steve Morse por Simon McBride e a inserção dos comentários sobre o álbum "= 1", além das revisões de sempre e algumas inclusões de coisas relevantes.

Um penúltimo alerta sobre o texto é que nele o leitor não encontrará o adjetivo "extraordinário" e nem metáforas futebolísticas, pois se tratam de recursos linguísticos e oratórios de uso exclusivo de um certo ex-presidente, ex-presidiário e novamente presidente.

Para finalizar, as palavras finais de encerramento, terminando, fechando e concluindo este prefácio de apresentação introdutória inicial: espero que este modesto trabalho lhe seja satisfatório, de alguma forma.

PARTE 1 - Contexto

Capítulo 1
Cena Rockeira no Brasil nos anos 70

É preciso muito cuidado hoje em dia para se escrever sobre qualquer coisa. O cidadão pode simplesmente parar a leitura e consultar instantaneamente o Google, Wikipédia ou coisa que o valha para conferir se aquela informação está certa. É a democratização do conhecimento – uma das maravilhas da Internet. Estou convicto que, em sua essência, um dos sustentáculos da democracia é o acesso à informação. Deve ter algum filósofo que falou essa mesma coisa com outras palavras e seria chique citá-lo aqui, mas a verdade é que não sei nada sobre filosofia e lendo certos textos, na "Folha de S. Paulo" principalmente, fica me parecendo que essas citações são mera exibição de erudição e não uma preocupação em transmitir ideias. Nossa, desviei muito do assunto, não? Bem, foi só um desabafo.

Vamos para os anos 70. Não havia computador pessoal, muito menos Internet. Também era uma época onde não havia democracia no Brasil e, como uma de suas consequências, havia pouca informação. A que era acessível, era controlada. Tendo nascido em 1961, cresci e cheguei à maioridade em um regime ditatorial. Sabe do que me lembro desses tempos? Em termos políticos, de pouca coisa. Minha família era de classe média. Bem média, se é que isso pode ser considerada uma definição. Não falávamos de política. Não era só em casa. Em todo meu convívio – escola, parentes, amigos da rua – ninguém discutia o que estava acontecendo. Minha geração viveu na ignorância e cresceu apolítica. Os pais não falavam sobre o tema – pessoas estavam sendo presas, torturadas e mortas, muitas delas nas ruas; havia censura, que decidia o que poderíamos ver, ler ou ouvir – e ninguém tocava no assunto, como uma forma de preservar a saúde dos filhos e continuar mantendo-os por perto. Uns, não discutiam política por medo. A repressão militar era violenta e onipresente. Outros, como eram o meu caso e o dos colegas, vizinhos e amigos da mesma idade,

por ignorância. As notícias simplesmente não chegavam. Havia total manipulação da informação. Os telejornais concentravam seu conteúdo em desgraças externas (guerras, terremotos, furacões e tragédias em geral) como uma forma pouco disfarçada de incutir a ideia na população de que lá fora era ruim, aqui era bom, exaltando as qualidades internas. As principais revistas e jornais eram obrigadas a hospedar em seus escritórios censores do governo, que tesouravam (quase que literalmente) as notícias que fugiam da linha de pensamento dos militares. Uma das lembranças que tenho sobre a mídia daqueles tempos era o programa do repórter global Amaral Neto, cujo ofício era fazer uma descarada propaganda pró-ditadura, mostrando as obras do governo, sempre em tom escandalosamente ufanista, citando coisas como "esta usina será a maior do mundo", "esta indústria é a maior fornecedora de carros de combate do Ocidente", ou ainda "tal estrada será a que baterá todos os recordes mundiais de acidentes" e patacoadas afins. De fato, tínhamos o que comemorar. Éramos campeões mundiais de desrespeito aos direitos humanos, em corrupção, em concentração de renda, em desmatamento, da taxa de juros e em outros recordes lamentáveis, que, ainda bem, foram todos resolvidos desde que nos tornamos um país desenvolvido e justo, onde ninguém mais passa fome, todos moram decentemente e escovam os dentes três vezes ao dia. Lembro-me, ainda, que na escola também éramos manipulados. Cantávamos aquele maldito jingle de Dom & Ravel "Brasil, eu te amo" toda hora. Havia um álbum de figurinhas que tinha entre os cromos a reprodução de frases do governo como "Brasil, ame-o ou deixei-o" e outras propagandas nada subliminares.

Todos esses anos de regime repressivo ditatorial deixaram uma herança no nosso comportamento. Perdemos o hábito de refletir e de protestar, principalmente quando não nos são oferecidas coisas que são obrigações do Poder Público, como saúde, educação, moradia e transporte dignos. O que se nota nas manifestações públicas atuais é que não há espontaneidade – a maioria é armação, com pessoas sendo pagas para defender alguma questão político-partidária. Acabamos nos acostumando com a manipulação e a pilhagem das ratazanas que se imiscuem no Poder Público e que vem se aproveitando até hoje da docilidade e passividade da população. Algo absolutamente surreal ocorreu em 2020 – manifestações

pedindo o retorno da ditadura militar e, o que é que mais extrapola o surreal – a volta do AI-5! Reivindicação por algo que vai contra os próprios reivindicandos! Só mesmo no Brasil, onde o governo virou algo intocável. Aceitamos sua desonestidade placidamente. Ainda assim, vivemos melhor do jeito atual, na democracia. A democracia é como um amigo verdadeiro: às vezes ele pode te irritar, mas muito mais importante é preservá-lo. Mas, até aonde eu vou com esse discurso meio fora do contexto? Até aqui. De volta ao Rock.

No final dos anos 60 e início dos anos 70, o Rock era moda em São Paulo. Isso quer dizer que a grande maioria dos jovens seguia as tendências do Rock. Usavam as roupas no modelo dos artistas de Rock. Deixavam o cabelo comprido e ouviam Rock. Alguns até mesmo gostavam de Rock. Poucos eram, de fato, Rockeiros. Ou seja, Rockeiros no sentido de que gostavam do Rock pelo que ele representava e não para acompanhar a moda.

A situação era um tanto estranha. O Rock, que na Europa e Estados Unidos, entre outras coisas, era um dos principais veículos para a contestação política contra as guerras e os regimes totalitários, era encarado mais como uma trilha sonora pesada para a molecada Rockeira brasileira. Não havia o caráter engajado. Isso ficou mais para o final dos anos 60. No meio dos anos 70, em plena ditadura, o que fazia a cabeça da galera eram o peso do som e as alusões ao satanismo e à bruxaria do Black Sabbath, do Uriah Heep e congêneres. Pelo menos, era isso o que eu via e vivia. Como citei, éramos uma geração ignorante em termos políticos, pois ninguém contava direito o que estava acontecendo à nossa volta.

A onda do Rock passou. Veio a era disco. A maioria entre aqueles que ouviam Rock passou a ouvir Disco. Entre a minoria que não (e nunca) abandonou o Rock estava eu. Não sei bem o porquê, mas aquela história de inconformismo do Rock e outras coisas do pensamento hippie, como não se apegar tanto às aparências ou dar valor excessivo aos bens materiais ou, ainda, ter mais respeito com a natureza me fisgaram e eu me mantive fiel a esses ideais até hoje. Eu nunca fui um hippie, só seguia alguns de seus ideais. Entre vários outros hábitos, um dos que eu nunca segui, ainda

bem, foi prolongar os períodos entre os banhos. Mas, não era fácil. Não, não a questão do banho! O que não era fácil era ser Rockeiro sem dinheiro. Eu era um adolescente que só estudava (classe média bem média, certo?). Sem grana não dava para levar aquele estilo de vida idealizado do Rockeiro. Aquele que se via nos filmes – contestação, vida alternativa, liberdade, moto, jaquetas de couro, festas na praia nos fins de semana, curtindo a natureza...Essas coisas tinham que ser pagas. O que é pior, sem dinheiro não dava nem mesmo para comprar discos! Os discos eram muito caros. Pouca gente tinha condição de ter muitos discos. Comprar um LP, pelo menos no meu ambiente, era um acontecimento. A gente anunciava: "tal dia, eu vou comprar um disco!". Diante da dificuldade, uma das coisas que eu e meus amigos procurávamos fazer era comprar discos diferentes uns dos outros, para ampliar a gama de sons disponíveis.

Juntando a falta de grana, a censura, o mercado consumidor pequeno (discos de Rock não vendiam quase nada, comparado aos de MPB, por exemplo), a falta de informação geral (vida sem Internet!), lembro, de novo, que não era mesmo fácil ser Rockeiro naquelas eras.

As mídias: primeiro, os discos

Além dos discos serem caros, havia outros problemas. As gravadoras não estavam nem aí. Os discos de Rock não eram atrelados a nenhum critério de continuidade ou integridade, ou seja, as discografias das bandas nunca eram completas e as capas frequentemente eram mutiladas. Às vezes, o próprio disco era mutilado (vários discos originalmente duplos saíram simples por aqui, como no caso do álbum "Focus 3"). Para finalizar, havia a má qualidade do vinil, que tornava os discos infestados de chiados e pipocados lá pela terceira audição.

Também não havia divulgação dos lançamentos. Em São Paulo devia haver milhares de lojas de discos. No centro da cidade, era praticamente uma por quadra. Naqueles tempos, a gíria "garimpar" fazia sentido, porque os discos de Rock tinham tiragem muito baixa e, por isso, nem todas as lojas recebiam todos os lançamentos. Sem a divulgação, nem

sempre era possível saber se um LP tinha sido editado no Brasil. A saída era entrar em todas as lojas e olhar em todas as seções, pois cada lojista tinha seu jeito particular de classificar os discos. Um LP do King Crimson poderia estar na seção de "música jovem" ou um do Rory Gallagher em "cantores americanos".

A opção era comprar discos importados. Talvez "opção" não seja a melhor palavra, porque os importados custavam, no mínimo, três vezes o preço dos nacionais. Existiam poucas lojas que tinham importados. As melhores eram as da extinta cadeia "Museu do Disco", cujo nome enganava os consumidores de primeira visita, pois estes achavam que lá seria possível encontrar raridades e/ou antiguidades, coisa que não acontecia, exceto pelos importados.

O que começou a facilitar um pouco a vida dos Rockeiros foi o surgimento do complexo de sebos vinílicos no centro de São Paulo, conhecido como "Grandes Galerias", ponto de encontro e concentração das lojas que viviam de fornecer raridades aos amantes do Rock, hoje conhecida como "Galeria do Rock". A Internet deu uma desaquecida na Galeria, pois hoje em dia não há mais raridades, nem de informações, nem de imagens e tampouco de músicas.

Para os colecionadores dos discos do Deep Purple os dias de hoje são de fartura para quem sabe selecionar, pois são incontáveis os lançamentos pelo mundo, alguns muito apetitosos, outros (a maioria) totalmente dispensáveis. Para os que colecionam tudo, os chamados "completistas", eu vejo dois caminhos: frustração (pela impossibilidade de atingir o objetivo – coisas novas saem todos os dias) e pobreza (pelos gastos próximos ao infinito).

Imprensa

Um breve relato do cenário relativo à mídia impressa foi incluído no texto da história da SBADP (explicações mais à frente), aqui reproduzido, com algumas adaptações. Em termos de imprensa, revistas sobre música surgiam e desapareciam a todo o momento. A maioria não chegava a

completar 10 números e eram difíceis de serem encontradas. Não recebiam grande destaque nas bancas e acabavam vendendo pouco. Tivemos a versão brasileira da "Rolling Stone" (que voltou a ser editada no Brasil há uns anos); a revista "Rock, a História e a Glória" (durou por volta de 30 números) e outras menos famosas. A que mais tempo ficou no mercado foi a "Geração Pop", da Editora Abril, que tinha uma qualidade sofrível. Era uma espécie de "Contigo", só que com algumas matérias sobre música entremeadas com coisas do tipo "como fazer um casamento pop" e outras bobagens.

A alternativa então era comprar as revistas importadas. As mais fáceis de se conseguir, apesar do preço salgado, eram as americanas "Circus" e "Hit Parader". Em São Paulo, nas bancas do centro, também era possível encontrar as revistas argentinas "Pelo" e "Roll", que tinham uma qualidade gráfica medonha e abusavam da 'gilete-press', apelido que se dava para as revistas que eram feitas a partir de matérias traduzidas das publicações estrangeiras, incluindo cópias das fotos. Tudo sem autorização, é claro.

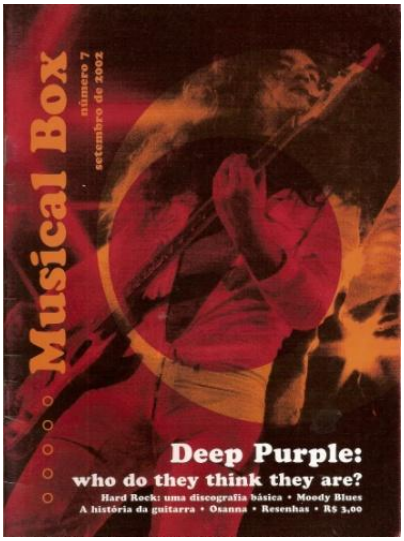
Na década de 80 começaram a surgir as revistas japonesas, que, por serem importadas, também custavam os olhinhos puxados da cara, com a desvantagem de trazerem o texto todo em japonês. Compensavam pela qualidade do papel e das fotos.

Após um hiato de alguns anos sem revistas de editoras grandes, surgiram a "Somtrês" (Ed. Três) e a "Bizz" (Ed. Abril), que dedicavam um razoável espaço ao Rock e foram as principais fontes de informação por um bom tempo para o grande público.

Para os Rockeiros mais inteirados, as informações mais quentes e completas vinham dos fanzines. Estes sofriam do mesmo mal que as primeiras publicações: descontinuidade, falta de divulgação, vida breve. Alguns cumpriram o papel de confirmar a regra e viraram as honrosas exceções, sendo o principal exemplo a "Rock Brigade", que nasceu em 1981 e existe até hoje (www.rockbrigade.com.br), tendo completado mais

de 200 edições, algo espantoso e que merece todo respeito. Como uma informação adjacente e provavelmente inútil, lembro que produzi alguns textos sofríveis (ou seja, este aqui não é uma exceção!) durante pouco tempo tanto para a "Rock Brigade" quanto para a "Somtrês" (outros detalhes na ref. A.6 do Apêndice).

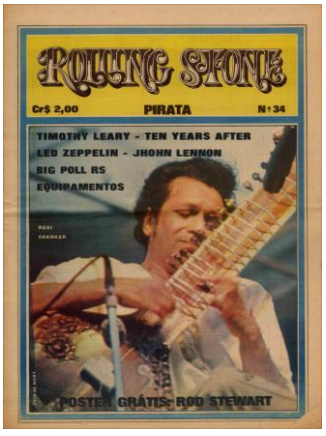
Fanzine do jornalista Valdir Montanari



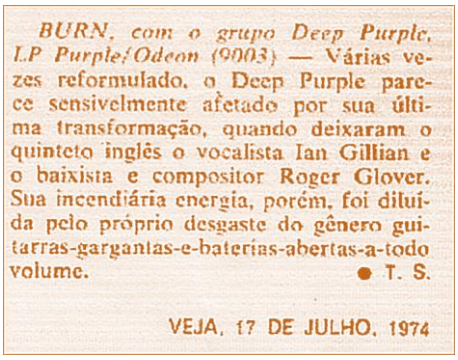
Capas da edição 264 da Rock Brigade e do fanzine Musical Box, número 7

A revista "Rolling Stone" merece um comentário à parte: foi lançada em português em fevereiro de 1972 e trazia a maioria de seu conteúdo traduzido da versão original, americana. Aparentemente, era uma versão não autorizada pela matriz e após algumas dezenas de números, sua publicação foi suspensa. Algum tempo depois (ainda em 1972) voltou às bancas, trazendo uma inscrição "Pirata" (veja reprodução) junto ao tradicional logotipo.

Como quase tudo que envolve o mundo do Rock, com o passar do tempo, a revista americana acabou se tornando um mero produto de consumo. A partir de 2006 a "Rolling Stone" voltou a circular no Brasil, no formato de revista. Hoje em dia, seu foco é mais amplo: o entretenimento, de um modo geral, o que explica capas com Gisele Bunchen e Ronaldo Fenômeno.



Recentemente, o jornal "Folha de São Paulo" pôs à disposição na Internet todas as suas edições em formato digital. A pesquisa feita pelo Eremita com o nome "Deep Purple" confirmou o pouco espaço que a banda recebia da imprensa. Descontadas as menções à música que deu origem ao nome da banda e a um cavalo homônimo que frequentou as páginas de turfe nos anos 50, pouca coisa se falou sobre o Purple. De qualquer forma, a pesquisa foi útil para descobrir dados referentes aos anos de lançamento de alguns dos discos e para constatar a falta de preparo dos jornalistas, especialmente no início dos anos 70, que escreviam absurdos sobre as bandas de Rock, como, por exemplo, as críticas ao "Fireball", descrito como "Rock espacial" ou do "Machine Head", em que o Purple é considerado um "dos melhores representantes do Rock da costa oeste americana". Outra publicação que colocou todo seu acervo à disposição em formato digital na Internet foi a revista "Veja". Novamente o Eremita fez uma pesquisa sobre o Deep Purple e encontrou pouquíssima coisa. De relevante, só a crítica ao "Burn".



BURN, com o grupo Deep Purple, LP Purple/Odeon (9003) — Várias vezes reformulado, o Deep Purple parece sensivelmente afetado por sua última transformação, quando deixaram o quinteto inglês o vocalista Ian Gillian e o baixista e compositor Roger Glover. Sua incendiária energia, porém, foi diluída pelo próprio desgaste do gênero guitarras-gargantas-e-baterias-abertas-a-todo volume. ● T. S.

VEJA, 17 DE JULHO, 1974

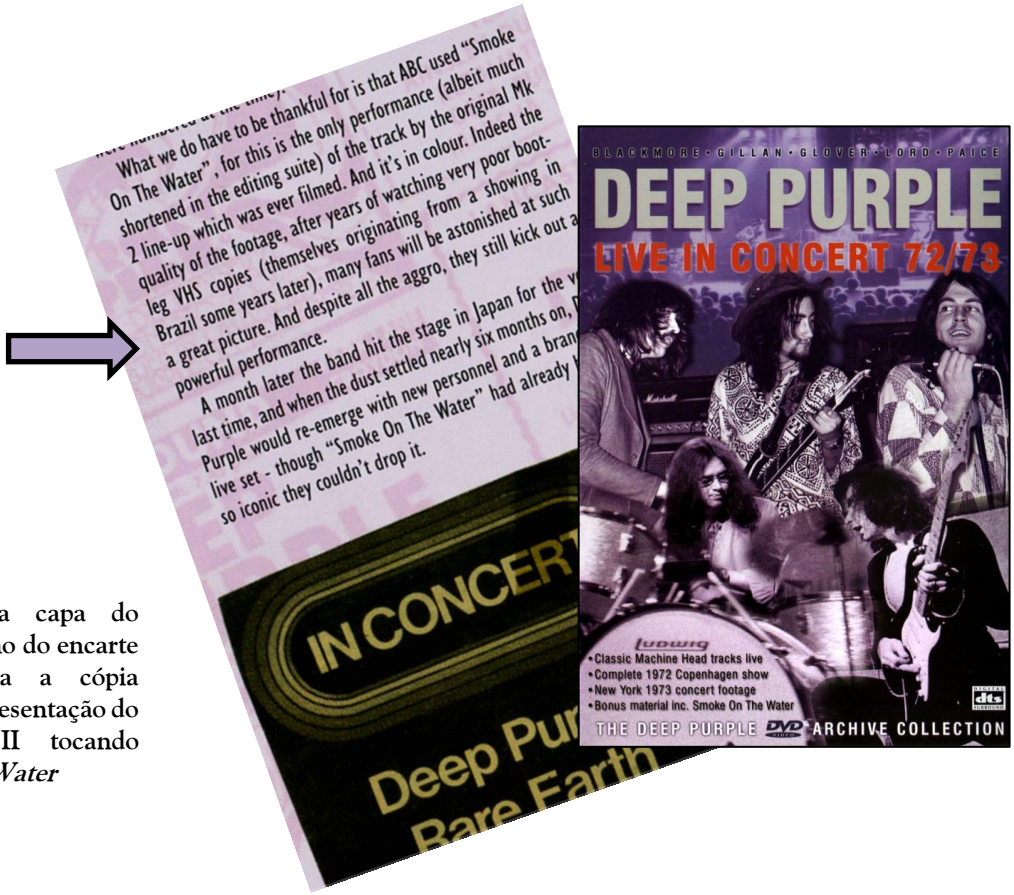
Rádio

E em São Paulo, o que mais rolava? No rádio, pouca coisa. Havia rádios "jovens" como a "Excelsior" e a "Difusora", que tocavam muita música internacional, mas elas eram concentradas na vertente Pop. Vez por outra escorregava algum Rock na programação. A primeira grande exceção foi o programa "Kaleidoscópio", do Jacques, que rolava à noite em uma rádio AM, cuja dona era a Igreja Católica e que ficava perto do Metrô Vila Mariana. Lembro-me que uma vez eu e uns amigos tentamos falar com o Jacques durante o programa. Fomos até a rádio e ele estava na porta, fumando com umas garotas. Ficamos com vergonha (coisa de garotos) e fomos embora. Mas o Jacques tocava realmente coisas de primeira. Muitas bandas eu e meus amigos conhecemos ouvindo o "Kaleidoscópio".

Televisão

Na TV as opções eram reduzidas, para variar. Havia um quadro diário no "Jornal Hoje", da Globo, com o apresentador "Big Boy", que trazia algumas novidades sobre o que acontecia na Europa e Estados Unidos e, eventualmente, rolava um clipe ou parte de. Ele exibiu o clipe de *Never before* (na verdade, uma montagem de imagens – está no DVD sobre a história do "Machine Head"). Outra opção que surgiu um pouco depois foi o programa "Sábado Som", que foi sucedido pelo "Rock Concert", ambos na Globo. Nesses programas ocorreram vários momentos especiais para os Rockeiros brasileiros. Em particular no caso do Purple, lembro-me de três absolutamente marcantes: a participação do Purple no "California Jam" (parcial, apenas. *Space truckin'*, com Blackmore incendiando o palco, foi aparecer algum tempo depois, no "Fantástico"); a apresentação com Bolin no Japão, que depois sairia em VHS com o título "Rises over Japan", sendo que a *Burn* foi ao ar depois, de novo no "Fantástico" e, finalmente, um programa especial sobre a banda, em 1977, que conteve uma raríssima filmagem de uma apresentação da MK II em Nova Iorque, tocando *Smoke on the water*, *Strange kind of woman* e *Space truckin'*. Essa apresentação de *Smoke* é, até hoje, o único registro em vídeo dessa música tocada ao vivo pelo primeiro reinado da MK II. Uma pena é que é editada, tendo sido cortado o solo de Blackmore. Na época não existia videocassete e era impossível rever aquele programa, ao menos se a emissora o reprisasse, o que nunca aconteceu. Muitos anos depois, um fã brasileiro (conhecido do Eremita) que colecionava vídeos, conseguiu uma cópia dessa apresentação e essa fita rodou o mundo. Isso é citado no encarte que acompanha o DVD "Live In Concert 1972/1973", que contém essa mesma filmagem. Esse DVD foi lançado no Brasil. É um item indispensável àquele que se considera um apreciador da banda e, por que não, do Rock bem tocado.

Afora os programas da Globo, havia duas opções: o programa "Som Pop", da TV Cultura, que tinha um acervo de vídeos limitado, baseado em clipes fornecidos pelas gravadoras, com pouca coisa de shows ao vivo. Durou muitos anos. Outra opção, que teve vida bem mais breve, foi o "Concerto de Rock", da Bandeirantes, que passou algumas coisas do Don Kirshner. Um show inesquecível exibido em um desses programas foi o da banda Renaissance.



Reprodução da capa do DVD e do trecho do encarte onde é citada a cópia brasileira da apresentação do Purple MK II tocando *Smoke on the Water*

Ao vivo

Quanto aos shows internacionais, o Brasil era um deserto. Passavam-se anos sem que houvesse um show de um grande nome. Peço desculpas pelas imprecisões daqui para frente, mas me parece que o primeiro grande nome que tocou por aqui foi o Santana, em pleno santuário futebolístico do Parque Antártica. Também veio o Mungo Jerry, que tocou no Clube Athlético Ypiranga! Não sei se eles vieram antes ou depois do Alice Cooper. Com um enorme hiato entre eles, tivemos Rick Wakeman, Joe Cocker, Genesis e Van Halen (o único desses todos ao qual assisti).

Relíquias cedidas por Roberto Silva e Souza

Na falta de shows internacionais, as opções eram as apresentações das bandas brasileiras, entre elas as que tocavam no clube Círculo Militar (justo lá!), em São Paulo, nos domingos à noite. Nesses shows (ou como constava no letreiro oficial do clube, "brotolândia dançante") se apresentavam bandas que hoje seriam chamadas de "cover genérico", pois tocavam seleções de músicas de grupos de fora. Lembro-me bem que minha preferida era a "Zappa" (talvez a grafia não fosse bem essa, poderia ter um "h" depois do "z", mas aí já é exigir demais de minha pobre memória), onde tocava o guitarrista Faíska. Esse cara era demais, reproduzia os solos de Blackmore perfeitamente.

O que mudou tudo foi o "Rock in Rio", que revelou à mídia que o Rock era uma mercadoria lucrativa. De lá para cá, grandes e pequenos nomes incluíram o Brasil em suas "World Tours". O próprio Deep Purple é um deles, pois já veio ao Brasil mais de dez vezes.

A opção pelo Deep Purple

Era comum no meio Rockeiro certa "paixão clubística" por uma banda. Muitos se tornavam fãs sem saber exatamente a razão e defendiam sua banda preferida como se fosse o seu time de coração. Não foi o meu caso. A escolha pelo Purple foi, em um primeiro momento, apenas "vulcaniana", lógica. Existia uma leve rivalidade entre os fãs do Purple e do Led Zeppelin. Eu evitava entrar em discussões desse tipo, porque eu também gosto do Led. Tenho os quatro primeiros CDs, que eu considero

muito bons. Mas, a verdade é que certas coisas sobre o assunto até hoje me irritam um pouco, especialmente a deferência com que a mídia trata o Zeppelin. Não posso deixar de registrar que em minha comparação racional entre Purple e Zeppelin, este último leva muitas desvantagens. O Zeppelin produziu menos e seu desempenho ao vivo deixou a desejar. Foi uma grande decepção assistir ao filme "The Song Remains the Same", sabiamente batizado no Brasil com o esclarecedor título "Rock é Rock Mesmo". O que eu vi? Uma banda com desempenho ao vivo muito distante do registrado no estúdio, com Plant cantando tons abaixo em relação aos discos, Page atravessando os solos e a banda deixando buracos que nas versões em estúdio eram cobertas pelos "overdubs". Ultimamente tenho tido desilusões com o Zep devido à sequência de processos de plágio que a banda vem sofrendo e perdendo. Uma rápida busca na Internet permite constatar mais de dez músicas claramente copiadas de outrem, como, por exemplo, *Dazed and confused; Black mountain side*; *Baby, I'm gonna leave you* e até mesmo *Whola Lotta love*. A realidade é que, quando se fala sobre Rock, seja no jornal, na TV ou na Internet, é raro alguém não citar o Zeppelin, assim como é raro alguém citar o Purple. O Deep Purple sempre foi uma espécie de "patinho feio" para a mídia, não sei ao certo o porquê. Também não sei se esse desfavorecimento era em termos mundiais ou só no Brasil. Por aqui, era muito difícil uma aparição sobre a banda nas poucas mídias que abriam espaço ao Rock.

Como a maioria dos Rockeiros, eu comecei curtindo as bandas de som mais acessível. Meus três primeiros discos foram comprados com uma grana longamente guardada e juntada com uma recebida de presente de Natal: dois LPs do Slade e um compacto do Grand Funk (*The Locomotion*). Este é o único dos três que tenho até hoje. Isso foi em 1973. Outra coisa da qual me lembro é que os discos ficaram um bom tempo de pé, na minha estante, aguardando a oportunidade de serem tocados, pois eu ainda não tinha um aparelho de som. A escolha por esses nomes para os primeiros discos foi trivial. Quase todo mundo começa assim, ouvindo as bandas de apelo mais fácil, que fazem um Rock mais simples, o que não significa que não sejam boas. Até hoje ouço Slade e Grand Funk.

O entusiasmo pela música do Deep Purple não veio de um estalo. Foi um processo.

Por causa do custo e tudo o mais que foi dito, comprar um disco era uma decisão difícil. A coisa era racionalizada. A escolha tinha que ser sobre aquele que oferecesse o melhor custo-benefício, ou seja, a maior quantidade de faixas legais dentre as ofertadas. Portanto, não dava para comprar um disco que não tivesse pelo menos uns 80% de faixas boas. Os LPs acabavam sendo dissecados, do primeiro ao último centímetro de sulco. As capas também, esquadrinhadas em todos os seus detalhes.

Foi aí que o Deep Purple ganhou este fã. Era a banda que oferecia o melhor custo-benefício! Não foi a propaganda (que, aliás, não existia), não foi nenhum truque de imagem, como o satanismo do Sabbath ou o hippie-ismo (bem, acho que essa palavra não existe) do Zeppelin. Foi um gosto adquirido pela qualidade da produção musical, pura e simplesmente. O Deep Purple praticamente não produzia aquele tipo de música que serve só para completar o disco (aquilo que os ingleses e americanos chamam de "fillers"). Isso pode ser comprovado pelo exposto na Parte II, onde todos os discos são comentados, faixa a faixa.

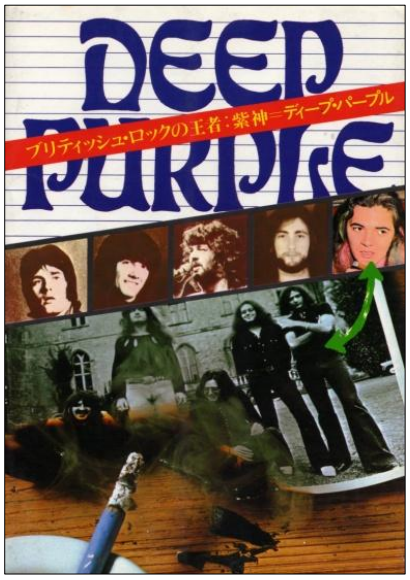
Comecei a ouvir o Deep Purple por volta de 1973 e não parei mais. Ajudou muito o fato de um belo dia eu ter conseguido, ou melhor, ganho dos meus pais, um aparelho de som. Passamos a ouvir Deep Purple sem parar. Digo "passamos" porque morando em uma casa não muito grande, com o volume sempre um tanto alto, toda a família compartilhava as minhas longas audições dos clássicos púrpuras, muitas e muitas vezes. Vez por outra eu ouvia meu pai, fã de ópera, assobiando *Sail away*. É incrível, mas ainda ouço Purple com praticamente a mesma frequência que ouvia quando era adolescente. Será que isso é alguma patologia?

De todo modo, acho que a humanidade não ouviu Deep Purple o suficiente.

É claro que eu não gosto somente de Deep Purple. Durante um bom tempo, acabei me tornando um radical – praticamente só ouvia Deep

Purple. Achava que o resto estava sempre abaixo em termos de qualidade. Evidentemente isso foi mudando com o passar dos anos. Hoje, olhando para minha modesta coleção de CDs, vejo que das cinco gavetas, uma é dedicada ao Deep Purple e derivados, outra ao Blues, a terceira e quarta às demais bandas de Hard-Rock e a quinta aos Progressivos. Ou seja, 20% do acervo têm a ver com o Purple e 60% ao Hard Rock. Outra curiosidade, é que, provavelmente, 85% da coleção são de discos lançados há mais de trinta anos.

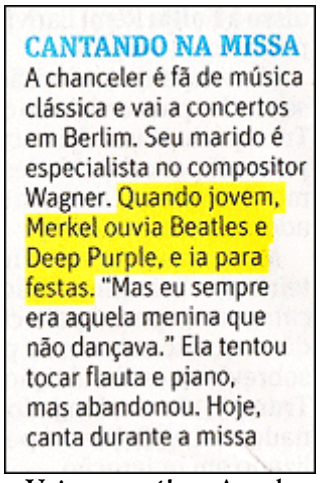
A carência na obtenção de fatos sobre a banda e a injusta falta de reconhecimento do Deep Purple pela nossa mídia foram dois dos motivos para que eu e o Roberto Silva e Souza, inspirados no fã-clube inglês (*), fundássemos a "Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple – SBADP", que editou o apologético fanzine "Into the Purple". A história da SBADP, intitulada "Como trabalhar de graça, perder dinheiro e ainda se divertir" está disponível na Internet, assim como as edições digitalizadas dos cinco números da "Into the Purple" (Apêndice – refs. A.1 e A.3).



Para ilustrar como era difícil obter informações sobre a banda quando fundamos a SBADP, relato um fato que aconteceu comigo e que o Roberto testemunhou. Acabou ficando de fora do texto na história da SBADP. No centro de São Paulo tem um bairro chamado Liberdade, que é reduto da colônia japonesa. Nesse bairro existem várias livrarias dedicadas à importação de revistas japonesas. Eles importavam tudo que é revista, inclusive as de Rock, que, por sinal, deixavam os Rockeiros paulistanos malucos, pois traziam muitas fotos inéditas, coloridas e impressas em papel de primeira. As principais eram a "Music Life" e a "Burrn" (desse jeito, com dois "r"). Em uma dessas revistas eu vi um anúncio de dois livros, um sobre o Deep Purple e o outro sobre o Blackmore. Fui à uma das livrarias da Liberdade e encomendei os dois, mesmo o preço sendo bem salgado. Passados uns

dias, recebi o aviso que os livros haviam chegado. Lá fui eu buscar. O Roberto estava comigo. Ao receber os dois livros, quase caí de costas. Eram dois livros de bolso, com duzentas páginas, com umas três fotos e um looongo texto. Todo em japonês! Tentei devolver os livros, o que, evidentemente, a dona da livraria não aceitou. Lembro-me dela dizendo umas palavras em japonês para seu marido, que deveria ser alguma coisa como "esse trouxa quer que eu fique com esses livros invendáveis". No fim, depois de muita negociação, ela acabou dando um desconto e os extremamente úteis livros estão até hoje comigo (a capa de um deles está reproduzida por aí). Agruras de um fã.

Um hábito que existia entre os fãs era montar pastas com os recortes sobre a banda de sua preferência. Não havia muito que guardar, caso a coleção se limitasse à mídia nacional. O que a garotada fazia era comprar uma edição de uma revista importada, tirar as páginas que citavam sua banda preferida e trocar (ou vender) as demais com os fãs dos outros grupos que apareciam. A SBADP reuniu um monte dessas pastas. Esses recortes foram socializados via Internet, na página "Arquivos do Eremita" (veja a ref. A.6 do Apêndice). Por sinal, esta é outra atividade que não é mais possível nos dias de hoje – "colecionar mídia". São tantas as fontes ao redor do mundo e, é claro, tem a Internet. Provavelmente, ninguém monta mais as tais pastas.

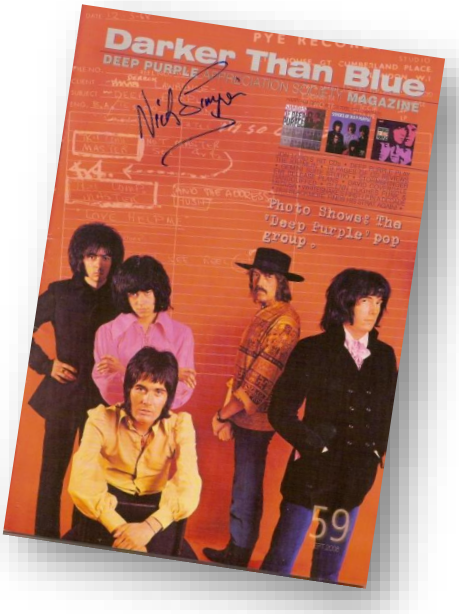


CANTANDO NA MISSA

A chanceler é fã de música clássica e vai a concertos em Berlim. Seu marido é especialista no compositor Wagner. Quando jovem, Merkel ouvia Beatles e Deep Purple, e ia para festas. "Mas eu sempre era aquela menina que não dançava." Ela tentou tocar flauta e piano, mas abandonou. Hoje, canta durante a missa

Vejam só! Angela Merkel já foi fã do Purple! (Folha de S. Paulo, 20.nov.16).

Esse foi um apanhado geral. Deve ter ficado de fora muita coisa, porque foi tudo baseado na memória do Eremita, que vem sendo implacavelmente afetada à medida que os anos avançam. Tenho tentado uma terapia que me ensinaram, à base do consumo regular de cerveja e gorgonzola. Até agora não deu bons resultados, mas esse é o tipo do tratamento de longo prazo.



(*) DPAS, ou Deep Purple Appreciation Society, de Simon Robinson. A DPAS produz, entre outras muitas coisas, o fanzine "Darker than Blue (DTB)", reproduzido em algum lugar por aí (capa autografada pelo Nick Simper, para o purplemaníaco Reinaldo Alves). Detalhes podem ser obtidos na Bibliografia e nas referências A.1 e B.3.

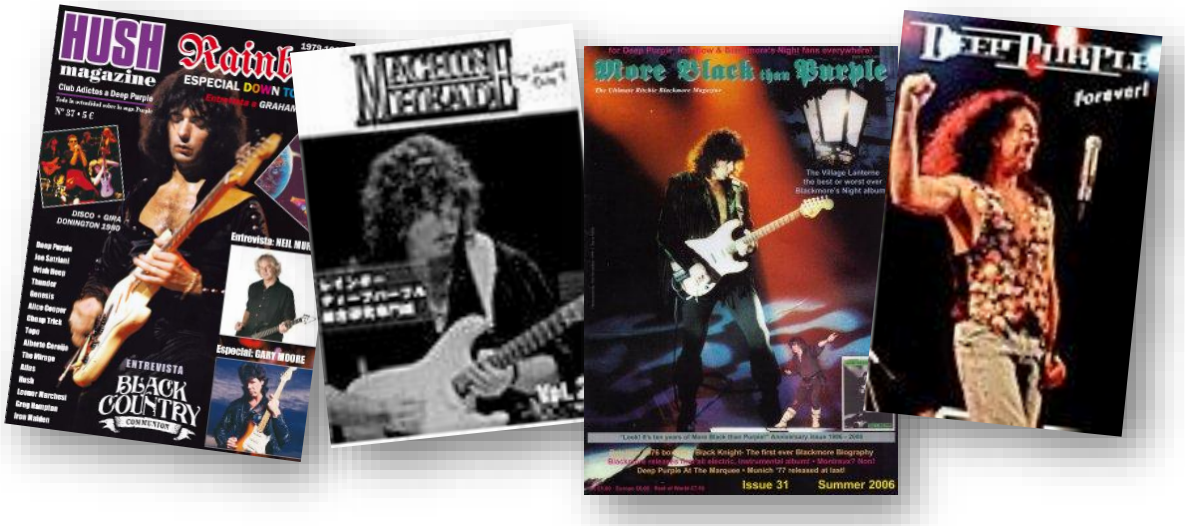
Aproveitando o asterisco, cito outros fanzines não tão célebres quanto o DTB, mas que também merecem destaque:

- *More Black than Purple*: dedicado ao Blackmore. Existe desde 2006 e tem 38 edições;

- *Hush Magazine:* publicação espanhola do "Clube de Adictos a Deep Purple", iniciada em 1994, comandada por Carlos Fernando. (http://www.cadp-hushmagazine.com);

- *Deep Purple Forever*: editado pelo fã clube sueco, em sua língua natal (!). Foi publicado entre 1991 e 2002 (32 edições);

- *Machine Head*: produzido em japonês (!!), todo em preto e branco, publicado entre 1998 e 2005 (25 edições).



MELODY MAKER, April 14, 1979—Page 21
PURPLE on PURPLE on PURPLE
Deep Purple
MARK 2
PURPLE
SINGLES
COLLECTOR'S
ALBUM
IN
PURPLE
VINYL
AVAILABLE ON CASSETTE
FEATURING:
IAN
GILLAN
RITCHIE
BLACKMORE
ROGER
GLOVER
JON
LORD
IAN
PAICE
INCLUDING:
LIVE VERSIONS OF
SMOKE ON THE WATER
BLACK NIGHT
CHILD IN TIME
COLLECTORS ITEM — IN PURPLE VINYL
Deep Purple
the MARK 2 purple singles
TPS 3514
AVAILABLE NOW
EMI

Capitulo 2
Uma breve história do Deep Purple - origem e personagens

A figura central deste trabalho é uma das bandas mais queridas do mundo, ativa há mais de 50 anos. Já vendeu mais de 100 milhões de discos. Existem centenas de sites e fã-clubes ao redor do planeta que tratam de cultuar essa banda, que tem uma produção musical impressionante, composta de 23 discos de estúdio e um número incerto de gravações ao vivo, que surgem a toda hora no mercado, sejam recentes ou antigas, resultado da qualidade e competência que seus músicos sempre levaram ao público em seus shows. A banda até hoje gera interesse por qualquer registro, seja ele de ensaios ou a oficialização de antigas edições piratas.

Existem vários relatos sobre a história do Deep Purple. Alguns deles podem ser verificados na Bibliografia deste texto. Portanto, não há a necessidade de se recontar tudo. Principalmente se considerarmos a desigualdade da condição de alguém, no Brasil, conseguir reunir mais dados do que fãs ou jornalistas residentes no país de origem da banda. O que segue é uma visão resumidíssima da história do Purple, procurando destacar alguns pontos que nem sempre receberam a devida atenção.

O primeiro ponto a se destacar é que o Deep Purple não teve o início típico das bandas da década de 60. Naquela período, o Rock ainda estava construindo seus ritos da profissionalização. O comum era que amigos, vizinhos ou colegas de escola se juntassem e montassem uma banda, para ver se conseguiam muitas garotas e, de quebra, algum dinheiro. Com o Purple não foi assim. O grupo foi um produto de empresários, com o objetivo de investir uma grana na carreira dos músicos e com isso conseguir um bom retorno financeiro, com a vantagem de poder circularpor um mundo mais glamoroso do que aquele normalmente frequentado por pessoas comuns.

Tony Edwards e Jon Lord

Quem começou a montar a banda foi o baterista Chris Curtis, que pertenceu ao The Searchers, grupo Pop que emplacou um hit nas paradas, uma versão da canção de Jackie DeShannon *Needles and pins*. Curtis convenceu uma dupla de empresários, Tony Edwards e John Coletta, a investir em seu projeto de banda. Posteriormente, à dupla se juntou o vendedor de carros usados Ronald Hire. Das iniciais dos três sobrenomes surgiu a HEC Enterprises. HEC também era a sigla do ógão inglês "Health Education Council" (ou "Conselho de Educação em Saúde"). A HEC se tornou, a rigor, a dona da banda Deep Purple. Coletta e Edwards logo compraram a parte de Hire. John Coletta morreu em 09.jul.2006. Tony Edwards faleceu em 11.nov.2010, aos 78 anos, de causa não revelada.

Um pequeno intervalo para comentar um pouco sobre o lado social da banda. Anos de convivência fizeram com que Tony Edwards e Jon Lord se tornassem amigos. Ele é padrinho de Sara, filha de Lord. A esposa de Lord, Vicky, foi namorada de Glenn Hughes. Vicky tem uma irmã gêmea, Jackie, que se casou com Paice. Hughes casou com Karen Ulibarri, que havia sido namorada de Bolin. Fim da coluna social.

Lord, Paice e esposas, as gêmeas Vicky e Jackie.

Voltando à história, Curtis conheceu Jon Lord e, assim como fez com Tony Edwards, também convenceu o tecladista a fazer parte de seu projeto, o Roundabout. A ideia do Curtis, o bom de lábia, era montar um carrossel (que em inglês pode ser traduzido como "roundabout") no palco, onde ele ficaria no centro, com sua bateria. Os demais músicos girariam em volta. Ambos já haviam visto Blackmore em ação e o convidaram. Durante as negociações para viabilizar a banda, Curtis sumiu de forma misteriosa. A essa altura os novos empresários tinham se entusiasmado com o negócio do show-business e a HEC não desistiu. A ideia de investir em uma banda de Rock, o ainda incipiente projeto Roundabout, foi em frente, só que, evidentemente, sem a maluquice do carrossel no palco. Depois de algumas audições, Rod Evans, Nick Simper e Ian Paice foram recrutados e o Deep Purple nasceu, em março de 1968. Em abril desse ano fizeram seus primeiros shows, ainda sob o nome de Roundabout. Manter esse nome foi uma ideia de Lord. A primeira excursão do grupo foi pela Escandinávia, aproveitando a experiência que seu grupo anterior, The Artwoods, teve fazendo shows por lá pouco tempo antes. Caso a banda não desse certo, era só enterrar o nome

Roundabout e partir para outra. Tudo correu bem e ainda durante a turnê eles assumiram o nome Deep Purple, seguindo sugestão de Blackmore. Em julho, apenas cinco meses após os músicos se conhecerem, o Deep Purple já tinha seu primeiro disco exposto nas prateleiras das lojas dos Estados Unidos.

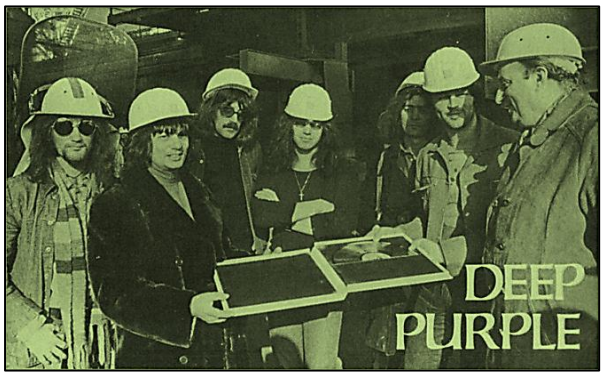
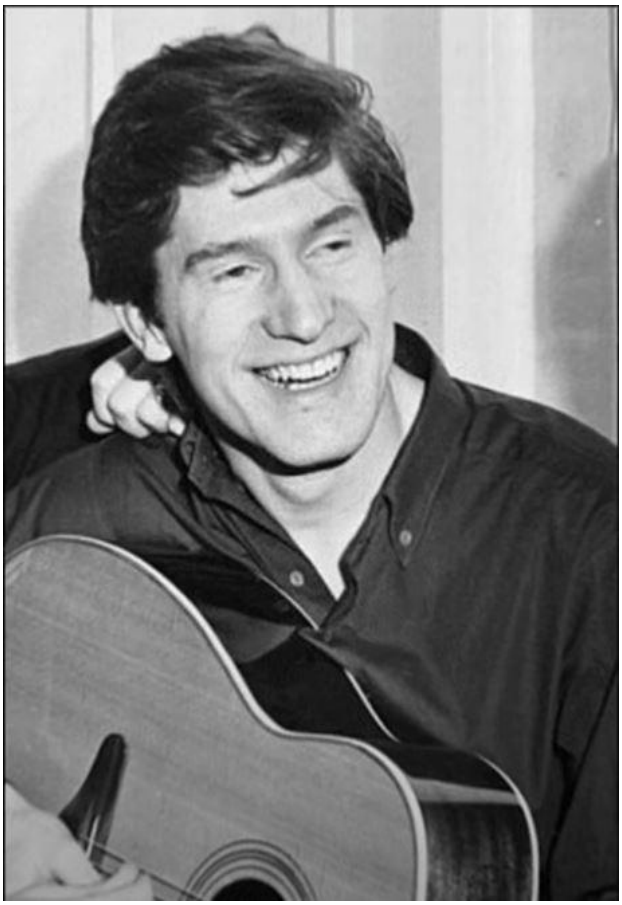


Foto publicada na revista americana Hit Parader em 1971. Nela a banda aparece recebendo um disco de ouro pelas vendas do "Fireball" na Alemanha. Quem está entre Glover e Lord é John Coletta.

O fato de ter sido formada com o espírito de ser um investimento, ou seja, algo para dar lucro, influenciou fortemente os caminhos percorridos pela banda. O Deep Purple mudou de músicos muitas vezes, sempre buscando manter a máquina de fazer dinheiro produzindo. A banda teve nove formações diferentes (apelidadas na Inglaterra como "Mark", de abreviatura "MK", sendo que a MK II existiu durante três momentos distintos de sua história), com passagem de 15 músicos ao longo de seus 56 anos de atividade (1968 – 2024, ano da décima-segunda edição deste trabalho). Músicos entraram e saíam conforme as circunstâncias, sem causar traumas de quebras de vínculos de velhas amizades, afinal, tudo era uma questão de administração de contratos, de carreiras, royalties, agendas de shows. Enfim, negócios. Um fato sintomático da crueza dessa realidade é que o único músico que nunca esteve ausente desde a Mark I até a MK IX é o baterista Ian Paice. Hoje, com todos na casa (ou beirando) dos 70 anos, é um belo exemplo de vida que eles mantenham a disposição de continuar na ativa, tocando ao vivo e gravando discos.

O Quadro I, a seguir, traz a composição das dez formações da banda e o período de atividade de cada uma delas. Só foram considerados os discos oficiais de estúdio lançados enquanto a formação estava em atividade, o que explica a ausência de vários discos ao vivo (só foram relacionados os

principais) e das coletâneas. As datas referem-se aos lançamentos na Inglaterra.



Chris Curtis (29.ago.41 – 28.fev.05)

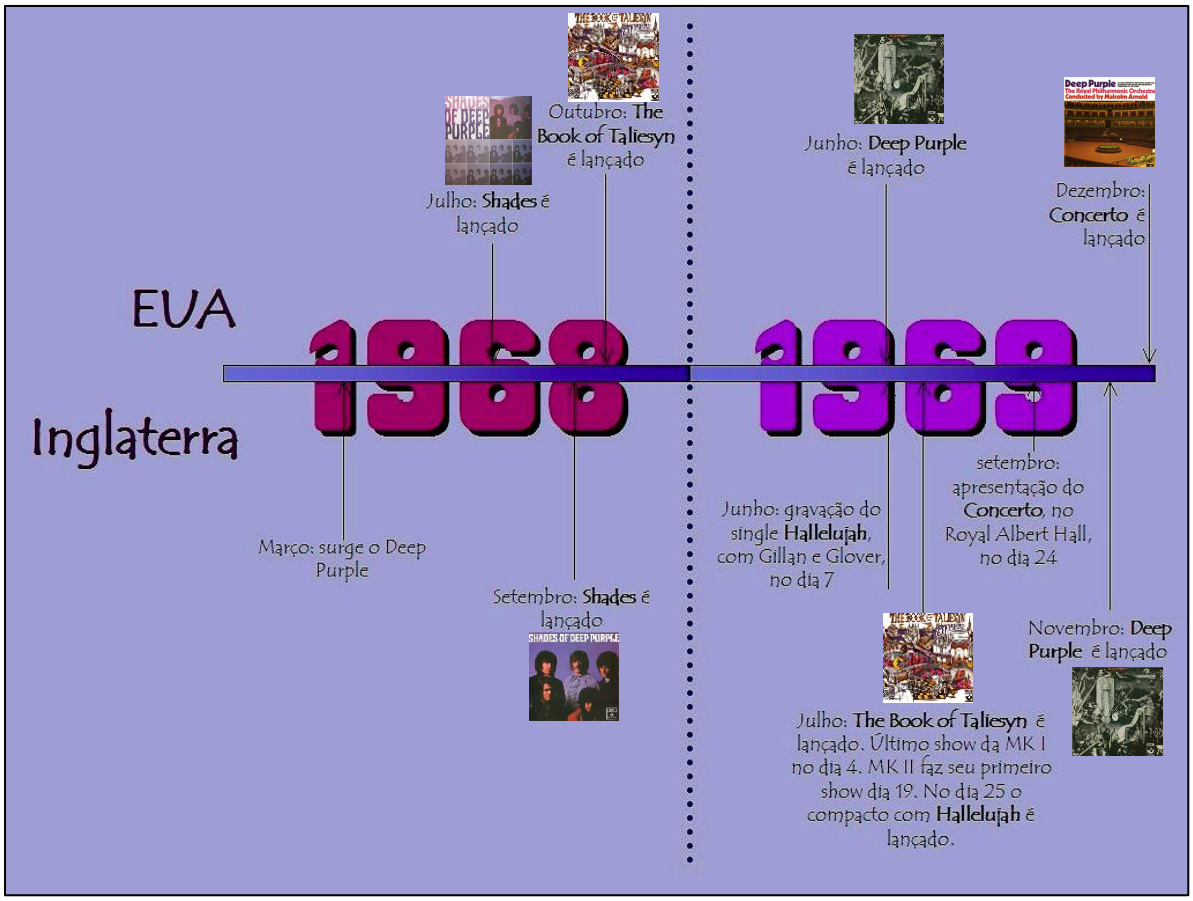
Foto por Rodrigo Rosas Fernandes

Quadro I – As formações do Deep Purple

Período	Denominação	Músicos	Discos lançados
Mar/1968- Jul/1969 17 meses	Mark I (MK I)	Jon Lord (Teclados - T) Ritchie Blackmore (Guitarra - G) Ian Paice (Bateria - B) Rod Evans (Vocal - V) Nick Simper (Contrabaixo - C)	Shades Of Deep Purple (1968) The Book Of Taliesyn (1969) Deep Purple (1969)
Jul/1969- Jun/1973 48 meses	MK II	Jon Lord Ritchie Blackmore Ian Paice Ian Gillan (V) Roger Glover (C)	Concerto For Group And Orchestra (1970) In Rock (1970) Fireball (1971) Machine Head (1972) Made In Japan (1972) Who Do We Think We Are (1973)
Jun/1973- Mai/1975 23 meses	MK III	Jon Lord Ritchie Blackmore Ian Paice David Coverdale (V) Glenn Hughes (C)	Burn (1974) Stormbringer (1974)
Jun/1975- Mar/1976 10 meses	MK IV	Jon Lord Ian Paice David Coverdale Glenn Hughes Tommy Bolin (G)	Come Taste The Band (1975)
Abr/1984- Abr/1989 60 meses	MK II	Jon Lord Ritchie Blackmore Ian Paice Ian Gillan Roger Glover	Perfect Strangers (1984) The House Of Blue Light (1987) Nobody´s Perfect (1988)
Dez/1989- Ago/1992 32 meses	MK V	Jon Lord Ritchie Blackmore Ian Paice Roger Glover Joe Lynn Turner (V)	Slaves And Masters (1990)
Ago/1992- Nov/1993 16 meses	MK II	Jon Lord Ritchie Blackmore Ian Paice Ian Gillan Roger Glover	The Battle Rages on (1993) Come Hell or High Water (1994)
Nov/1993- Jul/1994 9 meses	MK VI	Jon Lord Ian Paice Ian Gillan Roger Glover Joe Satriani (G)	Não lançou nenhum disco
Ago/1994- Set/2002 98 meses	MK VII	Jon Lord Ian Paice Ian Gillan Roger Glover Steve Morse (G)	Purpendicular (1996) Abandon (1998) Live at Olympia (1996) Total Abandon: Australia 99 (1999) Live at The Royal Albert Hall (2000) Live at The Rotterdan Ahoy (2000) Australasian Tour 2001

Set/2002- Jul/2022 168 meses	MK VIII	Ian Paice Ian Gillan Roger Glover Steve Morse Don Airey (T)	Bananas (2003) Rapture Of The Deep (2005) Live at Montreux 2006 (2007) Live at Montreux 2011 (2011) Now What?! (2013) Live Tapes (2013) Infinite (2017) Whoosh! (2020) Turning to Crime (2021)
Jul/2022- hoje	MK IX	Ian Paice Ian Gillan Roger Glover Don Airey Simon McBride (G)	= 1 (2024)

A primeira formação do Purple lançou três discos em menos de dois anos. Nesse início de carreira, as datas dos lançamentos americanos e ingleses não coincidiam. Quando o terceiro LP do Purple foi lançado na Inglaterra, Evans e Simper já haviam deixado a banda. O Quadro II traz uma linha do tempo com a sequência dos fatos na Inglaterra e nos EUA.



Quadro II – Linha do tempo com a comparação entre as datas de lançamento dos primeiros discos da banda nos Estados Unidos e Inglaterra

Uma coisa que o Purple não teve em comum com muitas das maiores bandas da história foi que seu primeiro disco não causou um grande impacto, ao contrário do que aconteceu com o Black Sabbath e o Led Zeppelin, só para ficar com os exemplos mais manjados. Na verdade, todo fã sabe que o verdadeiro som da banda começou no quinto disco. Por mais boa vontade que se tenha com o som do Deep Purple no início de carreira, o fato é que se não houvesse surgido a MK II e o "In Rock", a banda teria

virado, no máximo, uma banda "cult", no mau sentido, ou seja, uma representante daquele tipo de culto àquilo que não fez muito sucesso porque não era fora do comum, mas tem lá suas qualidades. Nesse tipo de culto, o fato da pessoa dizer que conhece tal banda ou artista ou escritor ou cineasta obscuro faz ela se sentir alguém com um gosto diferenciado, que não segue a onda da maioria. O mundo do Rock está cheio disso, gente que comenta que "curte muito certa banda tailandesa que só gravou um disco e que é raríssimo, mas, nossa, é um puta som! Pena que você não conhece!".

De volta aos negócios. Como a MK I não teve o retorno esperado, apesar de produzir um sucesso considerável – a regravação de *Hush*, que frequentou as paradas americanas –, foi necessário mexer nos recursos humanos, principalmente no vocal. Rod Evans não se encaixava no perfil de profissional que a banda precisava. Segundo palavras de Jon Lord, ele era "uma mistura de Tom Jones com Engelbert Humperdinck". Evans e Simper saíram e chegaram Gillan e Glover. Essa foi a mudança fundamental para a fama do Purple e a fortuna dos empresários (aqui também incluídos gravadoras, promotores de shows etc). Ela também iniciou a tradição de troca de integrantes, que, com a exceção de Joe Lynn Turner, mostrou que os músicos do Purple desenvolveram um ótimo instinto para escolher os substitutos dos que partiram.

Com a entrada de Gillan e Glover houve um encontro raro – cinco músicos acima da média, capazes de compor, improvisar e executar seus papéis como poucos no cenário do Rock, produzindo música de excelente qualidade. Ritchie Blackmore é um guitarrista criativo e técnico, capaz de executar solos que unem sensibilidade e velocidade, com um estilo personalíssimo. É um daqueles guitarristas que se reconhece à audição das primeiras notas. Ian Gillan tem uma rara extensão vocal, indo das notas graves para as agudas com grande facilidade, além de ter a capacidade de emitir gritos inimitáveis. Pelo seu talento, comportamento e até mesmo aparência (esta, a menos importante das três), Gillan foi durante muito tempo o epítome do vocalista de Rock. Sua entrada no Purple teve, ainda, outro efeito, nem sempre destacado – ele trouxe um pouco mais de bom humor à banda, tanto pelo comportamento, como

pelas suas letras. Para mim, ambos são os maiores de todos os tempos em suas especialidades. Ninguém supera Blackmore na guitarra e Gillan como vocal. Hendrix? Zappa? Plant? Rodgers? Todos eles são grandes, incontestáveis e merecem todo respeito. Para mim, no entanto, os maiores são mesmo Gillan e Blackmore, nesta ordem. Questão de opinião e, ainda bem, que a sua, provavelmente, é diferente.

Assim como ocorre com Blackmore, Ian Paice é um músico com um estilo pessoal, o que não seria algo muito especial se não se tratasse de um baterista, cujo instrumento não dá muita margem para marcar um jeito próprio de tocar. Tanto é verdade que poucos no mundo do Rock têm esse diferencial: Bruford, Powell, Bonham e poucos mais. Paice é detentor de algumas outras peculiaridades, como conseguir acompanhar uma banda de Rock das mais barulhentas usando um kit mínimo na bateria. Em boa parte da carreira da banda sua bateria era composta por um bumbo, um tontom e dois surdos (veja a foto à frente). Outro detalhe no estilo do baterista é conseguir mesclar o peso e com a sutileza. Jon Lord é um tecladista que reinava sozinho no mundo do Rock pesado. Músicos com sua habilidade e técnica normalmente migram para o Rock Progressivo. Lord tinha bagagem para isso, conforme pode ser comprovado ao longo de sua carreira-solo. Roger Glover não é apenas um músico – é um artista: compositor, produtor, além de ser um baixista talentoso. Talento que é um tanto mais demorado para ser identificado, pois tradicionalmente os baixistas são desfavorecidos nas mixagens dos discos de Rock. Em um trecho de uma entrevista contida no livro de Poppof (veja detalhes na Bibliografia) Paice compara os estilos de três baixistas conhecidos: "quanto menos notas o baixista toca, mais notas eu posso tocar. Roger deixa vazios para que eu possa fazer coisas. Glenn tocava de um jeito diferente, seu estilo era o de preencher mais os vazios com notas. Não quero dizer que um seja melhor do que o outro, mas apenas que têm estilos diferentes e eu devo me adaptar a eles. Toquei algumas vezes com Paul McCartney e ele tem o mesmo estilo de Roger, ele deixa os vazios". Estes dois, Paice e Glover, formam a melhor "cozinha" (ou seja, a parte da banda responsável por segurar o ritmo) do Rock de todos os tempos. Essa é a minha opinião, compartilhada por milhares de pessoas mundo afora.

Talvez fosse possível reunir outros cinco músicos com características semelhantes, mas não daria na mesma coisa – não foram apenas as habilidades que formaram o som da banda. Houve uma combinação química rara, um fenômeno de probabilidade infinitesimal de se repetir. Imagino que seja possível provar isso cientificamente. Basta contabilizar a quantidade de bandas profissionais de Rock que surgiram nos anos 70 e os discos lançados e ver quantas delas conseguiram obter sucesso. É verdade que nem sempre o sucesso comercial é proporcional à qualidade do artista. Mas, evidentemente, não é o caso do Purple. Concorrência não faltava, mas, apesar de inúmeras tentativas, nenhuma outra banda de Rock conseguiu reunir tantas qualidades em termos de repertório, desempenho ao vivo e em talentos individuais como o Deep Purple.

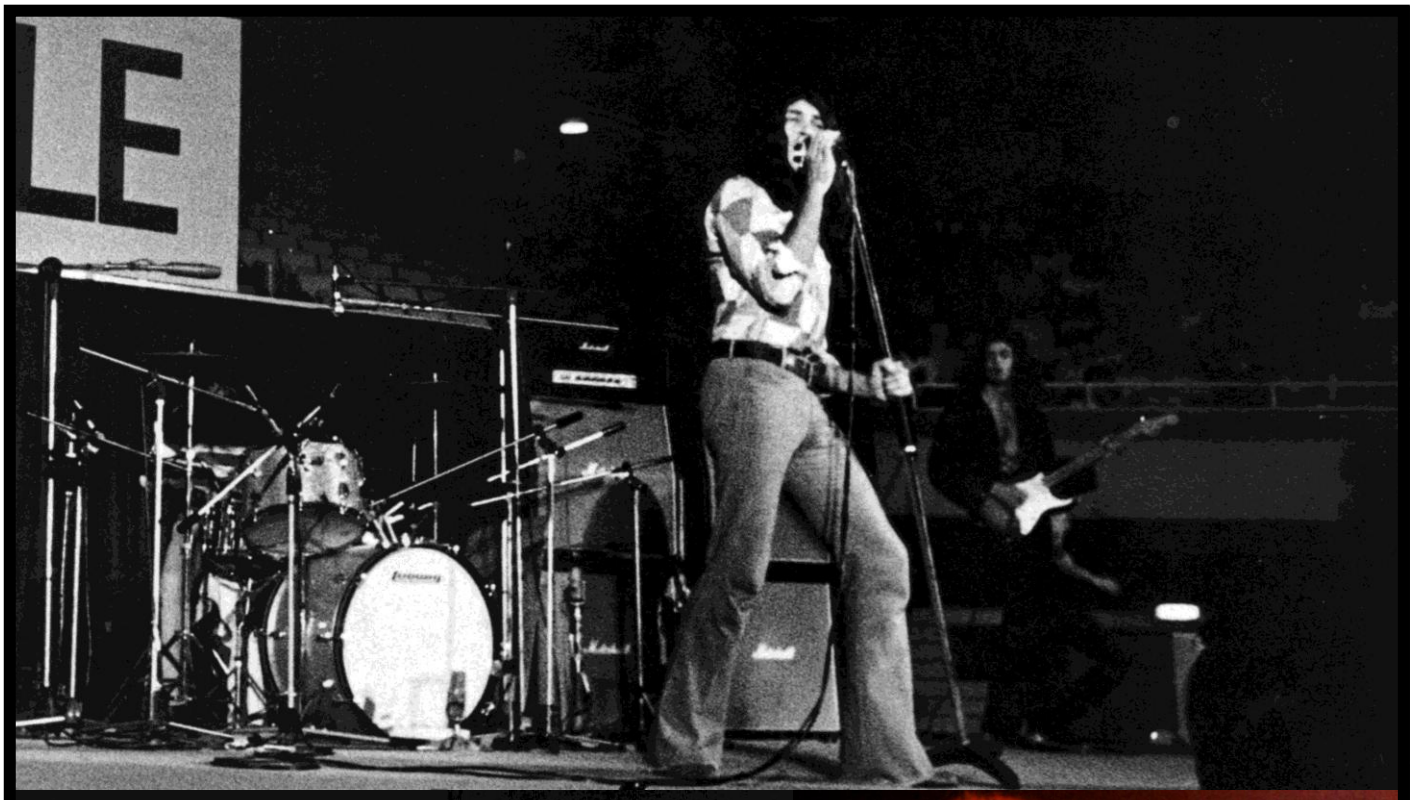
Voltando à história, como a maioria dos empresários, a HEC não teve a necessária visão estratégica de longo prazo e deixou a ganância falar mais alto, o que quase matou sua galinha dos ovos de ouro. O Deep Purple com a MK II estourou, vendeu discos aos milhões ao redor do mundo e foi explorada ao máximo. Excursionavam sem parar. Chegaram a fazer quatro turnês pelos EUA em 1973. Os discos, com exceção do "Machine Head", eram gravados em sessões entre as excursões, de forma fragmentada. Isso criou um grande desgaste interno. Os músicos padeciam com doenças e com o estresse do entra e sai de hotéis e palcos.

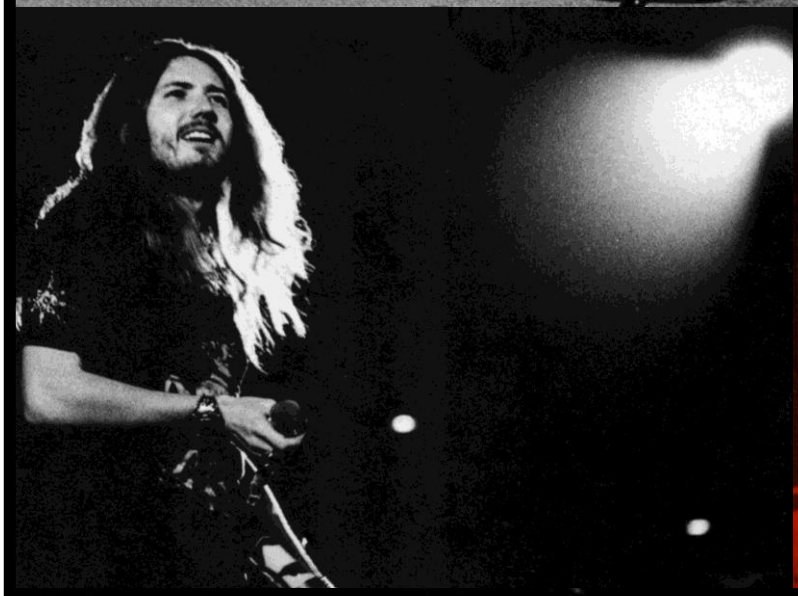
Um exemplo desse desgaste aconteceu no último show de uma turnê pelo Reino Unido. Glover não conseguiu ir até o fim da apresentação devido a fortes cólicas no estômago, algo que ele sofria há vários meses em vários graus. O baixista Chas Hodges, da banda de abertura Heads, Hands & Feet, entrou para tocar o encore (*Lucille*). O sempre piedoso Blackmore não perdeu a chance de comentar que eles deveriam incorporar a doença de Roger Glover no ato. Seria um final espetacular do show se ele pudesse cair morto e permitir que seu corpo fosse cremado no palco!

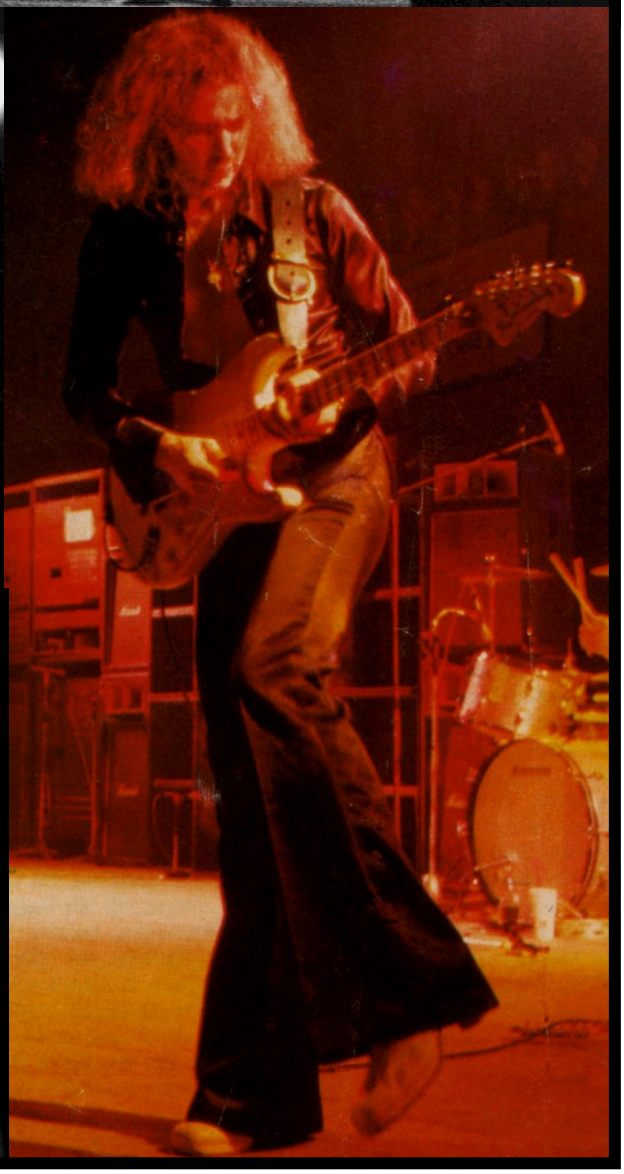
Todo esse contexto acabou gerando atritos internos e os dois maiores egos tiveram que se separar. Gillan foi embora e Blackmore ficou.

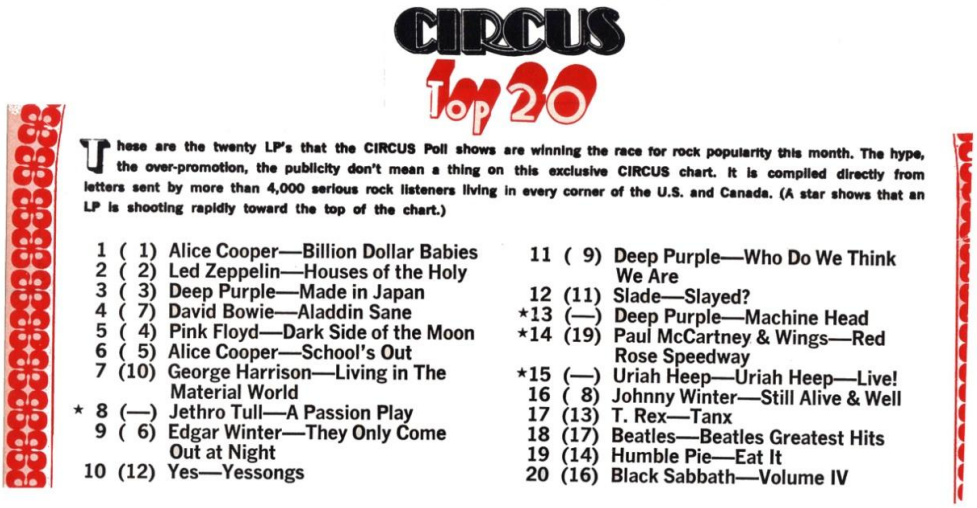
Uma amostra esdrúxula da falta de domínio da HEC sobre as técnicas empresariais foi a tentativa de lançar um papel de parede com a grife "Deep Purple". Eu não escrevi errado – "papel de parede"! Por sorte, eles expuseram a ideia à banda antes de fechar o negócio e os músicos, evidentemente, os fizeram deixar de lado tal empreitada, enterrando, prematuramente, uma ideia revolucionária em termos de merchandising no Rock, só superada pela grife de caixões lançada décadas depois pelo Kiss.

Saíram Gillan e Glover. Chegaram Coverdale e Hughes. Duas escolhas perfeitas. Um problema apenas – Hughes era o vocal de sua banda anterior, Trapeze. Ele chegou ao Purple dizendo que não se conformaria em ficar só como vocal de apoio. Essa situação só se sustentou no começo porque Coverdale era um novato, o Purple foi sua primeira banda profissional. A história de Coverdale é impressionante. Um cantor amador, que ganhava a vida como balconista de butique em uma cidadezinha da Inglaterra e que, de repente, se tornou o vocalista de uma das maiores bandas do planeta. Dez meses após ele ser integrado, o Purple se apresentou no California Jam. Ele teve que subir ao palco e cantar para mais de 200.000 pessoas na sua primeira vez fora da Europa. É preciso ter peito, hein? Coverdale não é um sobrenome muito comum, então é possível que David tenha como ancestral Myles Coverdale, conhecido por ter feito a primeira transcrição completa para o inglês moderno da Bíblia, em 1535.









CIRCUS Top 20

These are the twenty LP's that the CIRCUS Poll shows are winning the race for rock popularity this month. The hype, the over-promotion, the publicity don't mean a thing on this exclusive CIRCUS chart. It is compiled directly from letters sent by more than 4,000 serious rock listeners living in every corner of the U.S. and Canada. (A star shows that an LP is shooting rapidly toward the top of the chart.)

1 (1) Alice Cooper—Billion Dollar Babies
2 (2) Led Zeppelin—Houses of the Holy
3 (3) Deep Purple—Made in Japan
4 (7) David Bowie—Aladdin Sane
5 (4) Pink Floyd—Dark Side of the Moon
6 (5) Alice Cooper—School's Out
7 (10) George Harrison—Living in The Material World
* 8 (—) Jethro Tull—A Passion Play
9 (6) Edgar Winter—They Only Come Out at Night
10 (12) Yes—Yessongs
11 (9) Deep Purple—Who Do We Think We Are
12 (11) Slade—Slayed?
*13 (—) Deep Purple—Machine Head
*14 (19) Paul McCartney & Wings—Red Rose Speedway
*15 (—) Uriah Heep—Uriah Heep—Live!
16 (8) Johnny Winter—Still Alive & Well
17 (13) T. Rex—Tanx
18 (17) Beatles—Beatles Greatest Hits
19 (14) Humble Pie—Eat It
20 (16) Black Sabbath—Volume IV

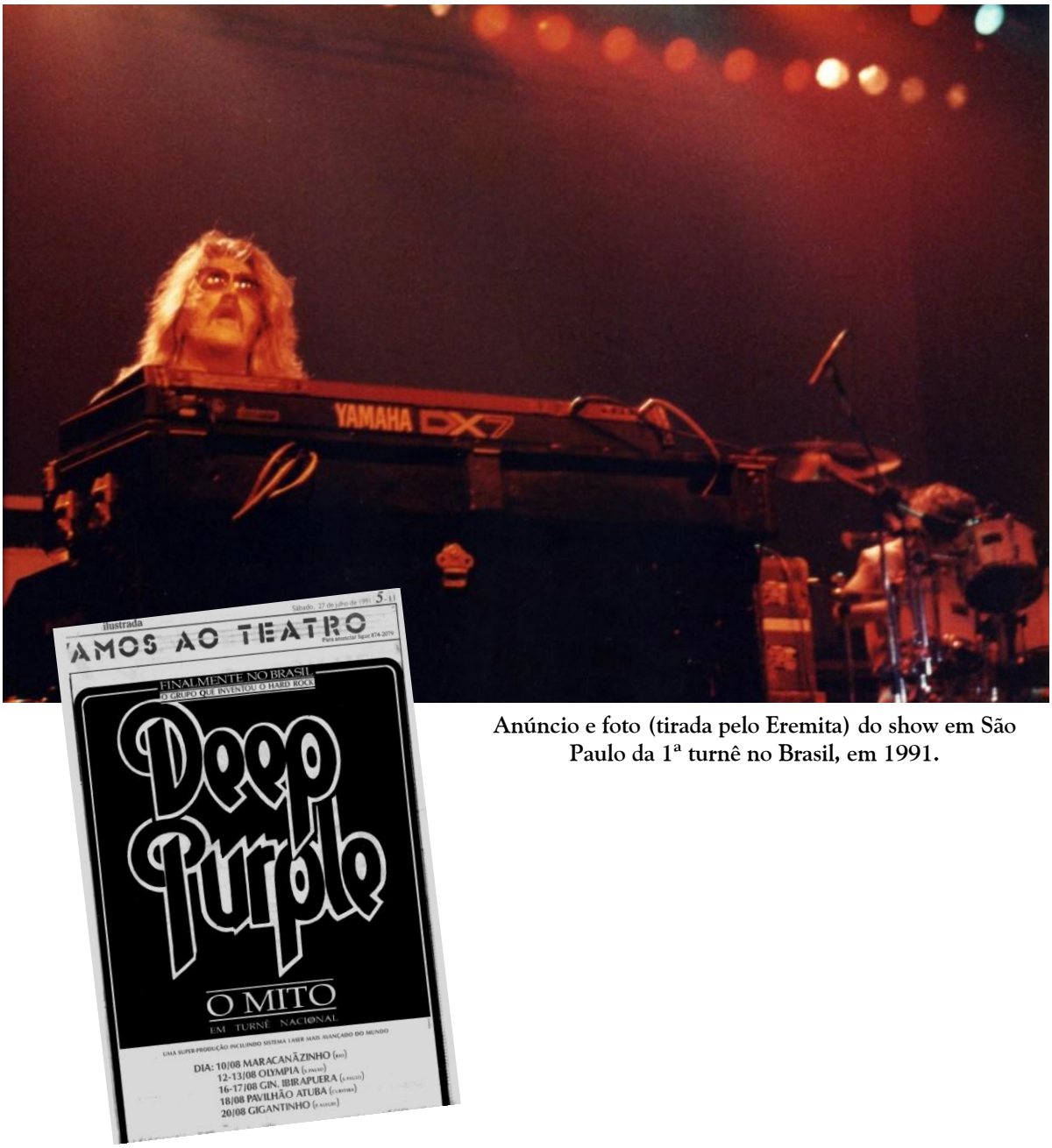
Uma prova da força de vendagem do Purple – neste recorte de outubro de 1973 o Deep Purple aparece com três discos entre os 20 mais da revista americana Circus.

Com o passar do tempo, o fato de Hughes aumentar sua participação como vocal nos discos e, principalmente nos shows, foi gerando um incômodo. Coverdale ficava muito tempo ausente do palco durante as apresentações ao vivo, boa parte disso devido à tradição de longos improvisos instrumentais nos shows da banda. Gillan deu um jeito de reduzir sua ausência nos vocais tocando congas. Coverdale não tocava nenhum instrumento e o problema de passar muito tempo nos bastidores dos shows se agravou na era Bolin, pois, além das improvisações, Hughes cantava algumas faixas sozinho. O descontentamento de Coverdale foi aumentando gradativamente, fato que, somados aos problemas de Bolin com as drogas e à falta de uma liderança, precipitou o fim da banda, em 1976. A vinda de Bolin para o lugar de Blackmore, que saiu por diferenças musicais, em 1975, foi mais uma das escolhas acertadas da banda, considerando apenas a questão do talento. Bolin era um guitarrista com aquela qualidade rara – tinha um estilo pessoal de tocar, reconhecível às primeiras notas. Também era um compositor prolífico. Ao entrar na James Gang

Blackmore no California Jam

compôs quase todas as faixas do álbum seguinte, "Bang". No Purple, foi a mesma coisa. Bolin é autor ou coautor de nove das 10 faixas do "Come Taste The Band". Um talento até hoje subestimado. Entretanto, o lado pessoal de Bolin tinha um complicador, pois ele era usuário de drogas pesadas, que o levou a ser mais um na lista de Rockeiros mortos por overdose, pouco tempo após a dissolução do Purple em 1976. Não ajudou nada na autoestima de Bolin a má recepção do público inglês, que não aceitava um americano na banda. Que bela amostra de idiotice. As ironias que poderiam ensinar lições aos fãs ingleses não foram poucas: a banda que acompanhou Blackmore em seu disco solo ao sair do Purple era composta por quatro americanos, todos do grupo Elf, do vocalista Ronald Padavona, que depois adotou o nome de Ronnie James Dio, inspirado em Johnny Dio, um mafioso da Florida. Os dois guitarristas que sucederam Blackmore são americanos e, o mais doloroso exemplo – o vocal que um dia sucedeu Gillan também é yankee.

Túmulo de Bolin



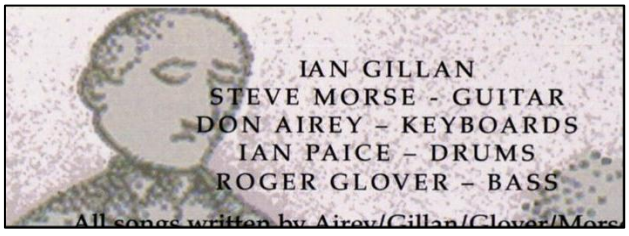
Anúncio e foto (tirada pelo Eremita) do show em São Paulo da 1ª turnê no Brasil, em 1991.

O Purple ficou inativo até 1984, quando uma bolada oferecida pela Polygram juntou a MK II novamente. A química foi restabelecida e a banda gravou um disco clássico, "Perfect Strangers". Em pouco tempo, as velhas faíscas entre Gillan e Blackmore reapareceram e lá se foi o vocalista, de novo. Para substituir Gillan pensaram em muitos nomes, como o recém-falecido Brian Howe, da segunda formação do Bad Company ou James Jamison, do Survivor (*The eye of the tiger*, lembram?) e alguns outros, todos bem longe de honrar a tradição de boas escolhas. Ao final, prevaleceu a opção de Blackmore e veio o lamentável ex-companheiro de Rainbow, Joe Lynn Turner. Com essa formação (MK V)

o Purple veio pela primeira vez ao Brasil, em 1991. Não foi possível continuar com Turner. A banda e, mais contundentemente, a gravadora, pressionaram Blackmore a aceitar Gillan de volta. Ele veio e escreveu as letras para o LP de 1992, "The Battle Rages On". Segundo palavras de Gillan, ele fez aquilo como um mero trabalho, não por amor.

Conforme declarou Lord no vídeo "Come Hell Or High Water", Gillan e Blackmore "não têm condições de conviver na mesma cidade, quanto mais na mesma banda!". Na mudança seguinte, quem saiu foi o guitarrista. Para suprir a ausência de Ritchie, trouxeram outro americano, o virtuose Joe Satriani. Este excursionou com a banda, mas não gravou. Para seu lugar veio Steve Morse. Americano, de novo!

O Purple passou por várias crises de liderança, o que refletiu na sua carreira, com muitos altos e alguns baixos. Por ter sido o cofundador da banda, ao lado de Curtis, Lord assumiu naturalmente a condição de líder do Purple nos primeiros anos de vida. A partir do "In Rock", esse papel foi assumido por Blackmore, guitarrista fabuloso e de gênio complicado. Quando Blackmore saiu da banda, o Purple ficou sem um líder. Tommy Bolin não repôs essa liderança e o Purple não sobreviveu. Após muitas idas e vindas, as duas últimas formações do Purple revelaram seu terceiro líder, Ian Gillan. Este, estranhamente, acabou herdando alguns comportamentos de Blackmore. Em uma matéria na revista "Classic Rock" de junho de 2006 sobre uma apresentação do Purple é citado que Gillan usou um camarim só para si, enquanto o resto da banda ficava em outro. Um detalhe no encarte do CD "Rapture Of The Deep" me chamou a atenção, pelo seu caráter blackmore-primadoniano: na formação da banda, como sempre, vem grafado o nome do músico e o respectivo instrumento (por exemplo: Roger Glover – bass), mas, no caso do vocalista, vem apenas "Ian Gillan", como se fossem desnecessários mais detalhes.



Aparentemente, a ausência de Blackmore estabilizou a banda. As últimas formações do Purple foram as mais duradouras (MKs VII e VIII). Steve

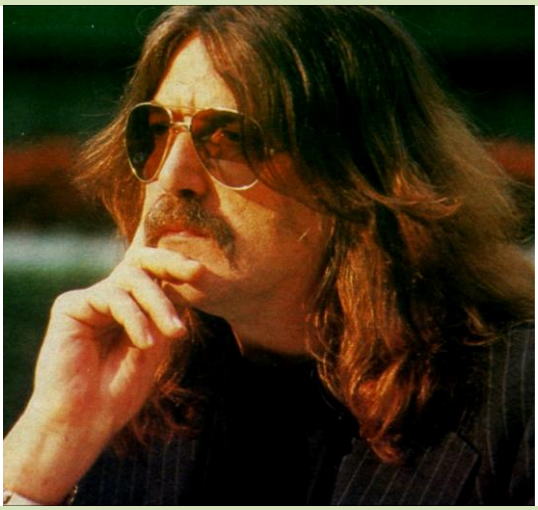
Morse tomou de Blackmore o título de guitarrista com mais apresentações pelo Deep Purple. Em julho de 2022, Steve anunciou que precisaria sair da banda para cuidar de sua esposa, Janine, com seu tratamento contra o câncer. Os períodos prolongados que os shows e as atividades de estúdio demandam impediriam que ele desse o suporte familiar que a situação requer. Em 4 de fevereiro de 2024, infelizmente, ela faleceu.

Foi então recrutado o irlandês Simon McBride, conhecido dos que acompanham as atividades da Família Purple, pois ele participou da Don Airey Band, que acompanhou Gillan em uma excursão pelo leste europeu em 2019 e que rendeu três discos/vídeo ao vivo. Essa mesma banda gravou o álbum solo de Don Airey, *One of a Kind*, de 2018.

O Quadro III, a seguir, traz os nomes completos, as datas e locais de nascimento de todos os músicos que integraram o Purple. Na versão 4.0 foi corrigido o nome do meio de Blackmore. Segundo o site "More Black than Purple" (veja item B.8 do Apêndice), não é "Harold", como consta em quase todas as fontes, mas sim "Hugh". Sobre as datas, é curioso notar que Bolin e Turner nasceram com apenas um dia de diferença. No caso de Don Airey e Ian Paice, o primeiro nasceu oito dias antes do que o segundo.

Quadro III – Os músicos

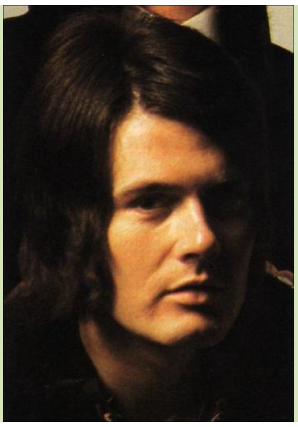
Ian Anderson Paice
29.jun.1948
Nottingham
Inglaterra

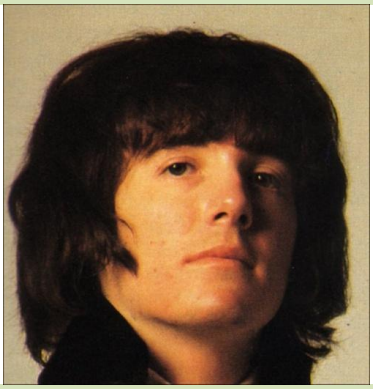


Jonathan Douglas Lord
09.jun.1941 - 16.jul.2012
Leicester
Inglaterra

Richard Hugh Blackmore
14.abr.1945
Weston-super-Mare
Inglaterra

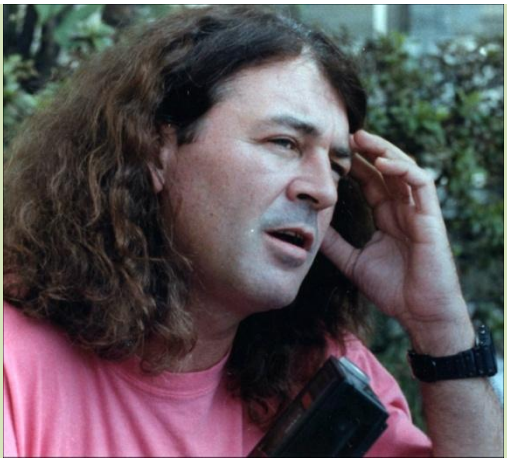
Roderick Evans
19.jan.1947
Edimburgo
Escócia

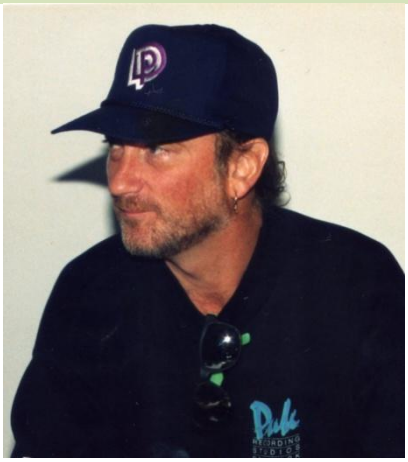




Nicholas Simper
03.nov.1945
Southall
Inglaterra

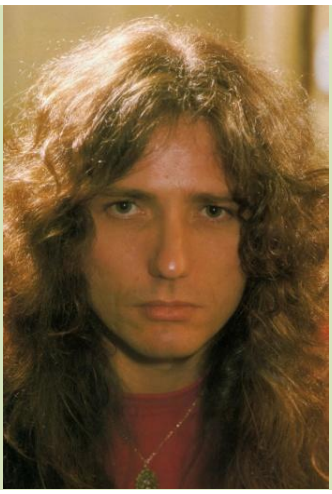
Ian Gillan
19.ago.1945
Hounslow
Inglaterra





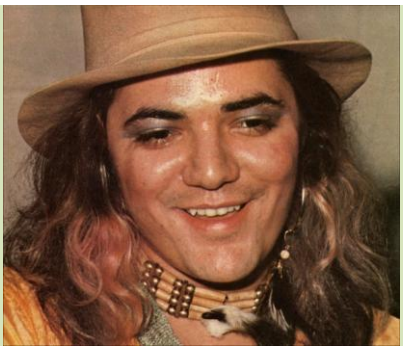
Roger David Glover
30.nov.1945
Brecon
País de Gales

David Coverdale
22.set.1951
Saltburn-on-Sea
Inglaterra



Glenn Hughes
21.ago.1952
Cannock
Inglaterra

Thomas Richard Bolin
01.ago.1951 - 04.dez.1976
Sioux City
Estados Unidos



Joseph Artur Mark Linquito
02.ago.1951
Hackensack
Estados Unidos

Joseph Satriani
15.jul.1957
San Francisco
Estados Unidos

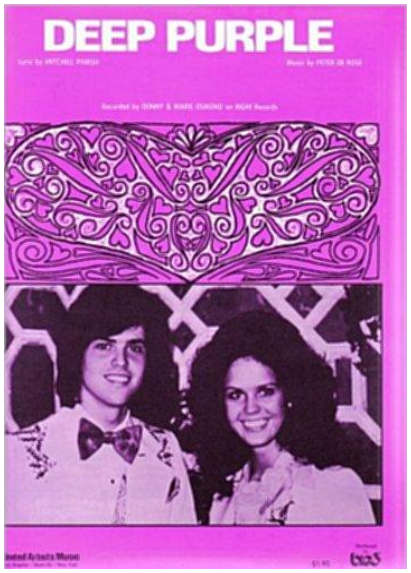
Stephen J. Morse
28.jul.1954
Hamilton
Estados Unidos

Donald Smith Airey
21.jun.1948
Sunderland
Inglaterra

Simon McBride
09.abr.1979
Belfast
Irlanda do Norte

O nome Deep Purple

A versão oficial da escolha do nome é das mais conhecidas: era esse o título da música predileta da avó do Blackmore. Ela foi composta em 1933 por Pete DeRose e era instrumental. A primeira gravação é de 1934 por Paul Whiteman and his Orchestra. As letras foram inseridas somente em 1938, por Mitchell Parish (*When the deep purple falls over sleepy garden walls and the stars begin to twinkle in the sky...*). Mas a primeira versão a fazer grande sucesso foi a de Larry Clinton and His Orchestra, gravada em dezembro de 1938, tendo no vocal Bea Wain.



Partitura da canção "Deep Purple"

Um pouco antes de finalizar esta versão da "Discografia" descobri que existiu uma peça de teatro e que gerou dois filmes chamada "Deep Purple". Alguns detalhes sobre este caso: a peça "The Deep Purple", de Paul Armstrong e Wilson Mizner, foi encenada pela primeira vez em 1910 em Nova York. O título é referência à nobreza do caráter do protagonista, que foi "criado na mais profunda aristocracia" (que, na época, era referida como deep purple"). A peça foi base para dois filmes, ambos mudos: o primeiro é de 1915, dirigido por James Young e o segundo é de 1920, cujo diretor foi Raoul Walsh. Obrigado pelas informações, Wikipedia!

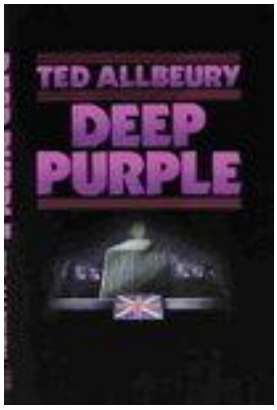
The Deep Purple

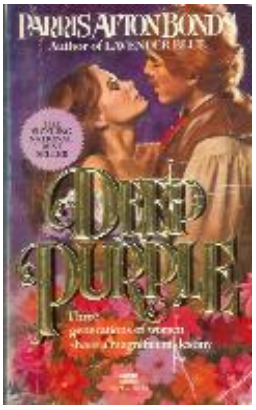
Isabel Waldron, Richard Bennett, and Mabel Morrison in *The Deep Purple*

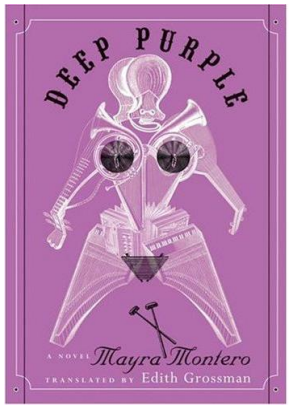
Por coincidência, Deep Purple era também o nome de um alucinógeno famoso que

circulava pelos Estados Unidos no final dos anos 60. Quando a banda começou sua primeira turnê americana, acabou atraindo o pessoal "doidão", pelo nome "maneiro". O Purple então abriu duas frentes de mercado – a parada Pop, com o êxito de ***Hush*** e junto ao circuito underground, por causa do nome.

Esse nome, hoje tão famoso, também foi usado em três livros. Um deles é do escritor inglês de histórias de espionagem, Ted Allbeury, já falecido, que lançou em 1990 o grande clássico da literatura contemporânea "Deep Purple" (seguem reproduções de uma de suas várias capas). Outros livros a usar o mesmo nome da banda foram os romances de Parris Afronbond e da mundialmente aclamada autora de textos eróticos Mayra Montero.







Também pode ser encontrado o tom "Deep Purple" para pintura de cabelos. Mas, presumo que isso só interesse àqueles fãs extremos (e que ainda tenham cabelo...).

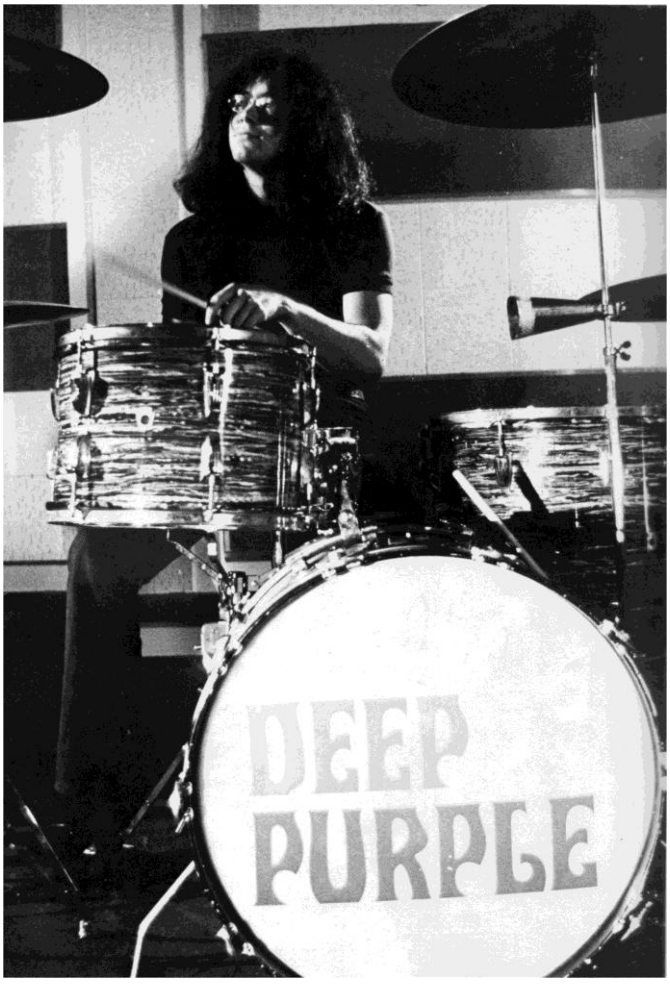
Os logotipos

O Deep Purple foi uma das poucas bandas famosas que não consolidou um logotipo. Isso é algo impensável para os grupos de hoje em dia, que, antes de qualquer coisa, criam seu logotipo. Dependendo do estilo de Rock que a banda faça, conseguir ler o que diz o logotipo é um grande desafio.

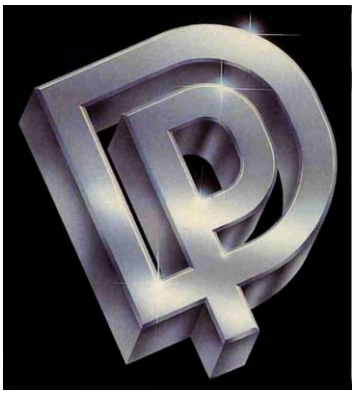
O primeiro logotipo utilizado pelo Deep Purple foi o formado pela fonte usada na edição do "Shades" original, reproduzida no bumbo da bateria do Paice durante certo tempo. Depois disso, só foi surgir uma nova logomarca na capa do "Stormbringer". Esta foi a que mais agradou aos

fãs. Quando o Purple retornou, em 1984, foi criado o logo do "P" dentro do "D", que não é exatamente um primor em termos de estética e criatividade. Outras tentativas surgiram, como as presentes no disco ao vivo em Montreux e na turnê da segunda edição do "Concerto".

Primeiro logotipo da banda, usado durante algum tempo na bateria de Paice. Notem o kit econômico que ele usava.



Nenhuma deles prosperou. Até hoje, o mais usado é mesmo o criado para o "Stormbringer", até mesmo para identificar álbuns das MK em que Gillan participa. Seguem algumas ilustrações sobre o "caso do logotipo".



Acima: o logo mais legal de todos, em minha opinião e da maioria dos fãs. Na linha de baixo, à esquerda: o criado para o "Perfect Strangers", largamente utilizado pela mídia e no merchandising da banda. Se esse logo já não era lá essas coisas, ficou ainda pior da forma que foi usado na capa do "House Of Blue Light". Ao lado dele, o que ilustrou a capa do Tour Book da segunda edição do "Concerto". À esquerda, o que apareceu na capa do CD "Live In Montreux 1996".

HOTEL DIOGO

Em suas raríssimas viagens, o Eremita só se hospeda em hotéis como esse, cujo logo se parece com o do Deep Purple.

PARTE II – Núcleo

Esta parte traz a discografia comentada, faixa a faixa, dos LPs de estúdio do Deep Purple. O "Concerto For Group", embora seja um disco gravado ao vivo, foi incluído porque tem um repertório próprio, não presente em outros discos de estúdio.

No início de cada capítulo há um quadro com a reprodução da capa, a lista de faixas e a ficha técnica do disco comentado. Os dados correspondem às versões inglesas: capa, código da gravadora, data de lançamento e informações sobre a gravadora. Também são ingleses os dados sobre os compactos. Até o "Come Taste The Band", os dados da gravadora e a divisão das faixas são os que constavam nos discos em vinil. A partir do "Perfect Strangers" os dados citados são os das versões em CD.

O critério das notas e conceitos

Os discos são apresentados faixa a faixa. Ao final do comentário de cada faixa foi atribuída uma nota, entre zero e 10. A pontuação das faixas foi baseada no Quadro IV. O critério de atribuição das notas é absolutamente pessoal e, portanto, subjetivo, o que, provavelmente, me tornará impopular entre os exíguos fãs da banda que lerem este texto. Paciência. Cabe um comentário sobre as notas atribuídas. É impossível deixar de lado certa relatividade entre as notas e as composições. O que quero dizer é que se a música *Burn* recebeu nota dez, para outra composição também obter a mesma nota, deve ser tão boa quanto. Isso fez com que certas faixas não recebessem dez, ou mesmo nove, apesar de ser uma das minhas (ou das suas) preferidas. Outro efeito dessa "relatividade", consequência direta da criatividade e competência da banda, é que, muitas músicas, se estivessem em discos de outros grupos, poderiam receber notas mais altas.

O total de pontos foi dividido pelo número de faixas para se obter a média do disco. Essa média aparece no início de cada capítulo, ao lado da

reprodução da capa, logo abaixo da identificação da formação ("Mark") que gravou o disco em questão.

Nota	Qualificação	Grupo
10	Obra-prima, irretocável	Faixas clássicas
9	Excelente	
8	Ótima	
7	Boa	
6	De regular para boa	Faixas que, em sua maioria, serviram para completar o disco, mas que mesmo assim agradam parte dos fãs. Algumas até chegaram a ser executadas ao vivo, outras entraram em coletâneas.
5	Regular	
4	De regular para fraca	
3	Fraca	Faixas que não precisavam ter sido gravadas
2	Muito fraca	
1	Abaixo da crítica	
0	Desonrou o nome da banda	

Quadro IV – Critério das notas para as músicas

Vale destacar que as notas entre 10 e 7 estão agrupadas como "Faixas clássicas", considerando um conceito particular do que seja um clássico do Rock. A expressão "Classic Rock" vem sendo usada de uma forma um tanto leviana. De uns tempos para cá, Rock antigo, ou seja, gravado no século passado – veja bem, qualquer um – virou "Classic Rock". Discordo.

Sem querer repetir cacoetes de outras gerações, que costumavam sempre citar coisas do tipo "bom mesmo era na minha época", o Rock de qualidade teve sua produção concentrada nos anos 70. Dali em diante, evidentemente, foram compostas grandes músicas e discos, mas, proporcionalmente, a qualidade caiu muito. Todavia, nem tudo que foi produzido nos anos 70 merece esse rótulo de "clássico". Muita coisa ruim foi produzida naquele período. Afinal, o que é "Classic Rock"? Para mim:

música tão bem feita que permanece atual e que você escuta milhares de vezes e não enjoa. Poderia ser uma definição com palavras mais bem escolhidas, mais erudita, para, quem sabe, ser citada futuramente em compêndios Rockeiros, mas, não tenho essa ambição. Outro jeito de saber se temos ou não um clássico é ouvir um (ou "uma"? Nunca sei) cover. São raríssimos os casos em que a cover de um Rock Clássico fica melhor do que o original. Isso inclui versões regravadas pelos próprios autores.

Voltando à organização deste trabalho que tens na tela de seu computador, além das faixas, as capas dos discos do Purple também foram aqui avaliadas. O espírito foi o mesmo, ou seja, um julgamento meramente qualitativo. Neste caso, em vez de notas, foram aplicados conceitos, de A a D, conforme mostra o Quadro V.

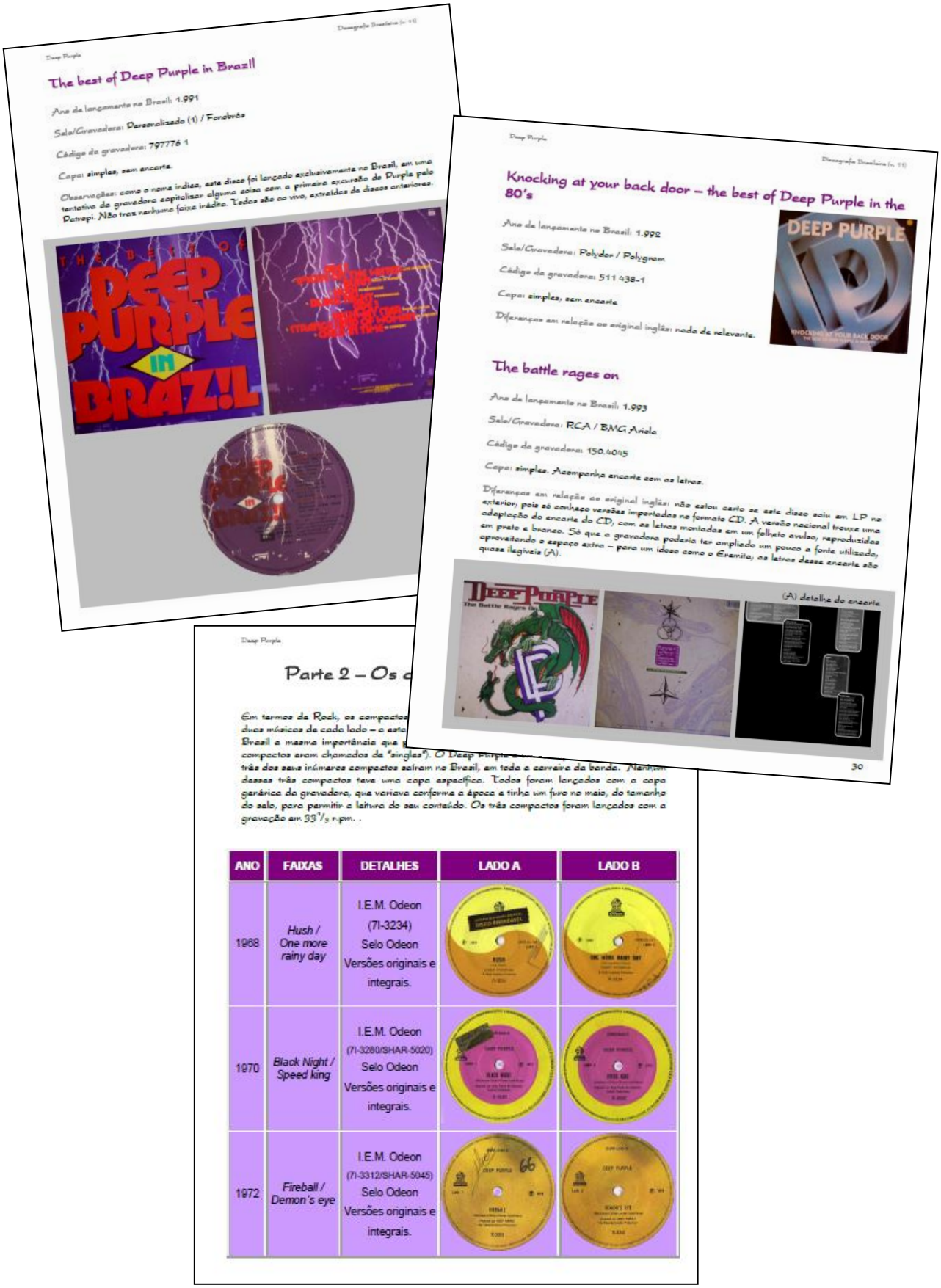
Conceito	Qualificação
A	Capa atraente e criativa
B	Boa ideia, mas que poderia ter sido mais bem executada ou boa ideia, mas sem ser candidata a constar em uma antologia de capas
C	Capa discreta, que não arranca grandes suspiros
D	Capa infeliz

Quadro V - Critério dos conceitos para as capas

O Capítulo 27 apresenta um balanço das médias dos discos e uma classificação das melhores músicas e capas.

Não foram incluídos os detalhes sobre as edições brasileiras, apenas algumas das datas de lançamento. Os detalhes sobre os discos em vinil lançados no Brasil podem ser obtidos em outra maravilhosa e retumbante publicação: a "Discografia Brasileira do Deep Purple", disponível na Internet (Apêndice – ref. A.2). Segue uma pequena amostra do conteúdo dessa obra tão dispensável.

Reproduções de páginas da "Discografia Brasileira do Deep Purple", que traz os itens em vinil lançados por estas margens plácidas.



Deep Purple

The best of Deep Purple in Brazil

Ano de lançamento no Brasil: 1.991

Selo/Gravadora: Personalizado (1) / Fonobrás

Código da gravadora: 797776 1

Capa: simples, sem encarte.

Observações: como o nome indica, este disco foi lançado exclusivamente no Brasil, em uma tentativa da gravadora capitalizar alguma coisa com a primeira excursão do Purple pelo Patropi. Não traz nenhuma faixa inédita. Todos são ao vivo, extraídos de discos anteriores.

Deep Purple

Knocking at your back door – the best of Deep Purple in the 80's

Ano de lançamento no Brasil: 1.992

Selo/Gravadora: Polydor / Polygram

Código da gravadora: 511 438-1

Capa: simples, sem encarte

Diferenças em relação ao original inglês: nada de relevante.

The battle rages on

Ano de lançamento no Brasil: 1.993

Selo/Gravadora: RCA / BMG Ariola

Código da gravadora: 150.4045

Capa: simples. Acompanha encarte com as letras.

Diferenças em relação ao original inglês: não estou certo se este disco saiu em LP no exterior, pois só conheço versões importadas no formato CD. A versão nacional trouxe uma adaptação do encarte do CD, com as letras montadas em um folheto avulso, reproduzidas em preto e branco. Só que a gravadora poderia ter ampliado um pouco a fonte utilizada, aproveitando o espaço extra – para um idoso como o Eremita, as letras desse encarte são quase ilegíveis (A).

(A) detalhe do encarte

30

Deep Purple

Parte 2 – Os c

Em termos de Rock, os compactos duas músicas de cada lado – o este Brasil a mesma importância que compactos eram chamados de "singles"). O Deep Purple três dos seus inúmeros compactos saíram no Brasil, em toda a carreira da banda. Nenhum dessas três compactos teve uma capa específica. Todos foram lançados com a capa genérica da gravadora, que variava conforme a época e tinha um furo no meio, do tamanho do selo, para permitir a leitura do seu conteúdo. Os três compactos foram lançados com a gravação em 33 1/3 r.p.m. .

ANO	FAIXAS	DETALHES	LADO A	LADO B
1968	*Hush / One more rainy day*	I.E.M. Odeon (7I-3234) Selo Odeon Versões originais e integrais.		
1970	*Black Night / Speed king*	I.E.M. Odeon (7I-3280/SHAR-5020) Selo Odeon Versões originais e integrais.		
1972	*Fireball / Demon's eye*	I.E.M. Odeon (7I-3312/SHAR-5045) Selo Odeon Versões originais e integrais.		

Capitulo 3
Shades Of Deep Purple

Shades Of Deep Purple

Mark I

5,4

A

1. And the address (4:36)
2. Hush (4:11)
3. One more rainy day (3:15)
4a. Prelude: happiness (2:45)
4b. I'm so glad (4:53)

B

5. Mandrake root (5:55)
6. Help (5:45)
7. Love help me (3:34)
8. Hey Joe (7:38)

Produção: Derek Lawrence
Gravação: Pye Studio, Londres
Engenheiro: Barry Ainsworth
Capa: Les Weisbrich (*)
Lançamento: setembro de 1968
Gravadora/Selo/Código: EMI/Parlophone/PCS 7055
Lançamento no Brasil: 1977

(*) creditado na edição americana. Não tenho informações sobre o crédito da versão inglesa.

Visão geral

O primeiro disco do Deep Purple, assim como os três seguintes, não trouxe o som que tornou a banda famosa. Minha primeira audição do disco foi tardia, por ocasião do seu lançamento no Brasil, em 1977, e acabou sendo decepcionante. É certo que o DNA do som da banda está presente, concentrado mais no desempenho dos músicos do que nas faixas. Paice aparece muito bem. Lord e Blackmore já exibem suas técnicas como solistas. Lord é quem prevalece, com Blackmore em segundo plano. O som da guitarra não é ainda aquele que o consagrou, pois nos primeiros discos (até em algumas faixas do "In Rock") ele usava uma Gibson. Por sorte ela fez parte do acordo de separação entre

Blackmore e sua primeira esposa, o que o fez passar a usar a Fender, de som bem mais agradável.

A pressa de fazer o investimento da HEC render era tanta que a banda, formada em março de 1968, em julho do mesmo ano já tinha o primeiro disco lançado nos EUA. Curiosamente, só saiu na Inglaterra em setembro. Entretanto, no seu país de origem, a vendagem foi um fiasco. Isso pode ser explicado pelo fato de, como um todo, o disco carecia de atributos. O nome, a capa e, principalmente, o repertório não tinham nenhum diferencial que destacasse a banda em meio a um ambiente que passava por uma revolução criativa, com o lançamento de discos cheios de novas ideias como "The Piper At The Gates Of Dawn" do Pink Floyd ou "Are You Experienced", de Jimi Hendrix, entre muitos outros.

Como o som do grupo ainda estava indefinido, o disco é uma reunião de apostas em várias direções e estilos. Temos canções Pop, um pouco de Rock progressivo, instrumentais e, pela falta de tempo para criar um repertório próprio, o disco foi preenchido com várias covers. Ficou uma colcha de retalhos, sem uma identidade. Por sorte dos empresários, uma das apostas deu certo. O compacto com a regravação de *Hush* fez sucesso nos EUA, atingindo o 4º lugar na lista da Billboard, o que não era pouca coisa. Isso tornou a banda conhecida na América e rendeu muito dinheiro ao Purple e a seus empresários. O surpreendente desempenho do compacto puxou as vendas do LP, que atingiu a 24ª posição na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos. Na sua pátria de origem, não pontuou.

Outro fator que pesou para que o disco não obtivesse um grande impacto no público inglês foi a produção. O produtor Derek Lawrence foi indicado por Blackmore, que o conhecia de suas andanças como músico de estúdio. Um artifício usado por Lawrence foi inserir como ligações entre as faixas vinhetas extraídas de um banco de efeitos sonoros. Isso deixou o disco datado e nada acrescentou em termos artísticos. A sonoridade também poderia ser melhor. O som em geral tem brilho demais, principalmente o da bateria, que ficou muito destacada e "seca" na mixagem. O som do baixo ficou um pouco mais "duro" do que o desejável. Ôpa! Para quem queria tornar os comentários os mais objetivos possíveis, esses adjetivos

ladeados por aspas poderiam ser considerados imperdoáveis. Peço perdão por isso. Ainda em relação ao trabalho do Sr. Lawrence, considero que a produção neste disco resultou conservadora, quando comparada a algumas de suas contemporâneas.

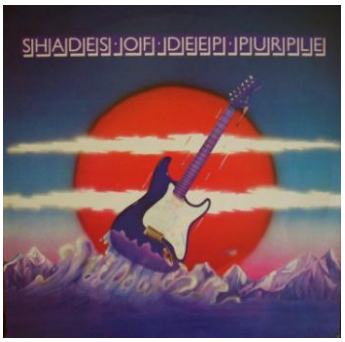
Pela sonoridade, arranjos e presença dos solos, fica claro que nesse início era Lord quem liderava a banda. Essa liderança foi gradativamente enfraquecendo, diante da personalidade mais forte de Blackmore. A mudança do som, que se materializou no "In Rock", foi atendendo aos desejos do guitarrista, que passou a conduzir a banda dali em diante.

Título

Trocadilho, aproveitando a referência cromática do nome da banda ("Púrpura profunda"). Então, com o acréscimo de "Shades Of" ficou algo como "tonalidades de um púrpura profundo". Meio depressivo e, portanto, pouco indicado para um disco de estreia.

Capa

A original trazia uma foto terrível da banda, com um previsível fundo roxo. Os músicos estão vestidos feito janotas e exibindo uns penteados bufantes, feios de doer. A versão americana é um pouco melhor. A mesma foto é reproduzida várias vezes, em *dégradé* de roxo, buscando refletir a ideia do título. A versão japonesa acabou sendo a melhor das três, mostrando somente os rostos dos músicos. A capa da versão brasileira, com uma guitarra emergindo, tendo o sol ao fundo é de uma reedição, que fez parte de uma série batizada de Heritage pela EMI inglesa.
Conceito: D.



Capas das versões americana, japonesa e da reedição de 1977.

As faixas

And the address
Blackmore/Lord

Primeiro disco de uma nova banda, sendo que um dos componentes é um vocalista e logo a faixa de abertura é instrumental? Não foi uma boa escolha. O número não é dos mais fortes, ainda mais se levarmos em conta que se trata da abertura do disco. Foi uma das primeiras composições da dupla Lord-Blackmore.
Nota: 5

Hush
Joe South

Foi a mais bem sucedida musicalmente entre todas as covers presentes no disco, pois as outras tiveram registros difíceis de serem batidos (Beatles, Hendrix, Cream...). É uma composição do premiado compositor, guitarrista e cantor americano Joe South, falecido em 2012, aos 72 anos. Sua autoria mais conhecida no Brasil é *Rose garden* (teve mais de 100 versões gravadas, uma delas pelos Fevers – intitulada *Mar de rosas*). A primeira gravação da *Hush* foi a do americano Billy Joe Royal, em setembro de 1967, que atingiu o 52º posto na Billboard. A versão do Purple fez muito, muito sucesso nos EUA. Em 2010 eu estava assistindo ao filme "Uma vida sem limites" ("Beyond the sea"), que conta a biografia de Bobby Darin. Tem uma cena em seu apartamento em que ele recebe uma visita. O ano é 1968. No toca-discos rola *Hush* e a capa do LP (a

original inglesa) pode ser vista na estante, ao fundo. Outra surpresa que tive foi ao assistir o filme "Bad Times at El Royale", de 2018. Faltando mais ou menos meia hora para o final, em uma cena tensa, o cara mau da história, vivido por Chris Hemsworth, pede para colocarem uma música na jukebox. A escolhida é *Hush*. Começa aquele uivo e alguém pergunta: O que é isso? A personagem interpretada pela excelente cantora inglêsa Cynthia Erivo responde: É Deep Purple! E tem mais um: em "Cruella" (2021), lá pelos 50 minutos de filme, *Hush* é tocada, em versão editada, por uns dois minutos. Por sinal, esse filme tem vários Rocks em sua trilha. Tommy Bolin ao entrar para o Purple disse que só conhecia duas músicas da banda: *Smoke on the water* e...*Hush*! O Purple gravou uma nova versão em estúdio (ela frequentemente aparece no repertório dos shows da banda), que saiu como compacto (mais conhecido pelo termo inglês "single") associado ao álbum ao vivo "Nobody's Perfect". Mais recentemente, *Hush* foi incluída, assim como *Kentucky Woman* (cujo trecho tocado tem entre um e dois segundos), na trilha sonora de "Era uma vez em Hollywood" ("Once upon a time...in Hollywood"), filme de 2019 de Quentin Tarantino. O fato de ter sido um sucesso trouxe vantagens e desvantagens. As vantagens são as óbvias: *sucesso = dinheiro + mulheres*. Mas a principal desvantagem foi ter indicado que o caminho da banda poderia ser o de produzir sucessos Pop, o que foi repetido no disco seguinte.
Nota: 7

One more rainy day
Evans/Lord

Canção com forte apelo Pop, melodiosa, com vocais suaves e andamento lento. A única sem solos. À primeira vista (ou ouvida), é a que teria mais chance de virar sucesso, maior mesmo do que a *Hush*, mas, não estourou.
Nota: 6

Prelude: happiness
Blackmore/ Evans/Lord/Paice/Simper

Rápido número instrumental, mais para o progressivo, dominado por Lord, que incluiu nele algumas citações da obra clássica *Scheherezade* de

Rimsky-Korsakov. Nos dois discos seguintes esse formato seria repetido, com uma faixa dividida em partes "a" e "b", sendo a primeira uma introdução instrumental. Aqui surge a primeira mostra de algo que se tornaria frequente ao longo da carreira da banda – a influência da música clássica nos arranjos. Às vezes, a música clássica surge na forma de composições próprias, como neste caso. Outros exemplos aparecem nos dois discos seguintes, em uma tendência crescente que culminou com a composição do "Concerto". Lord sempre teve o hábito de fazer citações de trechos de obras de outros compositores no meio das músicas, como fez na *Hey Joe* e muitas outras comentadas ao longo deste texto. Blackmore também tinha esse hábito.
Nota: 6

I'm so glad
Skip James

A segunda cover do disco e o primeiro dos três casos em que a regravação executada não conseguiu bater a original (ou, nesse caso específico, a versão mais conhecida). Esta também foi gravada pelo Cream, que conseguiu um resultado bem melhor. Foi uma sugestão de Paice e Evans, pois *I'm so glad* também fazia parte do repertório de sua banda anterior, The Maze.
Nota: 4

Mandrake root
Blackmore/Evans/Lord

Vou começar registrando uma ideia maluca, cretinamente de minha autoria. A raiz de mandrágora, tradução do título, era um ingrediente associado à bruxaria, na idade média. Todo mundo se lembra daquelas histórias nas quais a bruxa preparava a famosa torta de escaravelho, que levava aqueles ingredientes improváveis como perna de cachorro e olho de lagarto. No final, só para dar um saborzinho, a bruxa tascava lá uma raiz de

The mandacaru

mandrágora. Aliás, esse era um segredo das bruxas *gourmet*, descoberto recentemente em uma pesquisa bancada pela National Geographic. A ideia maluca é que, para mim, esse termo, *mandrake root*, chegou ao Nordeste brasileiro e acabou se transformando em "mandacaru", som que a expressão em inglês tem, se dita rapidamente. A base científica dessa minha suposição é exatamente nenhuma e o Houaiss dá outra etimologia para a palavra. Mas, se engoliram aquela história de *for all* virar forró, por que não especular? Voltando às questões musicais, o que temos? A faixa começa bem, sendo a que tem mais elementos do futuro som Purple do disco. De cara um bom riff, seguido pela parte cantada. Há uma ruptura um pouco antes da metade e o ritmo muda, entrando os solos de Lord e Blackmore. A transição do solo do primeiro para o segundo é feita usando um fraseado que passou a ser utilizado com a mesma função nos longos improvisos ao vivo, até muitos anos depois, como na versão de *Space Truckin'* do "Made In Japan", por exemplo. A *Mandrake Root* cumpria esse mesmo papel, ou seja, de ser a introdução aos improvisos nos shows dos primeiros anos do Purple, se estendendo muitas vezes por mais de meia hora. O Deep Purple sempre foi uma banda especial de se assistir. Uma das marcas nas apresentações ao vivo surgiu nos primeiros shows, o já comentado hábito de citar de trechos de outras músicas, fossem elas clássicas, populares, de desenho animado, do folclore, qualquer coisa que viesse à mente de Blackmore e Lord no momento dos longos solos e improvisos.

Quem quiser ter uma boa ideia do que eram as tantas vezes citadas limitações vocais de Evans em relação aos futuros planos musicais da banda é só ouvir esta mesma faixa com o Gillan, em versão ao vivo, como as que constam nos discos "Scandinavian Nights" e "In Concert". Outra curiosidade: "Mandrake Root" era o nome da banda que Blackmore tinha antes de entrar no Purple.

Em 2012 surgiu no YouTube um vídeo com a música *Lost soul*, creditada a Bill Parkinson, um guitarrista e compositor pouco conhecido, autor de uma canção que chegou ao segundo lugar da parada de compactos inglesa em 1971 (*Mother of Mine*, que recebeu em 1977 uma versão dos – eles, de novo – Fevers, rebatizada para *Mãe*). No YouTube, *Lost soul* é

reproduzida tendo o tempo todo uma foto (que aparenta ser relativamente recente) de Bill segurando uma guitarra. Segundo o texto que acompanha o vídeo, essa composição surgiu quando o guitarrista acompanhava o cantor americano P.J. Proby e era usada na abertura dos shows. Posteriormente, Bill entrou para a banda de Screaming Lord Sutch, cujo então baterista Carlo Little (falecido em 2005) acabou usando *Lost soul* como introdução ao seu solo. Ainda segundo Bill, Ritchie conheceu o riff de *Lost soul* por meio de Carlo e o usou em *Mandrake Root*. A polêmica não acaba aí. Bill afirma que pouco depois ficou sabendo da apropriação de Ritchie, interpelou os empresários do Purple, que lhe pagaram para que não entrasse em juízo e ele aceitou. Para completar, ele alega que no final da música há uns compassos que também foram copiados por Ritchie para compor o riff de *Smoke on the Water*! Ouvindo a gravação do YouTube, duas coisas são inegáveis: o riff é MUITO parecido mesmo com o de *Mandrake Root* e no final realmente há os tais compassos que são semelhantes à da *Smoke*. Bill Parkinson está certo? Bem, é difícil comprovar. Não consegui localizar um registro oficial de *Lost soul*. Há apenas o arquivo do YouTube, que, embora tenha sonoridade de uma gravação antiga, pode ter sido produzido em qualquer tempo. Outra coisa que chama a atenção é por qual motivo Bill Parkinson só se pronunciou tantos anos depois?
Nota: 7

Help
Lennon/McCartney

Uma releitura curiosa da música dos Beatles, em andamento lento e tom melancólico. Segundo consta nas biografias dos Beatles, essa era a ideia original, que combinaria mais com o sentido da letra, que trata de alguém com problemas, pedindo ajuda. Mas, apesar da boa ideia, a execução do Purple não é muito entusiasmante. Exageraram um pouco na dramaticidade, especialmente Evans, que tinha essa tendência, algo que deve ter contribuído para sua saída da banda. De novo o problema que se repetiria muitas vezes nos dois primeiros discos: perde muito quando se compara com a versão original. A gravação de "covers" era também uma característica da banda americana Vanilla Fudge, cujo som claramente

influenciou o Purple na fase inicial. Cabe aqui um comentário sobre "covers". O caso da *Help* eu reputo como uma tentativa válida, a de regravar uma música tentando acrescentar algo ou modificar a versão original, dando uma nova roupagem. O Vanilla Fudge também criava arranjos para suas versões. Isso é aceitável. De que adianta regravar uma música, repetindo-a nota por nota? Isso, infelizmente, é a situação mais comum que encontramos. Nos anos noventa houve uma onda de discos tributo, quando músicos variados se reuniam para gravar covers de bandas ou artistas famosos. Em geral, as covers eram simples repetições dos arranjos originais, sem nenhuma novidade. Qual é o valor artístico disso?
Nota: 5

Love help me
Blackmore/Evans

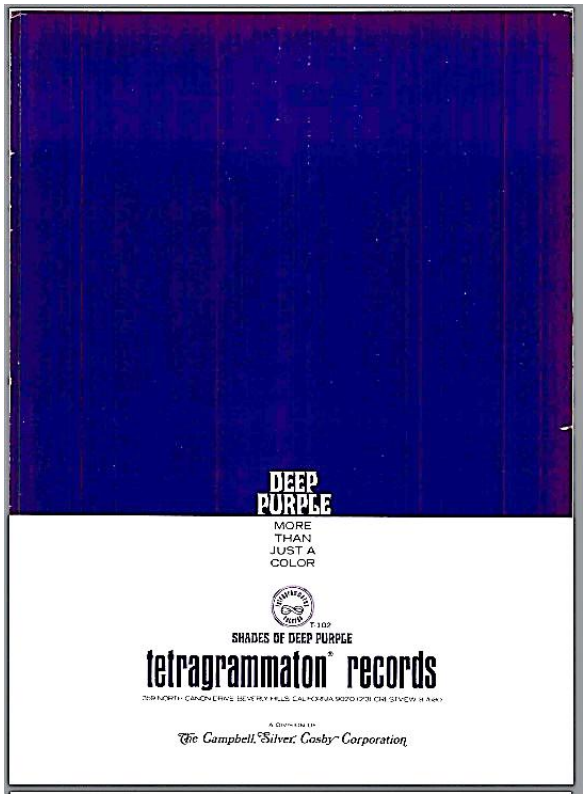
Outra faixa mais para o Pop. Poderiam tê-la colocado em outra posição no disco. Ficou esquisito, uma faixa intitulada *Help* seguida de uma chamada de *Love help me*. Os solos de Blackmore usando o pedal *wah-wah* não acompanham bem o clima da música. Nessas horas é que é importante a participação do produtor, indicando ou sugerindo as intervenções mais adequadas dos músicos. Esta é a única faixa do disco em que só há um solista.
Nota: 4

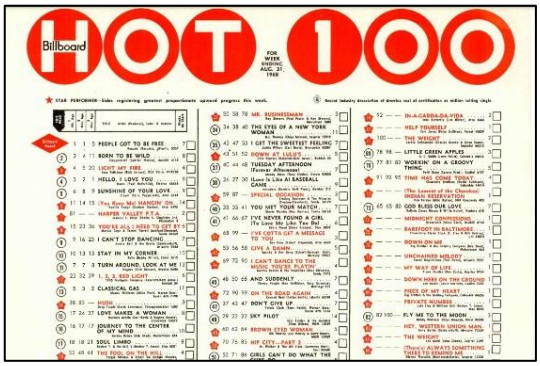
Hey Joe
Billy Roberts

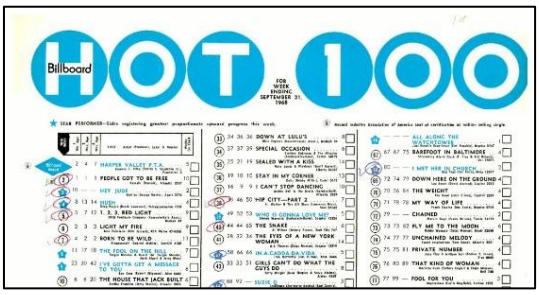
Outra versão. Esta perde feio para a do Hendrix, em parte pela interpretação excessivamente dramática de Evans e em parte pelo arranjo muito rebuscado. O início é baseado na música *The Miller's Dance* que faz parte de uma trilha sonora para balé de Manuel de Falla, chamada "The three-cornered hat". Obviamente minha cultura musical não é assim tão vasta a ponto de conhecer tal obra (ainda mais sendo para balé!). Na verdade eu li, ôps, pesquisei – é um termo melhor, dá uma pinta mais séria à coisa toda – essa informação em um dos livros-fonte.
Nota: 5

Complementos

Extraídas das versões do LP, as faixas *Hush*/*One more rainy day* compuseram o primeiro compacto da banda e antecederam o lançamento do álbum na Inglaterra em alguns meses. Esse compacto saiu no Brasil! Para mais detalhes sobre isso, consulte a "Discografia Brasileira do Deep Purple" (Apêndice, ref. A.2). Apesar do sucesso que fez nos Estados Unidos, esse compacto nem ao menos pontuou na parada inglesa.







Algumas reproduções da revista americana "Billboard". Acima, publicidade do "Shades" pela gravadora americana, de 3 de agosto de 1968. Ao lado, a evoluçãoda *Hush* nas paradas, segundo a mesma "Billboard": em 31 de agosto de 1968, ela estava em 14º lugar; em 7 de setembro, era a 13ª e, em 21 de setembro chegava à quarta posição.

Uma das muitas provas da qualidade da obra musical do Deep Purple é que os seus discos de estúdio vêm sendo relançados em edições especiais comemorativas dos 25, 30, 35 (e por aí vai) anos de lançamento do original. Mesmo sem se constituírem no filé do legado do Purple, os primeiros discos também foram objeto de relançamentos, seguindo o

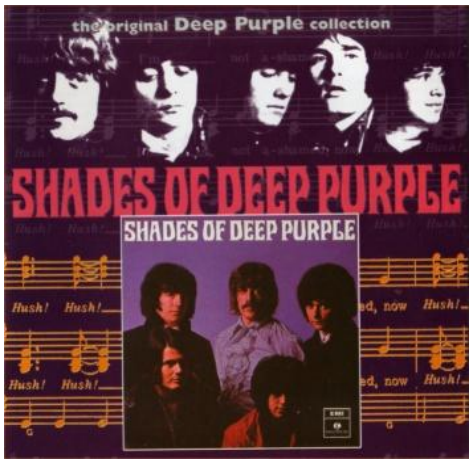
padrão que se tornou rotineiro nesse tipo de projeto – faixas extras e encarte com muitos dados e fotos históricas.

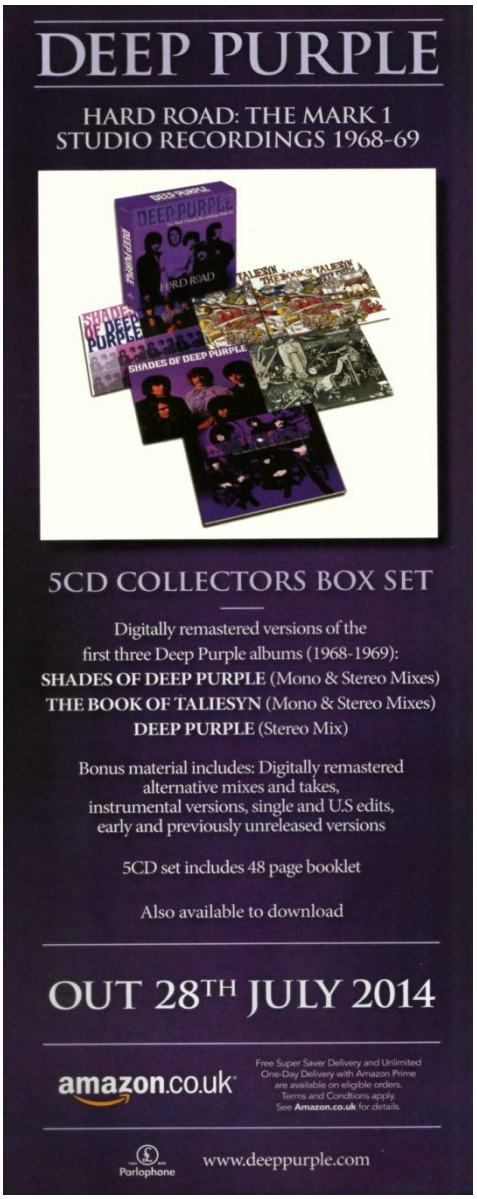
A reedição especial do "Shades" fez parte de uma série de CDs lançadas em 2000 (no Brasil também) que reuniu os três primeiros discos sob o título de "The Original Deep Purple Collection". Ela trouxe cinco faixas extras, três delas sendo versões diferentes das presentes no disco original. A faixa *Love help me* aparece em versão instrumental. Isso se mostrou muito legal no caso da edição especial do "Fireball", que trouxe a faixa-título desse modo, sem o vocal. Além de mostrar a competência da cozinha Paice-Glover, também pode ser usada como karaokê! No caso da *Love help me*, é pouco provável que alguém tenha se aventurado a isso. Há, ainda, uma faixa inédita, *Shadows*, que foi excluída do disco original. De uma forma geral, faixas extras não são grande coisa - se ficaram de fora é porque a banda julgou que não eram melhores do que as que foram para o disco. Outra coisa a se considerar é o contexto: uma coisa é ficar de fora do "Shades", outra é ser excluída do "Machine Head". No caso em questão, essa faixa inédita realmente não acrescenta nada de relevante à obra da banda. A reedição vale pelo encarte.

Existe outra edição especial em CD chamada "The Early Years", coletânea contendo 14 faixas da MK I, algumas em gravações diferentes das originais. Neste, cinco são do "Shades", quatro em versões remixadas. Também vale pelo encarte, cujo texto interno repete uma sutil tendência presente em todas as reedições da MK I em sobrevalorizar a qualidade desses discos. O CD do "Shades" referente à "Original Deep Purple Collection" é de 2000, recebendo no Brasil o código de catálogo EMI 7243 4 98336 2, da EMI Music. O "Early Years" é de 2004, também teve lançamento brasileiro, sob código 07243-596611-2-4, pela mesma EMI Music (capas reproduzidas a seguir).

Uma curiosidade final envolve o Purple, o produtor Lawrence e o Wishbone Ash. Essa banda inglesa, que eu gosto bastante, abriu para o Purple em uma de suas turnês e certa vez rolou uma jam deles com Blackmore. Este os indicou à Derek Lawrence, que conseguiu um

contrato com a gravadora MCA e acabou produzindo os primeiros discos do Wishbone, incluindo o indispensável "Argus".





Acima, as capas das edições especiais citadas no texto. Ao lado: as gravadoras estão exagerando na exploração! A caixa do anúncio traz 5 discos: os três da MK I, sendo que os dois primeiros vem em duas versões, mono (!) e estéreo. Sério, quem vai achar novidade em gravações mono?

"The whole of that first album was done in one eight-hour session, eight tracks in eight hours, though of course we'd practised for a couple of months. *Hush* is just a great track. Fifty-odd years later we still play it live and it's become a samba. The original was a country tune, but it's like Brazilian music. We take things right down and everybody in the crowd sings it. It's wonderful."

Ainda em relação à Hush, Paice deu uma curiosa declaração, publicada na "Classic Rock" 326, de maio de 2024. Nela ele comenta que a Hush com o passar dos anos foi se tornando uma espécie de samba! Brazilian Music!

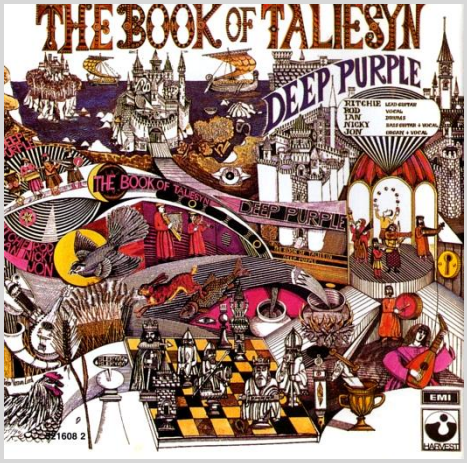
1968
Hush / One More Rainy Day
45 giri/Parlophone QMSP 16430 €40
Edizione senza il banner "1° Bandiera gialla" €180

1968 **Kentucky Woman / Wring That Neck**
45 giri/Parlophone QMSP 16430 €70
Edizione con numero di catalogo "export" inglese R 5745 €200

Al contrario della Gran Bretagna, in Italia il singolo *Hush* conobbe un importante successo e pertanto il relativo vinile oggi non risulta particolarmente raro. Eccezionalmente minoritarie sono però le copie prive della scritta "1" a Bandiera gialla". Questi rari esemplari sono sempre stati considerati

Acima, a MK I recém chegada de uma visita à loja de chapéus. Abaixo, single extraídos de uma publicação italiana para colecionadores de discos.

Capitulo 4
The Book Of Taliesyn



The Book Of Taliesyn

Mark I

5,6

A

1. Listen, learn, read on (4:02)
2. Wring that neck (5:15)
3. Kentucky woman (4:43)
4a. Exposition (2:52)
4b. We can work it out (4:14)

B

5. Shield (6:00)
6. Anthem (6:29)
7. River deep, mountain high (10:05)

Produção: Derek Lawrence
Gravação: De Lane Lea Studio, Londres
Engenheiro: Barry Ainsworth
Capa: John Vernon Lord
Lançamento: Julho de 1969
Gravadora/Selo/Código: EMI/Harvest/SHVL 751
Lançamento no Brasil: 1975

Visão geral

"The Book Of Taliesyn" chegou às lojas dos Estados Unidos apenas quatro meses após o primeiro disco. Tanta ansiedade em lançar um novo álbum foi provocada pelo sucesso inesperado de *Hush*. Em tão pouco tempo não havia como a banda evoluir muito musicalmente. O disco acabou seguindo a fórmula do anterior: algumas covers, uma possível candidata à sucessão da *Hush* e uma misturada de estilos. A produção também foi a mesma, de Derek Lawrence. Apesar do pequeno lapso, é possível notar ligeiras melhoras na produção e na qualidade das composições próprias. Onde houve uma queda foi na qualidade das

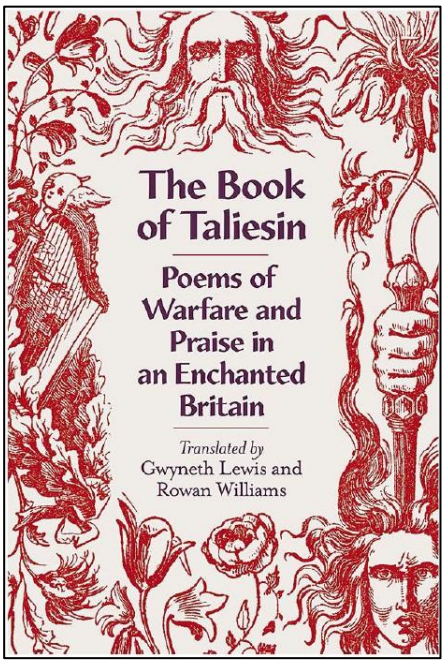
regravações. As três presentes neste disco são fracas. A vendagem do álbum foi inferior à de seu antecessor, atingindo apenas a 54ª colocação nas paradas americanas. De novo, nada no ranking britânico.

Seja por superstição ou mera coincidência, o "Book" inaugurou o formato de sete faixas por disco, ainda que a quarta faixa tenha sido dividida em duas partes, fato que ocorreu nos três discos da MK I. A inclusão de sete faixas por disco foi interrompida no "Concerto", mas permaneceu até o "Who Do We Think".

Título

Segundo uma pequena nota presente na contracapa da edição americana, Taliesyn era um bardo da corte do Rei Artur. Cada faixa seria uma forma que a banda encontrou para interpretar sete diferentes sentimentos, sob inspiração do tal Taliesyn. Então tá. Que tal esta outra forma de ver a coisa: "Estamos em 1968. As bandas mais modernas e famosas estão fazendo discos conceituais. Vamos nessa". Apenas a primeira faixa tem relação com o Taliesyn. As demais são faixas de estilos variados, sem conexões com bardos medievais, sendo o caso mais claro ***Kentucky woman***.

Este disco foi o lançamento que inaugurou o selo Harvest (cujo logotipo é de autoria de Roger Dean), divisão da EMI dedicada às bandas de vanguarda, especialmente os progressivos. Obviamente, uma concorrência ao selo Vertigo. Foram lançados grandes discos via Harvest, como os do Renaissance, Pink Floyd e Flash, entre outros. No Brasil o "Book" também saiu com esse selo, como mostra a reprodução da publicidade, mais à frente.



E não é que existe mesmo uma publicação com o nome de "The Book of Taliesin"? O livro cuja capa é aqui reproduzida foi lançado em 2019 e traz traduções para o inglês de uma coleção de poemas galeses seculares.

Falando em Harvest e no tal bardo, me lembrei que eu tive um LP do Soft Machine, chamado "Softs" (saiu no Brasil, mais um do selo Harvest), que tinha uma faixa chamada "The tale of Taliesin" (desse jeito, com "i", em vez de "y"). Fico me perguntando qual seria a relevância desta minha última observação.

Capa

Mistureba de estilos medieval e psicodélico, executada por um quase xará do Jon Lord, John Vernon Lord, que era um ilustrador de livros infantis. Desta vez prevaleceu o bom senso e não foi colocada fotos dos músicos na capa. A arte final é muito influenciada pelo estética psicodélica, o que a deixou datada. Está muito longe de ser de mau gosto, mas, também não é daquelas que entrariam em uma dessas listas de melhores capas de discos de Rock. Na verdade, não entraria nem na lista das melhores capas do Purple – e olhe que a concorrência é bem pequena.

A edição inglesa inaugurou outra tradição: capas duplas (os ingleses a chamam de "gatefold"), o que também durou até o "Who Do We Think", a exemplo da questão das sete faixas por disco, comentada dois itens atrás. A capa americana saiu simples, sendo que a contracapa era totalmente diferente da inglesa. Outra variação apareceu na *Wring that neck*, que na edição americana foi rebatizada como *Hard Road*, embora a gravação seja idêntica à inglesa. Aparentemente os americanos acharam que o título original (algo como "torça esse pescoço") era muito violento. De fato, tratava-se de uma gíria entre os músicos, com o sentido de "debulhar" o braço ("neck") do instrumento.
Conceito: C.

Reprodução das contracapas das edições inglesa (à esquerda) e americana do LP. À direita, compacto americano com *Hard Road* (o lado A é *Kentucky woman*)

As faixas

Listen, learn, read on

Blackmore/Evans/Lord

Uma das coisas que mudou com a MK II foram as faixas de abertura dos discos, sempre arrasadoras. Na MK I era o contrário – três discos, três faixas de abertura fracas. Esta traz Rod Evans declamando (rap?) a letra, com bastante efeito de eco. O refrão é repetido muitas vezes, tornando a faixa um pouco enfadonha. Na verdade, a música toda parece não fazer muito sentido.
Nota: 5

Wring that neck

Blackmore/Lord/Paice/Simper

Número instrumental, na linha do Jazz, com um tema de abertura que serve também para fazer a ligação entre os solos de Blackmore (usando sua Gibson) e Lord. Fez parte das apresentações ao vivo durante muito tempo, situação em que funcionava melhor. Acabou se tornando um clássico da banda, embora, confesso, de tanto ouvir ao longo dos tempos acabei enjoando um pouco dela, o que contradiz o conceito de "clássico".
Nota: 7

Kentucky woman
Neil Diamond

Tentativa de repetir o exito de *Hush*. Não foi tão bem, chegando apenas no 38º lugar das paradas americanas. Cover de um original do Neil Diamond, um cantor não famoso até então e que depois virou um artista de sucesso, fazendo o tipo do caretão extremo, bem longe do espírito do Rock. Uma canção americana demais para uma banda inglesa, não ajudando em nada no esforço dos rapazes em emplacar em sua terra natal. Foi feito o possível no arranjo para torná-la irressistível – até foi incluída uma marcação com palmas. Tem bons solos de Blackmore e Lord, mas nada disso fez com que ela repetisse o surpreendente feito de sua antecessora. Esta é mais uma prova de que o mercado da música Pop é uma caixinha de surpresas. Aliás, alguém sabe ou já viu o que é uma "caixinha de surpresas"? A coisa mais perto disso que eu conheço são aqueles ovinhos de chocolate com um brinquedinho dentro, que eu comprava de vez em quando pro meu filho. Conforme citado anteriormente, *Kentucky Woman* foi incluída, assim como *Hush*, na trilha sonora de "Era uma vez em Hollywood", de Quentin Tarantino.
Nota: 5

Exposition
Blackmore/Lord/Paice/Simper

Mais uma amostra da confusão musical daquilo que era a banda. Depois de uma canção Pop deslavada, um número instrumental progressivo, baseado em uma peça de Tchaikovsky. Coisas de Lord.
Nota: 5

We can work it out
Lennon/McCartney

Depois de ter chegado aos ouvidos da banda que Paul McCartney gostou da versão da *Help*, eles se animaram – vamos fazer outra cover dos Beatles! Novamente a banda registrou uma regravação que ficou àquem da original. Muito àquem. O início até que ficou legal, com as intervenções de Blackmore pontuando o final dos versos. No refrão é que

a coisa desanda, devido à excessiva carga dramática que Evans colocou (mais uma vez) na interpretação.
Nota: 5

Shield
Blackmore/Evans/Lord

Na versão americana do disco, o título saiu como "The shield", o que é uma informação fundamental, especialmente para mostrar o quão bestamente detalhista pode ser um fã. Nesta faixa temos uma subida de nível. Bela canção própria, de clima meio místico, com um andamento cadenciado, um riff deslizante de Blackmore, autor de um belo solo, tendo Lord ao fundo fazendo uma espécie de percussão nos teclados do Hammond.
Nota: 7

Anthem
Evans/Lord

Outra composição própria, mais Pop do que a anterior, lembrando um pouco a *One more rainy day*, mas com um arranjo mais sofisticado. No meio da música entra uma seção de cordas, antecedendo os solos de Lord e Blackmore. Um prenúncio do que depois redundaria no "Concerto".
Nota: 7

River deep, mountain high
Jeff Barry/Ellie Greenwich/Phil Spector

Esta cover de uma canção, que fez grande sucesso na gravação da dupla Ike & Tina Turner, tem uma longa introdução instrumental, inspirada na obra clássica *Also Sprach Zarathustra*, de Richard Strauss. Típico daquelas eras. De novo, o Purple embarcava na onda do que rolava naquele momento, em que as bandas e artistas mais avançados do Pop e do Rock buscavam quebrar as barreiras que separavam os estilos musicais, juntando tudo numa mistura criativa. O que torna uma faixa um "clássico"? Uma definição exata é difícil, mas, seguramente não é aquela música que apenas segue uma tendência. É preciso, antes de mais nada,

ser uma obra de grande qualidade, que permaneça sendo apreciada dali em diante, independentemente do passar dos anos. Não foi o caso, neste caso. O resultado foi um pastiche. Outra escolha infeliz da banda, que nem de longe rivalizou com a gravação mais famosa da música. Um detalhe: ainda bem que o Evans se lembrou de adaptar a letra, que na versão original começa com "when I was a little girl, I had a rag doll...". Nota: 4

Complementos

Das músicas que compõem o LP, as escolhidas para o lançamento em compacto foram *Kentucky woman* (lado A) e *Wring that neck*. A primeira é fácil de explicar, considerando que eles estavam em busca de um novo sucesso americano. A escolha da segunda reflete bem a falta de orientação musical da banda. De um lado uma canção Pop e do outro uma instrumental com pouquíssima chance de frequentar as paradas. Na Inglaterra, realmente não ranqueou, nem pelo lado A, nem pelo B.

A última faixa da MK I a fazer certo sucesso nos Estados Unidos foi *River deep, mountain high*, que teve uma versão editada lançada como lado A de um compacto (*Listen, learn, read on* no lado B) e que alcançou o quinquagésimo-terceiro (*) lugar das paradas. A edição especial em CD referente ao "Book" que compõe a "The Original Deep Purple Collection" é a que traz as faixas extras mais relevantes, pois quatro são inéditas: *Oh no no no*; *It's all over*; *Hey bop a re bop* e *Playground*. A primeira é mais uma cover, desta feita de uma gravação de Ben E. King. Ninguém sabe a origem de *It's all over*, a faixa seguinte. Segundo as notas do encarte, possivelmente ela fez parte das primeiras apresentações ao vivo. É uma balada, até que interessante, bem no estilo Elvis. Na verdade, não se sabe se ela lembra as baladas de Elvis porque Evans o imita ou se é o contrário, isto é, o jeito natural de Evans cantar é que faz lembrar o Elvis. Esta e a próxima são gravações em fase de pré-produção, de modo que a qualidade do som está bem abaixo da do disco de estúdio. *Hey bop a re bop* é uma versão em desenvolvimento do que viria a se tornar a *Painter*, do terceiro LP. *Playground* é uma instrumental que não desperta muito entusiasmo, cuja base é parecida com a da *Hush.* No Brasil a edição

em CD é de 2000, com o código de catálogo EMI 7243 5 21608 2, pela EMI Music.

Na coletânea "The Early Years" foram incluídas cinco faixas deste disco, sendo duas versões alternativas para *Kentucky woman* e *Wring that neck*.

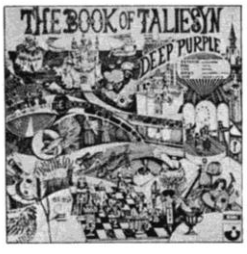
Vale ainda o registro – como em todas as reedições de discos do Purple, o encarte é muito bom, com texto completo e muitas ilustrações.

(*) uma ação efetiva a favor da campanha "preservemos o uso dos ordinais por extenso".

Capa da edição argentina. Como aconteceu em outros casos, o título foi traduzido, tentando manter a arte original

Informe Publicitário

Harvest a semente do som



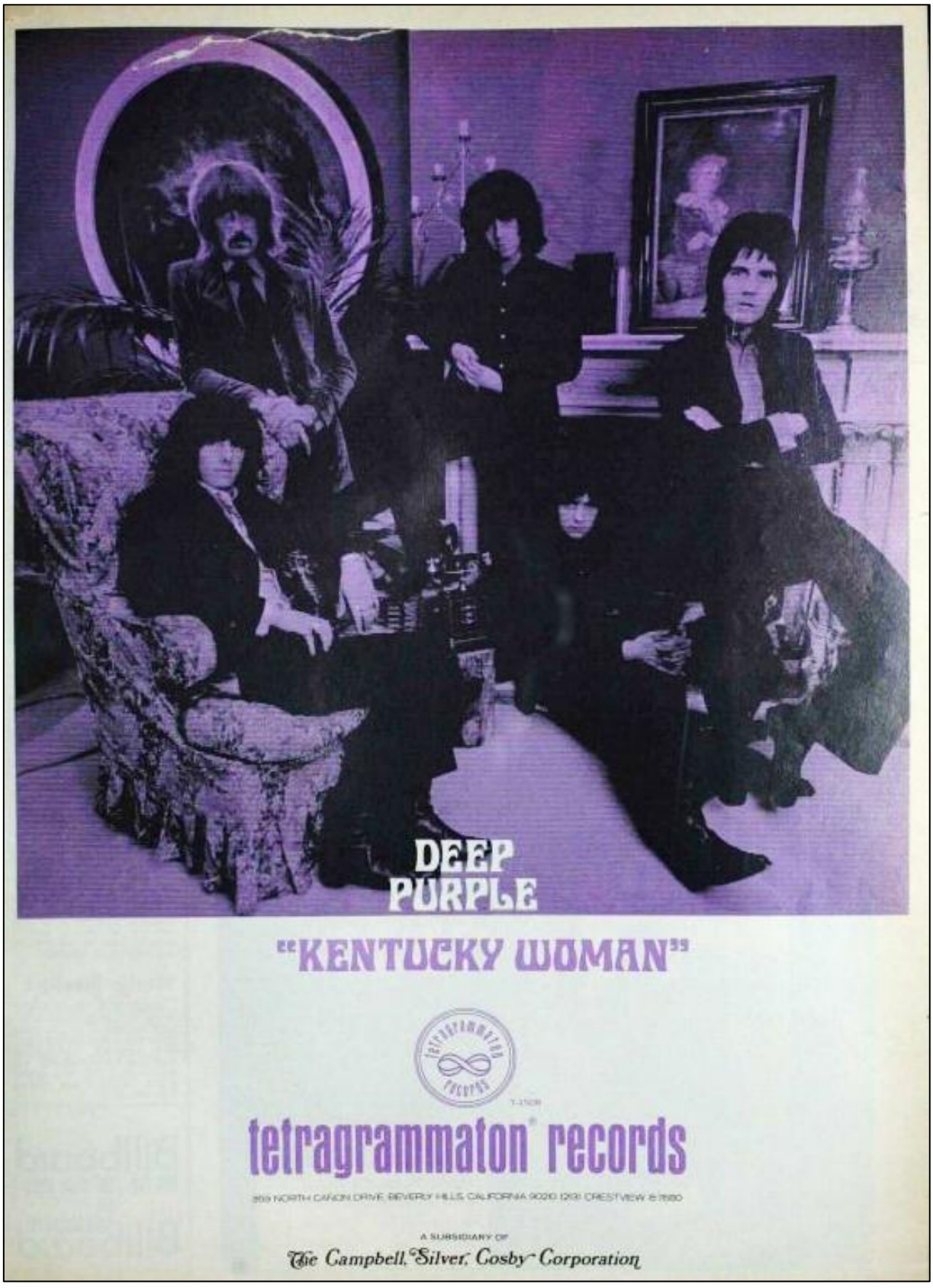
A Harvest apresenta mais três discos essenciais para a discoteca dos rockmaníacos. Desse novo suplemento, constam "The Book of Taliesyn", com Deep Purple, "California Man", com The Move e "Prologue", com Renaissance.

"The Book of Taliesyn" é um LP gravado pelo Deep Purple na fase inicial de sua carreira, em 1968. Entre as faixas, destacam-se, além de composições do próprio grupo, as interpretações de obras já conhecidas e de sucesso garantido, como "Kentucky Woman", "We can work it out" e "River Deep Mountain High".

"California Man" é uma coletânea de sucessos do grupo The Move, incluindo, além da faixa título, o estrondoso sucesso do momento no Rio de Janeiro, "DO YA", que também está sendo editado em compacto simples.

Finalmente, "Prologue", com Renaissance, destacando a voz inimitável de Annie Haslam. O grupo já é bastante conhecido dos discófilos brasileiros, tendo obtido enorme sucesso com o LP "Ashes are Burning", também em selo Harvest.

Publicidade reproduzida da revista "Rock, a história e a glória" (1975)



Publicidade reproduzida da revista americana "Billboard", de 26 de outubro de 1968.

Capitulo 5
Deep Purple

Deep Purple

Mark I

5,9

A

1. Chasing shadows (5:31)
2. Blind (5:24)
3. Lalena (5:02)
4a. Fault line (1:45)
4b. The painter (3:51)

B

5. Why didn't Rosemary (5:02)
6. Bird has flown (5:31)
7. April (12:06)

Produção: Derek Lawrence
Gravação: De Lane Lea Studio, Londres
Engenheiro: Barry Ainsworth
Capa: adaptação de tela de H. Bosch
Lançamento: Novembro de 1969
Gravadora/Selo/Código: EMI/Harvest/SHVL 759
Lançamento no Brasil: não foi lançado em vinil, somente em CD, em 2 edições diferentes

Visão geral

O Deep Purple prosseguia em seu esforço para se tornar uma banda de primeira linha. Excursionava, principalmente pelos Estados Unidos, e tratava de gravar. Este era seu terceiro disco em menos de um ano. Trazia alguns resultados do amadurecimento que uma banda tão trabalhadora naturalmente teria que alcançar. Das sete faixas, apenas uma era regravação (*Lalena*). As composições próprias continuavam mostrando evolução. Porém, como fato novo, não havia nada. O produtor ainda era o mesmo, assim como os músicos. A música era a mesma, ou seja, continuava indefinida. Afinal, o que era o Purple? Uma banda perseguindo o sucesso nas paradas Pop ou um grupo buscando ser

reconhecido no circuito alternativo inglês graças aos seus experimentalismos? Pelo que era registrado nos discos, tínhamos um bom conjunto de músicos, mas uma banda ainda em busca de sua vocação.

Apesar da leve melhoria geral na qualidade do disco, este foi o que teve o pior desempenho em vendas, pontuando em um longínquo e desconsiderável centésimo sexagésimo segundo lugar nas paradas dos Estados Unidos (*). Assim como os dois anteriores primeiros, este não alcançou as paradas na Inglaterra.

(*) mais uma ação a favor da importante campanha "preservemos o uso dos ordinais por extenso".

Título

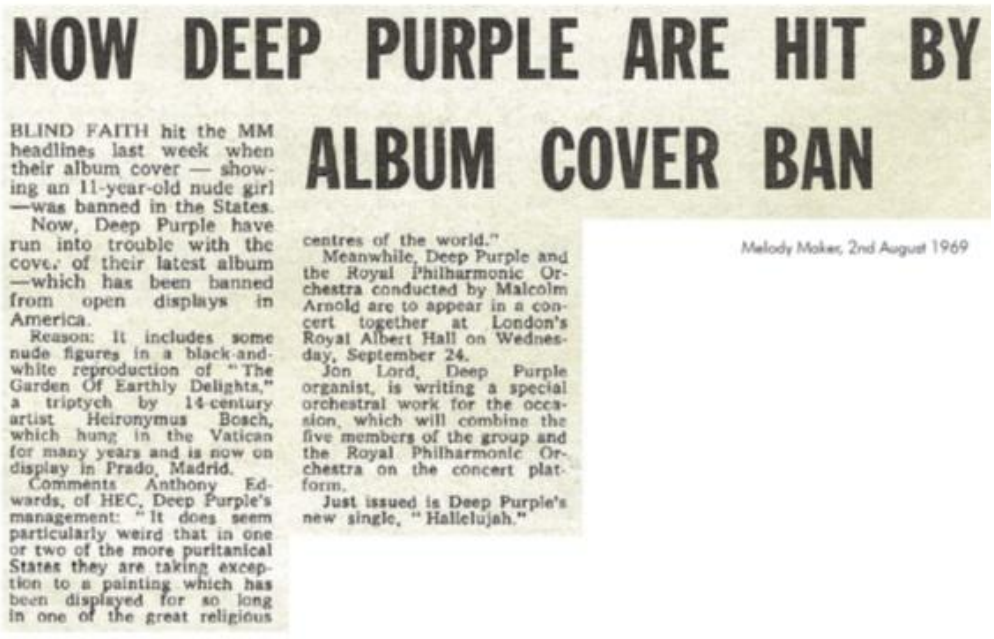
Com o passar dos anos, o mercado fonográfico do Rock foi criando alguns padrões. Normalmente após alguns álbuns de estúdio a banda lançava um disco ao vivo. Mais uns anos de estrada e saía uma coletânea. No caso dos nomes dos discos, a maior parte recebia o nome da faixa mais importante. O primeiro disco da banda não tinha um nome específico. Era batizada com o próprio nome da banda. Foi assim com o Zeppelin e o Sabbath, só para ficar com as usadas como exemplo anteriormente. Pois então, por que diabos o terceiro disco do Deep Purple chamou-se "Deep Purple"? Isso só gerou confusão. Custava dar um nome diferente? Poderiam ter chamado de "The Hermit", por exemplo. Nome legal, não? Quem mandou eles não me consultarem?

Capa

Hieronymus Bosch foi um pintor flamengo (provavelmente da região onde hoje é a Bélgica) de quem não se tem muitas informações. Estima-se que ele tenha nascido por volta de 1450. Ele era doidão, um marginal da cultura. Muitos de seus quadros traziam um conjunto de referências à bruxaria, ritos pagãos e alegorias sexuais. Uma de suas obras foi o tríptico (quadro composto de três partes separadas) "O Jardim das Delícias", que pertence ao Museu do Prado, de Madri (*). Foi pintado por volta de 1500

e é composto por "Paraíso Terrestre", "Jardim das Delícias" e "O Inferno Musical". Essa última parte foi usada pelo Purple como capa do LP, só que com duas diferenças: foi reproduzida em preto e branco e os cinco músicos foram inseridos entre os simbolismos de Bosch. Essa escolha acabou me despertando a curiosidade em torno da obra de Bosch, que realmente é um artista diferenciado em relação aos que costumam ser cultuados como pintores clássicos. Mas, como capa do disco, o fato de ser uma reprodução em preto e branco fez com que grande parte da força da arte original fosse perdida. A parte interna da capa dupla só trazia a ficha técnica e pequenos textos sobre cada faixa (semelhante ao que foi feito no "In Rock"), sem fotos ou ilustrações, desperdiçando espaço. Duas curiosidades: a banda americana Pearls Before Swine havia tido a mesma ideia de ilustração para a capa de seu álbum de estreia, "One Nation Underground", lançado em junho de 1967 (anterior ao do Purple, portanto). A outra curiosidade é incrível: a capa do Purple foi banida para exposição nas lojas dos EUA. Veja reprodução a seguir da matéria do jornal musical inglês Melody Maker. O motivo foi a existência de figuras nuas! Detalhe: o quadro original de Bosch havia sido exposto durante muitos anos no Vaticano, antes de ir para a Espanha.
Conceito: B.

(*) Bosch, Volume 39 da coleção Gênios da Pintura, Ed. Abril, S. Paulo, 1968.



NOW DEEP PURPLE ARE HIT BY ALBUM COVER BAN

BLIND FAITH hit the MM headlines last week when their album cover — showing an 11-year-old nude girl —was banned in the States.

Now, Deep Purple have run into trouble with the cover of their latest album —which has been banned from open displays in America.

Reason: It includes some nude figures in a black-and-white reproduction of "The Garden Of Earthly Delights," a triptych by 14-century artist Heironymus Bosch, which hung in the Vatican for many years and is now on display in Prado, Madrid.

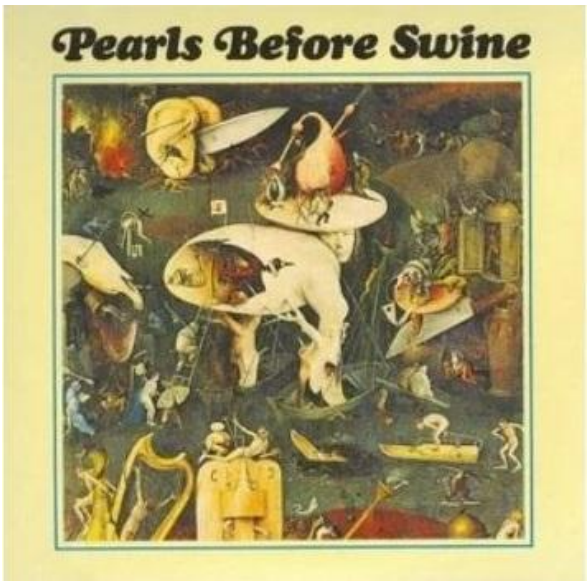
Comments Anthony Edwards, of HEC, Deep Purple's management: "It does seem particularly weird that in one or two of the more puritanical States they are taking exception to a painting which has been displayed for so long in one of the great religious centres of the world."

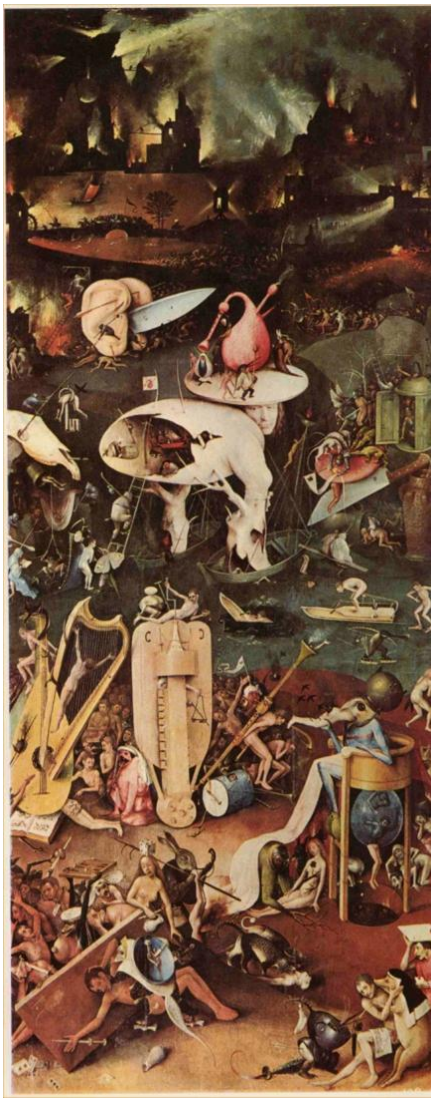
Meanwhile, Deep Purple and the Royal Philharmonic Orchestra conducted by Malcolm Arnold are to appear in a concert together at London's Royal Albert Hall on Wednesday, September 24.

Jon Lord, Deep Purple organist, is writing a special orchestral work for the occasion, which will combine the five members of the group and the Royal Philharmonic Orchestra on the concert platform.

Just issued is Deep Purple's new single, "Hallelujah."

Melody Maker, 2nd August 1969





Acima as reproduções do trípico "Jardim das Delícias" e uma ampliação do "Inferno Musical", de H. Bosch. Abaixo: capa do álbum do grupo Pearls Before Swine.

As faixas

Chasing shadows

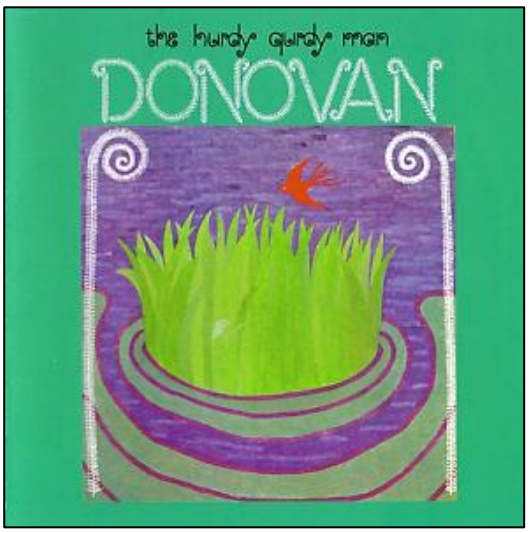
Lord/Paice

A faixa de abertura manteve a tradição dos discos anteriores: fraca. Número basicamente percussivo, com a voz de Evans muito ao fundo, parecendo sair de um megafone. Nesses primeiros tempos Blackmore exagerava do uso do pedal *wah-wah*, presente também no solo desta faixa. Nota: 4

Blind
Lord

Balada romântica com um toque clássico, dominada por Lord, que usou um teclado Harpsicord, dando um ar medieval à música. Novamente Blackmore faz o solo usando o *wah-wah*. Paice passa boa parte da faixa quebrando a marcação. Música cativante, mais criativa do que a média das composições próprias até então.
Nota: 7

Lalena
Donovan Philips Leitch



Outra balada, com uma bela melodia (cover de Donovan, às vezes grafada como *Laleña* - a original está no disco ao lado) e um arranjo de muita sensibilidade por parte do Lord. O produto final poderia ser um pouco menos arrastado. A forma com que Evans interpretava certas músicas, como neste caso, acentuando a dramaticidade da composição, deixava o clima mais depressivo do que o necessário. Bom solo de Lord.
Nota: 6

Fault line
Blackmore/Lord/Paice/Simper

Faixa instrumental com uns efeitos que parecem ser gerados pela reprodução de uma fita passada de trás para frente. Uma base simples de Simper e um solo ao fundo de Blackmore. Experimentalismo deslocado, ainda mais porque emenda em uma faixa pouco expressiva.
Nota: 5

The painter
Blackmore/Evans/Lord/Paice/Simper

Faixa que mais lembra o som dos discos anteriores. Bom desempenho dos músicos, com os solos de Lord e Blackmore tomando a maior parte da gravação. Mas, em termos de composição, pouco tem a dizer.
Nota: 5

Why didn't Rosemary
Blackmore/Evans/Lord/Paice/Simper

A inspiração para a letra de Evans veio do filme "O bebê de Rosemary" (ele pergunta, de uma forma que poderia ser entendida como uma amostra de bom humor – "Por que ela não tomou a pílula?"). É um Rock simples, mas simpático, contendo um longo e explêndido solo de Blackmore. O arranjo não segue tanto a estética psicodélica, muito presente em outras faixas, o que a torna agradável de ser ouvida até hoje.
Nota: 7

Bird has flown
Blackmore/Evans/Lord

Música que tem uma levada bem parecida com *Mandrake root*, com Ritchie usando no riff e no solo o seu inseparável (naqueles tempos) *wah-wah*. O refrão é mais um caso de Evans emulando Elvis. A melhor parte da música é quando para tudo e apenas Lord prossegue, fazendo um solo muito característico. Um destaque especial para a letra, que tem a singela citação: "o eremita, em sua caverna solitária". Valeu, Evans.

Em 1980 foi lançado no mercado inglês o compacto "New, Live & Rare – Vol. 3", que trazia uma gravação desta música com a MK II, originária da mesma sessão na qual foi registrada a *Hallelujah*. Comparar as versões com Evans e Gillan é mais uma forma de entender o porquê a banda tinha que mudar de vocalista.
Nota: 6

April

Blackmore/Lord

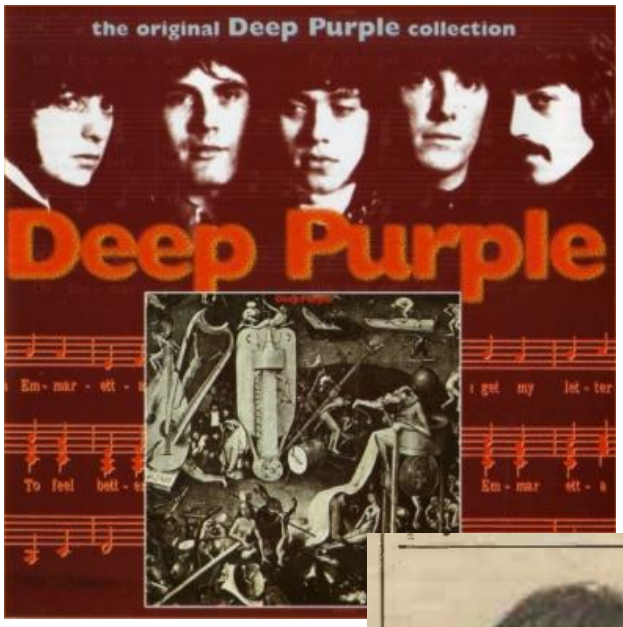
Longa faixa (12 minutos), dividida em três partes. Na primeira, uma performance instrumental, só com a banda. Começa com um teclado solene de Lord, seguido de uma rara passagem em que Blackmore usa a guitarra acústica. A música evolui bem, em um admirável desempenho de todos, com solos suaves e adequados, com um bonito acompanhamento de um coro ao fundo. Sem dúvida a faixa mais bem produzida entre as presentes nos três primeiros discos. Abruptamente há uma interrupção, quando começa a segunda parte, com orquestra de sopros e cordas, executando uma peça clássica, composta e arranjada por Lord. Aqui ocorre uma prévia do que acontece no Concerto – a parte clássica funciona por si só, independente das intervenções da banda. Novo corte abrupto, entra a bateria iniciando a terceira parte, que não tem nada a ver com a anterior e é executada pela banda toda. Nitidamente nessa faixa se configura a linha evolutiva que começou com a *Anthem*, passou pela *April* e resultou no disco seguinte, o "Concerto For Group And Orchestra".

Nota: 7

Complementos

Este foi o único entre os LPs de estúdio da banda gravados nas décadas de sessenta/setenta que nunca foi lançado no Brasil. Como para que compensar a falta deste disco em vinil, a EMI lançou no Brasil duas versões diferentes em CD. A primeira é de 1989, tendo como código de catálogo 7 92409 2. A segunda é a que faz parte da série "The Original Deep Purple Collection", tendo como código EMI 7243 5 21597 2, pela EMI Music. Nessa reedição existem cinco faixas extras: duas versões diferentes de *Emmaretta*, além de gravações alternativas para *Bird has flown*, *Lalena* e *The painter*. Como sempre, traz encarte de grande qualidade. Na coletânea "Early Years" foram inseridas quatro faixas deste LP, sendo as novidades uma remixagem de *Blind* e uma versão instrumental de *Lalena*.

Dois compactos foram lançados na Inglaterra em 1969: *Emmaretta*/*Wring that neck*, em fevereiro e *Hallellujah*/*April Part I*, em julho. *Emmaretta* inaugurou a tradição da banda em lançar compactos com faixas não incluídas no disco. Por estar presente somente nesse compacto, ela se tornou certa raridade durante muito tempo, o que levou as gravadoras mundo afora a incluí-la em um monte de coletâneas, mesmo sendo uma faixa fraca. O lado A do outro compacto trouxe *Hallellujah,* a primeira canção gravada pela MK II, uma composição de terceiros. O lado B trouxe a indicação "Part 1", uma forma que encontraram para justificar a redução feita de modo que coubesse no disco.



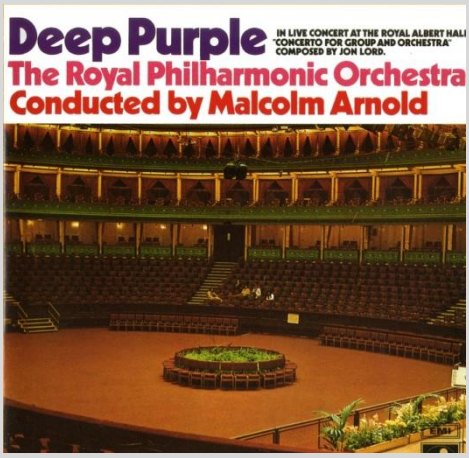
Ao lado, capa de um dos dois lançamentos em CD do terceiro disco da banda no Brasil. Abaixo, reprodução de matéria publicada em 15 de dezembro de 1973 no jornal musical semanal inglês Record Mirror, relatando o processo que Nick Simper abriu contra a banda devido à forma como ocorreu sua demissão.

Deep Purple in court

NICHOLAS SIMPER, formerly bass guitarist with Deep Purple, is suing the group and their management, HEC Enterprises, claiming breach of contract damages for alleged wrongful dismissal.

Simper alleges that the group did not tell him rehearsal times, and secretly allowed Roger Glover, his successor with Deep Purple, to play instead. He is suing for loss of earnings and the return of musical equipment worth £1,200. The group and their company are defending the action.

Capitulo 6
Concerto For Group And Orchestra



Concerto For Group And Orchestra

Mark II

5,0

A

1. First movement:
Moderato – Alegro (19:05)
2. Second movement:
Andante – Part 1

B

3. Second movement:
Andante – Conclusion (19:00)
4. Third movement:
Vivace – Presto (15:24)

Produção: Edwards-Coletta
Gravação: De Lane Lea Recording Mobile Unit
Engenheiros: David Siddle e Martin Birch
Capa: Castle, Chappell & Partners Ltd.
Lançamento: Janeiro de 1970
Gravadora/Selo/Código: EMI/Harvest/SHVL 767
Lançamento no Brasil: 1976

Visão geral

O objetivo desta Discografia é comentar os discos de estúdio. O "Concerto" é um disco ao vivo, o que seria uma boa justificativa para não citá-lo. Outra razão é que ele não é *bem* um disco do Deep Purple. Se os três primeiros não representam o verdadeiro som da banda, o que dizer então deste? Mas, audaciosamente ele será aqui discutido, mesmo com todas as dificuldades que envolvem escrever sobre essa obra, que é, conforme diz o nome, um concerto para orquestra sinfônica, interrompida por algumas intervenções de uma banda de Rock.

Um ponto importante: este disco registra o início da gloriosa segunda formação, a MK II. Neste momento Blackmore também passava à MK II em sua longa série de casamentos, que chegou à MK V com a Candice Night. Haja desconto no holerite, com tanta pensão... Outra marca importante é o início do trabalho de Martin Birch com o Purple. Birch teve sua parcela de colaboração para o sucesso da banda, primeiro como engenheiro de som, depois como produtor. Infelizmente, Birch faleceu precocemente, aos 71 anos, em agosto de 2020.

A banda e *Sir* Malcom Arnold

O disco pode ser encarado como um dos produtos de uma grande jogada de marketing da HEC, que viu no evento uma excelente chance para promover a banda. Afinal, não era todo dia que uma banda de Rock se apresentada com a Royal Philharmonic Orchestra, conduzida pelo seu titular, o conceituado maestro (e *Sir*) Malcolm Arnold e, ainda por cima, no tradicionalíssimo Royal Albert Hall. Houve grande cobertura da imprensa inglesa, o que serviu para, finalmente, chamar a atenção para a banda, que ainda era obscura em sua terra natal. A badalação não refletiu no sucesso do LP, embora finalmente tenha levado à banda às paradas inglesas, com um honroso 26º lugar. Nos Estados Unidos, não foi muito melhor do que o anterior, atingindo um pouco comemorável 149º lugar.

Em entrevista publicada no blog de Andrew Darlington em julho de 2012, Lord disse que sua inspiração para compor o Concerto veio do disco

"Bernstein Plays Brubeck Plays Bernstein", de 1961, com o Dave Brubeck Quartet e a New York Philharmonic, conduzida por Leonard Bernstein. O lado A contém a obra de Brubeck *Dialogue for Jazz Combo and Orchestra*. Lord pensou: "não seria legal fazer algo parecido com uma banda de Rock?".

O LP serviu para aumentar a confusão sobre qual era a identidade musical da banda. Era um grupo underground ou um frequentador das paradas? Seu som era psicodélico, progressivo, pop ou uma mistura de tudo? A partir do "Concerto", entrou mais uma vertente – seria um grupo de música clássica? De qualquer forma, a tática deu certo, a banda estava na mídia. Era só acertar o próximo passo e a Inglaterra estaria conquistada.

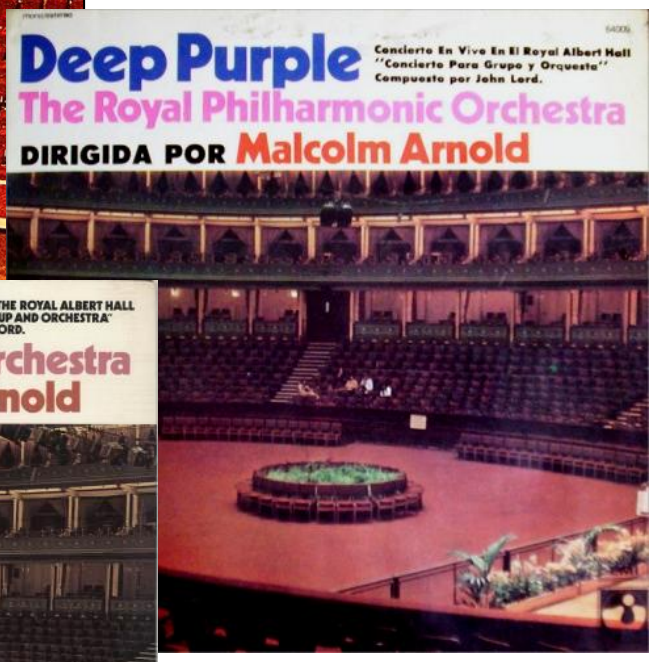
Título

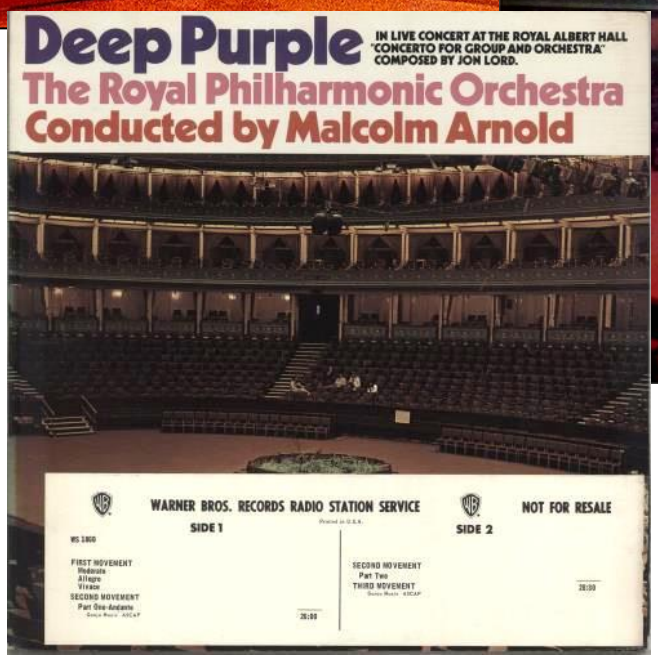
O título do disco é objetivo: usa o nome da obra de Lord. Não há erro de ortografia: "Concerto" é o nome em italiano para a obra, como se costuma usar nas composições clássicas, Da mesma forma, os movimentos receberam nomes em italiano: "moderato", "presto" etc.

Capa

A capa mostra a banda no interior do Royal Albert Hall vazio, resultando em um belo visual. Os títulos destacam os nomes da banda, orquestra e condutor. O nome da obra vem em letras pequenas. Capa dupla, com texto interno de Lord, comentando os três movimentos e a ideia geral de suas composições, além de uma cutucada nos críticos que, segundo ele, levaram a coisa toda muito a sério, pois a principal ideia era que aquele 24 de setembro de 1969 fosse apenas uma noite divertida o que, segundo ele, acabou acontecendo. A tradução completa das notas da capa pode ser encontrada na quarta edição do fanzine Into the Purple (Apêndice, ref. A.3).
Conceito: C.

Somente na Versão 11.1 deste opulento trabalho que consegui a prova de que o "Concerto" foi lançado pela Tetragrammaton, conforme mostram as reproduções dos selos ao lado.





Três capas curiosas: a da banda Opeth, sobre a qual não sei absolutamente nada, exceto que eles também gravaram um disco no Royal Albert Hall e que usaram o mesmo lay-out do "Concerto"; mais um caso de adaptação feita em uma edição argentina, com a tradução do texto frontal. Por fim, reprodução da capa da versão especial para rádios.

As faixas

First movement: Moderato-Alegro
Lord

Second movement: Andante
Lord (letras: Gillan)

Third movement: Vivace-Presto
Lord

A primeira abordagem sobre o disco é ao mesmo tempo polêmica e inócua, parecida com a questão sobre qual teria sido a primeira Ópera Rock: "seria esta obra de Lord a tentativa pioneira em unir orquestra e banda de Rock?". Na verdade, isso pouco importa. A audição mostra que as participações da banda e da orquestra de fato não se amalgamaram. No primeiro movimento isso é proposital. Nos demais, mesmo quando grupo e orquestra tocam juntos, não há liga. Nunca ouvi nenhuma opinião de um expert em música clássica sobre a qualidade do "Concerto" em relação à estética ou ao nível de dificuldade que envolve esse tipo de composição. O fato é que para um leigo, a obra de Lord tem melodias e momentos bastante agradáveis aos ouvidos no que diz respeito à parte orquestrada. A participação do Purple é correta, embora existam alguns exageros, principalmente na presença de um solo de Paice, perfeitamente dispensável no contexto. Na verdade, para mim, solos de bateria são sempre dispensáveis. Viraram uma obrigatoriedade nos shows de Rock, mas são uma chatice. Só me lembro de ter ouvido mais de uma vez dois solos de bateria: do próprio Paice, no "Made In Japan" e o do Cozy Powell no Rainbow, quando ele solava acompanhando a *Abertura 1812*, de Tchaikovsky. De volta ao "Concerto". Friamente. No caso de um fã recém-fisgado, este deve ser um dos últimos discos a ser incorporados à coleção. Vale, é lógico. Tem algumas belas melodias de Lord, solos de Blackmore e o Gillan cantando no segundo movimento, mas, certamente, é o disco do Purple que eu menos ouvi. Existia um mito de que o Gillan teria escrito a letra horas antes do ensaio para o show, fato que ele confirmou à SBADP em entrevista exclusiva (ref. A.1 do Apêndice), lembrando que anotou os versos à mesa de um restaurante italiano. Após essa experiência, Lord continuou exercitando sua verve clássica. Em

seguida ao "Concerto" compôs mais duas obras semelhantes: "Gemini Suite" e "Windows".
Nota: 5

Complementos

O espetáculo daquela noite foi dividido em três partes. O início foi somente com a Royal Philharmonic Orchestra, conduzida por Malcolm Arnold e interpretando uma sinfonia de autoria do maestro. Em seguida o Deep Purple executou, sem a orquestra, três músicas: *Wring that neck*, *Hush* e a até então inédita *Child in time*. Elas foram gravadas e posteriormente incluídas na compilação "Powerhouse", lançada em 1977. A terceira parte foi a apresentação do "Concerto", que foi filmada e lançada em VHS e depois em DVD, que todo fã do Purple já deve ter assistido, ao menos uma vez.

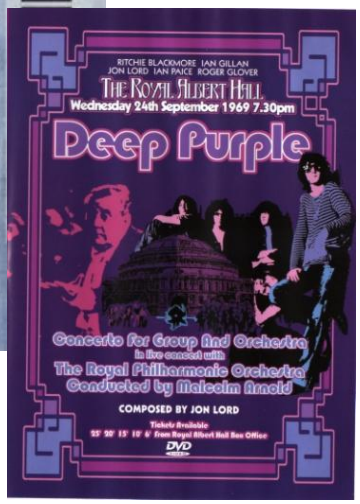
Uma das versões em vinil do "Concerto" é muito rara, pois pertence ao selo da Tetragrammaton, gravadora americana cujo proprietário era o comediante Bill Cosby e que lançou por lá os três primeiros discos do Purple. Acontece que essa gravadora faliu por volta da data de lançamento desse disco nos Estados Unidos. As cópias americanas do "Concerto" são, quase todas, da Warner, que assumiu o catálogo do Purple desde então.

Ao contrário do que foi citado na Versão 1.0 desta Discografia, o CD com o "Concerto" saiu no Brasil, em 2002 (EMI 07243 541006 2 8) e em uma edição caprichada, duplo e com sobrecapa. Nessa mídia o *Second movement: Andante* não tem a interrupção que ocorre no LP. No encarte da primeira edição do CD inglês (bem simples, nada comparável aos das demais reedições) existe uma saborosa história sobre o "Concerto", contada pelo Simon Robinson, que vale a pena reproduzir: poucas semanas após o "Concerto", o Deep Purple teve um show comum, só da banda, agendado em um clube chamado "Stoke on Trent". O dono era um fã apaixonado e estava consternado por não ter contratado uma orquestra para acompanhar o grupo naquela noite, pois sua expectativa era ver o "Concerto" apresentado em seu clube. Porém, havia uma seção

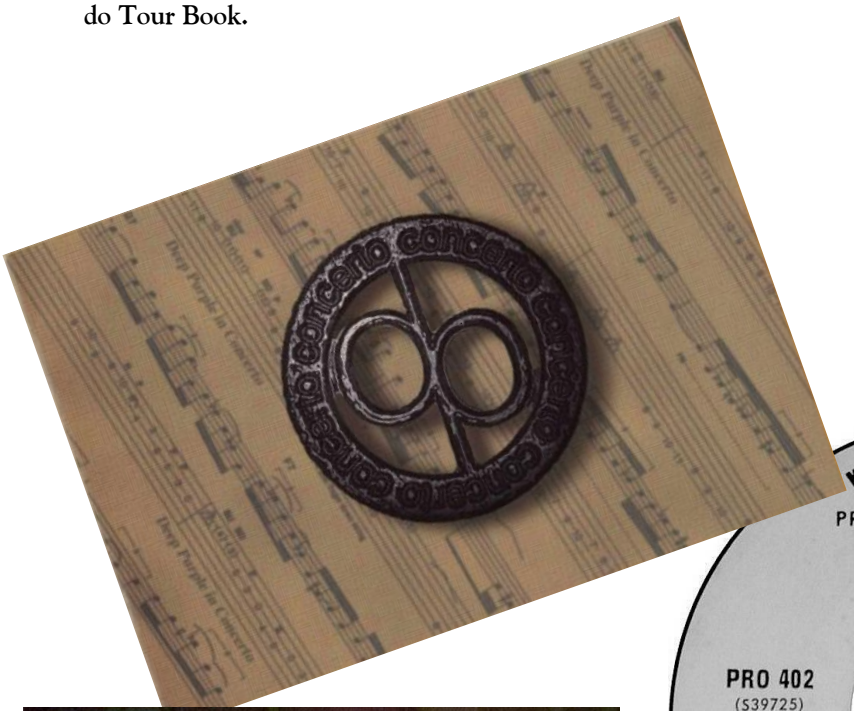
de metais que fazia parte da banda local e eles toparam acompanhar os músicos do Purple. Nas palavras literais de Simon: "a uma audiência estimada em cinquenta pessoas foi oferecido o provavelmente mais estranho show do Deep Purple de todos os tempos". A edição em CD de 2002 traz um encarte bem completo, ao nível das demais reedições (incluindo aí a versão brasileira), mas essa história ficou de fora.

Além dessa apresentação, o "Concerto" foi executado, em versão resumida, mais uma vez, na primeira excursão da MK II pelos Estados Unidos. Foi em agosto de 1970, no Hollywood Bowl. Lord tem más lembranças desse show, pois a orquestra não estava muito contente em tocar com uma banda de Rock e o resultado não foi dos melhores. Mas o pior ocorreu no retorno à Londres, quando as partituras originais do "Concerto" se perderam.

O Deep Purple só voltaria a apresentar o "Concerto" quase 30 anos depois, em setembro de 1999, novamente no Royal Albert Hall. Isso graças a Marco de Goeij, um holandês que havia escolhido recriar a partitura da obra de Lord como tese de seu curso de música. Ele encontrou Lord em Rotterdam e lhe mostrou o que havia conseguido reescrever do *First movement*, em grande parte por meio de incontáveis observações do vídeo do "Concerto" original, extraindo as notas a partir da posição dos dedos do violinista. Lord e Marco, com a ajuda de outro fã, o maestro Paul Mann, conseguiram recuperar integralmente a obra. Foi então montada uma turnê de comemoração dos 30 anos do "Concerto", que passou pelo Brasil em setembro de 2000. O Eremita teve a felicidade de assistir a um dos espetáculos. Novos CD (duplo) e DVD foram lançados, com o registro dos shows da Inglaterra.

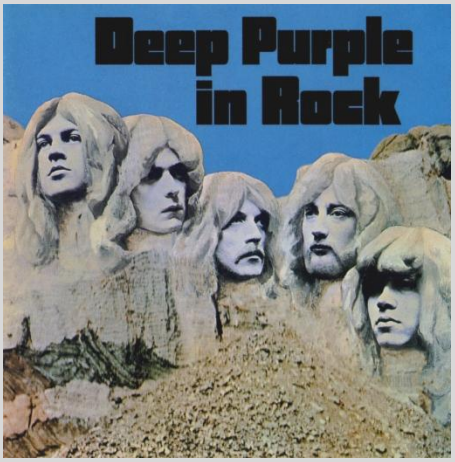


Reproduções das edições brasileiras em CD (sobrecapa) e DVD (capa) do "Concerto", primeira versão. Cópias do ingresso e da capa do Tour Book.



Ao lado: publicidade da turnê brasileira (shows de São Paulo) em setembro de 2000, quando a banda apresentou o "Concerto" acompanhada pela Orquestra Jazz Sinfônica. Para o restante do show havia outros convidados, entre eles, Ronnie James Dio. Acima: reprodução do selo de um raro compacto promocional lançado pela Warner Bros para divulgar o "Concerto" nas rádios americanas com um minuto de duração!

Capitulo 7
In Rock



In Rock

Mark II

9,3

A
1. Speed king (5:53)
2. Bloodsucker (4:13)
3. Child in time (10:18)
B
4. Flight of the rat (7:55)
5. Into the fire (3:29)
6. Living wreck (4:31)
7. Hard lovin' man (7:10)

Produção: Deep Purple
Gravação: IBC; De Lane Lea e Abbey Road Studios
Engenheiros: Andy Knight; Martin Birch
e Philip McDonald; respectivamente
Capa: Edwards Coletta Productions/
Nesbit Phipps & Froome
Lançamento: Junho de 1970
Gravadora/Selo/Código: EMI/Harvest/SHVL 777
Lançamento no Brasil: 1973

Visão geral

Este disco marca o início de uma carreira que tornou o Deep Purple uma das bandas mais adoradas, conhecidas e lucrativas do planeta. Deram um basta nas canções Pop. Pararam com o psicodelismo. Encerrado o ciclo de orquestrações. Nada mais de imitações de segunda do Elvis e, ainda bem, o início de novos cortes de cabelo. A já referida química entre os cinco músicos começou a fazer efeito e eles produziram uma obra de altíssima qualidade, um dos melhores discos da história do Rock.

À parte da questão musical, o "In Rock" iniciou um padrão que foi mantido até o "Who Do We Think": sete faixas por disco (até mesmo no "Made In Japan", um álbum duplo e ao vivo!); créditos das músicas

divididos entre os cinco componentes (Blackmore, Gillan, Glover, Lord, Paice – desse modo, seguindo a ordem alfabética); capas duplas e a ausência de covers. Estas eventualmente surgiam nas apresentações ao vivo, como *Lucille*, por exemplo.

Na parte musical, a banda finalmente achou seu rumo, seu estilo, sua identidade, sua vocação: o Rock pesado, conhecido internacionalmente pelo consagrado rótulo de "Hard Rock". Essa era a direção musical que Blackmore buscava e, a partir desse momento, ele assumiu a liderança da banda.

Parte do sucesso do Deep Purple vem de seus discos que, de um modo geral, apresentam repertórios fortes, com composições de qualidade acima da média e interpretadas por músicos muito acima da média (a outra parte vem do desempenho da banda ao vivo). Uma coisa sempre me chamou a atenção: as músicas que compõem os discos do Deep Purple, ao contrário do que acontece com muitas bandas, não são amarradas em um esquema que vai se repetindo com o passar das faixas, diferenciadas por leves variações. Nos discos do Purple, as faixas não se parecem umas com as outras, embora sejam facilmente associadas à banda após alguns segundos de audição. Isso acontece mesmo no "In Rock", um disco de faixas pesadas, baseadas na estrutura padrão desse tipo de música, ou seja: riff/estrofe/refrão/solo/riff/estrofe/refrão. Esse tipo de esquema tende a deixar as composições um tanto enfadonhas e previsíveis. Exceto, é claro, quando se trata, acima de tudo, de boa música, feita com talento e criatividade, que podem ser aplicados mesmo dentro de padrões batidos. O "In Rock" contém vários clássicos, entre eles *Child in time*, canção emblemática para Gillan. Já recebeu mais de 30 regravações por artistas diversos (entre eles, o próprio Gillan). Apesar disso, não é a campeã de regravações entre as composições da banda. *Highway star* também está na casa das 30 versões. A campeã disparada é *Smoke on the water*, com mais de sessenta registros.

Embora o "In Rock" seja um clássico do estilo, não foi o Purple que inventou o Rock pesado. Em junho de 70, quando o "In Rock" surgiu, já haviam saído os dois Leds e o primeiro do Sabbath, além de muitos outros

discos de outras bandas representantes do estilo. O que torna este disco indispensável para os que gostam de Hard Rock é o conjunto da obra – todas as suas sete faixas estão entre as músicas que melhor exprimem a essência do estilo.

Com este disco finalmente a banda ficou conhecida na Inglaterra. Foi um sucesso de vendas, chegando ao quarto lugar nas paradas britânicas. Nos Estados Unidos, por ironia, não foi tão bem, no início. Todos os demais detalhes sobre este disco podem ser encontrados no livro "Wait for the Ricochet", apresentado mais à frente, na Bibliografia.

Este álbum traz a segunda colaboração de Martin Birch, ainda como Engenheiro de Gravação, nas faixas que foram registradas nos estúdios De Lane Lea, mesmo lugar onde fora gravado o terceiro disco. A nota que consta na parte interna da capa, dedicando a *Hard lovin' man* a ele é sintomática: "*para Martin Birch, catalisador*". Foi citada a química entre os integrantes da banda. Birch fez a catálise, acelerando a reação e o resultado está registrado nos grandes discos do Purple.

O citado De Lane Lea mudou de endereço, deixando todos os equipamentos para trás. Gillan acabou comprando as instalações. Foi um dos investimentos que ele fez ao sair do Purple em 1973. Ele o rebatizou como Kingsway Recorders ("Kingsway" é o nome da rua onde o estúdio se localizava). Nesse estúdio Gillan gravou vários de seus trabalhos solo. Nele também foram gravados o primeiro disco solo do Coverdale e o "Butterfly Ball", entre outros. Mais informações sobre o Kingsway estão no livro "Ian Gillan: Vida-Discos-Vídeos" (ver Apêndice ref. A.12).

Apesar do disco ter sido gravado aos pedaços, em três estúdios diferentes, com meses de espaçamento entre as gravações, isso não afetou sua qualidade. A moçada estava se conhecendo e estavam todos entusiasmados com o novo som. Essa forma de trabalhar foi repetida em dois dos três discos seguintes e, nesses casos, acabou refletindo de forma danosa no produto final.

Título

Trata-se de um trocadilho. "In Rock" tem o duplo sentido: estão "na pedra" (tradução literal de "in rock"), referência à ilustração da capa e também estão no Rock. É um recado: partiram de vez pro Rock.

Capa

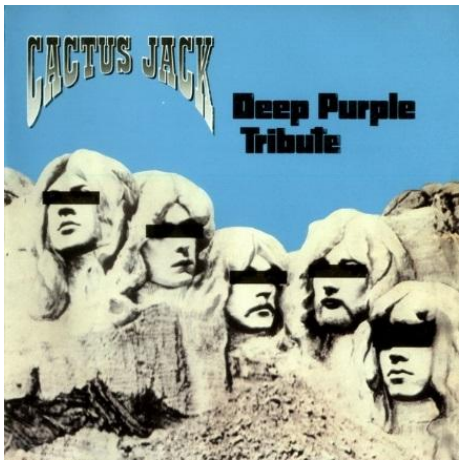
Uma boa ideia, mais para truque de marketing do que para uma preocupação com a concepção artística. O modelo foi o famoso monumento americano, o Monte Rushmore, esculpido em pedra nas montanhas de Keystone, Dakota do Sul. Nessa obra do escultor Gutzon Borglum, que levou 15 anos para ser concluída, estão os rostos de quatro presidentes americanos (Washington, Jefferson, Roosevelt e Lincoln – não confundir com o ataque da Portuguesa de 2008). O estúdio que fez a capa para o "In Rock" teve que dar um jeito de inserir um quinto rosto. No caso, foi o do Paice, que ficou em uma posição que não consta na obra original.

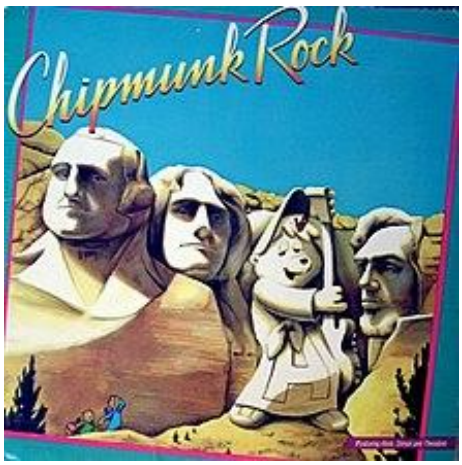
O Monte Rushmore não inspirou apenas os empresários do Purple. Existem várias outras capas baseadas nesse monumento, mostradas nas imagens a seguir, todas de lançamentos posteriores ao "In Rock".

Cary Grant em cena do filme "Intriga Internacional" ("North by Northwest", 1959), de Alfred Hitchcock, que tem parte da trama em um cenário que reproduz o monumento do Monte Rushmore, visto ao fundo.

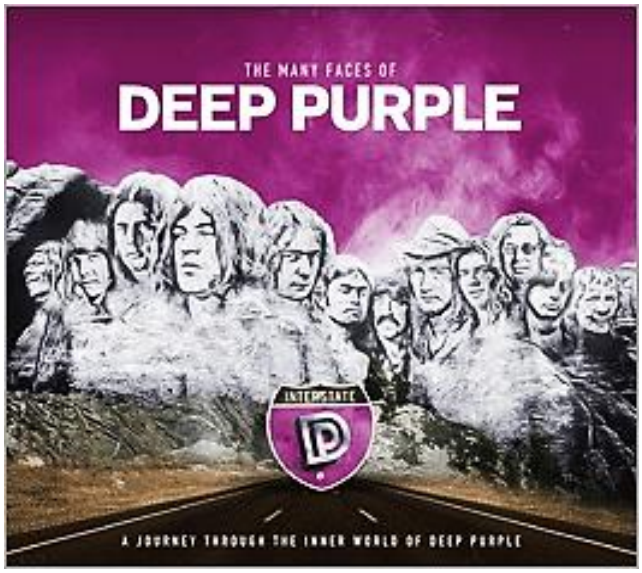
A arte do disco é razoável. A reprodução das feições dos músicos foi realista, mas o resto da paisagem ficou um pouco grosseiro. Juntamente com o céu chapado, sem nuvens ou nuances de cor, infantilizaram o desenho. Com um pouco mais de capricho, o efeito seria bem melhor. A fonte das letras usada para compor os títulos da capa foram criadas especialmente para o disco pelo estúdio (o mesmo que produziu a capa de "Burn"). Internamente o disco traz a ficha técnica, fotos dos músicos e as letras. Deste disco em diante, todos do Purple foram acompanhados das letras.

Conceito: B.

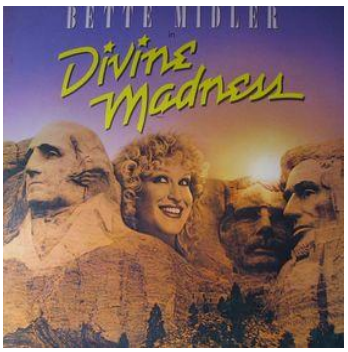


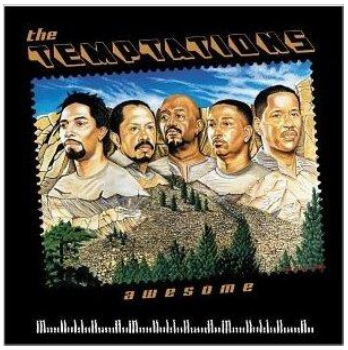


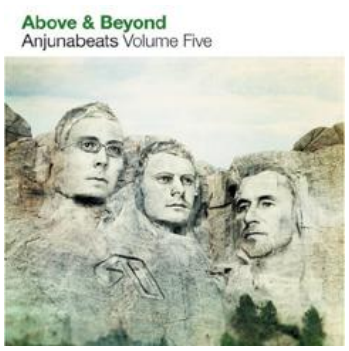
Algumas capas curiosas derivadas do "In Rock". A primeira à esquerda foi extraída do livro "Wait for the Ricochet" e é do disco do guitarrista japonês King Curlee. Ao lado, obra de um certo Harvezt, mostrando sua visão traseira da capa. Na linha de baixo, disco tributo da banda sérvia Cactus Jack, um duplo ao vivo gravado em 2002. Apesar de ter usado a capa do "In Rock", só *Speed King* do disco original foi regravada (e o single *Black Night*). As demais faixas são covers de clássicos de outros discos do Purple. Por fim, até os insuportáveis Alvin e os Esquilos tiraram uma onda, no disco de 1982, "Chipmunk Rock" (totalmente perdível).

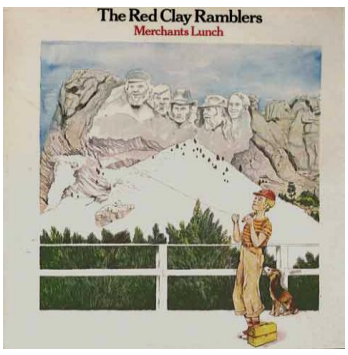


Mais capas curiosas. Abaixo, capas de outros discos que se inspiraram no mesmo monumento. Acima, a capa (horrível!) de mais um dos infindáveis lançamentos caça-níqueis envolvendo o Purple. Este foi lançado no Brasil em 2014. Trata-se de CD triplo, reunindo faixas de artistas variados, todas com alguma ligação com o Purple, como músicas de discos-solo ou de bandas derivadas. Este espaço não é reservado à críticas de discos, mas vamos lá: alguns itens até que são interessantes e de acesso mais difícil (embora, a rigor, a Internet acabou com essa história de discos e faixas raras), como as covers que o Funky Junction fez de clássicos púrpuras ou a interpretação supercanastrônica do William Shatner (sim, o Capitão Kirk, de "Jornada nas Estrelas") para *Space Truckin'*, com Paice na bateria. Tem algumas forçadas de barra, como a inclusão de *River deep, mountain high*, com Ike & Tina Turner, só pelo fato de ter sido regravada pelo Purple. Caça-níquel, sem dúvida. Mas, fazer o quê? Vem escrito "Deep Purple" na capa. Então eu comprei. Fã é tudo besta.









PURPLE RAGE

GERMAN FANS of Deep Purple stormed the stage at Ludenscheid during the groups two week tour, and wrecked £2,000 worth of equipment.

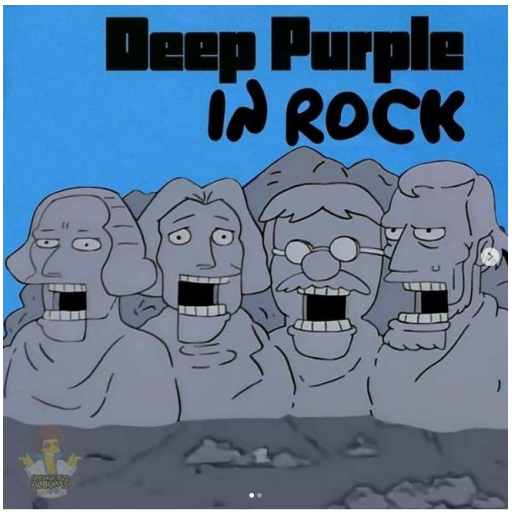
The group was playing as a quartet because lead guitarist Richie Blackmore has been taken ill and flown to London for specialist treatment. A crowd of youngsters rushed the stage as the group left, snatching up hammers and crowbars, and wrecking the organ PA system and three speaker cabinets.

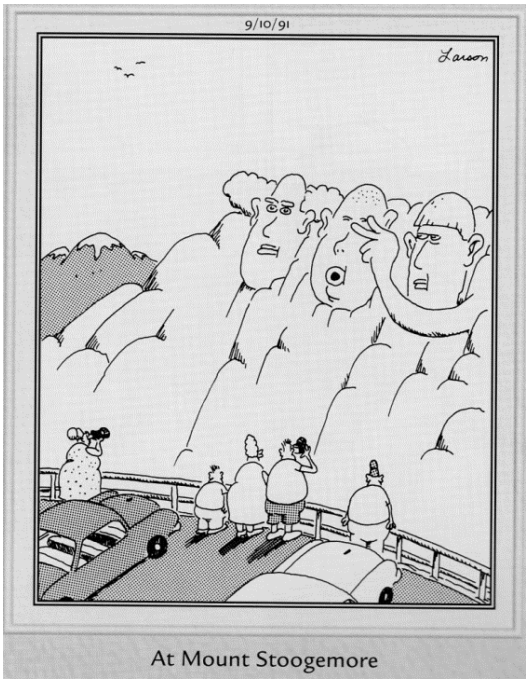
Deep Purple's concert in Kassel was cancelled and they awaited the arrival of new equipment from London, but things were back to normal at the weekend when Richie rejoined the group for a concert in Wurzburg and Stuttgart. Security men, police and soldiers were on standby to deal with rioters.

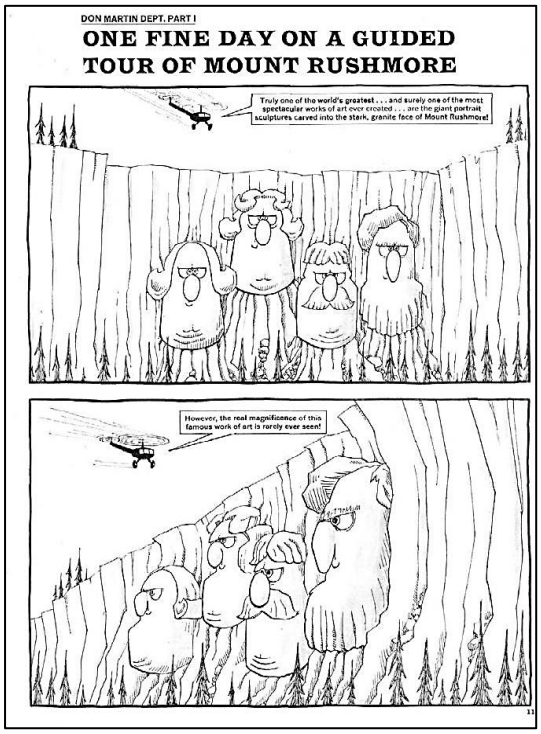
The group arrived back on Sunday feeling somewhat disconsolate. Vocalist Ian Gillan was suffering from tonsilitis and organist Jon Lord had a recurrence of his back trouble.

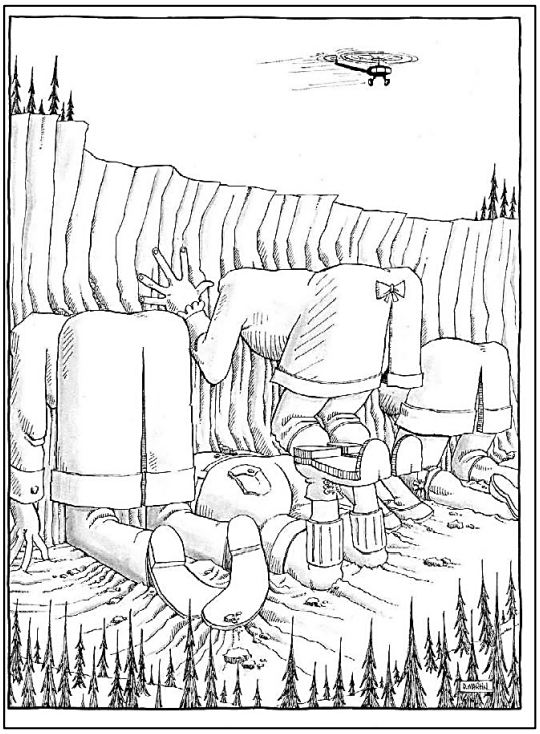
Recorte do Sounds, de 19 de dezembro de 1970, relatando a miséria em que estava a banda naquele momento. Blakmore ficou doente e não pode se apresentar na Alemanha. A banda entrou como um quarteto. A civilizada plateia foi compreensiva com a situação, invadindo o palco e destruindo os equipamentos. O show seguinte teve que ser cancelado devido à falta desses equipamentos. Ao voltarem para a Inglaterra, novas baixas: Ian Gillan com problemas na garganta e Lord com dores nas costas.

Um pouco de humor, juntando grandes cartunistas, sátiras divertidas ao Mont Rushmore e à capa do "In Rock". Abaixo, cartum de um dos artistas preferidos d'O Eremita, Gary Larson, com os 3 Patetas no lugar dos presidentes; ao lado, capa do disco com arte baseada nos Simpsons. Abaixo dele, uma possível versão para a contracapa, também extraída do livro "Wait for the ricochet". Essa arte pode ter sido plagiada (ou inspirada?) nos cartuns de outro dos preferidos d'O Eremita, Don Martin (MAD Nº 163), ao final da página.









O artista brasileiro Flávio Albino fez a obra acima, aperfeiçoando a ilustração original.

As faixas

Todas por Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

Speed king

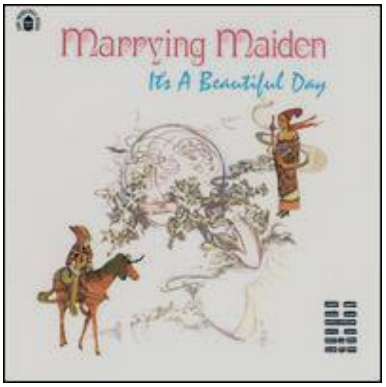
Mais uma marca registrada foi inaugurada com *Speed king*. A partir dela, as aberturas dos discos do Purple passaram a ser (quase) sempre arrasadoras. A música inicia com a banda abrindo a caixa de ferramentas – guitarra distorcida, bateria solando, uma barulheira muito, muito alta. Tão alta que essa introdução foi cortada na edição americana do LP. Depois da extravagância, entra um som de teclado bem calminho por alguns segundos e...tome porrada! Gillan anuncia com seus gritos: "eu sou o rei da velocidade!" O solo é um dos muitos exemplos da versatilidade dos músicos. O ritmo muda bruscamente e começa um duelo jazzístico entre Lord e Blackmore. Gradativamente Glover e Paice vão acelerando o andamento e o volume da base. Um grito daqueles do Gillan retoma a pauleira. Antes de terminar, um dos versos do refrão é interrompido por uma risada sacana. Quantos queixos caíram ao ouvir essa música pela primeira vez...
Nota: 10

Bloodsucker

Os queixos continuavam caídos quando a segunda faixa começava. Outra faixa poderosa, com os vocais de Gillan dominando, com aqueles gritos que depois seriam sua marca registrada, ao final de cada estrofe. No solo, de novo Lord e Blackmore se alternam, para um final impressionante. Gillan balbucia os versos finais, em uma espécie de gritaria ao mesmo tempo insana e contida.
Nota: 10

Child in time

Todo o mundo Rockeiro sabe: o começo da *Child in time* é copiado da música *Bombay calling* (tem um DVD do Purple com esse nome), faixa do primeiro LP, de 1969, da banda americana It's A Beatiful Day. Lord



nunca escondeu o fato. Na verdade, apenas a introdução é parecida. Os desenvolvimentos dos restantes das duas músicas são completamente diferentes. O It's A Beautiful Day levou o caso numa boa. Houve até uma espécie bem-humorada de "troco", pois eles usaram o riff de *Wring that neck* para compor *Don and Dewey*, faixa do LP "Marrying Maiden". Essa polêmica levou a mãe (!) de Jon Lord a se pronunciar em um jornal de sua cidade, defendendo o filho contra uma insinuação maldosa feita por um leitor (veja na Bibliografia reprodução dessa citação dentro do comentário sobre o livro "Wait for the Ricochet"). O controverso e apaixonante tema "O Deep Purple e os plágios" é novamente discutido nos "Complementos", quando é tratado o caso *Black night* e alguns outros.

Child in time é uma obra que tem um começo marcante, com as famosas notas emprestadas por Lord, segue com um canto suave de Gillan, interpretando uma das poucas letras do disco que tem algum sentido, para depois entrarem dois momentos consagradores: gritos inigualáveis e um dos grandes solos de Blackmore. Só mesmo Gillan para cantar *Child in time* do jeito que ficou imortalizada neste disco. O impressionante é que ele repetia a proeza ao vivo! Tem um pirata do Purple, chamado "Live In Kopenhagen 75" (provavelmente gravado durante o show do dia 20. mar.75), que registra Coverdale cantando *Child in time*! Rolou durante a execução de *Space truckin'*, momento em que a banda dedicava aos improvisos. Só que ele cantou apenas a estrofe, sem entrar na parte dos gritos.

A primeira cover que se tem notícia desta música está em um disco holandês de 1972 que tem o título de "Child in Time" e é uma verdadeira salada (ou talvez, uma torta holandesa). São cinco faixas, de três bandas diferentes. A cover de *Child in time* é a segunda do lado A e foi gravada ao vivo pela banda Pugh's Place (com 11'20" de duração!).

Nota: 10

Flight of the rat

Este não é somente um disco de grandes faixas. É também um álbum em que todos os músicos brilharam. Dependendo da faixa um deles se sobressai um pouquinho. Nesta, é a vez do Paice, especialmente pelas variações percussivas, ora acompanhando Blackmore, ora Lord, ora sozinho, no final. Curioso que, pela recusa do próprio Paice, ela nunca foi executada ao vivo.
Nota: 9

Into the fire

Outro riff matador. A gravação tem uma sonoridade curiosa. Existe uma distorção que dá a impressão que os alto-falantes estão rachados. A forma como Gillan berra o título da música ao final de cada estrofe é marcante.
Nota: 9

Living wreck

Outra faixa em que Paice arrebenta, quebrando a batida o tempo todo. Bela interpretação de Gillan, em uma letra levemente irônica. Na reprodução das letras na parte interna da capa, só constam as duas primeiras estrofes das três cantadas por Gillan. Embora não seja das mais comentadas, é uma das minhas preferidas do disco.
Nota: 9

Hard lovin' man

O começo parece um pouco com o da *Speed king*. Depois de uma abertura pesadona, uma acalmada só com o baixo de Glover marcando o ritmo e então entra o Hammond de Lord, fazendo um som que lembra um gato selvagem. O riff de guitarra é daquele tipo que foi apelidado por aqui de "cavalgada" (não fui eu quem inventou esse nome!). A parte vocal, para variar, é um dos pontos altos. O primeiro solo de guitarra é dobrado, em parte, o que não é muito comum no Purple (Na *Highway star* isso também acontece). Vão querer minha cabeça por isso, mas, acho que a faixa ficou pouca coisa mais longa do que deveria.
Nota: 8

Complementos

***Black night*, uma das músicas mais conhecidas do Deep Purple pertence às mesmas seções de gravação do "In Rock", mas não foi incluída no LP. Foi lançada em compacto, com *Speed king* do lado dois. Esse compacto saiu no Brasil e também vendeu bem por aqui (Apêndice, ref. A.2). Na Inglaterra, esse single foi lançado no dia 05.jun.1970 e alcançou o segundo lugar nas paradas.**

O "In Rock" foi o primeiro dos discos do Purple a receber uma edição especial de aniversário. Foi em 1995, portanto, 25 anos depois do lançamento original. Essa edição foi muito caprichada, com uma embalagem diferenciada, trazendo a reprodução dos autógrafos dos músicos na tampa da caixa do CD e um encarte transbordando de informações. A parte musical também tem seus encantos. Além das faixas normais do LP, trouxe uma inédita (*John Stew*), conversas de estúdio e três remixagens de Roger Glover. Um dos responsáveis pelo pacote foi Simon Robinson, que teve acesso aos arquivos da gravadora e pôde manipular as fitas dos registros originais, onde encontrou os itens extras incluídos nessa edição comemorativa.

Deep Purple – Plágios ou inspirações?

Uma das duas discussões inevitáveis entre Rockeiros é sobre plágios (a outra é sobre as listas com as preferências de cada um – os cinco melhores discos de todos os tempos e coisas do gênero). Alerta: deve-se ter cuidado em diferenciar "plágio" de "inspiração". Um exemplo para ilustrar a diferença é o caso da *Mistreated*. Blackmore declarou em uma entrevista à Guitar Player (traduzida na Into the Purple 3 – Apêndice, ref. A.3) que ela havia sido *inspirada* na *Heartbreaker*, do Free. Poucas pessoas fizeram a associação entre as duas músicas até que a entrevista fosse publicada. Depois, passou a ser óbvio – as músicas têm um mesmo jeitão, mas são muito diferentes. Existem muitas teorias sobre os plágios. Uma vez, em uma dessas enriquecedoras conversas de bar, após algumas cervejas, um fã do Purple me falou que *Smoke on the water* havia sido plagiada de uma música do Tom Jobim! Devemos lembrar que o artista reflete seu ambiente e é carregado de influências. A segunda música criada na Terra foi influenciada pela primeira. A mesma coisa acontece nas outras artes. O meu texto, por exemplo, tem influências diversas, algumas claramente identificáveis, como Shakespeare e Carlos Zéfiro, autores de inquestionável relevância. É inevitável. Por isso devemos ter cuidado com essa história de plágios. Nada de menosprezar boas criações, só porque alguém levantou uma suspeita do tipo "ah, essa música aí? Cópia de uma que saiu na trilha sonora de um filme albanês do final do século XIX".

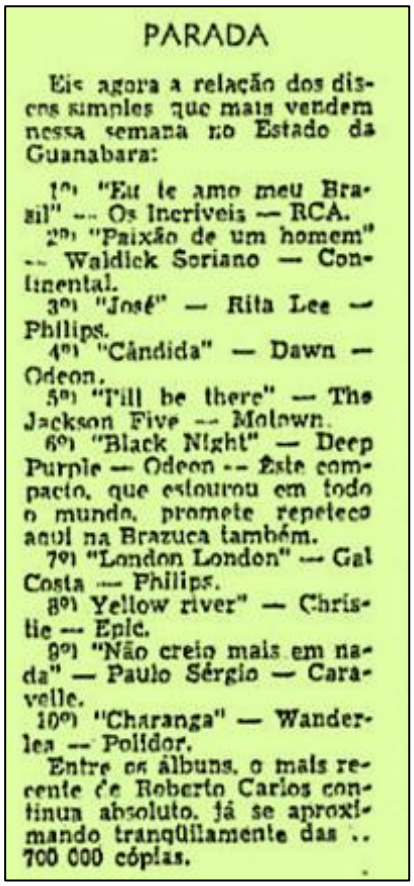
Toda essa argumentação é por causa da *Black night*. O encarte da edição de aniversário do "In Rock" (comentado mais à frente) cita que Blackmore teria "emprestado" as notas da *Summertime*, na versão de Ricky Nelson para a música de Gershwin/Heyward. O próprio Blackmore confessa isso. Mas, ouvindo a *(We ain't got) nothing yet*, da banda The Blues Magoos, lançada em 1966 e que fez sucesso nos EUA (mas não na Inglaterra) é possível afirmar que ela e *Black night* são escandalosamente parecidas. Parecidas a ponto de não poder não ser um plágio. Nunca li isso em lugar nenhum, mas tenho a convicção que a HEC deve ter feito um acordo velado com os Blues

Magoos, recompensando financeiramente os rapazes para não virem a público desmascarar nossos heróis.

Existem outras músicas do Purple que são tachadas como plágio. Nada que se compare ao Led Zeppelin de Jimmy Page, o recordista em plágios. Blackmore, ao contrário de Page, divulgou várias de suas fontes, como, por exemplo, *Speed king*, que foi baseada em *Stone free* de Jimmi Hendrix e *Lazy*, inspirada em *Steppin' out*, do Cream. Resumindo a questão: existem músicas que podem ser consideradas plágios no repertório do Purple. Duas, ao meu ver: *Black night* e *Fireball*. As demais citadas eu considero inspirações. Pontos de partida, centelhas, com resultados totalmente distintos das quais derivaram.

Existe, ainda, um fenômeno que deve ser considerado no caso de se avaliar (ou acusar) como plagiarismo uma composição musical, chamado de criptomnésia. Segundo a Wikipedia, "ocorre quando uma memória esquecida retorna sem ser reconhecida como tal pelo sujeito, que acredita ser algo novo e original. É um viés de memória pelo qual uma pessoa pode se lembrar falsamente de gerar um pensamento, uma idéia, uma música, um nome ou uma piada, que não se envolve deliberadamente em plágio, mas que experimenta uma memória como se fosse uma nova inspiração". Foi a criptomnésia que me fez pensar que a frase "penso, logo existo" havia sido minha criação, conforme registrei orgulhosamente em uma redação na segunda série do colegial.

Ao longo do texto, outros casos controversos sobre a questão da originalidade das composições são discutidos. Mas, se quiser tirar todas essas dúvidas metafísicas e cromossômicas se se trata de plágio ou inspiração basta ouvir (gratuitamente e sem intervalos comerciais) os quatro primeiros Purple Casts d'O Eremita, com os respectivos exemplos e com todas as músicas originais e as derivadas reproduzidas: https://www.arquivosdoeremita.com.br/purple-casts/.

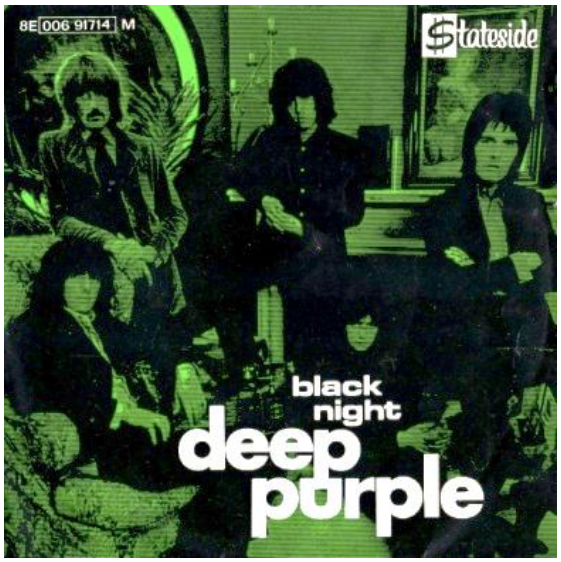


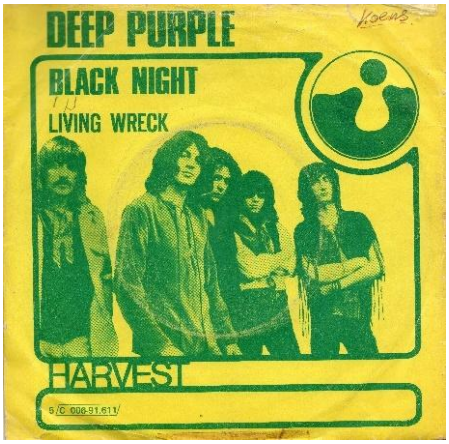
PARADA

Eis agora a relação dos discos simples que mais vendem nessa semana no Estado da Guanabara:

1º) "Eu te amo meu Brasil" — Os Incríveis — RCA.
2º) "Paixão de um homem" — Waldick Soriano — Continental.
3º) "José" — Rita Lee — Philips.
4º) "Cândida" — Dawn — Odeon.
5º) "Till be there" — The Jackson Five — Motown.
6º) "Black Night" — Deep Purple — Odeon — Êste compacto, que estourou em todo o mundo, promete repeteco aqui na Brazuca também.
7º) "London London" — Gal Costa — Philips.
8º) Yellow river" — Christie — Epic.
9º) "Não creio mais em nada" — Paulo Sérgio — Caravelle.
10º) "Charanga" — Wanderlea — Polidor.

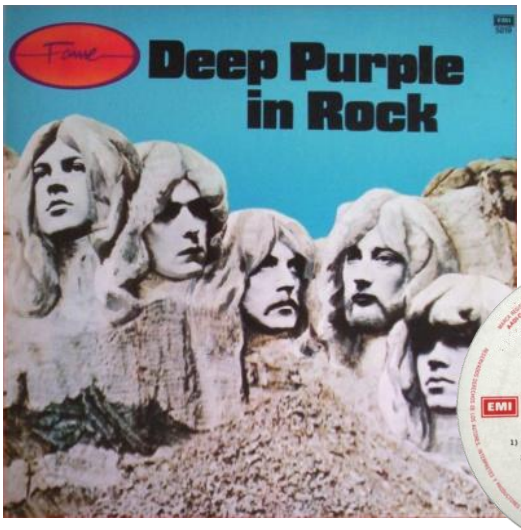
Entre os álbuns, o mais recente de Roberto Carlos continua absoluto, já se aproximando tranqüilamente das .. 700 000 cópias.

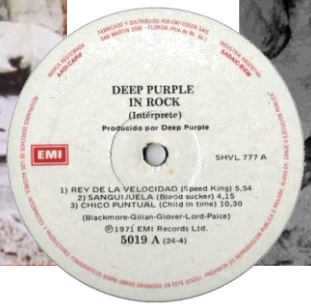


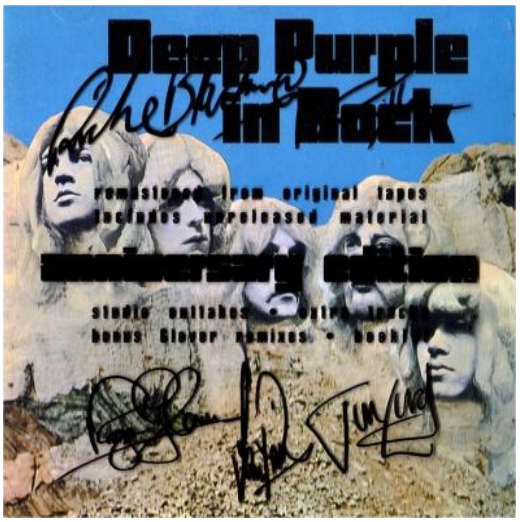


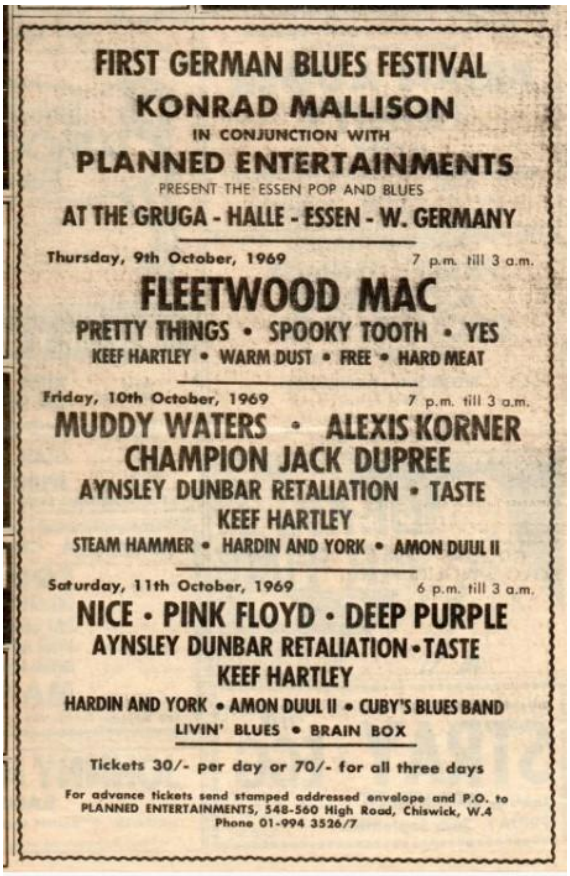
Do alto esquerdo, recorte do jornal "O Globo", de 23 de julho de 1970, que mostra que *Black night* também frequentou as paradas no Brasil, atingindo o 6º lugar, apenas três posições abaixo do ... Waldick Soriano! Em primeiro lugar podemos ver que estava *Brasil, eu te amo*, em versão com a banda Os Incríveis, comentada no início deste texto. Do lado direito, capa da versão portuguesa do compacto da mesma *Black Night*, adequadamente ilustrada com uma foto da MK I (!). Esses nossos patrícios... Embaixo, capa da versão brasileira em fita cassete, que não deixava sombra de dúvida quanto a se tratar de uma gravação em estéreo. Ao lado, capa do single original da coleção d'O Eremita, em mais uma homenagem dos ingleses às cores do Brasil. No final, capa de single italiano.

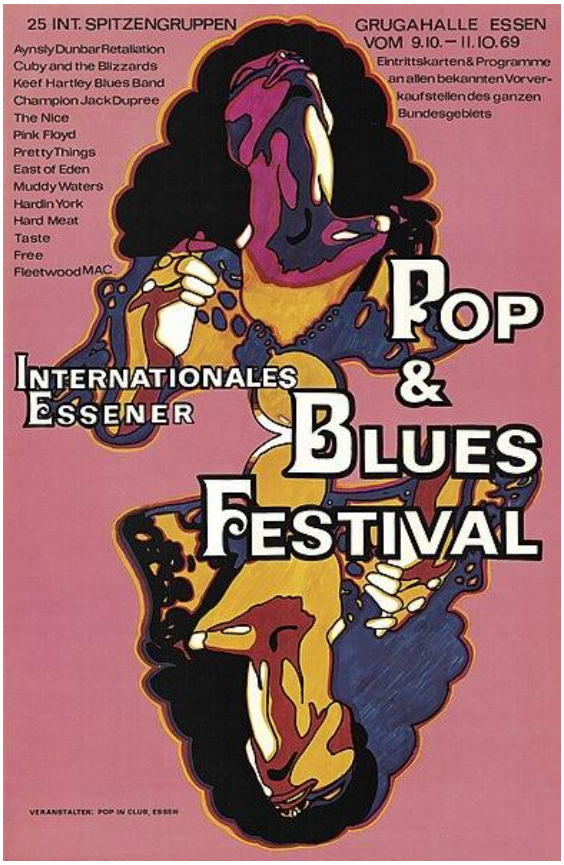
Abaixo: capa, contracapa e selo da edição argentina. Como é usual, os títulos das músicas estão traduzidos. "Chico pontual" é a tradução para, isso mesmo, *Child in time*! Mais abaixo, edição especial em LP lançada pela revista alemã Horzu, com o fundo da capa alterada para branco. Outra diferença é a abertura para o disco, que fica do lado oposto ao normal, uma coisa bem prática, que faz com que seja obrigatório abrir a capa para colocar ou tirar o vinil. No detalhe, o selo. Ao lado, o CD comemorativo de 25 anos do lançamento original. Mais abaixo ainda, dois anúncios de shows, publicados no Melody Maker em 18 de abril de 1970.











Acima, anúncio e cartaz de festival alemão, com a apresentação do Purple agendada para 11 de outubro de 1969. Ao lado, single italiano *Black night*/*Speed king* e abaixo ilustração que acompanhava o vídeo promocional com versão adaptada de *Child in time* como trilha da série de TV "Stranger Things" (2025).

Capitulo 8
Fireball

Fireball

Mark II

8,3

A

1. Fireball (3:25)
2. No no no (6:50)
3. Demon's eye (5:15)
4. Anyone's daughter (4:40)

B

5. The mule (5:20)
6. Fools (8:15)
7. No one came (6:25)

Produção: Deep Purple
Gravação: De Lane Lea e Olympic Studios
Engenheiros: Martin Birch; Lou Austin e Alan O' Duffy
Capa: Castle, Chappel and Partners Limited
Lançamento: Setembro de 1971
Gravadora/Selo/Código: EMI/Harvest/SHVL 793
Lançamento no Brasil: 1972

Visão geral

Nesse momento da carreira, nossa banda predileta era um sucesso. Finalmente eram ídolos em seu país. Seus discos vendiam muito bem e a agenda de shows ia crescendo. Não era hora de repetir erros do passado. Um deles seria tentar gravar um novo "In Rock", como o que aconteceu com o "Book" em relação ao "Shades". Essa mancada a banda não deu. Este é um disco bem diferente do "In Rock". Ao contrário do que se esperaria, ou seja, confortavelmente se apegar ao estilo do anterior e realizar um disco inteiro pesado, abriram espaço para o experimentalismo, tentando vários novos caminhos, chegando até a gravar um country! Do outro erro, eles não escaparam – assim como no "In Rock", a gravação do disco foi fragmentada, com seções sendo agendadas e interrompidas para dar espaço aos shows. Com isso, não houve a concentração desejada

dos músicos no projeto do novo disco. O reflexo foi que o "Fireball", embora seja um de seus álbuns clássicos, não foi tão espetacular quanto seu antecessor. Apesar disso, conseguiu melhores posições nas paradas, empurrado pelas vendas do "In Rock" (que após mais de um ano de seu lançamento ainda constava na lista dos mais vendidos) e pelo êxito da *Black night.* O álbum foi um dos dois de inéditas do Purple a atingir o primeiro lugar na Inglaterra (o outro foi o "Machine Head") e chegou ao 32º posto nos EUA. Sintomaticamente, poucas de suas músicas integraram o repertório dos shows. A faixa-título e *Anyone's daughter* permaneceram pouco tempo e as demais nem entraram. A única que ficou um pouco mais foi *The mule*, por ser aquela em que Paice fazia seu solo. Nesse momento, o ambiente interno começava a apresentar os primeiros sinais de desgaste, com o choque de egos entre Gillan e Blackmore, este cada vez mais consolidado como o líder da banda.

Título

Pela primeira vez foi usado o nome de uma faixa como título do disco, fato que se repetiu algumas outras vezes e que é algo que não dá campo para comentários muito longos. Umas três linhas, no máximo.

Capa

Cinco rostos com torsos improváveis inseridos em uma espécie de cometa, que descreve um caminho ainda mais improvável, saindo de um planeta em uma trajetória em espiral. Aparentemente, Glover é o culpado pela ideia, pois dois de seus esboços para a capa foram reproduzidos no livreto que acompanha a edição de aniversário do "Fireball". A parte interna do LP original traz a ficha técnica e uma foto de cada integrante, pequenas e em preto e branco. As letras vieram em um encarte avulso. O Purple seguia honrando sua tradição de não ter capas antológicas. Ao lado, capa "firebolística" de Edgar Winter (1972)

Conceito: C.

As faixas

Todas por Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

Fireball

O primeiro som que se ouve é a gravação do ar condicionado do estúdio sendo ligado. Uma bateria avassaladora, com Paice usando dois bumbos, inicia a música, que tem um riff simples, mas muito pesado e rápido, um grande vocal de Gillan e um solo incomum, executado por Glover em seu baixo Rickenbaker. Estabeleceu-se a tradição de faixas de abertura arrasa-quarteirão dos discos do Purple, iniciada com a *Speed king*. Para mim, a melhor atração da edição comemorativa do "Fireball" é a versão instrumental desta música. Ouvir somente a base é um jeito diferente e surpreendente de apreciar a música, pois detalhes antes encobertos pelos solos e pelo vocal são revelados. É mais uma mostra que a competência da banda começava pela sua "cozinha". Em janeiro de 2014 fiquei sabendo pelo "Ritchie Blackmore Channel" no Youtube de algo que me deixou um tanto quanto chateabundo: tem uma faixa chamada *Rock star* da obscuríssima banda canadense Warpig que tem a mesma base da Fireball. *Rock star* é de 1970, portanto anterior à do Purple. A hipótese da coincidência pode ser afastada considerando que o engenheiro de som Tom Brennand trabalhou com ambas as bandas naquele período.
Nota: 9

No no no

O que eu gosto nesta música: os solos, principalmente o de Lord. Ele faz referência à Abertura 1812, de Tchaicovski. Sem querer perpetrar o displante de retocar uma música do Purple, eu, mui modestamente, sempre achei que ela perdeu um pouquinho da força por ter ficado um tiquinho mais longa do que deveria. Que venham as porradas!
Nota: 8

Demon's eye

Em um disco com muitas novidades, esta faixa é das mais convencionais, em termos de estrutura. Os atrativos são os próprios músicos, que mandam bem, como sempre. Não é um dos ápices da banda.
Nota: 7

Anyone's daughter

Quem diria que o Purple gravaria um country? E que country! Se todos fossem assim, eu seria fã do estilo. Bela melodia, com uma interpretação que faz pensar que eles eram especialistas nesse tipo de música. Letra divertida de Gillan. Pode ter causado algum choque no lançamento do disco, mas logo se tornou um clássico. Foi a primeira a ser composta para o álbum, uma clara indicação da busca por novos caminhos.
Nota: 9

The mule

Esta tem uma história muito curiosa, que está presente no livreto da edição comemorativa do disco. Vale a repetição, pois nem todos o leram. Durante uma experiência no estúdio, com fitas sendo tocadas de trás para frente (técnica que foi usada para gerar aqueles sons estranhos que aparecem no final da *No one came*), um dos engenheiros, inadvertidamente, fez uma gravação por cima de parte do canal da bateria da versão já finalizada da *The mule*. Quando perceberam o erro, metade do que havia sido gravado fora perdido. Paice deveria, então, regravar aquela parte. Porém, o kit da bateria já tinha sido despachado para o local do próximo show. Paice teve então que usar a bateria disponível no estúdio e não foi possível igualar o som das duas. Os ouvidos mais sensíveis podem perceber que há uma diferença entre o som da bateria a partir da metade da música, aproximadamente. Outra das faixas do disco que não seguem o padrão Hard Rock, apresentando um clima bem peculiar, sombrio. Paice é quem prevalece, conduzindo a música com uma espécie de riff de bateria. Paice declarou que se inspirou na forma que Ringo tocou a bateria em *Tomorrow never Knows* (do álbum

"Revolver"). *The mule* passou a ser o momento do solo de bateria nos shows na fase MK II. Assim como em *Place in line*, Gillan se inspirou em um conto de ficção científica para escrever a letra (de Isaac Asimov, neste caso). Paice tem sua própria interpretação, entendendo que os versos iniciais "no one sees the things you do, because I stand in front of you, but you drive me all the time" ("*ninguém vê o que você faz, porque eu fico na sua frente, mas você me conduz o tempo todo*") foram dedicados a ele. Nos segundos finais da versão de estúdio, a impressão que se tem é que gravaram o som de um caminhão despejando bumbos, pratos e caixas no meio da rua, tudo de uma vez, tamanha a força da percussão do nosso caro baterista.
Nota: 7

Fools

Continuando nas experimentações e climas estranhos, a faixa tem um começo calmo, levado pelo teclado de Lord e a marcação de Paice no aro da caixa. De repente, entra o peso, juntamente com os versos cantados com raiva por Gillan. Esta faixa é a que apresenta o famoso solo de Blackmore que muita gente acreditava ter sido feito em um violoncelo ou com um arco de violino aplicado na guitarra. Na verdade, o efeito foi obtido pela variação no botão de volume da guitarra. Mesmo porque basta uma rápida análise para se concluir que não é possível tocar a guitarra com um arco, como se fosse um violino. Neste, as cordas são dispostas em alturas diferentes, de forma que o arco pode atingir uma corda de cada vez. Na guitarra todas estão no mesmo plano, de modo que o arco acaba deslizando por todas as cordas simultaneamente. Independentemente disso, o solo de Blackmore é belíssimo, solene, valorizado pela marcação seca e precisa de Paice, que parece um metrônomo. Uma das minhas preferidas do disco.
Nota: 9

No one came

Bom, esta é a minha preferida deste disco. Para mim é uma música subestimada pelos fãs. Mais recentemente o Purple começou a inclui-la

nos shows. Existe uma memorável gravação ao vivo no disco "Live At Olympia", com a participação de um naipe de metais que, juntamente com uma base mais balançada, deram-lhe uma roupagem nova, valorizando muito a música. É outra das faixas do "Fireball" não convencionais em relação ao repertório de uma banda de Hard Rock, principalmente pelo modo como Gillan declama a maior parte da letra, em vez de cantar normalmente (se fosse hoje em dia, ele seria acusado de estar fazendo um "rap"). A letra, por sinal, é uma das melhores do Gillan, descrevendo suas angústias como superstar do Rock. A tradução está no item C.1 do Apêndice.
Nota: 9

Complementos

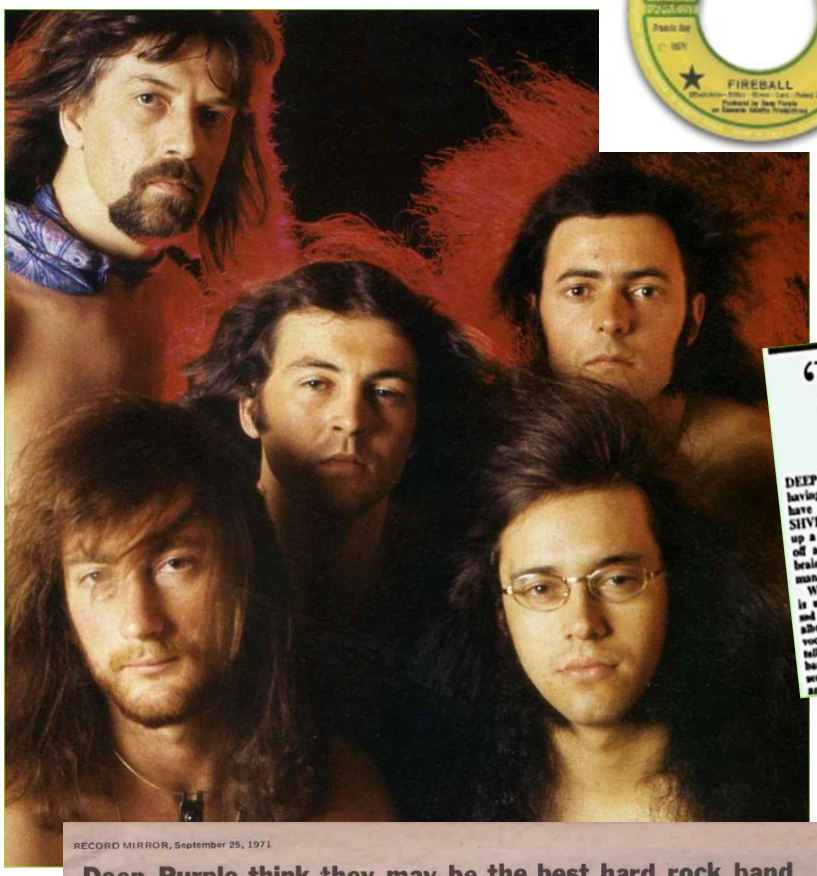
O "Fireball" tem uma história peculiar. Depois de *Black night*, o plano foi tentar outro compacto de sucesso. Daí surgiu *Strange kind of woman*, que não foi incluída no LP, da mesma forma que a *Black night*. A gravadora americana resolveu incluir *Strange...* no LP e a inseriu no lugar de *Demon's eye*. Até aí, tudo bem. Se eu fosse escolher uma faixa para retirar, faria a mesma opção. O problema é que não corrigiram a capa e nem o selo. A gravadora brasileira foi na onda da americana. Durante anos e anos o "Fireball" brasileiro trouxe o nome errado da música, tanto na capa, quanto no selo.

O compacto com *Strange kind of woman* tinha *I'm alone* do lado B. Foi lançado em fevereiro de 1971 e atingiu o 8º lugar das paradas inglesas. Em outubro do mesmo ano saiu outro compacto, desta vez com faixas extraídas do disco: *Fireball*/*Demon's eye*, que não foi tão bem nas vendas, atingindo o 15º posto. Este compacto também saiu no Brasil. Foi o terceiro e último compacto da banda por aqui (outros detalhes – ref. A.2 do Apêndice).

O "Fireball" também teve sua edição comemorativa do 25º aniversário. Uma das melhores, por sinal. O livreto interno, além das dezenas de fotos, traz um longo depoimento de Roger Glover. Na parte musical, tem a já citada versão instrumental da *Fireball*, que permite um divertido karaokê-

solo (seja gentil e só tente dublar o Gillan quando não houver ninguém por perto, por favor) e outros petiscos, sendo o principal uma faixa inédita, *Slow train*.

À direita, single e anúncio em revista italiana. Abaixo dele, recorte de revista desconhecida comentando o lançamento do Fireball e que, curiosamente aplica "burn" na manchete; abaixo, imagem extraída das sessões de fotos para a capa do "Fireball" (fonte: revista Classic Rock); mais abaixo, recorte de setembro de 1971, do semanal inglês Record Mirror; ao lado capa de EP da banda americana Wargasm, que em 1994 gravou uma cover ao vivo da *Fireball* (ficou tão boa quanto o nível da arte da capa).



'Fireball' Purple burn off their imitators

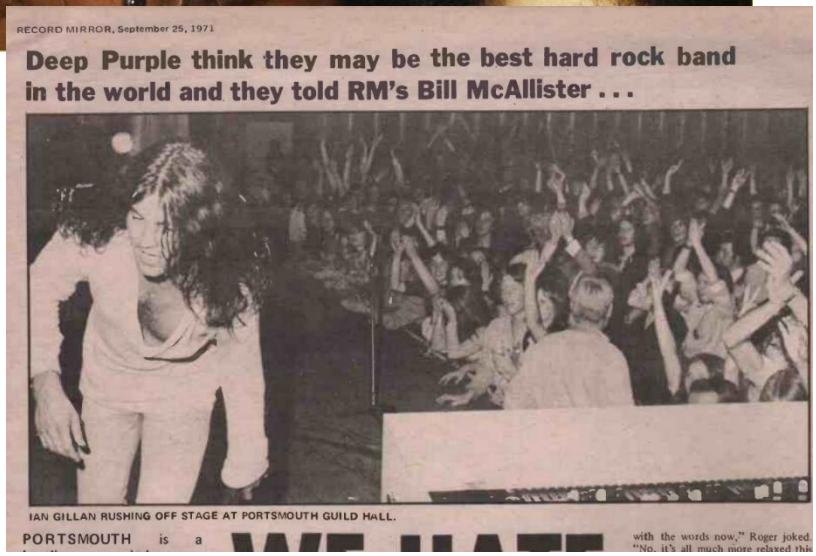
DEEP PURPLE have the disadvantage of having to live up to a reputation, but they'll have no worries with "Fireball" (Harvest SHVL 793, £2.29). They also have to keep up a stream of good sounds, while fending off attempts by other groups to pick their brains and musical originality. They'll manage that too.

With the exception of one track, "Fireball" is undiluted, funky Purple. The exception, a sad inclusion to an otherwise extremely good album, is "Anyone's Daughter." Ian Gillan's vocals aren't really suitable for Dylanesque talking blues, and as the words come close to banal, the whole number just comes over as a send up. If it was intended as such, it seems an awful waste of time and effort.

Now for the good news, and that's the remaining six tracks. While they are different in musical and lyrical content, they have kept an identifiable theme running through with strong organ and bass lines from Jon Lord and Roger Glover. For arrangement and all over goodness, "Fools" is half a head in front. Emotive searing words are fitted to a tight drum/guitar accompaniment, with a plaintive organ backing souring through it all.

Again with the accent on the words, "No One Came" follows a close second. It has quiet, maracca shuffling passages making a foil for the heavy noises thundering in for maximum effect. The songs all seem rather bitter-sweet, but create good feelings all the same.

Quality—very good. Value for money—yes, definitely.

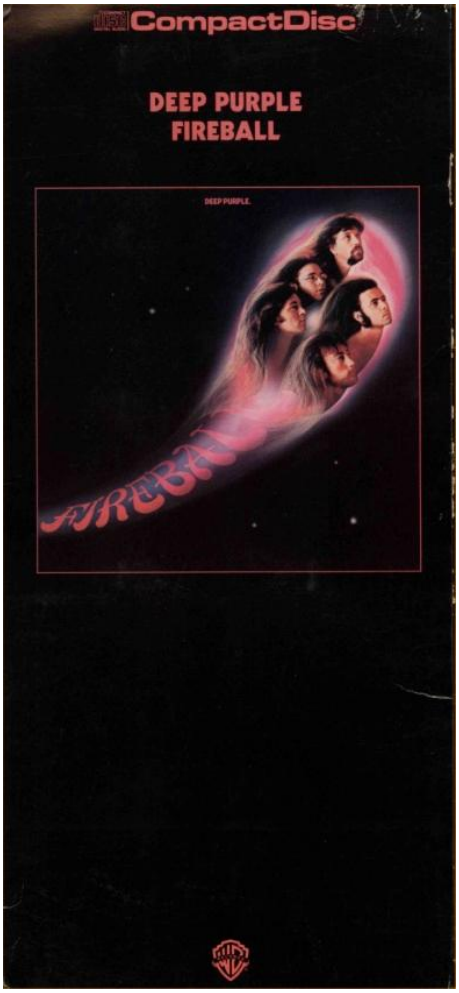

RECORD MIRROR, September 25, 1971

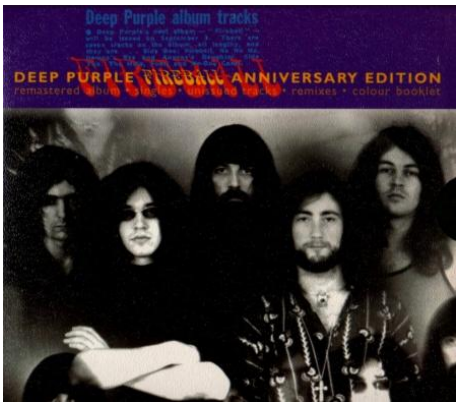
Deep Purple think they may be the best hard rock band in the world and they told RM's Bill McAllister . . .

IAN GILLAN RUSHING OFF STAGE AT PORTSMOUTH GUILD HALL.

PORTSMOUTH is a

with the words now," Roger joked. "No, it's all much more relaxed this





No sentido horário, a partir do alto: disco argentino, que saiu com capa simples e com o verso impresso em preto e branco e as tradicionais traduções de títulos das músicas (reconhecendo que a tradução para No No No foi brilhante); por outro lado, contém, corretamente, a *Demon's eye*, em vez de *Strange kind of woman*; display de papelão, artifício que foi usado pelos americanos nos primeiros anos do CD para aumentar a visibilidade da nova mídia nas prateleiras das lojas; capa do CD da edição comemorativa de 25 anos do lançamento original; recorte com a publicidade do álbum em jornal belga especializado em música e cópia do encarte do LP original, que continha as letras.

Capitulo 9
Machine Head

Machine Head

Mark II

9,6

A

1. Highway star (6:05)
2. Maybe I'm a Leo (4:51)
3. Pictures of home (5:03)
4. Never before (3:56)

B

5. Smoke on the water (5:40)
6. Lazy (7:19)
7. Space truckin' (4:31)

Produção: Deep Purple
Gravação: Rolling Stones Mobile Unit, Montreux
Engenheiro: Martin Birch
Capa: Roger Glover e John Coletta
Lançamento: Maio de 1972
Gravadora/Selo/Código: EMI/Purple/TPSA 7504
Lançamento no Brasil: 1973

Visão geral

Após dois discos gravados nas brechas entre turnês, o Purple resolveu reservar um tempo exclusivo para o álbum seguinte. Escolheram gravar na Suíça, na cidade de Montreux, às margens do lago Geneva, no local em que, em 1816, Mary Shelley escreveu "Frankenstein". O planejamento inicial foi por água abaixo, ou melhor, por fogo acima (ai...) quando o local inicialmente planejado, o Casino, foi destruído por um incêndio. Para saber detalhes desta história, favor consultar a letra de *Smoke on the water*. Nela está registrado aquele estresse que sempre rolava com a banda durante a gravação dos discos: "to make records with a mobile, we didn't have much time...". Depois de uma série de problemas, foram obrigados a gravar de forma improvisada, em um hotel

fechado durante o inverno, mais ou menos como na história d' "O iluminado". Toda confusão para encontrar um lugar para gravar e o posterior isolamento imposto pelo hotel acabou gerando um clima dos mais favoráveis. A audição do disco revela grande descontração entre os músicos, o que foi altamente benéfico no processo criativo, resultando em um grande sucesso de vendas, atingindo o primeiro lugar na parada inglesa e o sétimo na americana.

O "Machine Head" foi o primeiro LP da banda a sair pelo selo Purple Records (PR) mais um tentáculo de Tony Edwards e companhia bela no ramo do show business. A criação da PR seguiu a tendência dos Beatles, Stones e outros grupos que fundaram seu próprio selo, com a intenção de ter um controle maior sobre sua produção. O primeiro álbum lançado pelo selo foi o disco-solo de Jon Lord, "Gemini Suite", que saiu em outubro de 1971, com o código inaugural de catálogo TPSA 7501. Mais sobre a PR na Bibliografia.

Título

Existem duas possibilidades para o título. A oficial ou, pelo menos a que consta nos livros, diz que "Machine Head" foi escolhido por Blackmore, baseado nos mecanismos que esticam as cordas no braço da guitarra (chamadas no Brasil de "tarraxas"), o que é reforçado duplamente: pela foto de um braço de baixo na contracapa do LP e pelo depoimento de Glover no DVD sobre a história do disco (veja em "Complementos"). Outra possibilidade, de fonte não confiável, já que se trata de mera especulação d'O Eremita, é que o nome tenha sido sugerido por Lord, que participou de uma banda chamada Santa Barbera Machine Head.

Capa

Seguindo o clima do disco, a capa é simples e criativa. Martelaram em uma lâmina metálica os moldes das letras e depois fotografaram o reflexo dos rostos dos músicos na folha de metal, que ficaram distorcidos, mas plenamente reconhecíveis. Com um pouco de esforço, dá para ver a silhueta do fotógrafo Shepard Sherbell na capa, acima das cabeças do

Glover e do Lord. A parte interna foi preenchida por uma série de pequenas fotos dos músicos e do ambiente que cercou as gravações, além da ficha técnica. As letras vieram em um longo encarte (70 cm), dobrado em três partes.
Conceito: B

As faixas

Todas por Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

Highway star

Alguém consegue imaginar uma abertura melhor para um disco ou para um show do que *Highway star*? Riff simples e perfeito. Glover faz uma entrada pesadíssima, que é acentuada pela bateria de Paice. Gillan surge gritando e declara: eu não sou apenas o rei da velocidade, eu sou a estrela da estrada! Não bastasse o brilhantismo do conjunto riff+melodia+interpretação do Gillan, temos dois solos marcantes. O de Lord tem inspiração oriental. Ele mostrou seu apreço por esse tipo de música em muitas outras oportunidades. A melhor mostra está no disco solo "Sarabande" (meu, ouça!). O solo de Blackmore está entre os preferidos dos fãs. Nessa altura, Blackmore estava em seu pico criativo e muitos de seus solos passaram a ter uma estrutura. O que eu quero dizer com isso? Apesar de Blackmore nunca repetir ao vivo os solos dos discos, alguns tinham uma linha básica, cuja ideia passava a ser incorporada à música. Ou seja, muitas vezes ele compunha os solos. É o caso do solo de *Highway star*, que tem como corpo principal arpejos baseados em Bach. Blackmore revelou essa inspiração em entrevista à revista Guitar Player, na edição de setembro de 1978 (dê uma espiada na tradução que está na Into the Purple Nº 3. Como conseguí-la? Veja o Apêndice, ref. A.3!). Outro elemento decisivo para a sonoridade final da música é a base que Lord faz no Hammond. Isso acontece em muitas músicas. Lord conseguia extrair do teclado um som próximo ao da guitarra de Blackmore, segurando sozinho a base, deixando Ritchie livre para tocar o que quisesse.
Nota: 10

Maybe I'm a Leo

Ao se escrever sobre o "Machine Head" é preciso se policiar para não repetir "riff brilhante, música idem" para todas as faixas. O que destacar nesta música brilhante, além de seu riff brilhante? Temos a bateria de Paice, que faz a marcação entremeando leves rufadas na caixa. Temos, também, outro exemplo da base que Lord faz com o Hammond, como se fosse outra guitarra. Temos, ainda, aquele componente indescritível, inexplicável, intangível e, portanto, inominável, que faz com que sua presença possa tornar uma música muito muito boa, como é o caso desta e, na sua ausência, termos uma muito muito ruim, apesar de, basicamente, ambas terem os mesmos elementos e estrutura. Os meticulosos devem ter reparado que nas fotos internas da capa aparece uma ficha de gravação com o título "Just before midnight". Não é nenhuma música inédita, que acabou se perdendo. Era o título provisório de *Maybe I'm a Leo*.
Nota: 9

Pictures of home

Uma faixa que tem solos de todos. A entrada de Paice é um pequeno solo. Em uma entrevista ao Planet Rock, Paice contou que gravou a primeira versão da entrada e não ficou feliz. Pediu para fazer uma nova tomada e, aí sim, ficou do jeito que lhe agradou e a qual foi para o disco. O curioso é que o resto da banda comentou com ele que não viu diferença entre as duas! Esse é mais um exemplo da subjetividade que cerca a música e que envolve a magia em volta de uma obra prima. Volatndo aos solos, temos o de Lord, seguido pelo de Glover. Um merecido destaque para um músico relativamente subestimado na história do Purple. Glover é um grande artista, cuja sensibilidade permite a ele transitar por vários campos do mundo da música: compõe, bola as capas, produz discos e, entre outras coisas mais, toca baixo extremamente bem. Ainda no terreno dos solos (êpa!), o de Blackmore nesta música também tem que ser citado, porque é um daqueles antológicos. Permito-me agora uma pequena digressão, para expor uma ideia que dificilmente alguém concordará, mas, como eu sou meu próprio editor, beleza, vou em frente. A ideia em questão é a do

"ataque". Esse termo é usado para outra coisa na teoria musical. Resolvi usar assim mesmo, por ser o mais próximo que encontrei para exprimir aquilo que eu já vou explicar, calma! O "ataque" é o início do solo. É a nota ou a sequência de notas escolhidas pelo guitarrista para fazer a transição entre o riff ou a base e o começo do solo. Um solo de guitarra, um bom solo, não é só um monte de notas tocadas da maneira mais rápida possível. Um bom solo não tem duração determinada. Pode ser curto ou muito longo. Mas o "ataque" é fundamental. Um bom solo sempre começa com um bom "ataque". E nisso o Blackmore também era mestre. Uma prova é o começo do solo da *Pictures of home*. É só ouvi-lo e o conceito do "ataque" ficará mais claro (fim da digressão).
Nota: 10

Never before

Se alguém chegar até esta parte, lendo desde o começo, eu já estarei feliz. Entretanto, há uma boa chance de, daqui a pouco, o paciente leitor parar a leitura e dar um "del" definitivo neste texto escrito com tanto esforço, por causa do que será citado nas próximas frases. Não entendo certas coisas. Eu gosto mais de *Never before* e, portanto, a considero melhor, do que *Black night* e *Strange kind of woman*. Para mim, é inexplicável que ela não tenha feito o mesmo sucesso. Tem de tudo nessa música. Começa com uma levada meio funk, a base é um belo riff pesado, na hora do refrão tem um teclado honky tonky, tudo apimentado com quebradas contínuas de bateria. Subestimada, isso é que ela foi.
Nota: 9

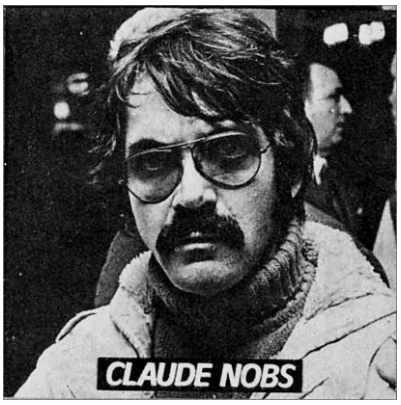
Smoke on the water

Um fato curioso envolve a letra da música mais famosa do Purple. No encarte que acompanhou o LP veio grafado erroneamente "Funky & Claude was running in and out", dando a impressão que se tratavam de duas pessoas (veja reprodução). Na verdade, o correto seria "Funky

Claude", uma referência a Claude Nobs, que se tornou mais conhecido por ser o organizador do tradicional Festival de Jazz de Montreux.

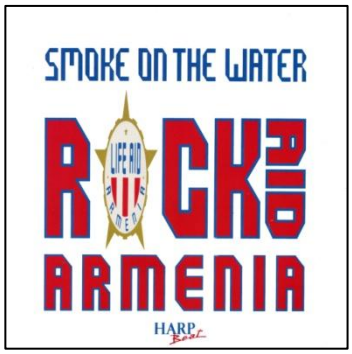
They burned down the gambling house
It died with an awful sound
Funky & Claude was running in and out
Pulling kids out the ground
When it all was over
We had to find another place
But Swiss time was running out
It seemed that we would lose the race
Smoke on the water, fire in the sky

Claude teve papel importante nesta história, não só por ter ajudado a retirar parte do público do incêndio do Casino, mas também por ter se desdobrado em conseguir um local para a gravação do disco. Com isso, ganhou uma dupla homenagem: a citação na letra e a foto na parte interna da capa. Nobs pode ser visto dando uma canja com o Purple tocando gaita durante a execução de *Smoke*, no festival de Montreux de 1996 - está registrado em DVD (saiu no Brasil!).



Funky Claude em dois momentos: em 1972 (foto interna do "Machine Head") e em 2006 (foto tirada da Internet).

O riff da *Smoke* é tão conhecido que acaba sendo um dos primeiros que os candidatos a guitarristas tentam aprender. Uma cena do filme "Escola de Rock" é um exemplo disso. O professor, interpretado por Jack Black, mostra ao aluno o riff. Só que de forma diferente da que Blackmore toca. Para entender melhor, sugiro a leitura do artigo "Análise técnica: Ritchie Blackmore", escrito por Rodrigo Rosas Fernandes especialmente para o saudoso e expectorante fanzine Into the Purple, edição 5 (disponível na Internet, grátis – veja o a ref. A.3 do Apêndice).



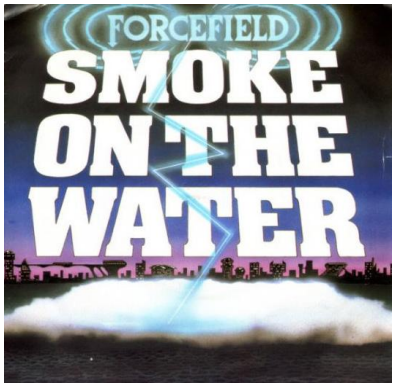
Esse detalhe é uma das muitas amostras da qualidade e da inventividade dos músicos do Purple. Quando se tem criatividade e talento para a coisa, até mesmo algo simples pode ter sua dose de inovação e de personalidade. Outro caso, na mesma linha: o acompanhamento do baixo. Glover não se limitou a fazer o convencional, que seria repetir as notas do riff da guitarra. Em 1989, Gillan participou de um movimento para arrecadar fundos para as vítimas do terremoto da Armênia (Informativo ItP Nº 2, encontrável via ref. A.3 do Apêndice). Uma das fontes de recursos foi a venda de um single com *Smoke*, gravado por uma série de celebridades do Rock, como Paul Rodgers, David Gilmour, Bruce Dickinson e Brian Adams (êpa!). O baixo ficou a cargo de Chris Squire. O que aconteceu? A linha de baixo saiu como se esperava, ou seja, seguindo o riff e não *à la* Glover.

Agora, a questão do plágio. É muito fácil encontrar na Internet a citação de que o riff de *Smoke on the water* é copiado/plagiado de *Maria Moita*, música, em geral, atribuída a Tom Jobim. Uma coisa saudável nestes tempos de *fake news* é fazer uma pesquisa, evitando a procriação de bobagens. *Maria Moita* tem música de Carlos Lyra e letra de Vinícius de Moraes e está contida no disco "Pobre Menina Rica", de 1964, pelo selo CBS, que o relançou em 1972. Ainda em 1964 *Maria Moita* recebeu regravações de Nara Leão, Flora Purim, Vanja Orico e Sergio Mendes, esta somente instrumental. Ouvindo todas essas versões, é possível confirmar que a única delas que começa com as notas realmente parecidas com o riff de *Smoke* é a original, do "Pobre Menina Rica". As demais têm arranjos diferentes, com introduções diferentes, que não lembram o famoso riff. Em 1972 – só lembrando – quando a Internet não era nem um sonho, qual seria a chance de um músico inglês ouvir um disco lançado em 1964 apenas no Brasil e que, mesmo por aqui, é relativamente desconhecido? Pode ter acontecido, é claro - Blackmore pode tê-la ouvido em algum lugar (talvez na casa do Claude Nobs, um amante do Jazz e, possivelmente, da bossa nova), mas as chances são irrisórias.

Que novidade mais se pode dizer da música que tem o riff mais conhecido do Rock, com mais de 100 versões gravadas? Em todo caso, pesquisei e selecionei alguns fatos curiosos e que podem ser menos conhecidos. O primeiro: o título não é inédito – existe uma música homônima anterior, composta por Earl Nunn e Zeke Clements e gravada em 1944 pelo cantor country Red Foley. Segundo: Blackmore usou as mesmas notas, em outra sequência, é claro, em *Man on the silver mountain*. O terceiro: essa é a música do Deep Purple que mais tem citações no cinema e na TV. Alguns exemplos: (1) a já citada cena de Jake Black, no filme "Escola de Rock"; (2) é mencionada como a favorita de Tony Soprano. No segundo episódio da sexta temporada, com Tony em coma, foi a primeira música escolhida por Carmela para tocar junto ao seu leito, para ajudar na recuperação do marido; (3) é cantada por Bill Murray no filme "Rock the Kasbah" (no Brasil, "Rock em Cabul", 2015); (4) Jake, da série "Two and a half men", toca *Smoke* na guitarra (e uma vez no piano, com a língua!) em três episódios diferentes, sendo que na segunda vez é acompanhado por um garoto tocando celo!; (5) a série "Better Call Saul" tem, pelo menos, três citações ao Purple. Saul (o advogado pilantra de "Breaking Bad") é grande fã da banda. *Smoke* encerra o episódio final da primeira temporada. No episódio 7 da terceira temporada, ele está em uma loja de instrumentos, aponta para uma guitarra e cita "Ritchie Blackmore, Deep Purple". No episódio seguinte ele toca (muito mal) *Smoke* na guitarra que ele apontou anteriormente e acabou comprando; (6) em "Bates Motel", terceira temporada, episódio "Convencimento", o personagem Caleb arranha o riff enquanto canta os primeiros versos adaptando a letra à situação em que se encontra, às margens de um lago nos EUA; (7) a cinebiografia do DJ americano Howard Stern mostra que, em sua estréia no rádio, a primeira música que ele tocou foi *Smoke*; (8) faz parte da trilha sonora do filme "Caçadores de Emoção" ("Point Break"), em gravação da banda Loudhouse (presente no disco "For Crying Out Loud", de 1991); (9) em um episódio da "Grande Família" Lineu faz uma performance antológica tocando bateria enquanto emula o vocal de Gillan; (10) em uma coletiva de imprensa em Cingapura (registrada em vídeo), Gillan disse que uma

stripper brasileira (!) gravou *Smoke* em ritmo de samba! Ela lhe deu o CD, que ele tem até hoje; (11) ainda no Brasil, ela fez parte da trilha sonora do filme do Cazuza, de 2004, em uma cover ao vivo, sendo que ele mesmo faz o vocal (dura pouco mais que um minuto – meio que no limite da paciência e da boa vontade de quem tiver curiosidade de ouvir); (12) em 2024 a VW lançou uma edição especial do Polo para comemorar 40 anos do Rock in Rio. A trilha (única) do comercial é *Smoke*; (13) trata-se do único Rock que se tem notícia adotado como hino oficial de uma cidade. Aconteceu em Mhentyha, cidade ao norte do Azerbaijão. O prefeito de lá, Plunka Bysmurt, é um dos grandes fãs do grupo e conseguiu convencer o parlamento da cidade que, na falta de um hino, porque não escolher um clássico? Ganhou a parada. Aliás, lá, em todas as paradas e jogos oficiais, a banda da cidade toca *Smoke,* regida orgulhosamente por Ian Blackdale Bysmurt, filho do prefeito Plunka. Por fim, falando em homenagens nos nomes, existe um cearense que adora tanto essa música que batizou seu filho como Smokeonthewater Raimundo da Silva! É verdade! Visite Atimboru, no sertão cearense e pergunte pelo velho Ismôque. Todos o conhecem por lá.
Nota: 10

A cena acima é de um vídeo que está no YouTube, gravado pelo Robert Fripp e sua esposa Toyah, às margens de um lago. Para passar o tempo durante a reclusão provocada pela pandemia, eles resolveram se divertir tocando clássicos do Rock. No caso, a dupla, com Toyah em seu uniforme de cheer leader, interpreta *Smoke on the water*. Mais um exemplo da fonte inesgotável de bizarrices que é a Internet.



Uma das muitas versões de *Smoke on the water* foi feita pela banda Forcefield, que teve entre suas várias formações Cozy Powell, Ray Fenwick, Graham Bonnet e mais vários outros membros do "clube". À esquerda, capa do single com a citada versão e à direita contracapa do primeiro álbum da banda, de 1986, de onde foi extraído o single.

Lazy

Esta, provavelmente, é a música que melhor reflete o clima da banda ao gravar o disco. *Lazy* é quase uma *jam*, com pitadas de Jazz, Blues e Rock, descontraída, com longos e belos solos de Lord e Blackmore e a primeira aparição em disco de Gillan tocando gaita. Assim como aconteceu com *Highway star*, *Smoke on the water* e *Space truckin'*, passou a ser presença obrigatória em shows e coletâneas – até hoje!
Nota: 10

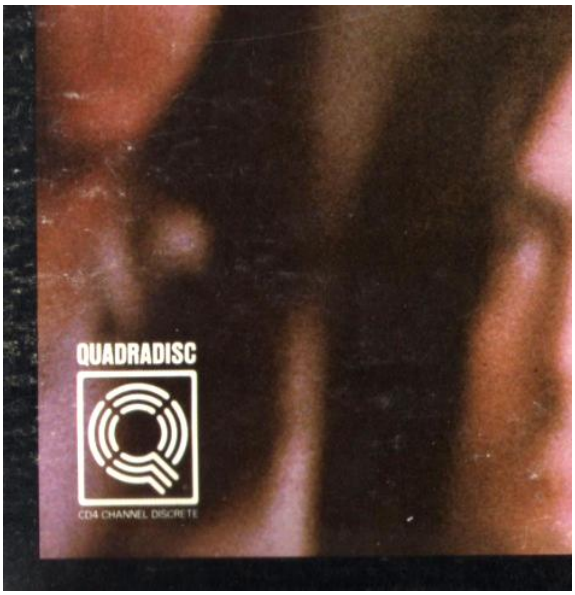
Space truckin'

Riff simples e refrão banal ("come on, let's go, space truckin'"). É como feijão com arroz. Tem o normal, que nem todo mundo aprecia. Tem aquele que eu fiz uma vez, que gerou um mandado judicial pedido pela minha família para que eu nunca mais cozinhasse. Tem aquele com um tempero especial, que torna esse prato simples em algo delicioso, de ficar repetindo. É assim com *Space truckin'*. Um Rock feijão com arroz, só que temperado com especiarias que só os grandes chefes conhecem, transformando um prato comum em uma peça irresistível. Tá bom, reconheço que essa metáfora culinária ficou esquisita. Porém, como eu havia me comprometido a não usar as futebolísticas, foi o que deu para arranjar. *Space truckin'* durante muito tempo foi a música reservada aos improvisos nos shows, ocupando o lugar que foi de *Paint it, black* e *Mandrake Root*. Nela temos Gillan tocando as congas, o que ele também fazia ao vivo. Isso que permitia que ele se ocupasse de alguma coisa enquanto Lord e Blackmore desembestavam nos solos. O solo de bateria

no final foi feito em *overdub*. Paice gravou a base e depois inseriu o solo por cima. Dweezil Zappa, resposnável pela remixagem do disco para a edição coemorativa de 50 anos do "Machine Head" declarou, conforme consta no encarte, a respeito de tratar da fita analógica gravado nos 16 canais do Rolling Stones Mobile Unit: "As músicas foram gravadas ao vivo, com bem poucos *overdubs* (sobreposições). Um exemplo perfeito disso é *Space truckin'*. A uma única trilha de guitarra e uma única trilha do teclado. O som brutal dessa música era a própria banda, tocando junto no mesmo lugar. Troço matador!".
Nota: 9

Complementos

Depois de dois grandes sucessos de vendas, desta vez o compacto extraído do LP, como diriam em Itatiba, *não virou*. *Never before* foi escolhida como lado A e do B foi incluída uma extra-LP, *When a blind man cries*. Esta, belíssima. Foi lançado um pouco antes do LP (março de 1972), sendo o primeiro disco da banda sob o selo Purple Records, mas só atingiu o 37º posto nas paradas inglesas.

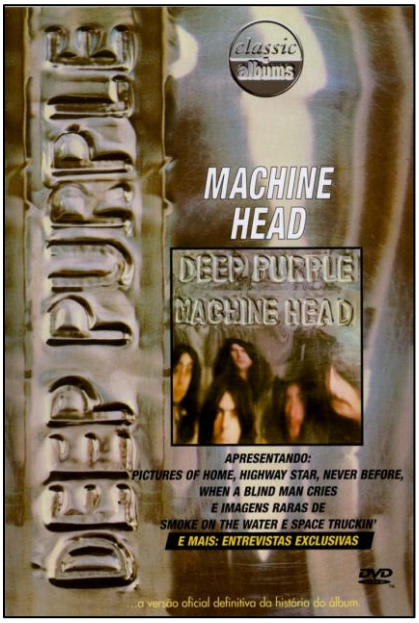


Uma curiosidade sobre o Machine Head é a existência de uma edição quadrifônica. "Quadrifônico" foi um sistema de reprodução de discos que pretendia ser uma evolução do estéreo. Em vez de dois, eram quatro canais de reprodução. Isso exigia, é claro, quatro caixas de som. A ideia é que o ouvinte se posicionasse no centro, rodeado pelas quatro caixas, aumentando o realismo da reprodução. Para tocar nesse equipamento especial, os LPs deveriam ser gravados com essa tecnologia. Não tenho ideia de quantos discos quadrifônicos foram lançados. Além do "Machine Head" e do "Stormbringer", lembro que o "Atom Heart Mother" e o "Dark Side" do

Pink Floyd tiveram sua versão quadrifônica. Foi uma invenção que durou pouco. De qualquer forma, a versão quadrifônica do "Machine Head" tem alguns detalhes de gravação diferentes. Nada que seja notável, exceto o solo de guitarra de *Maybe I'm a Leo*, que é distinto do que saiu na versão em estéreo. Essa edição só saiu nos Estados Unidos e pode ser identificada por um selo especial inserido no canto inferior esquerdo da capa, conforme mostra a reprodução.

A edição dos 25 anos de lançamento do "Machine Head" foi a mais caprichada em termos gráficos. Acompanharam o CD duas sobrecapas! O pacote incluiu também dois livretos, um com a história do LP, como sempre minucioso no texto e com várias fotos inéditas, além de, novamente, trazer um depoimento de Glover. O outro foi um comemorativo dos 100 anos da EMI. Engraçado que nessa publicação, o "anfitrião" do encarte, o Deep Purple, um grande vendedor de discos, recebeu apenas uma rapidíssima menção, enquanto que o Queen e o Pink Floyd ganharam um espaço bem maior. Mais uma amostra da má vontade da mídia com o Purple, citada no Capítulo 1.

Não sobrou material gravado das sessões do "Machine", de modo que não há faixas inéditas no CD. Apesar disso, ele é duplo: o CD 1 traz as sete faixas do LP + *When a blind man cries* remixadas. O chamariz deste caso é que as faixas foram reproduzidas até o final da gravação. Nas músicas em que o final tem seu volume reduzido gradativamente (*fade out*) os remixes avançam um pouco mais do que o registrado no disco original. No CD 2 as faixas foram remasterizadas (pense bem – há uma diferença entre remixar e remasterizar. Só não me peça para explicar!). No segundo CD as músicas têm a mesma duração do LP original, mas tem duas faixas a mais, pois foram incluídas *Lazy* e *Maybe I'm a Le*o da versão quadrifônica do LP.



Em 2002 a ST2 lançou um DVD sobre o "Machine Head", dentro da série "Classic Albums", que tinha vários outros títulos, como, por exemplo, o "British Steel", do Judas Priest e o "Aja", do Steely Dan. Trata-se de um documentário, contendo entrevistas com alguns dos principais envolvidos: os cinco músicos e Martin Birch. Só faltou o Claude Nobs. Quem se considera fã da banda não pode não ter esse DVD! O documentário traz depoimentos sobre cada faixa (estranhamente, apenas *Lazy* não foi comentada). Parte dos comentários está nos extras, que inclui o clipe de *Never before*, citado anteriormente. As partes mais legais são aquelas que Glover e Birch apontam detalhes das faixas em frente a uma mesa de som em um estúdio, levantando o volume dos canais específicos do instrumento ou do vocal mencionado na conversa. Por fim, uma constatação – pelos comentários do Glover, dá para ver que ele é um dos maiores fãs de Blackmore. Esse DVD saiu no Brasil, tanto em edição normal, pela ST2, como por um lançamento especial, em bancas, pela extinta revista Bizz.

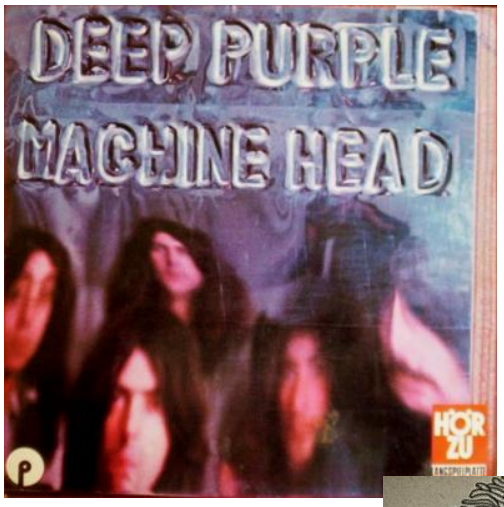
Os fãs do Purple são uma fonte inesgotável de lucros para as gravadoras. A gana de ganhar a grana dos fãs é tamanha que muitas vezes, como neste caso, isso fica demonstrado de forma ridícula. Tiveram o descaramento de lançar uma caixa comemorativa dos 40 anos do "Machine Head" com nada menos do que cinco discos! Desses cinco discos, apenas um não é alguma versão remixada ou remasterizada ou reengambelada das mesmas gravações! Resultado: quatro vezes o "Machine Head"! O único disco com conteúdo diferente é uma versão (lá vamos nós) remixada do "In Concert", da parte gravada em 1972. De realmente novo apenas o livreto de 64 páginas que acompanha a caixa, que deve trazer algum material interessante, o que não foi o suficiente para me fazer ir atrás dessa edição. Sou fanático, mas sou são, ainda.

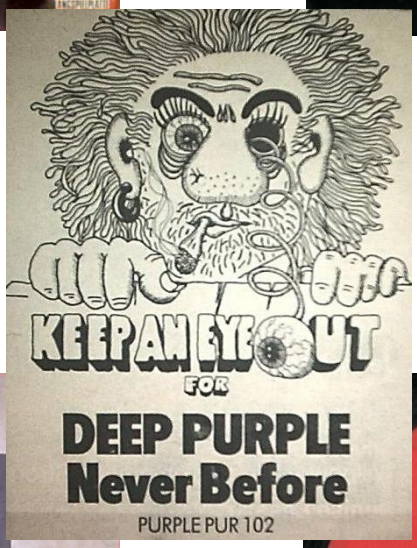
Em 14.mai.14 foi publicado no Youtube um vídeo denominado "oficial" da *Smoke on the water*. Apesar dos 41 anos de atraso, ainda vale a pena. Aquilo que seria o clip de um dos mais conhecidos Rocks do planeta traz cenas das mais interessantes para os fãs da banda. Mostra, por exemplo, o escritório da Purple Records, o Casino antes e depois do incêndio e fragmentos das gravações do disco. Em uma delas dá para ver, rapidamente, Martin Birch. Há uma narração no início do clipe (não consegui identificar de quem é a voz), que cita a manjada fuga dos impostos ingleses (todas as bandas daquele momento reclamavam disso) e que levou a banda a procurar um local alternativo para gravar. No caso, Montreux, que tem cenas da paisagem da cidade daqueles dias inseridas no clip.

Ainda em relação à tragédia do Casino, uma curiosidade revelada por Popoff ("The Chain of Events..." – ver Bibliografia) é que a unidade de gravação dos Rolling Stones escapou por pouco do incêndio. Ela estava estacionada na lateral do Casino, em uma área meio lamacenta. No meio do corre corre, ninguém sabia da chave. Os roadies então tiveram que quebrar um dos vidros do caminhão, desbrecá-lo e assim retirar o estúdio móvel da zona de perigo na base do empurrão.

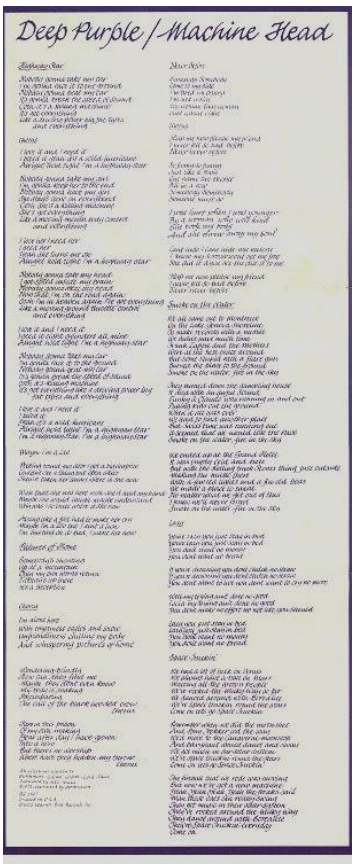
Algo que notei recentemente é que no encarte do CD "To the Rising Sun", de 2015, a editora musical de *Smoke on the water* é a Henrees

Music Co, ao invés da tradicional HEC Music, que detém os direitos de todas do Deep Purple desde o início da banda até o "Come Taste the Band". Não sei ainda o que ocorreu, mas, especulativamente, eu diria que a HEC vendeu os direitos dessa música à tal Henrees. Conforme citei na versão anterior, pesquisei e não consegui encontrar referências ou o site dessa Henrees Music. O fato é que, atualmente, muitos discos do Deep Purple, tanto novos quanto os relançamentos, trazem essa editora nos créditos.



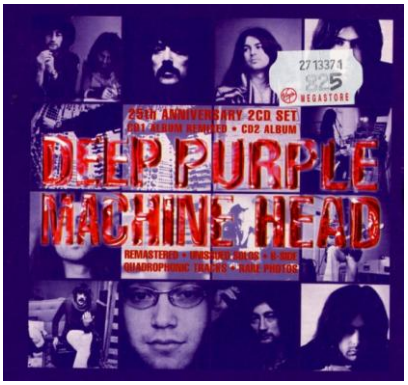


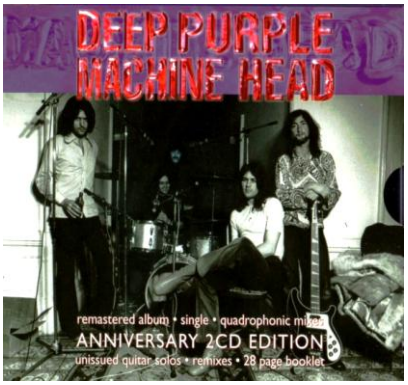
Em cima, outro lançamento especial da revista alemã Horzu, trazendo como curiosidade a ausência da moldura preta, mostrando a superfície na qual a chapa de metal estava apoiada na hora da foto frontal. Assim como no caso do "In Rock" a abertura para a retirada do LP é pela parte interna da capa. Ao lado, a reprodução do selo desse disco. Embaixo: a contracapa e o selo da muito mutilada versão uruguaia, que também traz os títulos das músicas traduzidos. *Highway Star*, por exemplo, aparece como *La estrela del camino* (o curioso é que na versão uruguaia do "Made In Japan" a mesma música é traduzida como *Camino a las estrellas*). Este e todos os demais discos uruguaios citados neste texto pertenceram ao Ricardo Topalian, grande Purplemaníaco e torcedor do Peñarol, que os vendeu por uma quantia simbólica ao Eremita. No centro de tudo, publicidade para o single de *Never before* que, pela abominável qualidade gráfica, certamente não ajudou em nada a aumentar as vendas do disco.

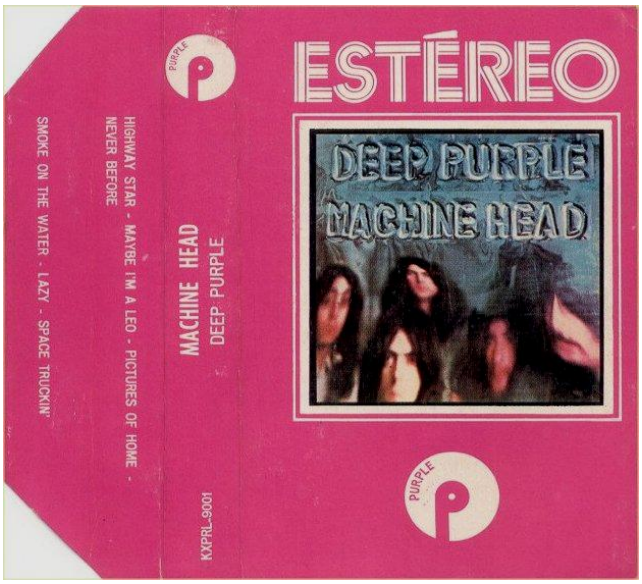


O empresário suíço Claude Nobs, criador do Festival de Jazz de Montreux, na Suíça.

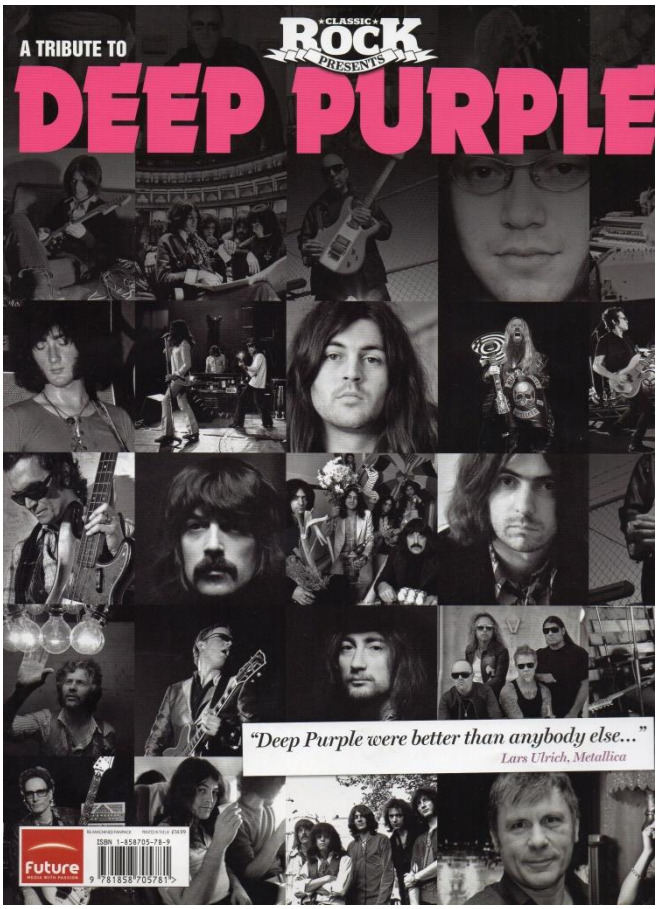
Em prestígio e tradição, poucos encontros musicais se equiparam ao evento realizado desde 1967. Apaixonado por jazz, Nobs trabalhava no escritório de turismo local quando teve a ideia de reunir talentos do gênero (e posteriormente do pop e do rock) para atrair visitantes. Os shows aconteceram no cassino de Montreux até o incêndio na apresentação de Frank Zappa, em 1971. O episódio foi descrito na letra de *Smoke on the Water*, da banda Deep Purple. O festival passou então a ser realizado em auditórios e, mais recentemente, nas margens do Lago Genebra. Miles Davis, Ray Charles, Bob Dylan e David Bowie estiveram em Montreux. Dia 10, aos 76 anos, em decorrência de um acidente de ski, em Montreux.

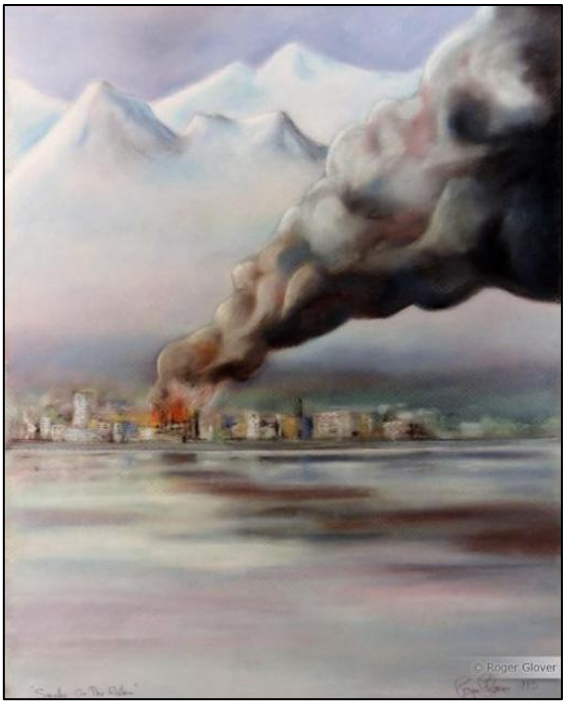






No alto, à esquerda: cópia do encarte original com as letras que acompanhava o LP; ao lado, reprodução da seção "Datas", da Revista Veja, de 16.jan.13, que trouxe a notícia da morte de Claude Nobs, uma pessoa importante não só para os fãs do Purple, mas para a música de um modo geral. À direita, as sobrecapas da edição comemorativa dos 25 anos. Embaixo, à esquerda, a capa da edição brasileira em fita cassete. Por fim, capa do tributo realizado em 2001 pela famosíssima Out of Phase, de quem não tenho nenhuma referência.

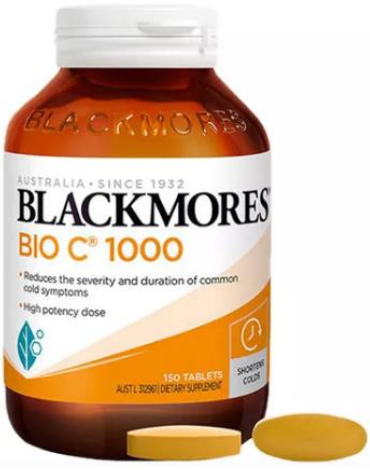




Em agosto de 2012 a revista inglesa "Classic Rock" lançou uma edição especial para comemorar os 40 anos do lançamento do "Machine Head". Acompanhava a revista o CD "Re-Machined", um tributo com a participação de Glenn Hughes, Santana, Steve Vai, Iron Maiden, Metallica e outros, que apresentaram suas versões para as faixas do "Machine Head". Quer mais detalhes? Seja corajoso e consulte o "Rock Brado" (Apêndice, item A.4). Posteriormente o CD passou a ser vendido separadamente. Essa excelente edição trouxe entrevistas, fotos raras e curiosidades sobre o álbum. Entre elas, destaco o disco polonês (capa acima), que, conforme conta Simon Robinson, foi lançado para driblar a censura que a cortina de ferro impunha ao Rock. O lado A traz uma gravação de jazz da banda polonesa estampada na capa. No lado B foram inseridas faixas do "Machine Head"! Item raríssimo. Por último, obra de Roger Glover retratando o famoso incêndio no Cassino. Podemos, maldosamente, dizer que o destino lhe foi bondoso em inclinar sua careira para a música e não para as telas.

Aqui a reprodução da parte gráfica do laser-disc japonês com o vídeo "Machine Head Live", já comentado nestas gloriosas páginas. Esse tipo de mídia durou pouco tempo, apesar de sua qualidade de reprodução. Para quem não chegou a ver, foi um pré-DVD, mas o disco tinha o tamanho de um LP.

Aproveitando o espaço, um pouco de merchandising, para aliviar tanto os custos de produção deste trabalho, quanto as suas dores de cabeça – comprimidos de Blackmores!



Em 2024 tivemos (sim, novamente) um lançamento especial do "Machine Head". Chamado de "Super Deluxe", é um pacote composto por um LP, 3 CDs e um Blu-ray, com aquelas coisas de remixagens e remasterizações novas, desta vez, conforme citado, a cargo de Dweezil Zappa, escolhido provavelmente, por conta da ligação do seu pai com o evento do Casino. O caríssimo pacote (por volta de mil Reais se comprado no Brasil) tem duas coisas novas, apenas: um CD ao vivo em Montreux, gravado em abril de 1971 (que não tem nenhuma faixa do "Machine Head" no repertório) e o livro, que parece ser bem caprichado, que acompanha o lançamento.

Como parte da promoção desse nova exploração monetária da paixão dos purplemaníacos pela banda foi produzido um vídeo da *Smoke on the water* em animação, ao estilo da que foi usada no clip de *The surprising*, do álbum "InFinite". Nesse novo filme, a trilha sonora foi uma das versões manipuladas por Dweezil.

Falando em *Smoke...*, mais uma vez a mídia se aproveitou sua popularidade. Desta vez, entretanto, se por um lado teve um objetivo nobre, conscientizar os homens sobre a importância da prevenção e do diagnóstico precoce de doença, por outro teve lá sua bizarrice, pois se

tratava do câncer de próstata! O jingle da campanha trazia uma letra adaptada e em Português da nossa música querida, lançada em novembro de 2023 pela rádio mineira 98 FM. Disponível no link a seguir: https://drive.google.com/file/d/1KNFECC5Or9w2tUMrNyOSYgu_fiewB5S5/view?usp=sharing

BLACKMORE ILL

DEEP PURPLE have had to cancel their fourth American tour which was due to have started this week. The reason for the cancellation is due to guitarist Ritchie Blackmore going down with hepatitis in New York. Blackmore was immediately flown back to London at the end of last week and is now confined to a nursing home. The rest of the group returned home over the weekend.

The story is not without some irony for during Deep Purple's second American tour, singer Ian Gillan suffered similar complaint which resulted in the tour being cut short.

Dois recortes do semanário musical inglês "Sounds", de 15 de abril de 1972. A nota ao lado informa que a banda teve que cancelar sua quarta excursão pela América devido à hepatite que atingiu Blackmore. O texto ressalta que a segunda turnê foi cancelada pela mesma doença, só que daquela vez a vítima foi o Gillan.

TRIBUNE LE MATIN — TLM - Jeudi 30 décembre 1971

Incendie du Casino de Montreux

UN PISTOLET D'ALARME POUR LANCER LA FUSÉE

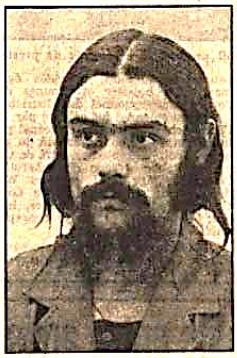
Voici le communiqué concernant l'incendie du Casino de Montreux :

Comme cela a déjà été relaté précédemment dans la presse, un incendie a complètement ravagé le Casino de Montreux le samedi 4 décembre 1971, en fin d'après-midi, alors que s'y donnait un concert POP ayant attiré quelque 2000 auditeurs. Par une chance exceptionnelle, ce sinistre n'a pas fait de victime. Par contre, les dégâts se chiffrent entre 12 et 15 millions de francs. Les recherches effectuées par la police de sûreté vaudoise ont permis d'identifier l'auteur de l'acte qui a provoqué cette catastrophe. Il s'agit de Spicka Zdenek, né le 4 novembre 1949, réfugié tchèque, précédemment domicilié à Epalinges, actuellement en fuite (voir photo). Il a été placé sous mandat d'arrêt par le juge informateur Tenthorey, à Vevey.

Précisons que Spicka a tiré dans la salle avec un pistolet d'alarme, tout d'abord des capsules et ensuite une petite fusée lumineuse qui s'est logée dans les décors et y a mis le feu. Les causes de ce sinistre sont ainsi clairement établies. Bien que

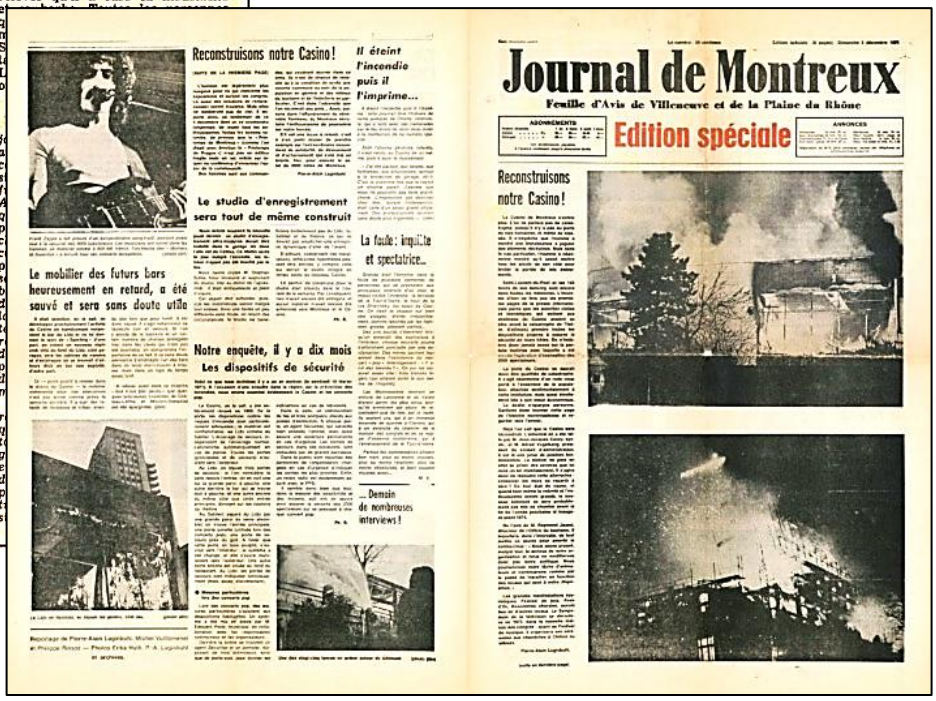
Le pistolet d'alarme, de fabrication italienne, utilisé par le jeune réfugié tchèque. — (Photo Jean-Pierre Grisel)

son signalement ait été largement diffusé dans les bulletins de police, la trace de Spicka n'a pas été retrouvée en Suisse. Il y a lieu de relever qu'il a rasé sa moustache



Zdenek Spicka, actuellement en fuite. — (Photo tlm-g)

A tragédio no Casino. Ao lado, recorte de jornal suíço de 30 de dezembro de 1971, trazendo fotos da pistola sinalizadora que iniciou o incêndio e a foto do autor do disparo, o checo Zdenek Spicka (o nome original tem uns acentos esquisitos que eu não consegui reproduzir), que, apesar de identificado, conseguiu escapar. Abaixo, jornal de Montreux, que soltou uma edição especial sobre o incidente e, por fim, voluntários ajudando no combate ao incêndio (seria o cara de vermelho o Claude Nobs?).



Reconstruisons notre Casino!

Le studio d'enregistrement sera tout de même construit

Le mobilier des futurs bars heureusement en retard, a été sauvé et sera sans doute utile

Il éteint l'incendie puis il l'imprime...

La foule : enquête et spectatrice...

Notre enquête, il y a dix mois

Les dispositifs de sécurité

... Demain de nombreuses interviews !

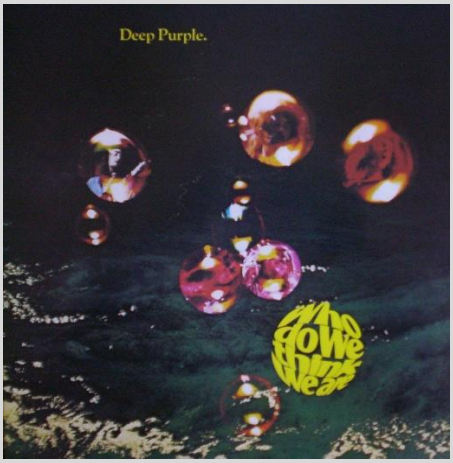
Journal de Montreux

Feuille d'Avis de Villeneuve et de la Plaine du Rhône

Edition spéciale

Reconstruisons notre Casino!

Capitulo 10
Who Do We Think We Are



Who Do We Think We Are

Mark II

7,7

A

1. Woman from Tokyo (5:50)
2. Mary Long (4:25)
3. Super trouper (2:56)
4. Smooth dancer (4:10)

B

5. Rat bat blue (5:23)
6. Place in line (6:31)
7. Our Lady (5:12)

Produção: Deep Purple
Gravação: Rolling Stones Mobile Unit, em Roma e Frankfurt
Engenheiro: Martin Birch
Capa: Roger Glover e John Coletta
Lançamento: Março de 1973
Gravadora/Selo/Código: EMI/Purple/TPSA 7508
Lançamento no Brasil: 1973

Visão geral

Este seria um disco, por definição, difícil. Como manter o nível de "Machine Head"? Para piorar as coisas, o clima era péssimo. Gillan estava demissionário. As gravações foram feitas de forma esparsa, entre turnês, em uma fórmula que já se mostrara esgotada. O produto final acabou refletindo essa conjuntura. Embora seja também um grande disco, tem certos detalhes que mostram uma banda desgastada e que precisava de um tempo. Uma prova disso podia ser conferida no repertório dos shows: apenas *Mary Long* chegou a ser tocada ao vivo e por pouco tempo. Outro sintoma: Blackmore sola relativamente pouco - três das sete faixas não tem solos de guitarra.

As vendas por ocasião do lançamento não foram decepcionantes: chegou ao 4º lugar das paradas inglesas e ao 15º nos EUA. Alguns têm a mania de dizer que este é um disco "injustiçado" do Purple. Outros "injustiçados" seriam o "Stormbringer" e o "Come Taste The Band". Nada a ver. Em uma análise isolada, ou, em comparação com a média dos discos de Rock do período, todos são grandes álbuns. O problema é quando comparados ao "In Rock" ou ao "Machine Head". Aí, não tem jeito, ambos ficam mesmo em um patamar abaixo. No fundo, essa discussão só reforça a categoria da banda, que tem uma produção de tão alto nível que mesmo seus discos não tão brilhantes são adorados por muitos.

Novamente a produção do álbum ficou a cargo do próprio Purple, novamente tendo Martin Birch como piloto dos botões. Uma característica deste e dos dois discos anteriores que deve ser destacada é a excelente qualidade do som. A engenharia de Birch sempre conferiu aos discos certas propriedades que ajudaram muito na apreciação da música da banda, principalmente a divisão clara dos instrumentos e o balanceamento perfeito dos níveis de gravação. Por isso, coube a ele um papel muito importante no sucesso do Purple.

Título

Um dos melhores. Criativo, cínico e bem-humorado. A ideia de usar como título do disco a frase "Quem a gente pensa que é" (sem o ponto de interrogação) saiu de uma entrevista de Paice ao Melody Maker em julho de 1972, quando ele citou: "recebemos pilhas de cartas apaixonadas, tanto a favor como contra a banda. As mais raivosas em geral começam com 'quem o Deep Purple pensa que é?'".

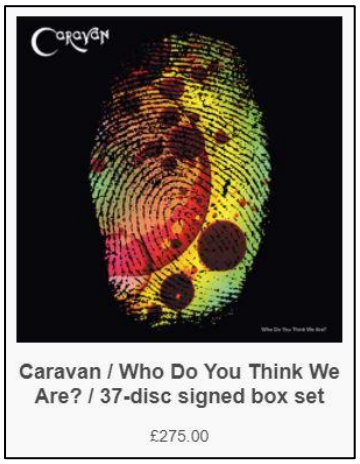
SOUNDS November 6, 1971

ARE WE SECOND-CLASS FANS ?

JUST WHO do British acts think they are? In the past six months innummerable British artists have released albums in the States at least a month before they are released in this country. More recent examples are "Fireball" by Deep Purple and "Imagine", by our OWN John Lennon.

The situation is so bad now that not only do we have to wait for new American albums but British as well. Are we regarded as second-class fans?
— RICHARD LAMMING, NORWICH, NORFOLK.
● TOKEN WINNER.

Montagem de carta de leitor enviada ao Sounds e provável origem do nome do álbum.

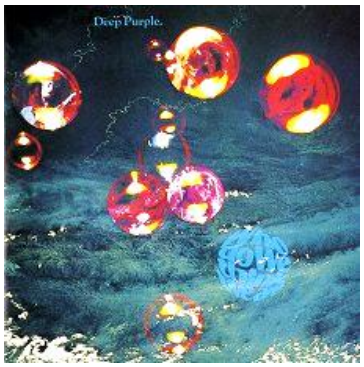


Em 2021 a banda inglesa de Rock progressivo Caravan, também nascida em 1968, lançou uma modesta compilação de sua obra em uma caixa com míseros 37 discos! Fiz as contas: se alguém aguentar ouvir a banda por 8 horas seguidas, vai levar mais de 4 dias para passar por tudo. Vai gostar assim de Caravan lá em Itatiba! Tal mastodonte é xará do álbum do Purple, não sei se propositalmente ou por uma dessas estranhas coincidências do destino.

Capa

Não acertaram, de novo. A ideia era produzir um efeito tridimensional, com as bolhas flutuando sobre o fundo, o que, obviamente, não deu certo. O resultado final foi uma capa que, certamente, não ajudou a vender o disco. Para mim, essa capa sempre teve algo de "natalino", por causa das bolhas, que me lembravam bolas de Natal. Assim como o antecessor, a capa não tem nenhuma relação com o título. O Purple prosseguia sem um logotipo. Na parte interna, uma série de reproduções de matérias de jornais sobre a banda, incluindo o trecho da entrevista em que Paice cita o que seria o futuro nome do disco. As letras vieram reproduzidas no envelope do LP.

A versão brasileira trouxe as inscrições em amarelo, seguindo a capa original inglesa. Na versão americana, o fundo teve o tom ligeiramente modificado, ficando um pouco mais claro e azulado. Nos textos, o amarelo foi substituído pelo azul (reprodução ao lado).
Conceito: C.



As faixas

Todas por Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

Woman from Tokyo

Mantida a tradição da faixa forte de abertura, apesar de não ser tão pesada como as três anteriores. O começo é muito marcante, com a entrada gradativa dos instrumentos, até culminar no riff. Outro destaque é o piano tocado no estilo honky tonky no final. O coral ao final teve Lord e Glover, em raríssima participação vocal. Uma dúvida que sempre tive: teria sido uma estratégia de marketing de Gillan, cantar sobre sua mulher de Tokyo logo antes que o Purple fizesse sua primeira excursão para o Oriente?
Nota: 9

Mary Long

Blackmore toca, se minha esquálida memória não estiver falhando, pela primeira vez o bottleneck em disco. Ótima letra de Gillan contra a hipocrisia moralista da época. Essa é uma das características deste disco: o nível das letras, de um modo geral, é acima da média em relação aos demais da discografia da banda.
Nota: 8

Super trouper

O título faz referência a um tipo de refletor, usado em shows. A letra, triste, traz um desabafo de Gillan sobre sua condição de artista e o preço que se paga pela fama. A primeira frase já marca o espírito da letra: "I was young man when I died...". Foi aplicado durante o refrão um efeito especial (conhecido como *phasing*) que, em minha opinião, é desnecessário. Veja a tradução da letra no item C.2 do Apêndice.
Nota: 8

Smooth dancer

Outra entre as melhores letras de Gillan. É um recado direto para Blackmore. Uma análise completa e brilhante sobre essa letra e seu contexto pode ser obtido de forma graciosa na Into the Purple Nº 5, seção "Interpretação de Letra", de autoria do Puplemaníaco Rodrigo Rosas Fernandes, ou na reprodução que está no Apêndice, ref. C3. A faixa reflete o clima geral entre os músicos. Não só pela letra, mas pela produção (ficou um pouco mais longa do que deveria), o que tirou um pouco da força da música. Apesar disso tudo, ainda é um clássico.
Nota: 8

Rat bat blue

Grandes riffs de guitarra e de bateria(!). Outra faixa que poderia ter rendido mais, caso tivesse uma produção diferente. Faltou o solo de guitarra. Dobrar a velocidade de parte do solo de Lord, ao meu ver (ou seria *a meu ouvir*?), foi um erro. Deixou o solo artificial, deslocado do contexto e quebrou um pouco o desenvolvimento da faixa.

Logo após soltar a Versão 9 deste trabalho conheci a música *Watch your step*, gravada pelo seu autor, Bobby Parker, e lançada como single em julho de 1961. Não sei como os detetives do plagiarismo deixaram escapar esta, mas o fato é que os riffs das duas músicas são muito parecidos, quase gêmeos. Com um pouco mais de esforço, dá para incluir *I feel fine*, sim, deles, também na lista de, ahn, "possíveis apropriações".

O título não é traduzível, pois é uma onomatopeia de uma virada de bateria. Não tem nada a ver com a letra. Mesmo assim, nossos hermanos insistiram na mania de traduzir todos os títulos das músicas e geraram "Murcierlago triste".
Nota: 8

Place in line

Para mim, a melhor do disco. Bluesão rasgado, com grandes participações de Gillan, Lord e Blackmore. A letra, inspirada no conto "In the Queue" de Keith Laumer, é uma crítica ao conformismo e traz a história de um cara que está há "nove longos anos" em uma fila que não leva a lugar nenhum e ele não se importa.

Novamente Blackmore criou um solo estruturado, que tem um tema inicial e que vai se desenvolvendo até o clímax, calcado na frase do início. Depois vem o solo de Lord, também brilhante. O solo de cada um foi gravado somente em um dos canais do estéreo, deixando o outro para o acompanhamento. É muito divertido ouvir os dois solos deixando o botão do balanço todo virado para o canal no qual não está o solista. Dá para apreciar a sutileza dos acompanhamentos de Lord e Blackmore e ver como eles complementam com precisão os solos um do outro. Outro destaque é a amostra que Gillan dá de sua extensão vocal, flutuando do grave ao agudo com uma habilidade impressionante.
Nota: 10

Our Lady

Nunca entendí como o Purple pode ter gravado uma canção carola como essa. Nada contra o tema, mas, como diriam em Itatiba, não *orna* com o resto do disco, com o repertório do grupo, com o espírito do Rock, ou seja, não orna com nada! Quando o Gillan veio pela primeira vez ao Brasil, nós, da honorável mas extinta SBADP (*) perguntamos a ele o porquê deles terem gravado essa música. Pela sua reação deu para notar que ele não gostou da pergunta. Mas, respondeu mesmo assim, dizendo que simplesmente eles acharam que ela deveria ser gravada. Uma especulação: seria um pedido de ajuda de uma banda desorientada? Outra das faixas que não tem solo de guitarra. Que me perdoem aqueles que gostam desta música, mas, para mim, ela deveria ter dado lugar à *Painted horse*, que não tem nada de sensacional, mas é melhor do que *Our Lady*.
Nota: 3

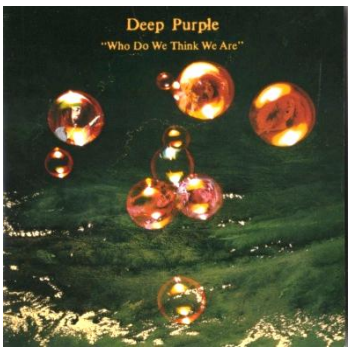
(*) SBADP – Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple. A história da SBADP está disponível – veja o Apêndice, ref. A.1.

Complementos

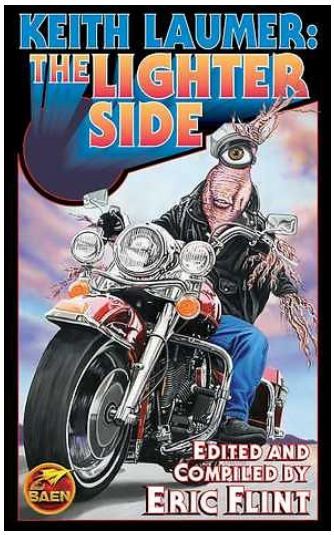
Este foi o primeiro disco de estúdio que não foi acompanhado pelo lançamento de compactos na Inglaterra, apesar do potencial que *Woman from Tokyo* teria nas paradas. Acabou sendo lançada em outros países, como nos EUA (publicidade do single reproduzida à frente). Mais um fato que mostra como as coisas estavam turbulentas.

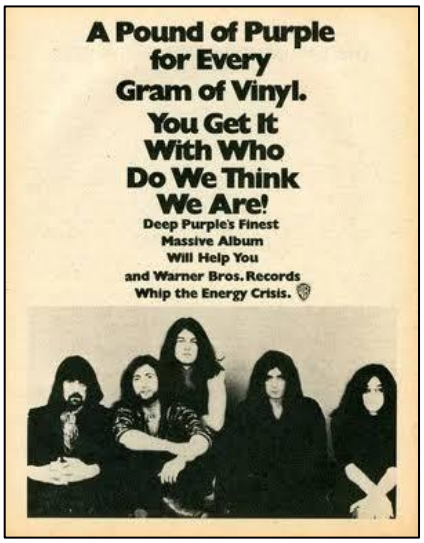
A edição comemorativa em CD não saiu em 1998, como era esperado, para homenagear os 25 anos de lançamento. Acabou saindo em 2000, com uma produção mais modesta do que a do "Machine Head", sem sobrecapa. Como sempre, veio acompanhada de um livreto muito bem elaborado, contendo mais um longo depoimento de Glover. A única bronca em relação a esse e a todos os demais livretos das edições especiais em CD é a fonte usada, minúscula, incompatível com a acuidade visual de boa parte dos fãs, como O Eremita, que não é mais nenhum garoto...

A despeito da parte gráfica menos elaborada, o conteúdo da reedição (batizada de "remaster") tem lá suas atrações. Trouxe a faixa *Painted horse*, que ficou de fora do álbum e que havia aparecido no LP "Powerhouse", mas ainda não tinha sido lançada em CD (pelo menos em edições mais comuns). Duas me chamaram mais a atenção: uma delas é uma série de gravações da criação da *Rat bat blue*. Pena que dure só um minuto. A outra é a última faixa do CD, batizada como *First Day Jam*, que traz um longo improviso instrumental de Lord, Glover e Paice, mais uma amostra do talento dos músicos tanto no domínio dos instrumentos como na improvisação. Conforme consta no livreto, durante a pesquisa para essa edição *remaster* foram descobertas gravações dos músicos se divertindo, cantando covers (um deles com Lord no vocal). Lord pediu que elas não fossem incluídas nessa edição, para não depreciar o álbum como um todo.



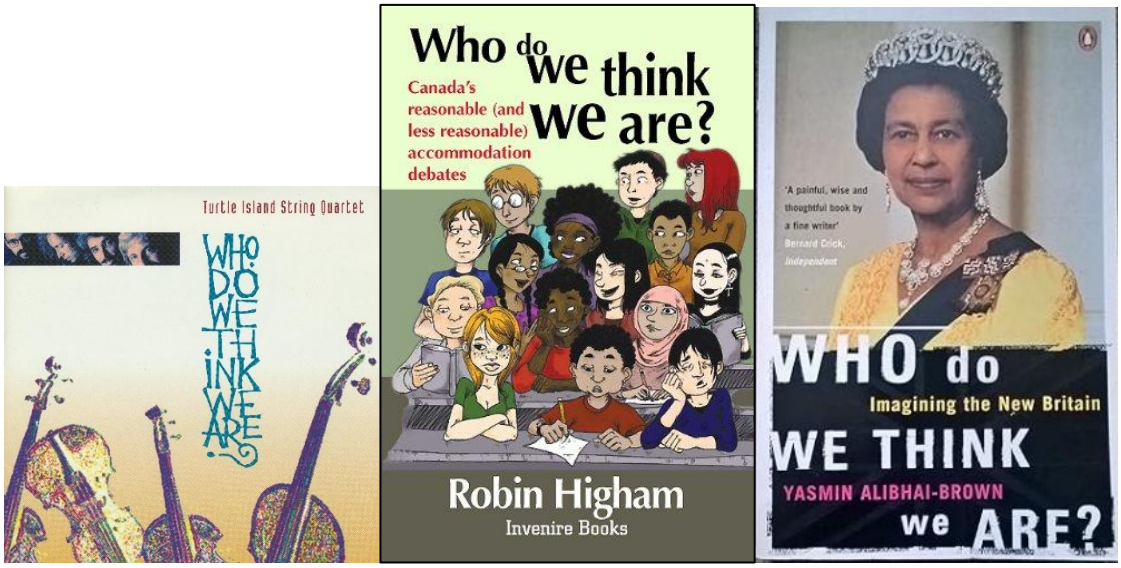
Em cima: capa e contracapa da versão uruguaia, com as traduções de praxe, incluindo o título do disco e pérolas como "Señora censura" para *Mary Long* e "Super actor" para *Super Trouper*. Embaixo: capa do CD da edição comemorativa e encarte original do LP, com as letras. Ao lado, recorte da revista americana Circus, explicando o que é o tal "super trouper"; embaixo: livro onde consta o conto que inspirou *Place in line* e duas publicidades do álbum.

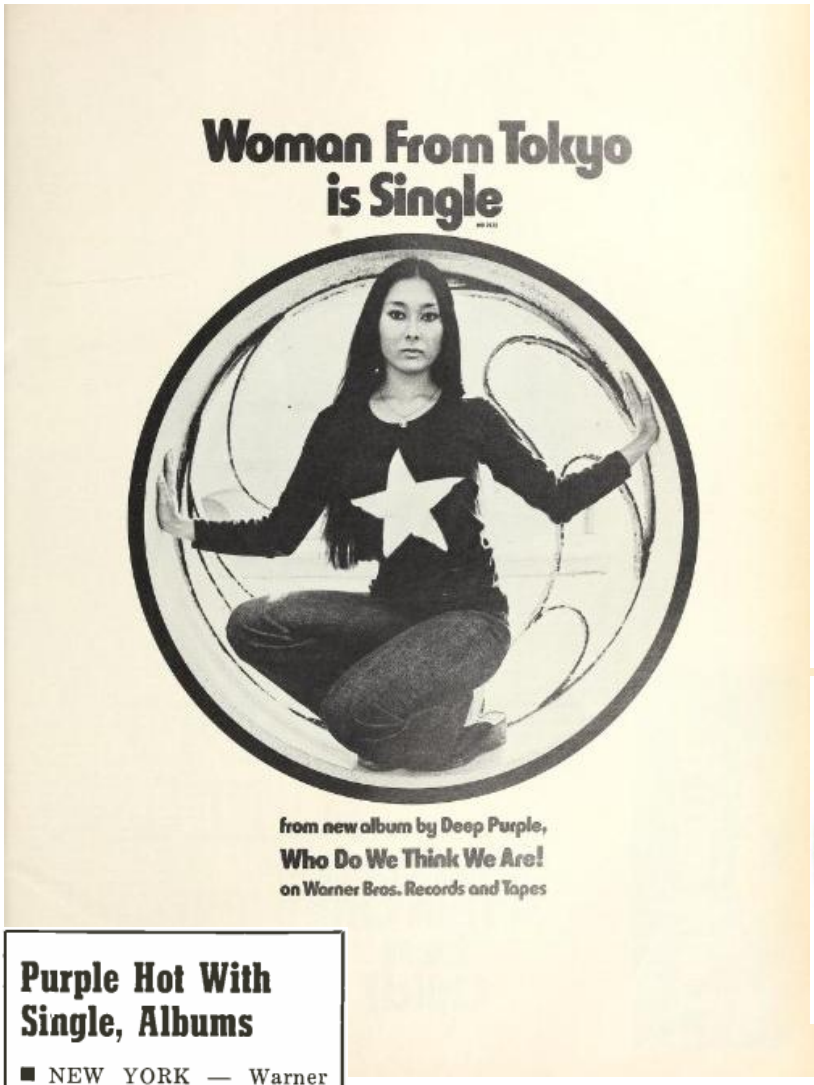




THEY ARE GOLD—Deep Purple were awarded gold albums for "Who Do We Think We Are!" at a special reception hosted by Warner Bros. Records. Receiving the disks were (back, left to right) Deep Purple members Ian Paice, Jon Lord, Roger Glover, Ian Gillan and Ritchie Blackmore with Warner's chairman Mo Ostin, and (kneeling, left to right) Deep Purple's manager John Coletta and Warner's president Joe Smith.

Acima temos recorte da revista "Cash Box", de 19 de maio de 1973 registrando a entrega do disco de ouro à banda pelo "Who Do We Think We Are. Agachado na frente do Paice está John Coletta. Abaixo três exemplos que, propositalmente ou de modo casual, usaram o título do álbum em seus trabalhos: disco do Turtle Island String Quartet, de 1990; livros de Robin Higham, de 2009 e Yasmin Alibhai-Brown, de 2001.

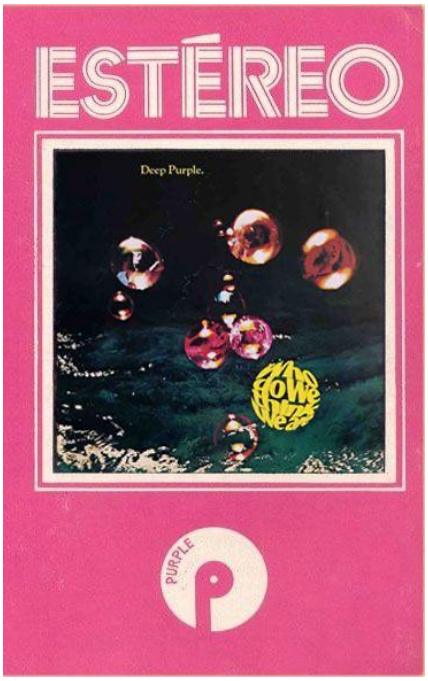




Purple Hot With Single, Albums

■ NEW YORK — Warner Brothers group Deep Purple is experiencing the hottest period in its career with three albums in **Record World's** Top 100 Album Chart. Their latest lp, "Made In Japan" is currently number 9 with a bullet, "Who Do You Think We Are" is 94, and the year-old "Machine Head" returns to the chart this week at 87 with a bullet.

The "Machine Head" phenomenon seems to have been sparked by the success of a single taken from that album "Smoke On The Water" which jumps from 93 to 68 with a bullet this week in **RW's** Singles Chart, and is a national breakout on **RW's** AM Action survey. The album, according to **RW's** survey, is the number one lp in Pennsylvania, Michigan, upstate New York, Florida, and parts of Minnesota and Maryland. " Machine Head" was first released March 24, 1972.

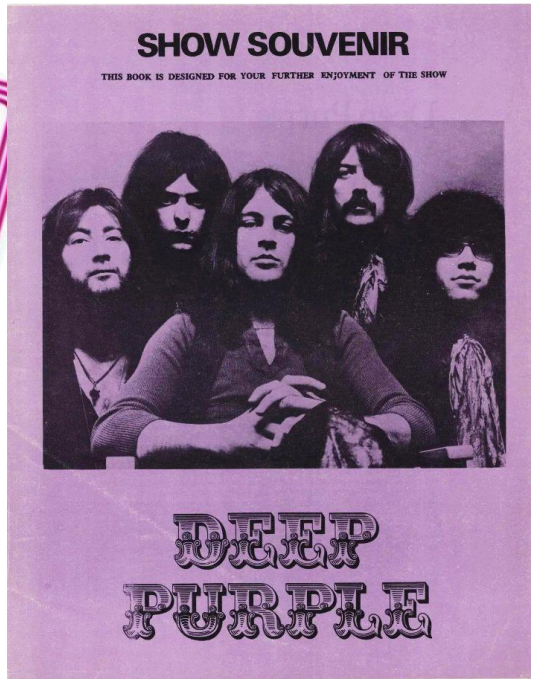


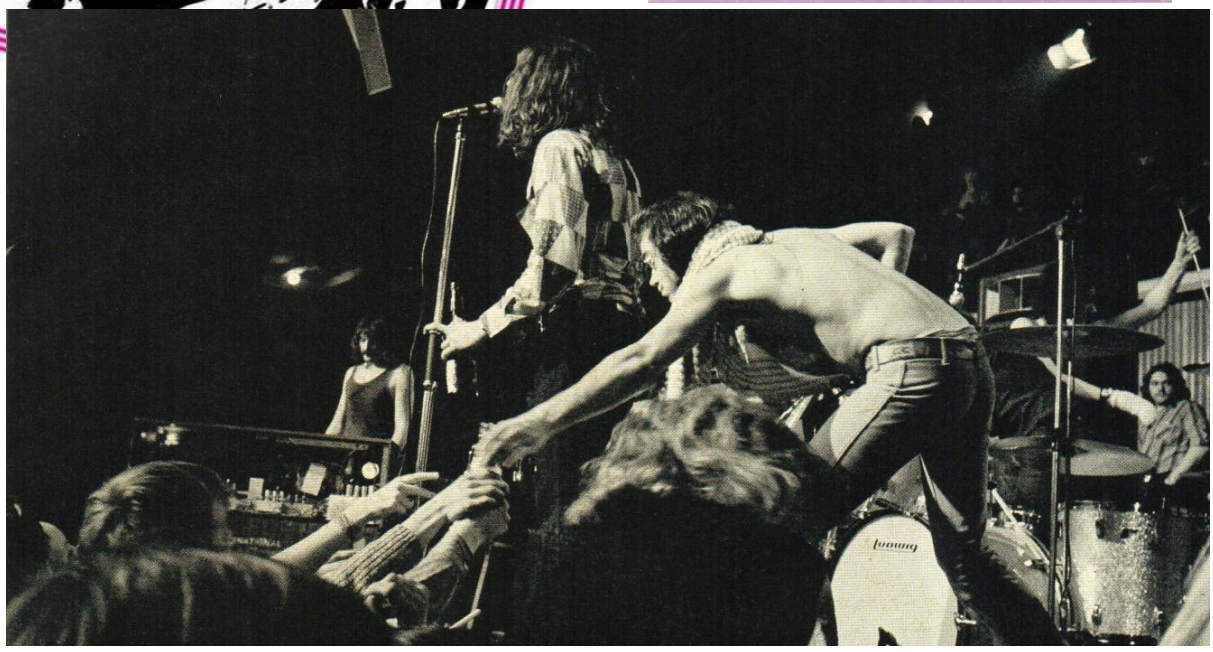
Acima, publicidade do álbum publicada na revista Cash Box, em 27 de janeiro de 1973, destacando o single "Woman from Tokyo". Ao lado, selo, capa e contracapa da versão italiana do mesmo single, contendo *Black Night* do lado B. Na esquerda, matéria da Record World, de 2 de junho de 1973, comentando que, naquele momento, o Deep Purple estava com três álbuns no Top 100 da revista: "Made in Japan" estava em nono; "Machine Head", após um ano do lançamento, ocupava a 87ª posição e o "Who do We Think We Are", recém lançado, era o 94ª da lista. Por fim, capa da fita cassete, edição brasileira.

Purple Soaks While Mob Riots

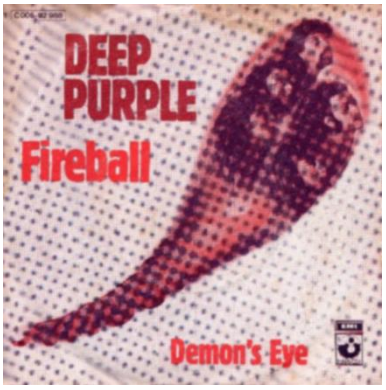
Along with the rains came a full-fledged riot. Over 17,000 **Deep Purple** fans stormed the stage at an outdoor arena at the Cornell Stadium in Ithaca, New York, when it was announced the concert would have to be postponed. The storm broke in the middle of a set by **Z. Z. Top** and their manager, **Bill Ham**, pulled them off stage. Then the restless crowd decided to voice their displeasure by overturning seats and mounting the stage. Purple drummer **Ian Paice** discussed the incident back in his Holiday Inn motel room. "When Z. Z. Top came off stage after the rain started, all the wiring onstage was soaked through and it would have been dangerous to even get near a mike." Had Ian and the Purple ever heard the maxim "The show **must** go on?" "There's no point of going onstage if there's a chance of being killed," he said grumpil

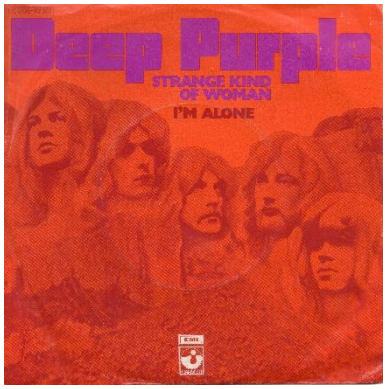
Deep Purple: Unwilling to die in order to sing a song.

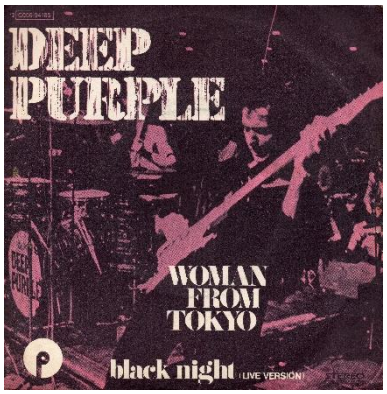


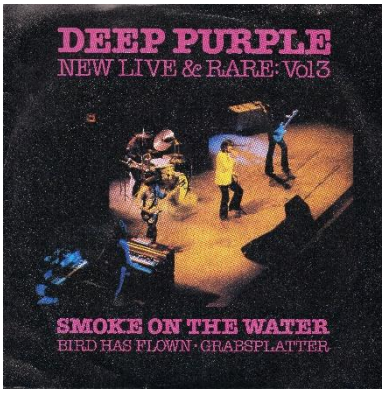


Para fechar a parte que enfocou a MK II, fotos das capas de alguns dos compactos originais da época e que fazem parte da coleção d'O Eremita. Primeira linha, da esquerda para a direita: edição inglesa com *Fireball/Demon's eye*; o mesmo par de músicas em versão alemã; também alemão é o exemplar que traz *Strange kind of Woman/ I'm alone*. Segunda fila: compacto alemão com duas versões de *Smoke on the water*, de estúdio do lado A e ao vivo no B; ao lado, mais um exemplar germânico (nenhuma predileção, mas foram os que apareceram para mim), desta vez com *Woman from Tokyo* e *Black Night*, esta, ao vivo; o mesmo conteúdo, mas com capa diferente, em disco francês. Na terceira fileira, dois representantes da série de três EPs ingleses (mas do tamanho de um compacto) sob o nome de "New, Live & Rare". O Volume 1, de 1977, cuja capa eu não tenho, traz *Black night* (ao vivo), *Painted horse* e *When a blind man cries*; o Volume 3, de 1980, é o item mais interessante de todos desta página. No lado A, uma versão ao vivo, até então inédita, de *Smoke on the water*, das sessões do "In Concert" e do lado B, *Bird has flown*, com Gillan e Glover, e, ainda, *Grabsplatter*, instrumental. Ambas originárias de sessões na BBC. Por fim, compacto de 1980, que tem na capa o resultado da pacífica reação do público japonês no Budokan, em show de 1973, que contém *Black night/Speed king*. Esta, também, até então, em versão ao vivo inédita.









Capitulo 11
Burn

Burn

Mark III

8,6

A

1. Burn (6:00)
2. Might just take your life (4:36)
3. Lay down, stay down (4:15)
4. Sail away (5:48)

B

5. You fool no one (4:47)
6. What's goin' on here (4:55)
7. Mistreated (7:25)
8. "A" 200 (3:51)

Produção: Deep Purple
Gravação: Rolling Stones Mobile Unit, em Montreux
Engenheiro: Martin Birch
Capa: Nesbit Phipps & Froome
Lançamento: Fevereiro de 1974
Gravadora/Selo/Código: EMI/Purple/TPS 3505
Lançamento no Brasil: 1974

Visão geral

Quando este disco saiu no Brasil eu tinha meus 13, 14 anos. Já era fã apaixonado do Purple. Citei em algum lugar que não havia "paixão clubística" envolvida nisso, mas, de certa forma, eu menti. Digo o porquê. Quando eu soube que o Gillan tinha saído, simplesmente me recusei a ouvir o "Burn". Demorei um tempão para dar confiança aos comentários da galera que o disco estava muito bom. Até o dia em que ouvi. E ouvi e ouvi e ouvi. Ainda ouço, direto. Ouvi ontem. Grande disco, contendo grandes mudanças.

Vamos às mudanças. Com a inclusão de Hughes, pela primeira vez o Purple passou a ter dois vocalistas, embora Coverdale fosse o principal. Voltando ao tema da "paixão clubística", me solidarizo com o comentário de Pete Makowski da edição especial da "Sounds" sobre a banda (veja na Bibliografia): "precisaram arrumar dois vocalistas para substituir o Gillan". Outras duas novidades importantes: (1) os créditos das composições passaram a ser atribuídos aos autores e não mais criações coletivas, como ocorria com a MK II. Coverdale é coautor em sete das oito faixas. De início Hughes não recebeu créditos como compositor (ver "Bibliografia"); (2) Jon Lord aderiu de vez ao sintetizador, usando-os em larga escala no disco. Outras mudanças aconteceram em detalhes que só interessam aos fãs pentelhos como eu: desde o "Book Of Taliesyn" que todos os discos vinham com sete faixas e capa dupla. "Burn" veio com oito faixas e capa simples.

Cinco de suas faixas passaram a fazer parte do repertório dos shows, o que é uma prova da força do disco. A vendagem também refletiu essa força, chegando ao terceiro lugar na lista dos mais comprados na Inglaterra e em nono nos Estados Unidos.

Hughes tem participação efetiva nos vocais em seis das faixas. Uma das composições é instrumental (outra coisa que não acontecia desde o "Book Of Taliesyn") e em *Mistreated* Coverdale canta sozinho. Nos dois discos seguintes, Hughes foi aumentando sua participação nos vocais. No "Stormbringer" ele canta uma sozinho e no "Come Taste The Band" duas.

Outro aspecto que vale ser abordado, embora controverso, é a queda na qualidade das letras. Gillan costumava produzir letras com conteúdo muito acima da média para o meio do Rock. São vários os exemplos, como *No one came*, *Place in line* e *Super Trouper*, só para ficar na fase da MK II. Na era Coverdale/Hughes as letras raramente saíam dos temas padrão do meio. O assunto é polêmico porque a importância das letras no Rock é relativa. Evidentemente que uma boa música é valorizada com uma boa letra. Mas, em geral, o que conta é o casamento entre as duas coisas. Quando o conjunto letra+música casa bem, quem se importa com a letra?

Em outras palavras: quem está preocupado demais com as letras deve comprar um livro do Fernando Pessoa e não ficar esperando coisas muito além de "eu tenho muitas mulheres" ou "eu tenho muitos carros" nas composições Rockeiras.

Título

Se todos os discos tivessem como título o nome da primeira faixa, este item não teria sido incluído na estrutura desta discografia. Afinal, comentar o quê? O título é o nome da primeira música do disco e pronto. O que daria para fazer é aproveitar a deixa para tirar mais uma onda com os nossos hermanos, que traduziram o título para "Quemar"! Até fizeram uma imitação tosca da arte do original (confira nos "Complementos").

Capa

Não se pode dizer que colocar as velas na capa tenha sido uma ideia brilhante, mesmo querendo forçar um trocadilho. Em todo caso, quando decidiram que a capa seria formada por velas com as caras dos músicos, podiam ter caprichado um pouco mais. Tudo bem, não deve ser muito fácil esculpir em velas, mas os caras ficaram irreconhecíveis. Dá para saber quem é o Blackmore por causa da cartola. A vela com o que seria o rosto do Hughes ficou a cara da Dona Mirtes, uma vizinha minha quando eu morava em São Paulo. A coisa toda ficou tão esquisita que lançaram uma fumacinha (roxa, é claro) para encobrir parte do cenário. A contracapa traz uma foto das mesmas velas, já queimadas. Originalmente só foram fabricados os cinco exemplares usados para a produção da capa. Mas, como muito fã do Purple é doente a ponto de querer comprar réplicas das tais velas, depois de muitos anos e atendendo aos pedidos, comercializaram um lote das velas. É mole? Eu não quis comprar. Sou fã, mas aí já é demais. Daqui a pouco vão querer vender perucas com penteados iguais aos usados na capa do "Shades".
Conceito: B.

As faixas

Burn
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Uma das mais devastadoras faixas de abertura de um disco de Rock de todos os tempos. Tudo perfeito: riff grudento; vocais poderosos de Coverdale; Blackmore de volta com um solo estruturado, nada menos que fantástico; Lord explorando bem os recursos do sintetizador, usando várias camadas de teclados sobrepostos e...o Paice, hein? Não quis saber de marcar o tempo e ficou solando durante as estrofes. Blackmore confessou que o riff veio de um de seus vários empréstimos. Desta vez foi de uma música de Ira & George Gershwin, chamada *Fascinating Rhythm*, facilmente encontrada em discos das chamadas "Big Bands" (Benny Goodman, Glen Miller e companhia bela).
Nota: 10

Might just take your life
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Blues suingado, conduzido pelo teclado de Lord. Novamente Paice brilha na bateria, quebrando a marcação o tempo inteiro. É a primeira chance de ouvir o contraste entre as vozes de Coverdale e Hughes. O início lembra um pouco o da *Jessica*, da banda americana Bloodrock.
Nota: 9

Lay down, stay down
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Outro Blues suingado. Novamente Paice brilha na bateria, quebrando a marcação o tempo inteiro. É a segunda chance de ouvir o contraste entre as vozes de Coverdale e Hughes. Humm...algo está monótono neste texto. É claro que as músicas não são parecidas, como se poderia supor pelo meu comentário. Aliás, em discos do Purple, normalmente, não se encontram músicas parecidas. O lugar comum é se afirmar que a MK III trouxe uma roupagem mais funk para a música da banda. Mas, nesta faixa percebe-se um leve toque latino no solo de Blackmore. Uma última observação:

falando em coisas parecidas, o riff é *muito* parecido com o de *Blood on the sun*, do Mountain.
Nota: 8

Sail away
Blackmore/Coverdale

Ôpa, esta eu adoro! Baladão pesado, com interpretações carregadas de emoção de Coverdale (principalmente) e Hughes. A música tem um clima especial, resultante da sonoridade diferente da guitarra de Blackmore e dos teclados de Lord, que ora faz um fundo com seu Hammond, ora solta umas frases curtas com o sintetizador, de onde extrai um belo solo.
Nota: 9

You fool no one
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Claramente inspirada em *Still I'm sad*, música que Blackmore deve gostar muito porque gravou duas versões diferentes dela em discos do Rainbow. Muitas vezes ele misturava as duas na introdução da *You fool no one* nas versões ao vivo. De novo, Paice é um dos destaques. Aquela leve (eu disse leve) pitada latina, já citada, aparece de novo, em parte devido ao tempero especial que Lord aplica com seu Hammond. Mais um dos solos memoráveis de Blackmore.
Nota: 9

What's goin on here
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Faixa menos marcante do disco. A letra, que descreve um porre daqueles, e a sonoridade combinam bem, transmitindo um clima descontraído. Destaque para o piano de Lord prevalecendo, com o estilo honky tonky reaparecendo em seu solo.
Nota: 7

Mistreated

Blackmore/Coverdale

Ao lado da faixa título, um dos pontos altos do disco. Uma das melhores músicas do Purple em todas as suas fases. Coverdale, ainda no início de carreira, canta a plenos pulmões, mais na base da garra e da emoção do que na técnica. O solo final de Blackmore é, para mim, o melhor já registrado por ele em discos. Curiosamente, é raro *Mistreated* aparecer em coletâneas. Mesmo na mais bem sucedida delas, a "Deepest Purple", que chegou ao primeiro lugar das paradas britânicas em 1984, *Mistreated* não está presente. Recentemente foi lançada uma edição comemorando os 30 anos dessa coletânea, na qual foram acrescentadas algumas faixas em relação à original, mas *Mistreated* permaneceu de fora. Por outro lado, Blackmore, Coverdale e Hughes a incluíram no repertório de seus shows em suas carreiras solo. Em 2015 George Lucas a escolheu como parte da trilha sonora da animação "Strange Magic". No desenho o montro vilão canta *Mistreated* dando a ela uma nova versão, resumida, acompanhado por uma banda de monstrinhos. Muito legal.

Nota: 10

"A" 200

Blackmore/Lord/Paice

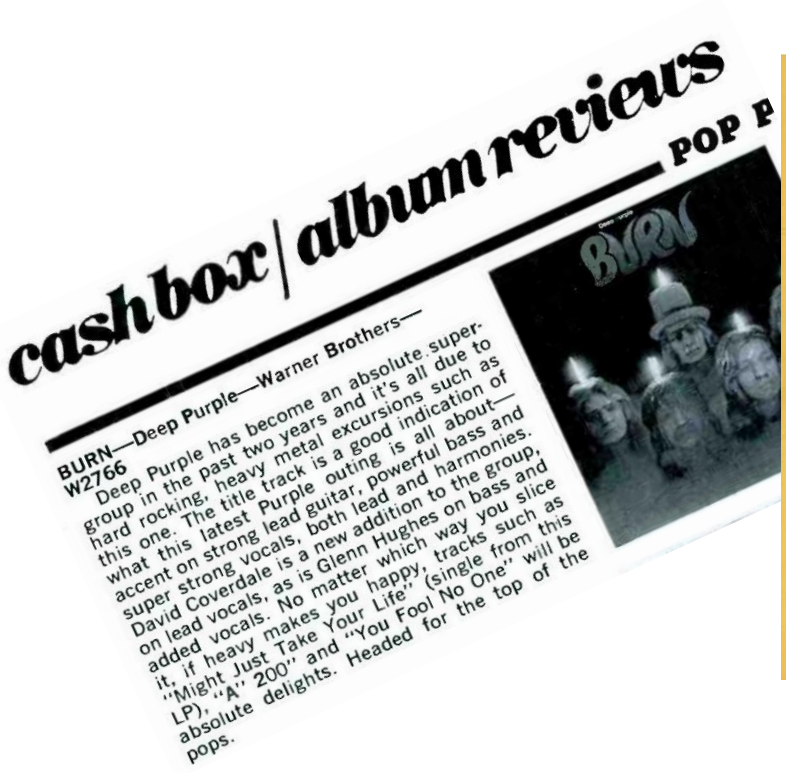
Faixa instrumental, o que é esquisito quando se têm dois vocalistas na banda. Parece mais um veículo para que Lord se divertisse com os recursos do sintetizador. O solo de Blackmore é mais um daqueles que ajudaram a construir a sua fama. O título foi extraído do nome de um remédio contra chatos (no caso, estamos falando do inseto que se instala na região pubiana dos homens menos seletivos – se existisse remédio contra o outro tipo de chato, a humanidade estaria condenada).

Nota: 7

Complementos

Na Inglaterra houve apenas um compacto extraído do álbum: *Might just take your life/Coronarias redig*, lançado em 4 de março de 1974. O lado B é praticamente instrumental, contendo um pequeno trecho com vocal de fundo por Coverdale e Hughes, semelhante ao "aaaah" do final das estrofes de *You fool no one*. Este compacto não pontuou na parada inglesa.

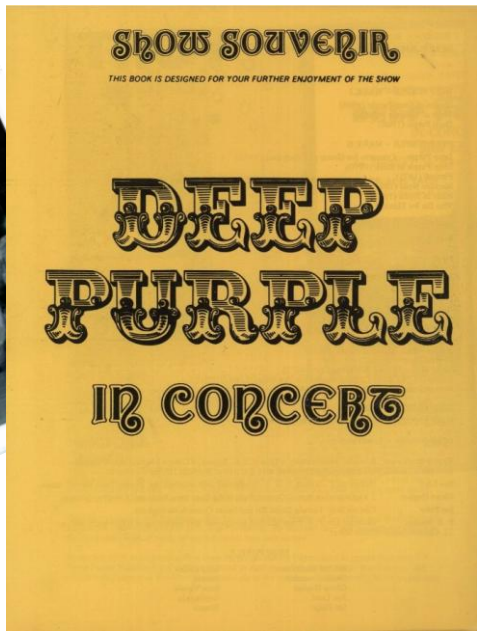
Em 2004 saiu a edição comemorativa dos 30 anos do lançamento original do "Burn". Item muito aguardado. Porém, o produto final foi um pouco frustante, por não trazer nenhum material inédito. O pacote trouxe uma sobrecapa, um CD simples e um livreto. Este último, o melhor de todo o conjunto, com uma enorme quantidade de informações. Começa descrevendo a transição da Mark II para a III, passando pelos detalhes criativos das composições e trazendo fotos e reproduções diversas de material promocional, seguindo o padrão das edições comemorativas anteriores, incluindo o uso da fonte em tamanho microscópico. O CD traz a remasterização do álbum original, o que lhe deu um ganho de qualidade, pois o som ficou mais cristalino, mas, sejamos realistas: imperceptível para quem houve música no carro ou via tocadores de MP3.

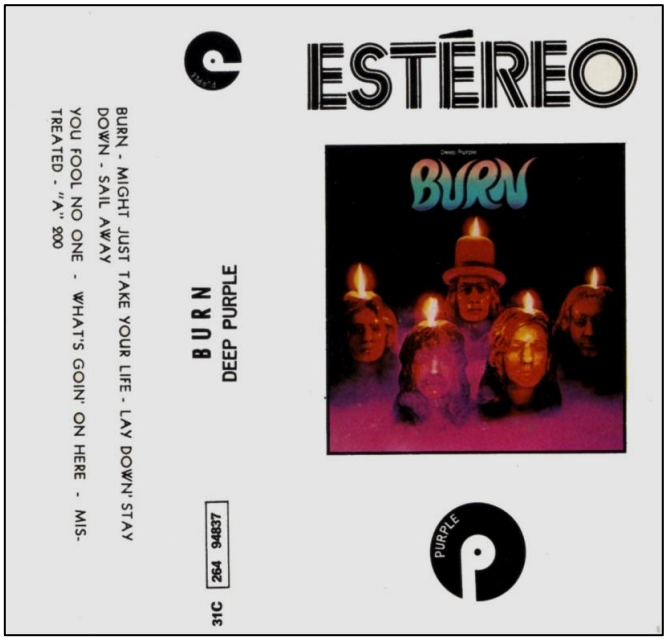

cash box | album reviews

POP P

BURN—Deep Purple—Warner Brothers—W2766

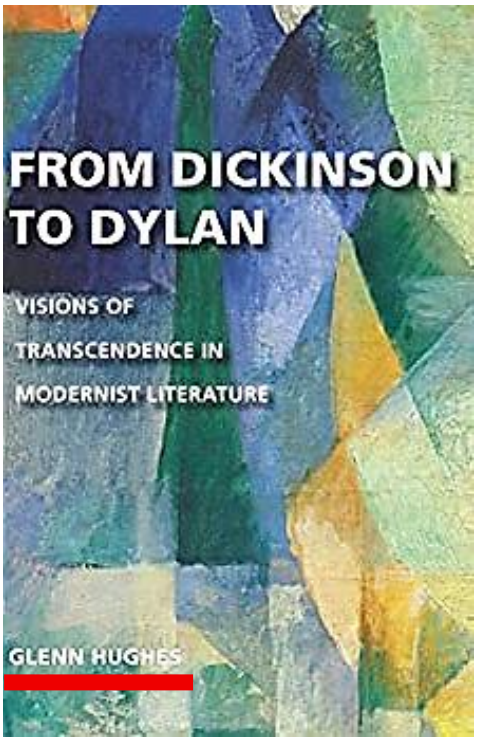
Deep Purple has become an absolute supergroup in the past two years and it's all due to hard rocking, heavy metal excursions such as this one. The title track is a good indication of what this latest Purple outing is all about—accent on strong lead guitar, powerful bass and super strong vocals, both lead and harmonies. David Coverdale is a new addition to the group, on lead vocals, as is Glenn Hughes on bass and added vocals. No matter which way you slice it, if heavy makes you happy, tracks such as "Might Just Take Your Life" (single from this LP), "A" 200" and "You Fool No One" will be absolute delights. Headed for the top of the pops.

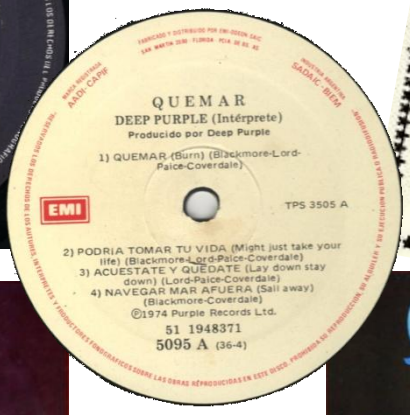




1974 **Might Just Take Your Life / Coronarias Redig**
45 giri/Purple 3C 006 95246 €30

No sentido horário: compacto alemão, com *Coronarias redig* do lado B; capa da fita cassete brasileira, onde não fica claro se a gravação é ou não em estéreo. Logo abaixo: selo do LP uruguaio, em que "Burn" virou "Arde", e a reprodução de sua contracapa, que recebeu uma tonalidade azulada. Ao seu lado, a contracapa de uma das edições argentinas, que saiu em preto e branco. Na última linha, capa e selo do single italiano de *Might just take your life*. Por fim, o fisósofo Glenn Hughes em ensaio literário-musical, analisando as influências transcendentais de Bob Dylan e Bruce Dickinson.

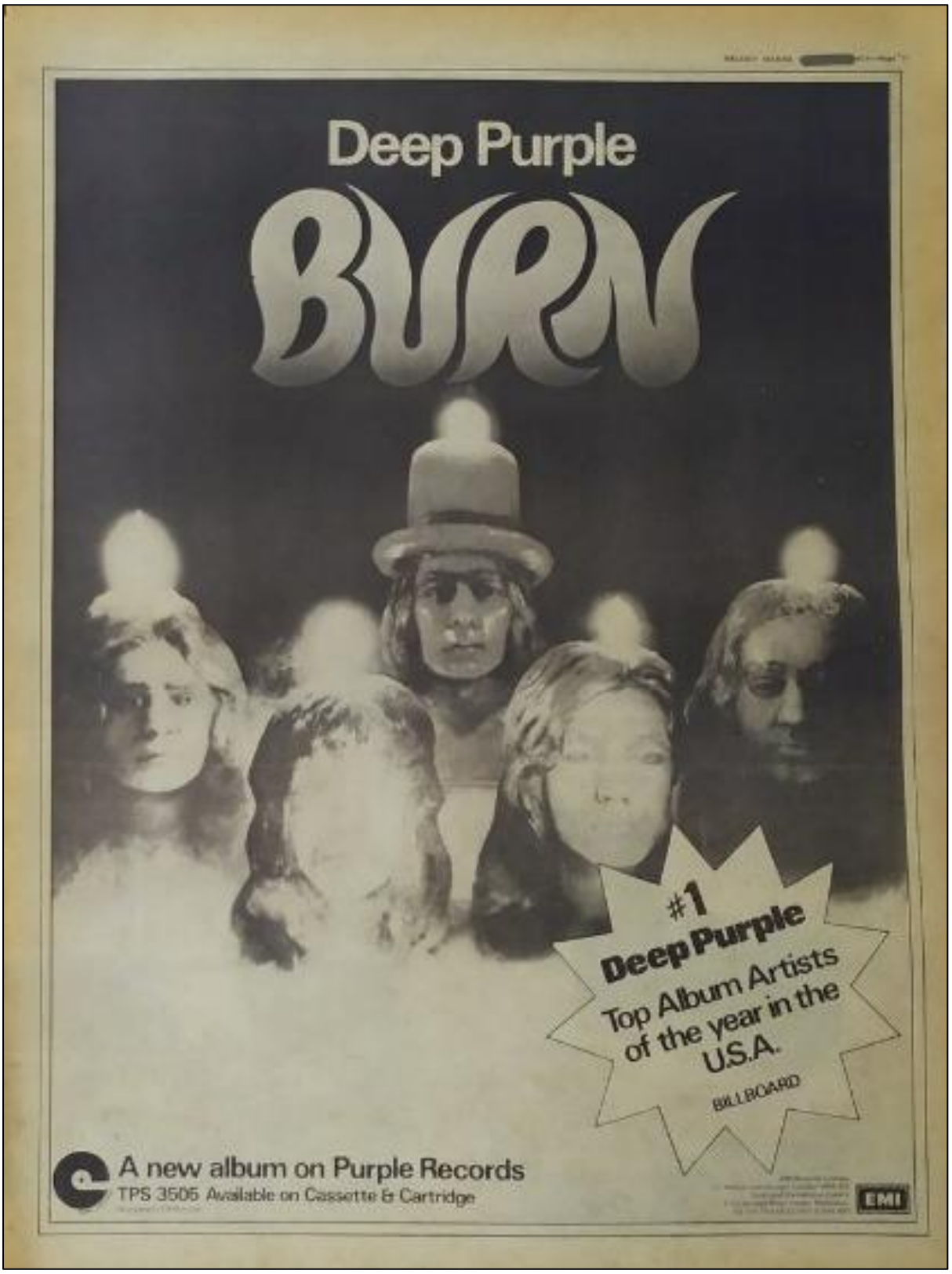




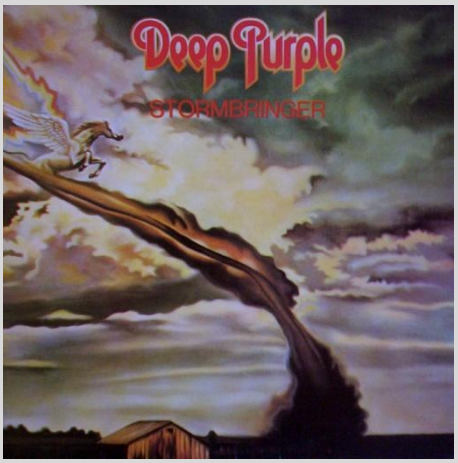
• Enquanto isso, na Itália, o 1.º lugar está com a trilha-sonora de JESUS CHRIST SUPERSTAR, há duas semanas, passando pra trás nomes como Deep Purple (2.º), Santana (4.º), Bob Dylan (7.º) e King Crimson (12.º).

• O álbum novo do Deep Purple, BURN, pinta muito bem colocado nas paradas americana e inglesa. Na sombra do sucesso do Purple, o grupo BLACK HEAT começa a aparecer com NO TIME TO BURN. Não se sabe até o momento o que é que eles estavam querendo "queimar"...

Em cima: capa e contracapa da edição colombiana, apresentando uma estranha coloração amarelada. Abaixo, a reprodução dos selos dos LPs colombiano (esquerda) e argentino (centro). Ao lado, recorte do jornal "O Globo", de março de 1974. Mais embaixo: duas edições argentinas – notem que foram duas tentativas de reproduzir a arte do título. Como sempre, traduzido. As adaptações argentinas deste disco são curiosas. Eu traduziria *Burn* como "Queime". Mas, isto não é a única coisa a chamar a atenção. *You fool no one* que, no meu limitado inglês seria "Você não engana ninguém", segundo a escola argentina de tradução significa "Tonto como ninguno" (o selo do disco traz as demais traduções). À esquerda, capa da edição de aniversário em CD


Deep Purple
BURN
#1
Deep Purple
Top Album Artists
of the year in the
U.S.A.
BILLBOARD
A new album on Purple Records
TPS 3505 Available on Cassette & Cartridge
EMI

Capitulo 12
Stormbringer



Stormbringer

Mark III

7,6

A

1. Stormbringer (4:03)
2. Love don't mean a thing (4:23)
3. Holy man (4:28)
4. Hold on (5:05)

B

5. Lady double dealer (3:19)
6. You can't do it right (with the one you love) (3:24)
7. High ball shooter (4:26)
8. The gypsy (4:13)
9. Soldier of fortune (3:14)

Produção: Deep Purple & Martin Birch
Gravação: Musicland Studios, Munique
Engenheiro: Martin Birch
Capa: Joe Garnett e John Cabalka
Lançamento: Dezembro de 1974
Gravadora/Selo/Código: EMI/Purple/TPS 3508
Lançamento no Brasil: 1975

Visão geral

A questão da "injustiça" que acompanha este disco já foi comentada no capítulo dedicado ao "Who Do We Think", portanto, não é o caso de repetir. Entre o "Stormbringer" e o "Burn" existem diferenças tão grandes nas produções musicais que nem parece que só se passaram dez meses entre os dois lançamentos (ambos são de 1974). Durante esse período, à medida que aumentava a influência de Hughes, caía o interesse de Blackmore em continuar com o grupo. É patente essa transição no disco, com pelo menos duas faixas no mais puro estilo Hard Rock que consagrou

a banda (*Stormbringer* e *Lady double dealer*) e ao menos duas altamente influenciadas por Hughes e sua admiração pelo Soul e Funk. Blackmore, após longo tempo, deixou de aparecer como coautor (*Hold on*). Depois deste disco ele saiu do grupo reclamando das novas influências musicais. Um depoimento de Hughes é curioso: ele achou engraçado Blackmore deixar o grupo dizendo que não gostava de Black Music tendo tocado sua guitarra tão bem, de um modo tão funky quanto ele fez no disco. Toda essa perturbação refletiu também na vendagem: a 6ª posição obtida na Inglaterra foi a mais baixa desde o "In Rock" (nos EUA atingiu o 20º lugar). A crescente influência de Hughes é notada de várias formas. A mais evidente é na sonoridade de algumas faixas, mudando o estilo da banda. Outras duas: sua presença como compositor em seis das nove músicas e como cantor solo em uma faixa.

No meu pouco especializado conceito, um dos problemas que o álbum enfrentou foi decorrente da ordem em que as faixas foram distribuídas pelo disco. O "Stormbringer" foi lançado na era do LP. De um modo geral, os produtores usavam a seguinte tática para distribuir as faixas: as três melhores músicas, ou seja, as mais fortes (ou mais comerciais) eram colocadas como primeira e segunda do lado A e como primeira do lado B. Dessa forma, eram deixados ganchos para fisgar o ouvinte. No caso do "Stormbringer", a segunda faixa foi mal escolhida. Há uma disparidade muito grande entre a música de abertura e a sua sequência, o que causou um choque nos fãs. Se fosse eu o produtor (pretensão ainda não paga imposto, então me deixem aproveitar), eu teria escolhido outra ordem. A faixa de abertura, é claro, eu manteria. Como segunda faixa, colocaria *Lady Double dealer*. Na terceira, *High ball shooter*. Do lado B, iniciaria com *Hold on* e manteria *Soldier of fortune* como última faixa, para fechar o disco brilhantemente. A ordem das demais faixas não faria diferença. Evidentemente que o surgimento do CD acabou com toda essa estratégia de marketing. Essa questão da ordem das faixas também pode ter afetado o "Come Taste The Band", conforme exposto no capítulo seguinte.

Finalmente um debate sobre a questão: 'A influência da Black Music no "Stormbringer"'. Esse é um debate que não tem sentido, pois, a rigor, o Purple sempre foi influenciado pela Black Music: o Blues e o Rock'n'Roll.

Ambos os estilos têm a mesma origem na música dos afrodescendentes americanos. A "White Music", se é que se pode chamar assim, também esteve presente no som do Purple, nas influências da música clássica na formação musical de Blackmore e, principalmente, Lord. O que mudou em "Stormbringer" foi que aumentou o leque de possibilidades, injetando um pouco mais do balanço da "Soul Music" (outra vertente da chamada "Black Music") via Hughes, que já fazia essa combinação com resultados muito bons nos seus tempos de Trapeze, principalmente nos álbuns "You're The Music, We're Just The Band" e "Medusa".

Título

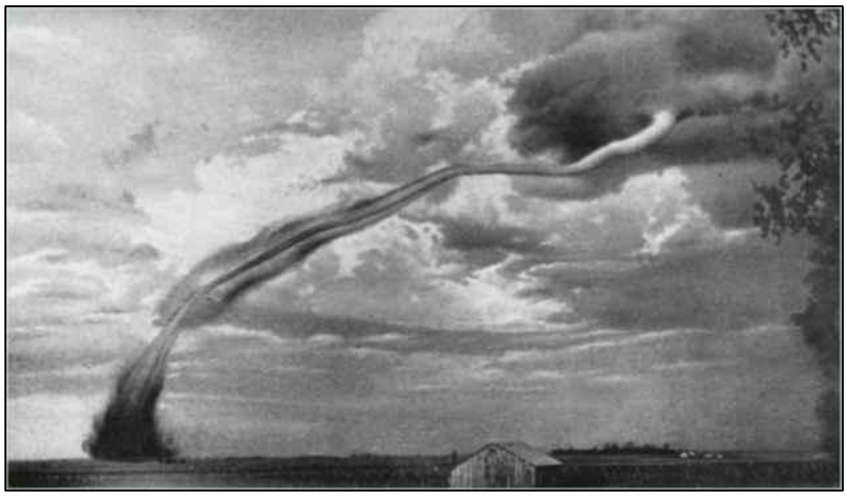
A exemplo do disco anterior, o título vem da faixa de abertura. Comentário do Lord a respeito do nome: "Stormbringer? Mas, afinal, o que seria isso?". A inspiração poderia ter vindo de um dos livros de Michael Moorcock, escritor inglês de livros de fantasia. A obra, lançada em 1965, tem como título o nome de uma espada com poderes mágicos, chamada "Stormbringer". Dessa vez, achei a tradução argentina bem legal: "Traetormentas".

Existe um álbum anterior com o mesmo nome, ladeado por aspas e acompanhado de um ponto de exclamação. Trata-se do terceiro disco do cantor inglês de folk John Martyn (acompanhado pela esposa Beverly), que saiu em 1970. Aparentemente a inspiração para o nome veio de outra fonte e não da obra de Moorcock.

Capa

Finalmente uma bela capa do Deep Purple! A melhor de todas, com produção de arte caprichada. É uma capa típica de Rock pesado, baseada em um tema épico e/ou mitológico. Curioso que justamente este não esteja entre os discos mais pesados da banda. Foi baseada em uma foto de

um tornado, tirada em 1927 em Jasper, Minnesota, por Lucille Handburg. Pela época e pelo fato de ter sido tirada no interior, é provável que a original seja em preto e branco. Essa foto também foi usada no disco "Tinderbox", da Siouxie and the Banshees. Mais comentários sobre a capa nos "Complementos".



Reprodução da foto do tornado que inspirou a capa do Stormbringer e, posteriormente, a do disco da Siouxie (1986).

Existem duas tonalidades de capa: na original inglesa, à qual a edição brasileira segue, prevalecem os tons de amarelo. A versão americana tem uma tonalidade azulada. Eu prefiro esta última (veja reprodução).

Outros fatos a comentar: a ausência dos músicos na capa, algo que não acontecia desde o "Book Of Taliesyn" e, finalmente, surgiu um logotipo. Apesar de não ser nenhuma inovação revolucionária nas artes gráficas, acabou ficando bonito e agradou. Com o passar dos anos e de outras tentativas de logo, esse parece ser aquele que os fãs mais gostam até hoje. Conceito: A.

As faixas

Stormbringer
Blackmore/Coverdale

Magnífica! A tradição de faixas fortes na abertura dos discos foi mantida com um clássico. Faixa de clima épico, bem capturado na ilustração da capa. O solo de Blackmore é mais um daqueles de arrepiar, com uma sobreposição intermediária entre o slide e o dedilhado. Segundo declarações de Hughes, foi inspirada em *Going down*, música de Don Nix que o Purple costumava tocar durante os encores dos shows da MK III.
Nota: 10

Love don't mean a thing
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Como já foi dito, esta não poderia suceder a *Stormbringer*, porque tem uma levada relaxada, que causa um choque comparada ao peso da anterior. Parece que são músicas de bandas diferentes. De qualquer forma, trata-se de uma faixa singular, pois é um raro caso de uma música sem refrão no repertório do Purple. Nela aparece algo que se repete em várias oportunidades no álbum e que serve para valorizar as músicas: o contraste entre a voz grave de Coverdale e a aguda de Hughes. Apesar de fora do contexto do som tradicional da banda, é uma música bem agradável e adorável.
Nota: 7

Holy man
Coverdale/Hughes/Lord

Esta é difícil. Muita gente adora esta música, o que põe em risco minha saúde, pelo que citarei daqui para frente. É uma balada, cantada apenas por Hughes, que o faz com a usual competência, embora, para meu gosto, às vezes exagere nas inflexões vocais na tentativa de dramatizar a interpretação. Não é uma das faixas que mais me agrada. Dá a impressão

que foi uma tentativa de emplacar um single nas paradas, pois tem um arranjo mais para o Pop do que para o Rock.
Nota: 5

Hold on
Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Blackmore não aparece nos créditos, o que é estranho, porque este é um Rock'n'Roll de primeira, bem ao seu estilo, embora não seja dos mais pesados. Tem uma levada cheia de suingue e nuances. A parte instrumental tem um arranjo em um nível de sofisticação comparável ao Steely Dan (que, registre-se, gosto muito), considerado por muitos como inatingível. Há um "causo" envolvendo o solo de guitarra. Blackmore estava no auge do descontentamento e não gostou muito da música. Foi cumprir sua obrigação, inserindo o solo de guitarra na base já gravada. Diz a lenda que ele se sentou, plugou sua guitarra, fez o solo em uma só tomada e foi embora. Em se tratando de Blackmore, sabemos que isso é possível. O incrível é que saiu um solo admirável, com a guitarra limpa, um dos seus melhores. Esta música traz mais um dos momentos em que as alternâncias entre as vozes de Coverdale e Hughes dão um toque de classe extra à execução.
Nota: 9

Lady double dealer
Blackmore/Coverdale

Purple puro: pesado, rápido e bem tocado. Riff, bases, solo, tudo honrando a tradição musical da banda. Interpretação vigorosa de Coverdale, complementada por um efeito de eco bem adequado.
Nota: 9

You can't do it right (with the one you love)
Blackmore/Coverdale/Hughes

A mais funky de todas, embora não seja por isso que eu a considero a mais fraca do disco. Com a qualidade de seus vocais, a habilidade, a experiência e a sensibilidade dos músicos, o Purple consegue tornar

qualquer música audível, suportável e decente. Até se eles se meterem a tocar polca é provável que agradem. Portanto, não temos aqui uma faixa insuportável, mas que destoa das demais. Quais são os problemas? Um deles é a repetição excessiva do refrão, que, por sinal, não é dos mais felizes. A variação entre as vozes de Hughes e Coverdale funciona aqui também, mas, não consegue salvar a música da mediocridade, no bom sentido (isto é, uma música mediana, nada mais).
Nota: 5

High ball shooter
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

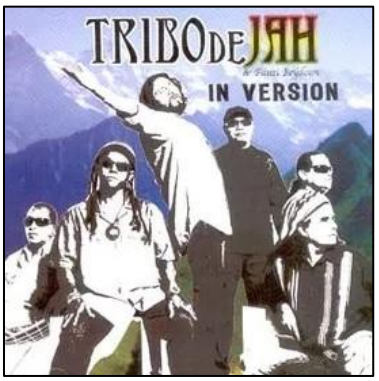
Em um disco com escassez de músicas pesadas, esta acabou se sobressaindo por ser uma das poucas a fazer algumas cabeças chacoalharem, apesar de faltar a ela um tanto de energia. Faixa atribuída aos cinco integrantes, mas que não deve ter exigido muito de cada um.
Nota: 7

The gypsy
Blackmore/Coverdale/Hughes/Lord/Paice

Música identificada por um riff marcante e exótico de Blackmore. Nunca foi uma das minhas preferidas (lá vem mais pedrada!). Não sei bem o motivo. Talvez ela pareça inacabada, terminando logo após o solo mínimo de Blackmore. As versões ao vivo mostraram que ela rendia mais nos shows.
Nota: 7

Soldier of fortune
Blackmore/Coverdale

Ah! Que maravilha! As obras-primas são sempre as mais difíceis de descrever. Lindíssima balada. Uma rara (até então) gravação de Blackmore tirando um som acústico. Lord faz uma "cama" de fundo com seus teclados, tudo adornando perfeitamente a interpretação apaixonada de Coverdale.



Uma bela e inusitada versão em português, denominada *O andarilho*, foi gravada pela banda maranhense de reggae Tribo de Jah em seu álbum "In Version", de 2004. O mesmo disco inclui a faixa *Fogo em Montreux*, versão cuja origem é fácil de sacar. Esta ficou legal, mas não tanto quanto à de *Soldier*.
Nota: 10

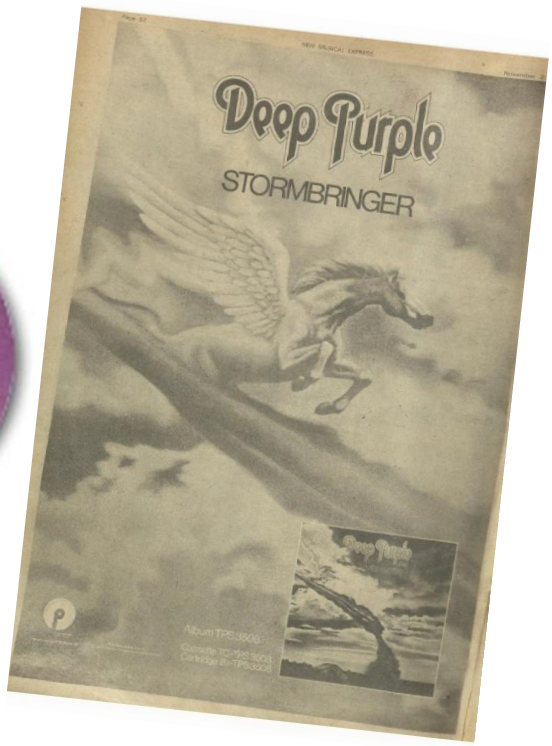
Complementos

Na Inglaterra não houve single extraído deste disco. Assim como no caso do "Machine Head", houve também uma versão quadrifônica do "Stormbringer". O vinil dessa edição é relativamente difícil de ser encontrado. Já o conteúdo é fácil de ser obtido, pois faz parte da edição comemorativa do 35º aniversário de lançamento do álbum. Quando essa edição chegou ao mercado eu postei um comentário sobre ela no meu blog (o "Rock Brado", endereço no Apêndice, ref. A.4), o que me facilitou um pouco as coisas agora, porque é só dar o famoso crtl C + crtl V e pronto. Pena que não estou ganhando por lauda... O pacote (da edição comemorativa) é composto por um CD, um DVD e um livreto. Este último segue o padrão dos demais relançamentos, ou seja, é excelente. Longo texto, com muita informação e ótimas ilustrações. O DVD é apenas áudio (!), trazendo a versão quadrifônica do LP, que havia saído somente nos EUA. É esquisita essa história de ter um DVD só para o áudio, ainda mais nesse caso, de diferenças mínimas entre a gravação apresentada e a original, em estéreo. Para não dizer que não há imagem nenhuma, durante a exibição de cada faixa a tela fica fixa em uma das fotos do encarte. No CD tem outras novidades, que não são muitas. A gravação original foi remasterizada, deixando o som sensivelmente melhor, com mais nitidez. Além das nove faixas do disco normal, foram colocadas mais cinco, sendo que quatro trazem versões remixadas por Glenn Hughes, que, é claro, valorizou o som do baixo nesse trabalho. Das extras, duas merecem destaque. *Hold on* tem os vocais diferentes da versão original. Portanto, utilizaram outro registro, retirado das sessões de gravação. A desigualdade é pequena, apenas detalhes na entonação,

mas não deixa de ser curioso. A última faixa do CD é um pouco mais atraente. Uma versão instrumental de *High ball shooter*, que traz um solo do Blackmore no lugar do original, criado por Lord.

Uma curiosa história foi revelada por Coverdale e publicada no site Blabbermouth.net. Ele conta que em 1974 o Purple voou até a Austrália para um show (um único show! Naquela época os empresários não eram grandes planejadores) no Sunbury Festival, nos arredores de Melbourne, que quase foi cancelado por conta de uma violenta tempestade de verão (Coverdale lembra a ironia da situação quando relacionou o problema ao título do disco que promoviam). A coisa foi em frente, com as atrações tocando para um público atolado na lama. A enorme quantidade de capas plásticas da audiência trouxe a imagem à Coverdale de uma imensa convenção de camisinhas! Após a apresentação, a banda e equipe entraram em seus carros para deixar o evento, quando música alta começou a ser ouvida saindo do sistema de som que o Purple havia deixado no palco. Os roadies voltaram e se depararam com uma banda aproveitando o equipamento para se apresentar clandestinamente. Os autores da molecagem foram nada menos que os músicos do então iniciante grupo local AC/DC, que foram gentilmente convidados a se retirar do palco pelos delicados roadies do Purple. Querem algo mais Rock'n'Roll do que isso?

1974 **Stormbringer / Love Don't Mean A Thing**
Purple 3C 006 96368 €35



Acima: compacto italiano; à esquerda, publicidade em jornal inglês "New Musical Express".

BLABBERMOUTH.NET

HOME | NEWS | CD REVIEWS | DVD REVIEWS | SUBMIT NEWS | SHOP | ADVERTISE | CONTACT

Ex-DEEP PURPLE Frontman Recalls Getting AC/DC Kicked Off Stage At Australian Festival

January 9, 2007 0 Comments

Facebook Twitter Pinterest Reddit Mais...

WHITESNAKE/ex-**DEEP PURPLE** frontman **David Coverdale** recently recalled an incident when a then-little-known band called **AC/DC** was kicked off the stage following **PURPLE**'s appearance at an Australian festival.

Said **Coverdale**: "[**DEEP**] **PURPLE** went to Australia in 1974 for one show... Yes, ONE show. It was the **Sunbury Festival** outside of Melbourne... the height of the Australian summer... and we arrived in the most violent summer storm (also interesting was that our new album at the time was '**Stormbringer**'!) The promoters decided bravely to go ahead with the festival, and talk about difficult... The wind was howling, it was freezing and a total mud bath. The entire audience was in a field of mud. They'd wrapped themselves in plastic sheets so it resembled an immense condom convention!

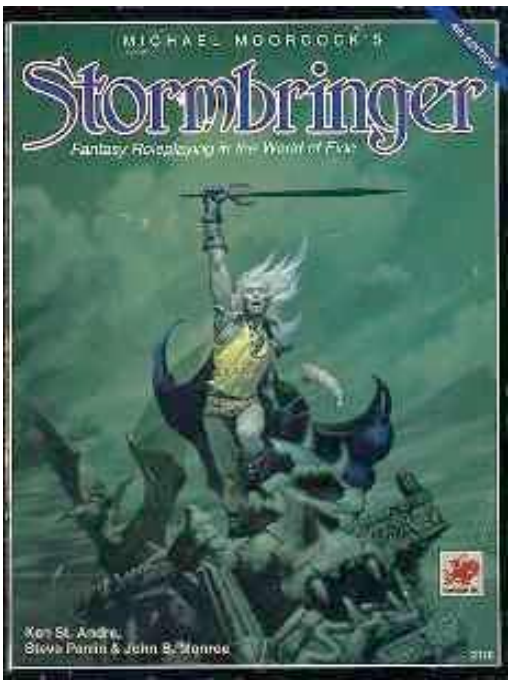
"After a less-than-satisfactory performance, we left the stage, got in our cars and started to drive away from the site. Suddenly we heard music coming from the stage. Apparently, a young Aussie band had jumped onstage, plugged into our gear and started playing! Well, all hell broke loose, from what I was told. Our roadies (big buggers to a man) wrestled with the young band to get them off our equipment and off the stage. Chaos and frolics ensued.

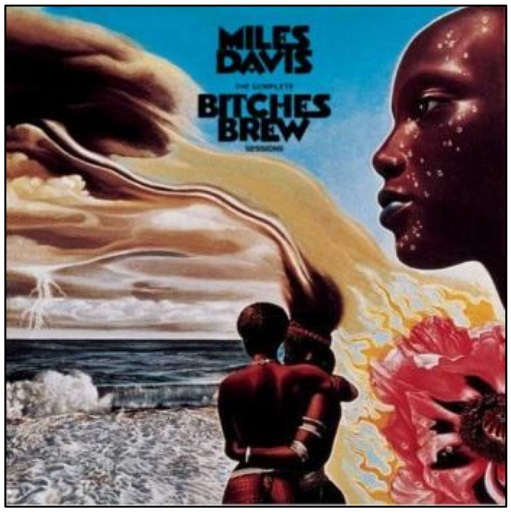
"Anyway, lo and behold, these ballsy lads were none other than a new band called **AC/DC**. I cracked up when I heard. I thought it was great! And that is how I remember that episode. I worked with and got to know the lads many years later and we recalled that time over a pint or two. Very funny memory! But they were never kicked off a **DEEP PURPLE** tour... just the stage!"

Browse Blabbermouth Archive

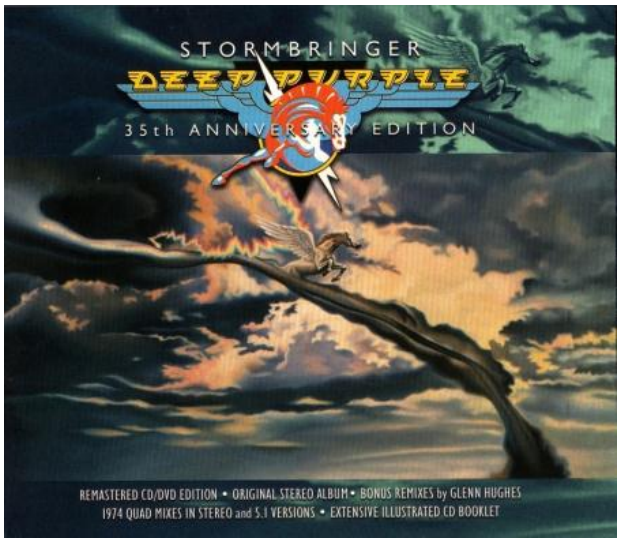
☐ Articles ☐ CD Reviews ☐ DVD Reviews

SEARCH THE SITE... SEARCH





Acima, matéria sobre o "causo" AC/DC. À direita, capa de livro de RPG inspirado na obra de Moorcock, ilustrada por Michael Whelan. Essa ilustração foi posteriormente utilizada pela pouca recomendável banda Cirith Ungol em capa de um de seus discos. No meio, capa do muito incensado disco de 1970 de Miles Davis. Diz a lenda que alguns daqueles que reverenciam esse disco de fato o ouviram. Dá para notar que a ilustração que percorre a diagonal do centro para o canto superior esquerdo é o nosso velho amigo tornado. Ao lado, single alemão, trazendo *Stormbringer* do lado A e *Love don't mean a thing* do B. Ao final, capa da versão russa do "Stormbringer".



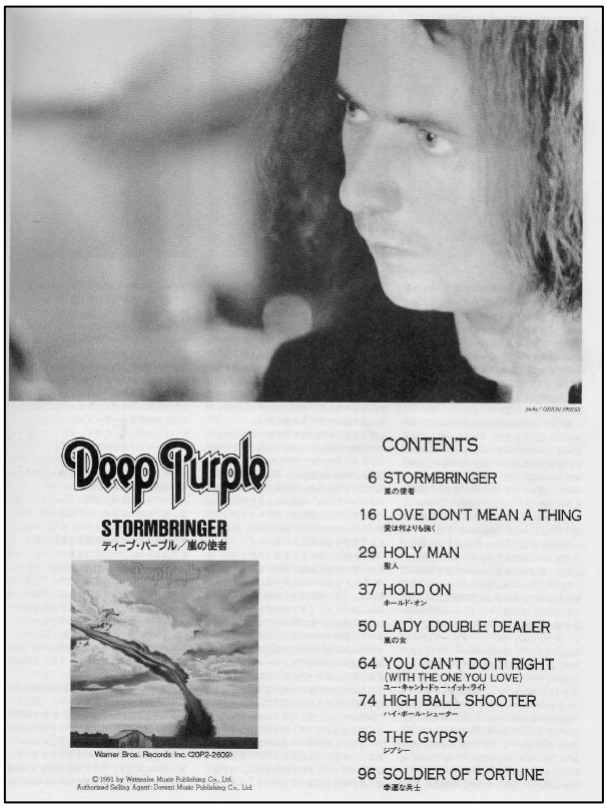
Ao lado: sobrecapa da edição comemorativa de 35 anos do lançamento original. Abaixo, edição argentina, com o título traduzido para "Traetormentas". A contracapa foi horrivelmente alterada, com as letras das músicas suprimidas e um fundo em preto e branco pintado de forma infantil. Mas, podia ser pior – é só ver o exemplo mais abaixo, da edição uruguaia, em que a contracapa não tem ilustração alguma e nem ficha técnica, apenas os títulos das faixas.

spect.

DEEP PURPLE: Stormbringer (EMI 3508).

Musically, Stormbringer is no great break-through. The same familiar guitar riffs filter through the speakers as tight and concise as they ever were, proving that Deep Purple still are one of the leading lights in schmashing heavy music. David Coverdale's vocals, though not as deadly a weapon as Ian Gillian's, are more soulful and maybe a little easier on the eardrums at four in the morning. He sounds particularly superb on tracks like Gypsy and Stormbringer, although it was a wise decision to give Glen Hughes (bass/vocals) lead vocals on the serene (for Purple anyway) Holly Man, on which he sounds not unlike albino Johnny Winter's baby brother Edgar. The nimble-fingered Jon Lord still sounds dandy, really groping dem keys on High Ball Shooter. Purple-ites should find this enjoyable, though I personally would have preferred something a little less predictable.

J.I.



Ritchie fit

DEEP PURPLE guitarist Ritchie Blackmore has recovered from the hepatitis which caused an interruption of the group's American tour, and they pick up the dates again on May 25 at Detroit, followed by concerts at Winterland, San Francisco, and Anaheim, California.

Na coluna da esquerda temos a capa e o sumário da edição japonesa das partituras do "Stormbringer". Na direita, outro recorte do Record Mirror, de 16 de novembro de 1974. Tenho sérias dúvidas se o autor da crítica realmente ouviu o "Stormbringer", pois ele cita que "pessoalmente, eu preferiria algo um pouco menos previsível". Abaixo, nota do Record Mirror, de 20 de maio de 1975, contando que Blackmore se recuperou da hepatite e poderá se juntar à banda para o próximo show. Onde é que eu li uma notícia semelhante?

Capitulo 13
Come Taste The Band

Come Taste The Band

Mark IV

7,9

A

1. Comin' home (3:52)
2. Lady Luck (2:45)
3. Getting' tighter (3:36)
4. Dealer (3:49)
5. I need love (4:22)

B

6. Drifter (4:01)
7. Love child (3:05)
8a. This time around (3:11)
8b. Owed to "G" (2:56)
9. You keep on moving (5:18)

Produção: Deep Purple & Martin Birch
Gravação: Musicland Studios, Munique
Engenheiro: Martin Birch
Capa: Castle, Chappel and Partners Ltd.
Lançamento: Novembro de 1975
Gravadora/Selo/Código: EMI/Purple/TPSA 7515
Lançamento no Brasil: 1976

Visão geral

Se a saída de Gillan já tinha torcido incontáveis narizes dos fãs ao redor do mundo (e, no meu caso, isso significa algo muito sério, em se considerando meu avantajado *nazo*), agora tinha saído o Blackmore! Para piorar, ele foi substituído por um americano! Todavia, o Deep Purple havia se tornado uma banda que aprendera a escolher bem os novos integrantes. Tommy Bolin foi uma decisão magistral: um músico talentoso como guitarrista e como compositor, um cara diferenciado, que tinha contribuições a dar e não apenas se limitar a ser uma emulação do Blackmore. Há quem questione sua técnica, pois Bolin usava pouco o

dedo mindinho da mão esquerda (ao contrário de Blackmore). Como não músico, considero isso um aspecto irrelevante. Basta lembra que Django Reinhardt, guitarrista de jazz francês de origem cigana, considerado um gênio e ídolo de muitos músicos do Rock (entre eles Blackmore), tocava com apenas dois dedos da mão esquerda, pois tinha uma limitação decorrente de queimaduras sofridas quando tinha 18 anos.

O produto da inclusão de Bolin no Purple foi um disco surpreendente. Não seguia a sonoridade associada aos discos anteriores, mas, ao mesmo tempo, tinha qualidade musical suficiente para agradar aos ouvidos bem acostumados dos fãs.

Este também frequenta a lista dos discos "injustiçados". Parte disso podia ser comprovado pela vendagem obtida em seu lançamento. Não foi um sucesso de vendas. Obteve a 19ª colocação nas paradas inglesas e 43ª nas americanas, números aquém das marcas anteriores. Para piorar as coisas, a banda se desfez apenas quatro meses após o lançamento do disco. Registrando aqui, de forma pretensiosa, a verdade: o "Come Taste The Band" nada tem de injustiçado. Ocupa um lugar de honra na discografia do Purple e do Rock em geral.

De volta, insistentemente, à minha "teoria da ordem das faixas", temos mais um caso: a segunda faixa do álbum foi justamente a sua mais fraca. É impossível apurar o quanto essa escolha interferiu no sucesso do disco. Caso fosse eu o escolhedor da ordem das faixas, poria *Love child* como segunda do lado A.

Outros fatos relevantes a comentar: Hughes seguia ampliando seu espaço. Desta vez, ele apareceu como cantor exclusivo em duas faixas. Bolin também dá uma palinha, cantando uma estrofe em *Dealer*.

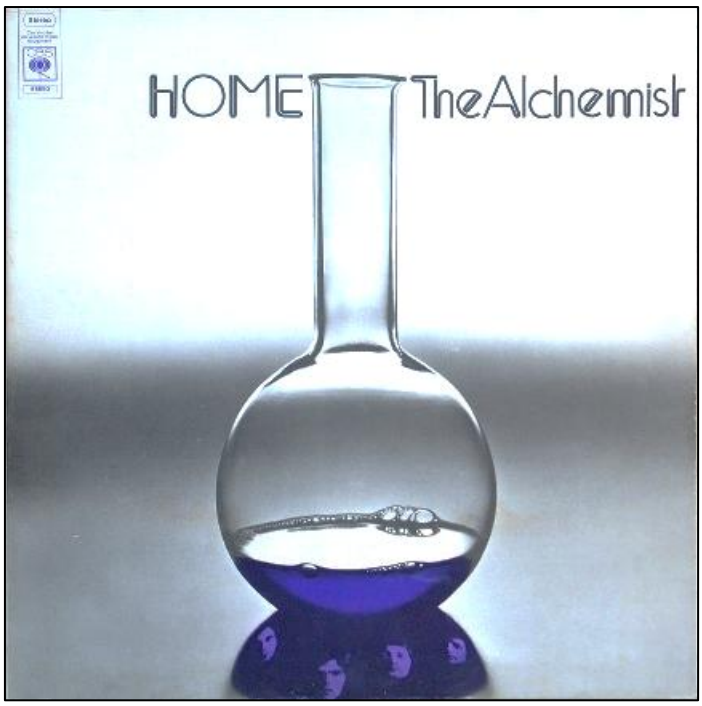
Demorou algumas décadas, mas finalmente me toquei. Este é o único álbum do Deep Purple em que não estão Gillan ou Blackmore!

Título

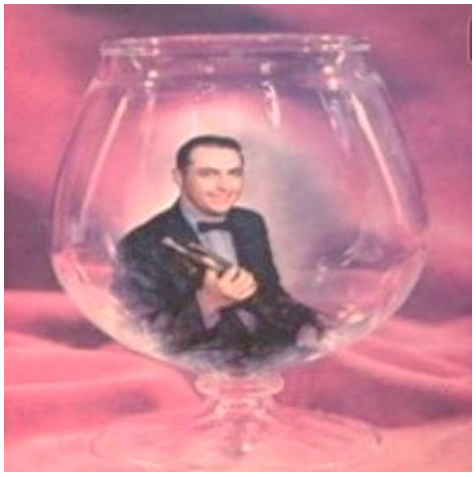
Segundo a bibliografia, o título veio de uma frase do Bolin, cantarolada em um dos ensaios, durante um porre, enquanto Lord tocava um trecho da trilha sonora de "Cabaret" ao piano. Algo como "come see the band, come taste the band…". De qualquer forma, o título é uma boa sacada, um convite aos fãs mais renitentes após a saída de Blackmore para que conheçam a nova sonoridade da banda.

Capa

Depois de dois álbuns com capa simples, estava de volta a dupla. Os rostos dos músicos reapareceram na capa, coisa que não ocorreu mais em nenhum dos discos de estúdio que se seguiram (ôpa, deixa eu atualizar aqui – exceção ao "Turning to Crime"). O tema escolhido foi baseado no título: uma fotomontagem de uma taça de vinho, com as caras dos músicos inseridas. Hughes andava tão chapado de cocaína que não foi possível tirar sua foto na mesma sessão dos demais, tendo sido usada uma antiga. Na contracapa, a taça vazia, com uma marca de batom. Nada muito sutil, não? A tradição do pragmatismo da banda no que se refere às capas estava mantida.



Pela obscuridade da banda, é pouco provável que o Purple tenha se baseado no conceito da capa do disco "The Alchemist", lançado em 1973 pelo grupo inglês Home (de onde guitarrista, Laurie Wisefield, saiu para integrar o Wishbone Ash). De todo modo, existe uma levíssima semelhança entre as duas.



As incansáveis pesquisas d'O Eremita resultaram em mais duas possíveis inspirações para a capa do Purple. Vejam a semelhança – artistas dentro de taças. Dada a relevância de ambos para a música internacional, não preciso me dar ao trabalho de identificá-los.
Conceito: C.

As faixas

Comin' home
Bolin/Coverdale/Paice

Faixa mais fraca de abertura, considerando o período pós-MK I. Mesmo assim, paradoxalmente, é uma faixa forte. A competição é que é dura (*Speed King*, *Burn* etc). O solo de Bolin é uma amostra bem característica do seu estilo e, quando o disco saiu, gerou comentários do tipo: "ei, o cara é bom…" (eu fui um dos tais comentaristas). Hughes declarou que quando o disco saiu ele estranhou: "ué, que música é essa?". Por estar fora de órbita durante boa parte das gravações, não participou dessa faixa. Bolin fez o baixo.
Nota: 8

Lady Luck
Cook/Coverdale

Escolha infeliz para uma segunda faixa, pois esta é a mais fraca do disco. Uma quebrada forte na sequencia iniciada relativamente bem com

***Comin' home*. Em *Lady Luck* já era possível perceber que a influência soul e funk do disco anterior prosseguia. Jeffrey Cook foi parceiro de Bolin em seu primeiro trabalho solo, o disco "Teaser". Foi Bolin quem apresentou a música ao grupo, embora não se lembrasse da letra. Coverdale escreveu nova letra, tornando-se coautor. O último álbum em que alguém de fora da banda recebia crédito por uma música havia sido o "Deep Purple" (o terceiro). Foi incluída em alguns shows no início da carreira do Whitesnake e acabou rendendo um pouco melhor ao vivo.**
Nota: 6

Getting' tighter
Bolin/Hughes

Não era só Blackmore que se inspirava em composições de outrem. O riff desta música lembra muito o de uma composição de Joe Walsh (*Funk # 49*). Falando em funk, esta é mais uma amostra da fusão que Hughes promoveu com o Hard Rock da banda. Desta vez, com ótimo resultado. É a primeira de duas do disco em que Hughes canta sozinho. Tornou-se o momento dos improvisos nos shows, o que fazia com que Coverdale ficasse mais de dez minutos fora de cena.
Nota: 8

Dealer
Bolin/Coverdale

Ironicamente, a letra trata dos problemas com drogas. Àquela altura um assunto interno. Bolin aparece cantando a estrofe final, aquela que começa com "in beggining all you wanted...". Música com uma estrutura mais convencional do Hard Rock, com um dos melhores solos de Bolin no disco.
Nota: 7

I need love
Bolin/Coverdale

Música valorizada pela interpretação de Coverdale, que canta muito nesta faixa. Bolin aparece com inserções de slide. A música tem duas mudanças de andamento inusitadas, dominadas pela guitarra de Bolin. Tudo isso a torna um pouco superior às suas vizinhas. As três formam um bloco com certa similaridade, um pacote de Rocks de muita classe.
Nota: 8

Drifter
Bolin/Coverdale

Outra que segue a linha da música baseada no riff inicial, mas com alguns temperos especiais, como as frases de guitarra em overdub ao longo de toda a faixa e uma passagem calma quase ao final, antes de um encerramento pesado.
Nota: 7

Love child
Bolin/Coverdale

Purple pesado dos velhos tempos. Belíssimo riff, instrumental denso, nervoso, com Paice brilhando nas viradas. Poderia ter um solo de Hammond em lugar do sintetizador. Aí ficaria perfeita. Especulo que o Bolin possa ter se inspirado em uns trechos de *The devil is singing our song*, da James Gang, álbum "Bang" para criar o riff. Tem uma música das Supremes com o mesmo nome, fato que não tem a menor importância neste contexto.
Nota: 9

This time around
Hughes/Lord

Nossa! Uma das músicas mais lindas que o Purple produziu. Lord compôs a melodia encantadora e arrepiante e toca todos os instrumentos (até o som de baixo é produzido no teclado). Hughes canta sozinho e o faz de

maneira sublime. Na era da música analógica, quando tínhamos que lidar com uns troços esquisitos chamados toca-discos e fitas cassete, a demonstração de habilidade era conseguir dar o "pause" no gravador separando a primeira da segunda parte, sem deixar aparecer nenhum resquício do toque de bateria que iniciava a seguinte.
Nota: 10

Owed to "G"
Bolin

Uma faixa em duas partes, algo que não aparecia desde o terceiro disco. Blues instrumental, em que Bolin é o destaque. O "G" é uma homenagem a Gershwin. Segundo consta no encarte da edição comemorativa do álbum, quase que esta se chamou "Win" e a anterior "Gersh", compondo o nome do músico. Ai, ai. Bom, temos que dar um desconto porque na época as drogas rolavam soltas...
Nota: 7

You keep on moving
Coverdale/Hughes

Já foi citado em algum lugar deste singelo trabalho que uma das qualidades do Purple era a capacidade de compor músicas que, embora criadas em conjunto e no mesmo período, preenchiam um disco sem que elas parecessem umas com as outras. Esta música, uma das minhas preferidas, vai além - é a que menos se parece com qualquer coisa gravada pelo Purple até então. O inicio sombrio do baixo, os vocais grandiosos de Coverdale e Hughes e os solos de Bolin e Lord formam uma composição inusitada e exótica. Assim como aconteceu no álbum anterior, este fecha de forma impecável.
Nota: 9

Complementos

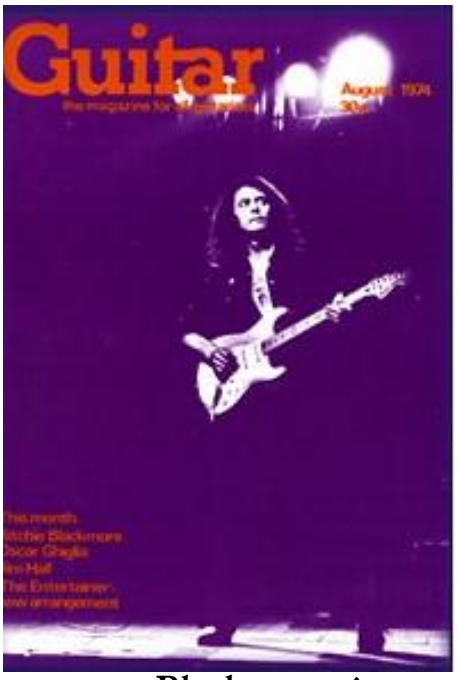
O single extraído do disco, *You keep on moving/Love child* apesar de conter duas de suas melhores faixas, não pontuou nas paradas inglesas,

algo que só o contexto perturbado da banda naqueles tempos pode explicar.

Antes de iniciar os ensaios para o disco, o que ocorreu na Alemanha, a banda se instalou nos Estados Unidos. Boa parte desses ensaios foi gravada e muito tempo depois (mais precisamente em 2000) foram lançados dois CDs com o produto desses encontros. É incrível, mas fã do Purple compra até gravações dos ensaios! Eu não posso falar muito, porque comprei um deles. Existe uma lenda que o dentista de Coverdale também tinha o hábito de gravar todas as suas consultas e que ele estaria preparando uma compilação dos melhores momentos (ou das melhores consultas) do vocalista, para colocar no mercado. Perguntado a respeito, ele disse: "Por que não? Esses caras compram qualquer coisa! E, além disso, duvido que ele tenha gritado em algum show do jeito que ele gritou naquele dia em que fiz o canal do molar inferior dele". Caso esse disco saia e venda bem, o Dr. Fatfinger, proctologista, já revelou que também tem planos para lançar umas gravações reveladoras de seu cliente mais famoso, Joe Lynn Turner.

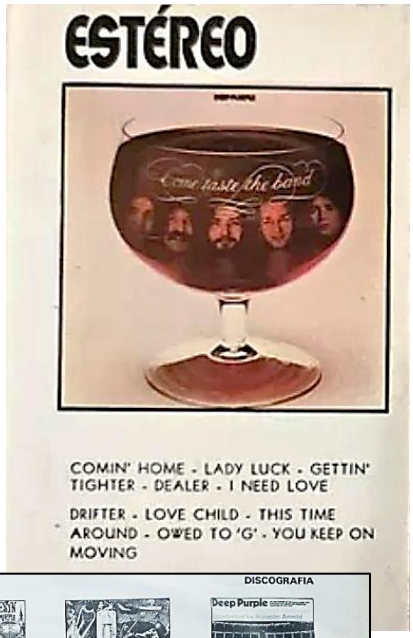
Em 2010 saiu a edição comemorativa dos 35 anos do lançamento do original, trazendo um CD duplo. Como sempre, o encarte é um dos pontos fortes, com aquele monte de informações novas e velhas de sempre. Um dos CDs traz a remasterização da fita original. O outro vem com a remixagem de Kevin Shirley. Quando comprei o disco, pensei "Kevin quem?". Depois descobri (via Internet, é claro) que se trata de um produtor sul-africano que ganhou reputação em trabalhos com o Iron Maiden. Recentemente ele foi o produtor dos CDs do Black Country Communion, banda de Glenn Hughes (os dois primeiros discos do BCC foram lançados no Brasil no final de 2011). Tanto um disco como o outro valem o investimento, por mostrarem nuances da gravação que estavam encobertas na versão original. Mas têm duas coisas que precisam ser destacadas. Uma é que, do mesmo modo do que ocorreu com a edição comemorativa do "Machine Head", as faixas que terminam com o volume de gravação sendo abaixado (o chamado "fade out"), como é o caso de *I need love*, por exemplo, foram reproduzidas até o final do que foi gravado, com extensão um pouco maior do que na versão original. Algo bem

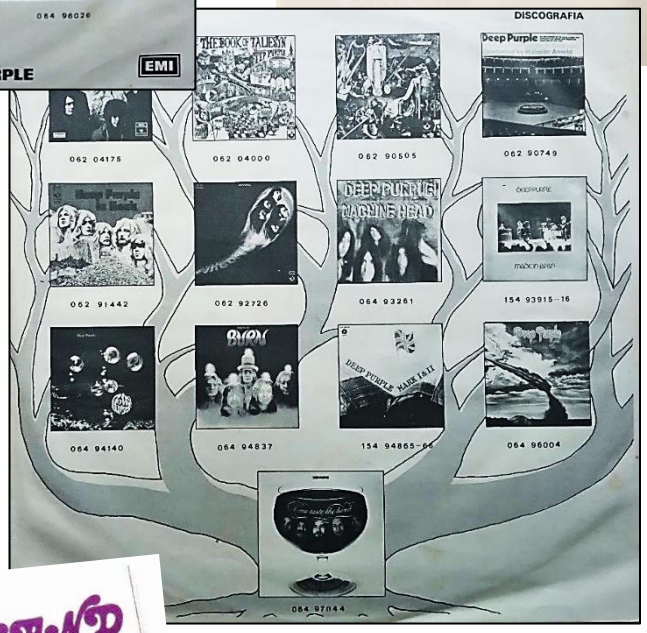
curioso. A outra é a presença de duas gravações inéditas, ambas no CD 2. Uma chama-se *Same in L.A.* e não é das mais entusiasmantes. A outra é a *Bolin/Paice Jam* e é algo simplesmente abestalhante. Quase seis minutos de improvisos de guitarra, acompanhados somente pela bateria de Paice. Um transbordamento de talento. Vale o disco.



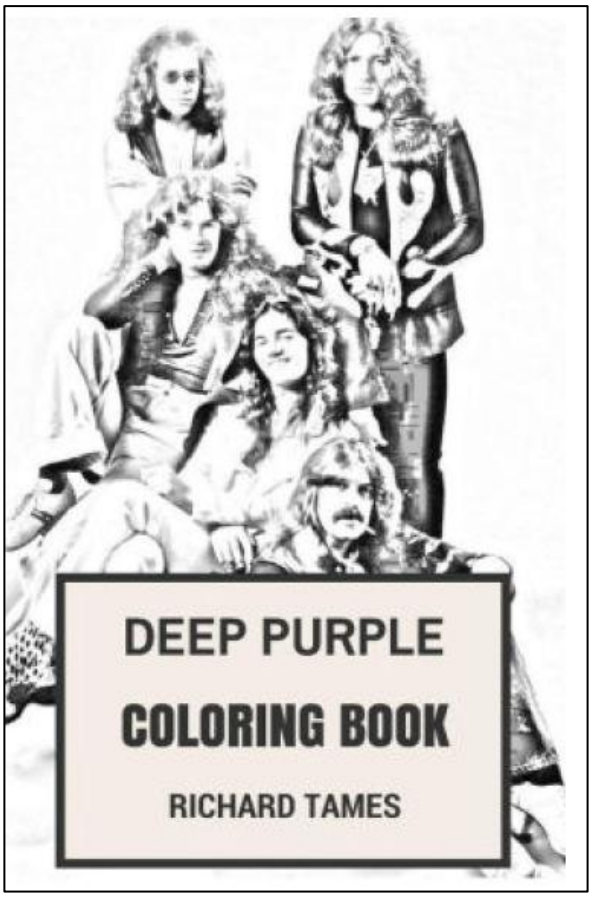
Recentemente consegui uma cópia de uma entrevista de Blackmore à revista "Guitar", edição de abril de 1974. Uma das perguntas do entrevistador foi a respeito das antigas incursões de Ritchie pelo Jazz e se ele continuava gostando do gênero. Ele respondeu que não, que o negócio dele era mesmo o Rock. Além disso, citou que o Jazz não combinava mais com seu estilo de tocar, que é o de ligar as notas. Aí vem uma citação que pode ser entendida como uma coincidência, uma curiosidade, especulação ou uma descoberta de minha parte. Continuando na resposta, Blackmore cita que "agora há um bom guitarrista por aí que faz isso (*N. E.: ou seja, consegue tocar Jazz sem separação entre as notas*), cujo nome é Tommy Bollan". O disco que projetou Tommy Bolin, "Spectrum", do Billy Cobham, é de outubro de 1973, meses antes da entrevista. Até então, Bolin estava em uma fase mais para o Jazz do que para o Rock, com sua banda Energy. A revista era inglesa e naquela época Bolin ainda era pouco conhecido na Europa. Portanto, é bem possível que o repórter tenha grafado o sobrenome erradamente como "Bollan". Além disso, não existe nenhum guitarrista

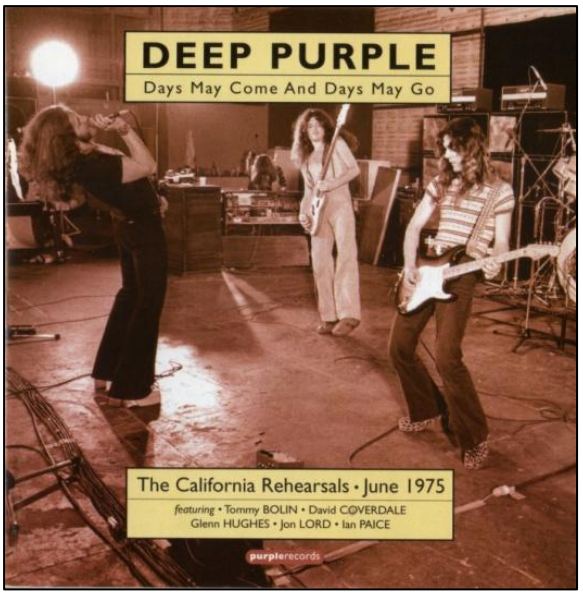
minimamente conhecido com esse nome. Há, portanto, uma possibilidade de que Blackmore, enquanto ainda estava no Purple, tenha elogiado seu sucessor! Isto é o quê? Uma coincidência, uma curiosidade, especulação ou uma descoberta?

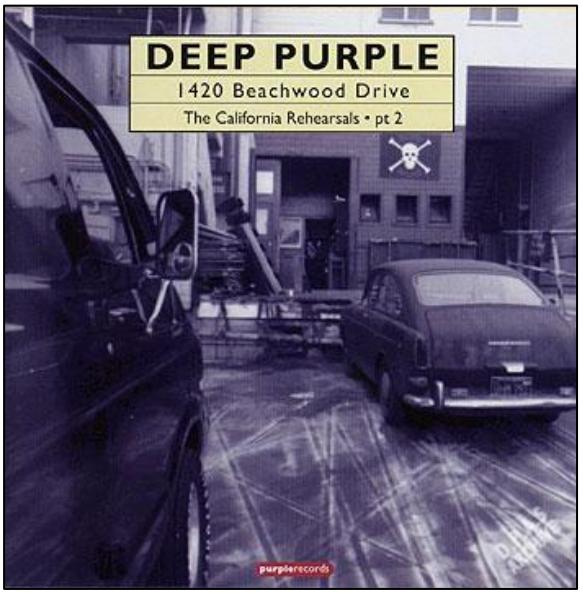




À direita: fita cassete brasileira, sempre com discreto alerta sobre a gravação em estéreo. No mais, coisas italianas: Reprodução do encarte (frente e verso) da coletânea "Mark I & II" na versão lançada na "Bota" e publicidade da EMI agradecendo a venda de um milhão de discos por lá. Bravo!







Acima: incrível! Na onda de livros de colorir para adultos que aconteceu anos atrás, até o Purple foi atingido (CreateSpace Publishing, 2017, 36 pags.), Ressalto que não é algo simples para se colorir, pois as figuras estão todas em inglês! Ao lado, as duas capas dos CDs contendo a gravação dos ensaios iniciais da MK IV. Na última linha: sobrecapa da edição comemorativa (saiu no Brasil!) e o encarte original com as letras que acompanhava o LP.

No alto, capa, contracapa e selo da versão uruguaia, em que o título foi traduzido para "Vini y proba la banda" (as reproduções das capas uruguaias não ficam muito boas porque são cobertas por dentro e por fora com um plástico irremovível, a exemplo das antigas "capas sanduíche" que havia no Brasil). Abaixo, o verso (originalmente em preto e branco) e o selo de uma das edições argentinas, na qual o título do disco foi mantido, mas todo o resto foi traduzido e, por fim, reproduções de duas das 28 páginas de uma publicidade do disco em forma de revista. Foi uma publicação especial da "Record World" de 5 de junho de 1976. Uma cópia foi impressa em tamanho menor e encartada no obrigatório DVD "Phoenix Rising", que enfoca a história da MK IV. Esse DVD saiu no Brasil em novembro de 2011 e contém esse encarte. A foto utilizada na propaganda do álbum foi usada como capa do pirata "On the Wings of Rusian Foxbat" (ver Capítulo 28). Abaixo, um recorte da coluna do "Big Boy" no jornal "O Globo", de 9 de dezembro de 1975.

Internacionais quentíssimas

• Para os amarrados em som, saiu nos States, "Beginnings" com Steve Howe do *Yes*. Na Inglaterra, já na bica o primeiro também de Patrick Moraz, com forte influência de música brasileira. Em Honolulu, Tommy Bolin aconteceu no Deep Purple, substituindo a Ritchie Blackmore, que agora está cantando como solista: segundo os críticos, o novo guitarrista do Purple tremeu um pouco na sua estréia. Cassius Clay em pessoas. /"Still Crazy after all these years" com Paul Simon (disco já lançado na Brasuca) domina esta semana o *hit parade* americano: "Red Octopus" com Jefferson Starship vem em segundo (igualmente já no mercado brasileiro) e, em terceiro, "Windsong", com John Denver (igualmente lançado nas plagas de cá). Entre os lançamentos em álbum, merecem a sua atenção

Power vital, open, independent journalism
Contribute → Subscribe →

Search jobs | Sign in | Search | The Guardian | International edition

News | Opinion | Sport | Culture | Lifestyle | More

Books | Music | TV & radio | Art & design | Film | Games | Classical | Stage

Music

Martin Birch, producer for Iron Maiden, Black Sabbath and more, dies aged 71

Hard rock 'genius' helmed nine classic Iron Maiden albums and worked with Deep Purple, Fleetwood Mac and others

Ben Beaumont-Thomas
@ben_bt
Mon 10 Aug 2020 10.26 BST
4,026 249

▲ Martin Birch working with Rainbow in April 1976. Photograph: Fin Costello/Redferns

Martin Birch, the producer whose bright but heavy sound was applied to classic albums by Iron Maiden, Black Sabbath, Deep Purple and more, has

Mais uma grande perda. O inglês Martin Birch, tão familiar aos Purplemaníacos, morreu aos 71 anos (27.dez.48 - 09.ago.20). A causa da morte não foi revelada. O primeiro trabalho de Martin como Engenheiro de Som foi para o álbum "Then Play On", do Fleetwood Mac (1969). Poucos dias depois, ele trabalhou no "Concerto". Encerrou a carreira em 1992, após o registro de "Fear of the Dark", do Iron Maiden. A foto no topo registra Martin com Ritchie no estudo móvel, durante as sessões que deram origem ao "Machine Head".

Capitulo 14
Perfect Strangers

Perfect Strangers

Mark II

8,7

1. Knocking at your back door (7:00)
2. Under the gun (4:35)
3. Nobody's home (3:55)
4. Mean streak (4:20)
5. Perfect strangers (5:23)
6. A gypsy's kiss (4:40)
7. Wasted sunsets (3:55)
8. Hungry daze (4:44)
9. Not responsible (4:36)

Produção: Roger Glover & Deep Purple

Gravação:Vermont, EUA, com "Le Mobile" Unit
Engenheiro: Nick Blagona
Capa: George Corsillo; logo por Craig Sprovach
Lançamento: Outubro de 1984
Gravadora/Selo: Polygram/Polydor
Código (CD): 823 777-2
Lançamento no Brasil: 1984

Visão geral

Desde a dissolução do Purple, notícias sobre a volta da banda surgiam o tempo todo na mídia. Em 1984, o sonho dos fãs se realizou. Não só voltavam às atividades, como vinha com a formação mais querida, a MK II. Na publicidade do novo disco, o slogan escolhido foi "O destino os uniu. Novamente". A frase apareceu até na capa do LP brasileiro. Por "destino", podemos entender "cinco milhões de dólares", ou seja, uma milha per capita. Blackmore estava meio descapitalizado em razão de um de seus vários divórcios e a grana veio em boa hora, o que fez com que esquecesse as dificuldades que ele via na reunião da banda e topasse a volta. Todos os demais, menos resistentes, também concordaram em

rever os velhos colegas e...zás! A química voltava a agir e o resultado esteve muito longe de decepcionar. Pelo contrário, eles gravaram um disco clássico, à altura das expectativas e alegrando milhões de fãs ao redor do mundo.

Algumas coisas mudaram: a gravadora não era mais a EMI, mas a Polygram. Martin Birch não estava na pilotagem da mesa de gravação, mas Nick Blagona. Este fez um trabalho correto, preservando o som característico da banda e por isso recebeu um "engenheirado criativamente" nos créditos. (desculpe, sei que não existe "engenheirado" em português, mas, que outra palavra usar nesse caso?). Estávamos na fase de transição entre o LP e o CD (no Brasil, o "Perfect Strangers" só saiu em LP). O novo disco foi gravado aproveitando a tecnologia digital disponível, que também foi utilizada ao vivo. Pela primeira vez havia uma produção de shows mais encorpada, com efeitos de laser em algumas das músicas. Outra mudança foi na forma de atribuir os créditos das composições. A política de creditar todas à todos foi abandonada. Os créditos ficaram com os criadores das faixas: Blackmore, Gillan e Glover. Somente *Nobody's home* foi creditada aos cinco músicos. Outros padrões da primeira fase da MK II foram abandonados: oito (ou nove, no caso do CD) faixas, LP de capa simples e sem os rostos dos músicos na ilustração frontal.

Uma coisa, porém, não mudou: estava de volta o velho Purple. Ou seja, a garantia de músicas e shows de primeira qualidade. O retorno teve grande destaque na mídia e foi acompanhado de uma longa turnê mundial. Isto é, quase mundial, pois Brasil e Paraguai ficaram de fora.

Todo o alvoroço pela volta, as expectativas correspondidas por um disco marcante e a intensa série de shows tiveram sua contrapartida na vendagem do Perfect Strangers: bateu no quinto lugar nas paradas inglesas e ao 17º na americana, números muito expressivos pela conjuntura musical da época.

Naqueles dias do final do ano de 1984 tanto nas ruas de Assuncion, como naquela remota vila rural de Tacoma ou nos acampamentos aos pés do

K2; nas praias rochosas das ilhas Faroe, nas estradas poeirentas de Melbourne ou, ainda, em um discreto sobrado na rua Costa Aguiar (bairro do Ipiranga, São Paulo) havia um pensamento comum: o Rock acabava de ganhar uma sobrevida. No caso da casa do Ipiranga, ouviu-se muito por lá a expressão "ôrra, meu, que puta disco!".

Título

Novamente um título extraído de uma das faixas. Gillan costumava brincar nos shows da turnê da volta, citando que esse nome era uma homenagem ao time "Perfect Street Rangers", ou seja, "Perfect St. Rangers".

Capa

Essa tradição foi mantida: mais uma capa que não provoca nenhum "uau" de admiração. Simples e convencional. O logotipo que domina a capa foi muito criticado pela falta de originalidade.
Conceito: C.

As faixas

Knocking at your back door
Blackmore/Gillan/Glover

Eu me lembro bem disso: oito anos esperando os caras voltarem e, até que enfim, iria poder ouvir um disco novo do Purple. O "Perfect Strangers" é retirado da capa e colocado no toca-discos. O prato gira, o disco se move, a agulha encosta no vinil, alguns pipocos estalam nos falantes e aí entra um teclado solene, seguido de uma marcação forte do baixo. Depois vem a bateria e explode mais um daqueles riffs sensacionais, tão característicos da banda que eu adorava há tantos anos: eu estava feliz – eles voltaram e voltaram muito bem. O disco tão esperado começava com uma música perfeita. Gillan em plena forma (pena que em alguns shows da turnê sua voz esteve prejudicada), assim como todos. Ritchie faz um solo intrincado, um pouco fora do seu estilo, que, em geral, é mais fluído, mas

que soa bem, de qualquer forma. Refrão de letra explicitamente pouco sutil.
Nota: 10

Under the gun
Blackmore/Gillan/Glover

Uma das cinco faixas executadas ao vivo na turnê da volta (as outras eram: *Knocking at your back door*, *Perfect strangers*, *Nobody's home* e *Gypsy's kiss*), mas, algo inexplicável, é a que eu menos gosto do disco. Não vejo nada de errado nela. Talvez eu tenha desenvolvido alguma cisma com as segundas faixas, sei lá. No meio do solo de Blackmore tem uma brevíssima reprodução de *Pompa e circunstância*, obra do compositor clássico inglês Elgar.
Nota: 7

Nobody's home
Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

Quando perguntado sobre a presença de Coverdale no Purple, Gillan costumava responder que era como ver sua mulher com um amante. Talvez influenciado por essa imagem eu acabei associando a letra dessa música a um recado de Gillan ao Coverdale. Parece um comentário sobre a queda artística do "amante". De onde tirei essa ideia maluca? De frases como "a legend is dying", "nobody's home", "you're not burning bright" e, principalmente, "you talk about love and affection", pois uma das músicas do Whitesnake tinha esse título (*Love and affection*). É lógico que essa teoria tem 99,9% de chance de ser uma piração minha, principalmente pelo fato de que em 1984 o Whitesnake tinha lançado um de seus discos mais bem sucedidos em termos de vendagem, o "Slide It In". Pirações à parte, *Nobody's home* é mais uma adição da banda à galeria de faixas clássicas de sua obra.
Nota: 9

Mean streak
Blackmore/Gillan/Glover

Riff de primeira, instrumental impecável, grande vocal, um refrão daqueles que pegam, solos competentes, clima "pra cima". Estamos falando de mais um clássico do Hard Rock. É mais uma música puro sangue Purple.
Nota: 8

Perfect strangers
Blackmore/Gillan/Glover

Noite de sábado. Um grande salão na Zona Leste de São Paulo. Centenas de pessoas pagam ingresso para ouvir Rock. Não é um show. O som que rola vem de um toca-discos ligado a uma potente aparelhagem, que fica tocando os clássicos do Hard Rock sem parar. Algumas luzes saídas de refletores no teto se alternam, como se fosse um baile. Os Rocks clássicos vão rolando e o público dançando. Uma bela hora começa a tocar *Perfect strangers*. A galera se anima ainda mais. Carlos, o dono do baile olha para mim e avisa: "presta atenção agora" e corta o som após o verso "a thousand oceans I have flown". Eu ouço um "ououou" vindo de todas aquelas pessoas. Foi de arrepiar. Quando me lembrei daquilo para descrever aqui, arrepiei de novo. Rock'n'Roll.
Nota: 10

A gypsy's kiss
Blackmore/Gillan/Glover

Outra porrada. Exuberante e irresistível. Pesada e gloriosa. Nada além de um Hard Rock honesto e despretensioso. Só que feito pelos caras certos, vira algo que mesmo ouvido centenas de vezes continua a agradar os ouvidos, o corpo e a mente. Ou, como citou Gillan na letra: "mind, body, heart and soul, we got Rock'n'Roll".
Nota: 9

Wasted sunsets
Blackmore/Gillan/Glover

Desde *When a blind man cries* que a MK II não esculpia algo tão belo. Balada emocionante, intensificada pela interpretação da banda e pelo solo de Blackmore, simples e encantador. Outro menos experiente e sensível enfileraria umas 500 notas no mesmo trecho.
Nota: 9

Hungry daze
Blackmore/Gillan/Glover

A letra é uma celebração da volta. Gillan cita a virada de mesa em 1969, quando ele e Glover (o "Stinking Hippy" citado na letra - algo como "Hippie fedido") se juntaram ao grupo. Mantém o alto padrão de qualidade do do disco.
Nota: 8

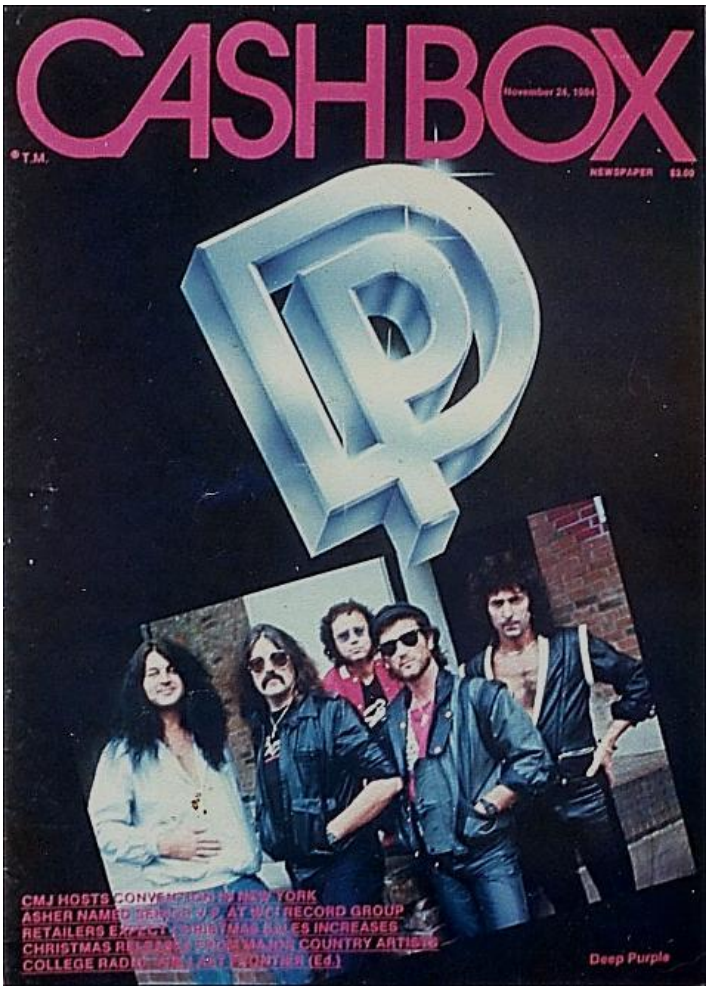
Not responsible
Blackmore/Gillan/Glover

Música que não entrou no LP, somente na versão em CD. É uma das minhas preferidas. Simpatizei de cara com a primeira frase: "achei uma grana em uma velha jaqueta preta". Também gosto muito do final em crescendo, com o solo de guitarra misturado aos gritos do Gillan.
Nota: 9

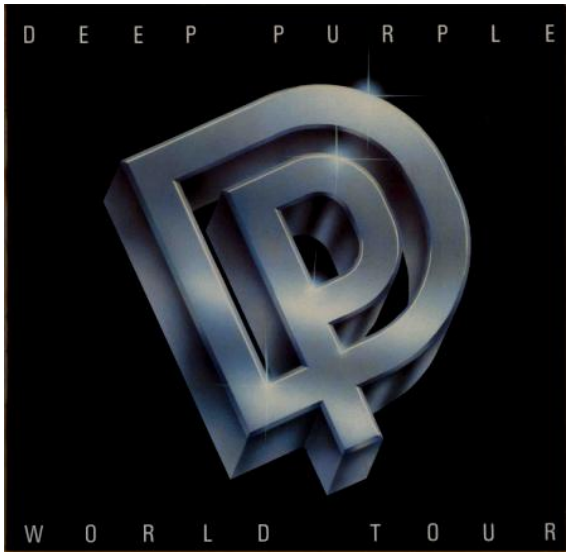
Complementos

O Purple ficara inativo desde 1976. Nesse período a exploração comercial do Rock foi se especializando. As fontes de captação de dinheiro se ampliaram. Não era mais só uma questão de lançar o disco e vender ingressos. Havia os produtos paralelos, como os "Books Tour", ou seja, revistas coloridas com fotos e textos sobre a turnê, vendidas na porta dos shows, além das camisetas, moletons, bonés e outras tranqueiras. Discos também entravam no esquema, com lançamentos de faixas inéditas, remixes, vinis em formatos especiais, tudo para morder o fã. No caso do

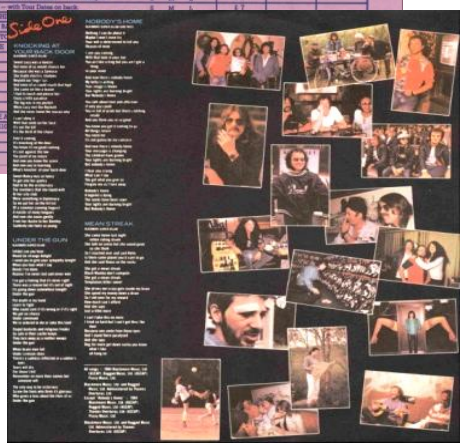
Perfect Strangers tivemos duas faixas extras: a *Not responsible* e a *Son of Alerik*. Esta última é uma instrumental de dez minutos (cravados), de andamento mais para o lento do que para o pesado. É praticamente uma "jam". Uma fascinante e obrigatória, para os fãs, "jam". No mais, a reboque do LP, teve de tudo: bottom, tour book, boné, pôsteres etc, sempre com o novo e questionável logo. *Knocking at your backdoor* (68º lugar) e *Perfect strangers* (48º) saíram como singles, sem grande sucesso na parada inglesa.

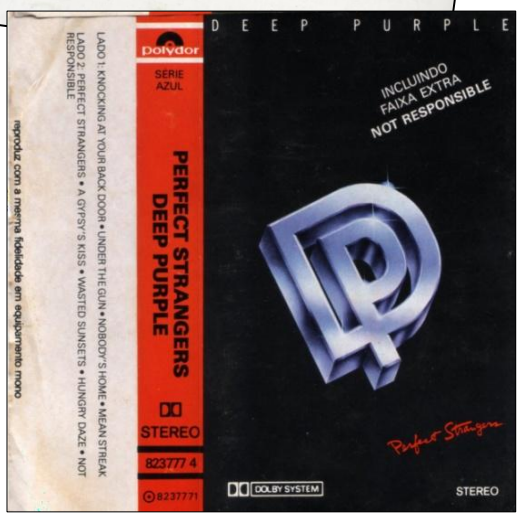


Outra peça de merchandising que surgiu enquanto a banda esteve desativada foi o videoclipe. Filmes promocionais de artistas existem desde os anos 50, mas nos anos 80 eles ganharam muita importância, alguns com produções caras, pois se constatou que eles ajudavam nas vendas dos discos. O Purple lançou quatro videoclipes derivados deste disco: o da faixa-título, *Knocking at your back door*, *Nobody's home* e *Under the gun*. O clipe de *Perfect strangers* é uma compilação de imagens feitas durante a gravação do disco, dentro e fora do estúdio em Vermont. O de *Under the gun* é parecido. A música se estende um pouco além do que foi gravado no disco e, ao final, Gillan, de bandana vermelha, troca umas palavras com o diretor. O clipe de *Nobody's home* mostra a banda tocando a música ao vivo e o de *Knocking...* é o único que tem alguma produção, com um enredo de ficção-futurístico-catastrófico à la Mad Max.



No sentido horário: capa do Tour Book (o conteúdo pode ser visto na Internet – confira na ref. A.8 do Apêndice); frente e verso de um "Picture disc", edição inglesa, item popular na Europa nos anos oitenta. Este é no formato de um compacto simples e traz a faixa *Son of Alerik* do lado B; capa do livro de partituras editado no Japão; capa da fita cassete brasileira encarte original do LP, com as letras e catálogo de merchandising, aproveitando o retorno da banda para dar uma mordida extra nos fãs.





Capitulo 15
The House Of Blue Light

The House Of Blue Light

Mark II

7,2

1. Bad attitude (5:04)
2. The unwritten law (4:54)
3. Call of the wild (4:48)
4. Mad dog (4:36)
5. Black and white (4:39)
6. Hard lovin' woman (3:25)
7. The spanish archer (5:31)
8. Strangeways (7:36)
9. Mitzi Dupree (5:05)
10. Dead or alive (5:00)

Produção: Roger Glover & Deep Purple
Gravação: Vermont, EUA, com "Le Mobile" Unit
Engenheiro: Nick Blagona
Capa: Icon Studios. Direção de arte: Andrew Ellis
Lançamento: Janeiro de 1987
Gravadora/Selo: Polygram/Polydor
Código (CD): 831 318-2
Lançamento no Brasil: 1987

Visão geral

Nas palavras de Glover: "nós (a MK II) costumamos fazer um grande disco seguido de um disco confuso". É isso. "The House Of Blue Light" é mais um dos álbuns que sucederam um disco brilhante e que provavelmente integram listas de "injustiçados", a exemplo do já comentado caso do "Who Do We Think" e outros. O que aconteceu? Bem, a MK II já havia se separado da primeira vez devido aos atritos internos ou, mais especificamente, por colisões frontais entre os egos de Blackmore e Gillan. Após uns anos separados, algumas coisas foram deixadas de lado, as mangas arregaçadas e as malas preparadas: vamos gravar e excursionar, como nos velhos tempos. Da mesma forma, como

nos velhos tempos, a longa e forçada convivência reavivou as diferenças pessoais e teve início uma nova crise. O tal "disco confuso" reflete, outra vez, o momento da banda. Ele tem partes excitantes e outras nem tanto. No geral, é um disco que me agrada, embora seja um dos mais fracos – ou melhor, menos fortes – entre os gravados pela MK II.

O pacote de produção é o mesmo do "Perfect". Local de gravação, unidade móvel e engenharia de som repetindo a fórmula exitosa do disco anterior. As novidades ficaram no uso de sintetizadores e outros efeitos eletrônicos nos demais instrumentos e não apenas nos teclados. Neste disco começa, ainda que de forma tênue, uma mudança fundamental na produção dos discos – o som! A qualidade do som começou a se distanciar do padrão estabelecido por Martin Birch, algo que sempre havia sido um componente marcante na obra da banda até então.

Quando houve o lançamento deste disco no Brasil, a Sociedade (SBADP) estava em pleno crescimento. Nosso endereço saiu no encarte da edição nacional! Mais detalhes podem ser vistos na história da SBADP – ref. A.1 do Apêndice. Outro fato curioso que aconteceu foi que fomos convidados a fazer a crítica deste disco para a Somtrês, que, a menos desse deslize, era uma revista bastante respeitada. Eu e o Roberto nos deixamos levar pelo entusiasmo do momento e, confesso, acabamos por fazer uma crítica um pouco tendenciosa, favorável demais ao disco (mea culpa, mea culpa!). Lembro-me de um episódio estranho que aconteceu logo após a publicação da revista. Estava eu conversando em uma loja na Galeria do Rock, quando entrou um cara desconhecido e, sei lá de que jeito, percebeu quem eu era e começou a me malhar, dizendo algo do tipo "como você teve coragem de elogiar esse disco etc etc", referindo-se à crítica na Somtrês. Fiquei pasmo com o jeito e o nervosismo gratuito da figura e, no fim, acabei deixando para lá. Bem, hoje, relendo a matéria, sou obrigado a dar razão àquele maluco e reconhecer que havia um pouco de paixão demais naquele texto, como pode ser comprovado na comparação entre aquela crítica (disponível no Apêndice, ref. A.6) e os comentários que seguem sobre as faixas.

Outra curiosidade, ainda, sobre o lançamento do disco no Brasil. Por aqui, assim como no caso do álbum anterior, só houve a edição em LP. Como o CD tem maior capacidade de duração em relação ao LP, algumas faixas (aquelas que terminavam com o volume de gravação sendo reduzido gradativamente) tinham duração um pouco maior na versão digital. Provavelmente a gravadora brasileira usou o CD como matriz para gerar o LP, de modo que o vinil nacional também tem as faixas estendidas.

Em termos internacionais, o disco foi relativamente bem: atingiu o 10º lugar na parada inglesa e o 34º na americana.

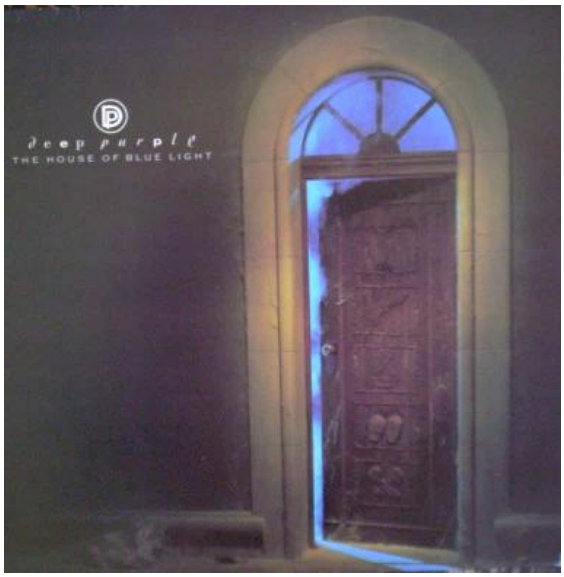
Título

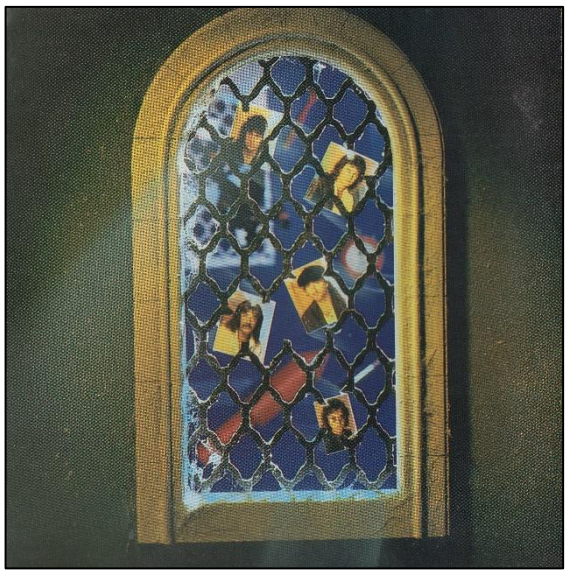
Glover declarou que, normalmente, o título do disco era definido durante as gravações e isso servia como uma espécie de norte para os trabalhos. Nesse caso, o disco já estava pronto e o nome ainda não havia sido escolhido. Não houve nenhuma inspiração especial para a determinação do título do álbum. Ele foi pinçado de uma lista elaborada por Glover e pelo Gillan e veio de uma frase extraída da letra de *Speed King*, que, por sua vez, cita um trecho da letra de *Good Golly Miss Molly*, de Little Richard, um dos ídolos da banda. Esse também era o nome do bordel que onde acontecem algumas cenas do filme "Easy rider" (no Brasil, "Sem Destino").

Capa

Um título como esse pelo menos permitia um bom número de ideias para uma capa. A escolhida foi um tanto quanto previsível. Uma luz azul aparecendo pela fresta de uma porta. Foi contratado um estúdio para realizar a capa, que preparou uma maquete da porta e fez as fotos. Glover, que sempre palpitou nas capas, sugeriu que a porta fosse parecida com uma que ele havia visto na Alemanha, que tinha uma série de entalhes. Decidiram então que os entalhes seriam de símbolos que representariam cada um dos músicos (sim, todos já vimos isso antes – capa do Led IV). Blackmore escolheu a coruja; Gillan o foguete, como lembrança de um de seus pseudônimos no começo de carreira (Garth Rockett); Glover

ficou com o arco e flecha, baseado em seu signo (ele é sagitário); a opção de Lord foi pelas máscaras teatrais, pois ele havia sido um ator iniciante e Paice adotou o par de braços, simplesmente por ser baterista. Depois da porta-maquete pronta, Blackmore mandou um recado – não havia gostado da coruja. Foi feita uma mudança, só que as capas do CD já estavam prontas. Na versão em LP a coruja foi trocada. Portanto, existem duas capas, sutilmente diferentes.





Em cima: reprodução das duas capas existentes. A da direita é a do LP, com a coruja modificada a pedido do Blackmore. A da esquerda é a primeira versão, que só saiu nas primeiras tiragens do CD. Dá para notas algumas diferenças entre as duas (além da coruja, é claro), pois as fotos foram tiradas em momentos diferentes. Abaixo, ilustração que só apareceu no encarte do CD. Ao lado, reprodução do encarte e com as fotos internas do "In Rock" sobrepostas, à direita.

No encarte do LP foi incluída uma coluna de fotos individuais dos músicos, em um arranjo parecido com o que saiu na parte interna da capa do "In Rock". Proporcionou uma interessante comparação entre os dois momentos, separados por 17 anos.
Conceito: C.

As faixas

Bad attitude
Blackmore/Gillan/Glover/Lord

A abertura do disco é das mais auspiciosas. Teclado meio fúnebre, meio cerimonial de Lord, antecedendo um riff poderoso, nitidamente inspirado em *Onwer of a lonely heart*, do Yes. O vocal de Gillan, como no restante do disco, mostra que ele estava em grande forma. O solo de guitarra tem uma sonoridade diferente, devido ao uso do sintetizador por Blackmore.
Nota: 9

The unwritten law
Blackmore/Gillan/Glover/Paice

Música bem diferente do que se esperaria do Purple, contrastando muito com a faixa anterior. Após um começo empolgante, com Gillan duplicando as notas da guitarra de Blackmore, entra uma marcação meio tribal, reforçada pelo som de palmas. O refrão é muito bom e é quando a bateria faz uma marcação de Rock. No fim, o produto soa bem, apesar de estranho. Poderia ser um sinal de uma banda experimentando novos caminhos, tentando se descolar do Hard Rock. Mas, pelo menos neste disco, foi uma derivação isolada.
Nota: 7

Call of the wild
Blackmore/Gillan/Glover/Lord

Claramente, uma tentativa de emplacar um single de sucesso. Até teve apoio de um videoclipe. Começa bem, mostrando certo potencial, lembrando algumas coisas do Rainbow pós-Dio. O refrão é um pouco

chato. No fim, a aposta não foi bem sucedida. O título brinca com o livro homônimo de Jack London, sendo que, no caso da música, a "chamada" ("call") refere-se a uma mera ligação telefônica.
Nota: 5

Mad dog
Blackmore/Gillan/Glover

A receita é basicamente a mesma: riff, estrofe, refrão, solo. O que impede de dar sempre certo? Os ingredientes, ou seja, não são quaisquer riff ou refrão que dão liga. Obviamente, também entram a sensibilidade e a criatividade dos chefs. Tem que saber usar bem os bons ingredientes e dosar os temperos certos. Neste caso, o resultado é um prato dos mais deliciosos. Ei, de novo a metáfora culinária? Bom, agora já foi. Certa vez, tomei um susto por causa desta música. Estava eu zapeando os canais da TV quando, ao chegar na Globo, estava passando o Chacrinha. Tudo como sempre: as chacretes dançavam, enquanto ele falava aqueles seus velhos bordões. Que música tocava ao fundo? Sim, sim, *Mad dog*!
Nota: 9

Black and white
Blackmore/Gillan/Glover/Lord

Uma surpresa à primeira audição: Gillan surgia de volta com sua gaita. O comentário sobre esta música pode ser considerado para todas as seguintes, exceto à *Mitzi Dupree*. São músicas que agradam. Se estivessem em discos de outras bandas de menor bagagem, talvez chamassem mais a atenção. O Deep Purple estabeleceu um nível muito alto em sua carreira, de modo que músicas que sejam somente boas, ou seja, corretas, bem construídas e interpretadas, não despertam grandes paixões nos fãs. É preciso que tenham alguma coisa especial, algo que as tornem clássicas. Não é o caso desta, nem das que completam o disco, a menos da já citada exceção.
Nota: 7

Hard lovin' woman
Blackmore/Gillan/Glover

Música pouco inspirada, a começar pelo título. Como tem um andamento rápido, foi aproveitada nos shows (além dela, no set list da turnê promocional do álbum, só entrou *Bad attitude* e, ocasionalmente, *Dead or alive*).
Nota: 6

The spanish archer
Blackmore/Gillan/Glover

Tanto esta como a próxima tem uma isca especial: Blackmore sola muito, nos dois sentidos (quantidade e qualidade). São faixas mais elaboradas que as restantes, com riffs e desenvolvimento mais trabalhados do que a média do álbum e valem pelo desempenho geral da banda. Caem naquela questão citada na *Black and White*.
Nota: 7

Strangeways
Blackmore/Gillan/Glover

"Strangeways" é o nome de uma prisão inglesa onde eram executados os condenados à pena de morte. Portanto, não traduza o título para "caminhos estranhos". É a faixa mais longa do disco e, conforme dito no comentário anterior, tem Blackmore esbugalhando a guitarra. As harmonias vocais, especialmente belas nesta música, foram feitas pelo próprio Gillan, em overdubs, assim como todas as outras presentes em discos da MK II. O riff tem um quê de oriental. Blackmore está sempre de ouvidos abertos às músicas exóticas e costuma se inspirar nelas para criar seus riffs. Entretanto, nesta faixa, a repetição excessiva do riff cansa um pouco.
Nota: 7

Mitzi Dupree
Blackmore/Gillan/Glover

Música especialmente simpática, pelo clima e pela letra, curiosa, que conta uma história verídica acontecida com Gillan em seus tempos de Sabbath. Em uma prova dos ares que novamente rodeavam a banda, a versão que foi para o disco não está totalmente acabada, pois Blackmore se recusou a refazer a gravação. O que temos é ainda uma versão demo, um pouco rústica, mas de ótimo resultado.
Nota: 8

Dead or alive
Blackmore/Gillan/Glover

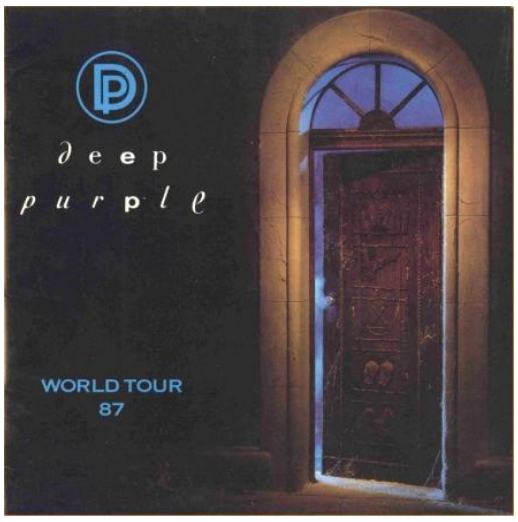
Outra faixa que, pela rapidez, funcionava um pouco melhor ao vivo. Vale mesmo é pelo admirável duelo Lord/Blackmore que ocupa praticamente todo o terço intermediário. O riff é um retrabalho em cima do usado em *Spotlight kid*, do Rainbow. Isso é típico do Blackmore. Quando a coisa apertava, ele pegava um antigo riff e adaptava. São inúmeros casos. Outro exemplo aparece na *Perfect strangers*: tem um trecho que foi reaproveitado da música *Makin' love*, do Rainbow. A estratégia foi ficando mais frequente com o passar dos anos, conforme citado nos comentários dos demais discos.
Nota: 7

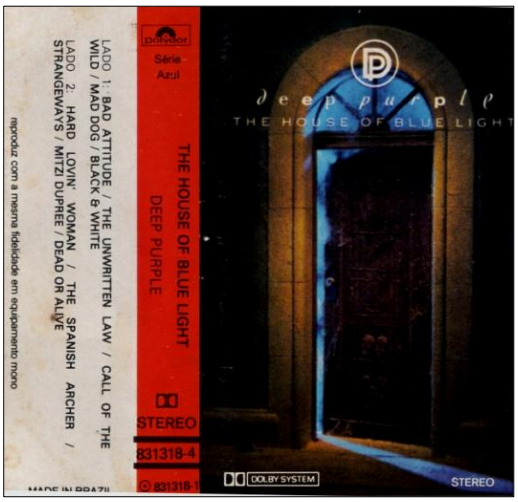
Complementos

O desânimo interno se estendeu aos complementos. Não houve faixas extras ao CD. Quando o álbum ao vivo que sucedeu os dois LPs pós-volta foi lançado ("Nobody's Perfect") surgiu uma nova regravação da *Hush*, que não causou grande impacto. No mais, os subprodutos habituais: compactos, tour book e videoclipes. As músicas escolhidas para os clipes foram *Bad attitude* e, conforme menção anterior, *Call of the wild*. O primeiro traz a banda dublando a música em estúdio. O clipe da segunda tem um, ahn, enredo. Começa mostrando a recusa dos cinco integrantes em gravar um vídeo. Aí temos o que seria uma audição de candidatos a dublê dos músicos, que não passa de um amontoado de tipos-clichês

(padre, anão etc). Não ajuda muito para valorizar a música e tampouco é original, pois tem um clipe do Talking Heads que é muito parecido. Não me lembro sobre qual música é o clipe, mas também não importa. Na verdade, agora já sei qual é a música: é *Wild wild life*, do disco "True Stories", que foi lançado meses antes do "House of...". Essa informação eu devo ao Anderson Frota, um (acreditem!) leitor desta perineal obra. O single com *Call of the wild* teve um desempenho muito modesto: 92º lugar na Inglaterra.

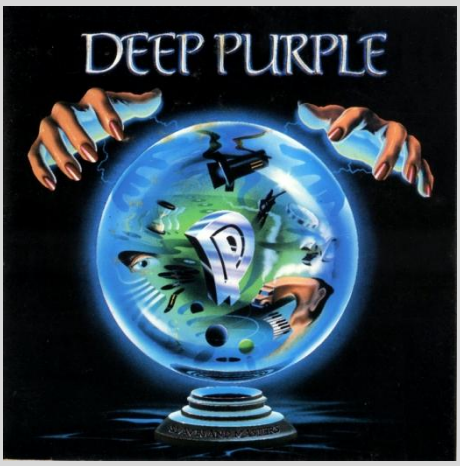
Em cima: equipe de designers do estúdio londrino Icon, dirigida por dois ex-homens da Hipgnosis, Richard Evans e Andrew Ellis, que produziu a capa do "The House of Blue Light". A maquete da porta usada para as fotos da capa aparece ao fundo. Ao lado, selo externo promocional da versão americana do LP.





Em cima: reprodução da edição colombiana. A capa teve sua parte inferior cortada na reprodução e a contracapa saiu em preto e branco. Embaixo: reprodução da edição americana do compacto *Call of the wild/Strangeways,* esta, em versão estendida. Existe uma versão do single de *Call of the wild* que tem *Dead or alive* no lado B. Ao lado, capa do Tour Book, cujo conteúdo pode ser visto na Internet na referência A.8 do Apêndice. À esquerda: capa da versão brasileira em fita cassete.

Capitulo 16
Slaves And Masters



Slaves And Masters

Mark V

4,5

1. King of dreams (5:30)
2. The cut runs deep (5:42)
3. Fire in the basement (4:43)
4. Truth hurts (5:14)
5. Breakfast in bed (5:16)
6. Love conquers all (3:47)
7. Fortuneteller (5:45)
8. Too much is not enough (4:19)
9. Wicked ways (6:35)

Produção: Roger Glover
Gravação: Orlando, EUA, Greg Rike Productions
Engenheiro: Nick Blagona
Capa: Therry Thompson
Lançamento: Outubro de 1990
Gravadora/Selo: BMG/RCA
Código (CD): PD 90535
Lançamento no Brasil: 1990

Visão geral

Todo mundo já fez alguma coisa na vida da qual se arrepende. É aquele tipo de lembrança que quando surge na mente traz primeiro um sentimento de raiva, por não ter agido ou falado naquele instante como gostaria. Em seguida vem o esforço para ocupar o pensamento com outra coisa, para não se martirizar. Acho que quando alguém toca no nome desse disco para um músico do Purple (exceto o Turner, é claro), acontece algo parecido – o lance do arrependimento. "Slaves And Masters" foi a grande pisada de bola do grupo.

Tudo começou quando, pelos mesmos motivos da primeira vez, a incompatibilidade Blackmore-Gillan fez com que este último deixasse a banda, novamente. Só que desta vez, a substituição foi desastrosa. Blackmore trouxe seu antigo companheiro da fase decadente do Rainbow, o americano Joe Lynn Turner. Ele é um cara legal, tem gente que o considera um bom cantor etc etc, mas, definitivamente, não tem o perfil para o Purple. O resultado foi um disco fraco. O pior de todos. Entre outros traumas, este álbum contradisse o Teorema de Glover: "um grande disco seguido de um confuso". Este foi o disco muito confuso após o disco confuso. A parte instrumental cumpre seu papel com competência. Os problemas são as composições e a interpretação de Turner.

Para nós, brasileiros, foi quando, finalmente, a banda tocou por aqui. Foi ótimo, apesar do Turner.

As vendagens do disco refletem o descontentamento do público: chegou somente ao 45º lugar na Inglaterra e ao 87º nos Estados Unidos, o pior desempenho desde o Concerto, uma decepção para a nova gravadora (a 3ª na vida do Purple), a BMG.

Título

O título do disco foi esclarecido pelo próprio Glover, na coletiva de imprensa que ele deu na primeira visita do Purple ao Brasil e na qual o Eremita estava presente. O que segue é a reprodução de parte do texto "Como trabalhar de graça, perder dinheiro e ainda se divertir - a história da Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple", disponível gratuitamente na Internet (ver Apêndice, ref. A.1): "Outra pergunta foi sobre o título do álbum. Perguntei se tinha alguma coisa de sadomasoquismo ou se era mera coincidência, já que os termos 'escravos' e 'mestres' são usuais nessas práticas sexuais bizarras. A tradutora se enrolou e não consegui traduzir minha pergunta. Curiosamente, o Glover, mesmo sem a tradução, sacou o termo e respondeu que sim e que, embora o título fosse referência à forma de processamento do som das gravações (todo mundo já deve ter ouvido falar nas fitas 'master', o que gera a 'remasterização', outro termo manjado), existia mesmo uma relação

sadomasoquista em ser músico de uma banda famosa. O artista acaba ficando preso à execução das músicas que o público quer ouvir, ou seja, se torna um escravo do repertório de sucessos. O público é o mestre, que exige que toquem em todos os shows *Smoke on the Water* e *Highway Star*, por exemplo. Foi um desabafo surpreendente e muito sincero e que dá o que pensar".

Capa

Neste quesito ninguém pode reclamar que houve mudança – o nível continuou o mesmo de sempre, ou seja, baixo. Bola de cristal na capa? Deve haver uma dezena de discos com essa mesma ideia, se bem que só me lembro de um: "Crystal Ball", do Styx. Conforme citado no caso do "Come Taste the Band", minhas pesquisas ininterruptas sobre a banda revelatam mais uma fonte de inspiração para capas. Claramente foi o disco "Quien Sera?" que serviu de base para a ilustração do "Slaves and Masters". Ou seja, mão bastasse a falta de uma boa ideia, a arte também deixa a desejar, pois não tem a menor personalidade. Perde até para a do álbum de Nelson Pinedo. Ou seja, no "Slaves and Masters", nem a capa escapa.
Conceito: D.

As faixas

King of dreams
Blackmore/Glover/Turner

Não é um começo de todo mau. Passa longe em termos de impacto em relação às aberturas dos discos anteriores, mas poderia ser mais apreciada

se não fosse pela letra. Novamente recorro ao sensacional texto "Como trabalhar de graça, perder dinheiro e ainda se divertir - a história da Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple", onde a história desta letra é citada, no relato da já referida coletiva: "Uma das nossas perguntas foi se *King of dreams* era uma resposta à *Smooth dancer*. Turner afirmou que sim, que era uma réplica em favor do Blackmore. Glover ainda complementou, confirmando o que foi dito pelo colega, o que achei certa trairagem, afinal a letra da *Smooth* foi composta pelo Gillan e, ao que constava, os dois eram amigos. Do Turner esse tipo de puxa-saquismo era aceitável, uma vez que foi o Blackmore quem arrumara os dois últimos empregos para ele". Para maiores informações sobre a letra de *Smooth dancer*, novamente sugiro a leitura da matéria da seção "Interpretação de letra", do também sensacional fanzine Into the Purple, edição 5, também encontrável via Apêndice (ref. A.3).
Nota: 7

The cut runs deep
Blackmore/Glover/Lord/Paice/Turner

De um modo geral, esta e as demais faixas do disco seguem um padrão: estão mais para o tipo de música que o Rainbow fazia na fase Turner, ou seja, aquele som que, apesar de Rock, não é muito pesado e é melodioso na medida para entrar na programação das FMs americanas. Embora eu odeie esse rótulo, porque não tem muito sentido, vou citá-lo aqui porque acabou virando referência para classificar esse tipo de música: é o que os jornalistas de Rock batizaram de AOR, termo em inglês para "Rock destinado aos adultos" (Adult Oriented Rock). Embora o instrumental esteja correto, principalmente os solos, todo o restante, ou seja, os arranjos, as letras e o vocal de Turner enquadram as músicas no padrão comentado.
Nota: 6

Fire in the basement
Blackmore/Glover/Lord/Paice/Turner

Esta faixa foge um pouco do padrão citado na anterior, pois é mais apimentada, o que a torna uma das melhores do disco. Exceto esta e a

faixa de abertura, todas as letras de Turner são românticas, o que também contraria o espírito da banda, sempre lembrando a importância apenas relativa que as letras têm no Rock, conforme exposto em algum outro ponto deste texto.
Nota: 7

Truth hurts
Blackmore/Glover/Turner

Desta vez, Blackmore não se limitou a retrabalhar um riff, mas a música inteira. Esta faixa é um clone mal sucedido da *Perfect strangers*. Como a origem é uma obra-prima, sua derivada tem parte de suas qualidades, mas, assim como eu, imagino que todo mundo prefira a matriz.
Nota: 5

Breakfast in bed
Blackmore/Glover/Turner

Uma das mais fracas do disco. Não sei se influenciado pelo título, mas eu classificaria essa música como "sonolenta".
Nota: 5

Love conquers all
Blackmore/Glover/Turner

Uma das piores coisas gravadas pelo Purple. Pensando melhor, é a pior. Consta que Barry Manilow desistiu de gravá-la por achá-la melosa demais. Para aumentar a dose de simpatia que os fãs tinham por ele, Turner fazia questão de incluí-la no repertório dos shows.
Nota: 0

Fortuneteller
Blackmore/Glover/Lord/Paice/Turner

Lembra muito a *Breakfast in bed*. Ou seja, sonolenta.
Nota: 5

Too much is not enough
Greenwood/Held/Turner

Desde os discos da MK I que o Purple não gravava uma cover (*Lady Luck* não vale, pois é uma coautoria). À primeira vista, pela distinção dada, deveríamos ter aqui uma música de outro planeta. Vale lembrar que a recusa em incluir uma cover no "Stormbringer" foi um dos motivos que levou Blackmore a sair da banda (no caso, Ritchie queria regravar *Black sheep of the family*). Contudo, a faixa em questão não tem nada de mais. É outra no estilo faixa-chinfrim-pra-tocar-em-FM.
Nota: 3

Wicked ways
Blackmore/Glover/Lord/Paice/Turner

Uma das três que se salvam no disco por ainda lembrarem os bons tempos, embora nenhuma delas seja exatamente empolgante. Vale pela parte intermediária, com belos solos de Blackmore e Lord.
Nota: 7

Complementos

Existem duas faixas extras deste disco: uma foi incluída na trilha sonora de um filme homônimo estrelado por Roger Moore, chamado "Fire, ice and dynamite". Outra, *Slow down sister*, saiu como lado B da *Love conquers all*. Este single atingiu o 57º posto na parada inglesa. Melhor do que o de *King of dreams*, com seu 70º lugar. Nada que valha a pena correr atrás (lembremos que são faixas que ficaram de fora do "Slaves And Masters"...).

Foram produzidos dois videoclipes: *King of dreams*, que mesclava imagens da banda dublando a música e de um romance entre dois adolescentes em um parque de diversões (opa, este caso seria um exemplo de T.O.R., ou seja "Teenage Oriented Rock"? Existe isso? Espero que não!) e *Love conquers all*. O tema deste último são os sonhos românticos de uma moça (uma modelo), baseados em quadros famosos (por exemplo, aquele do beijo entre dois encapuzados, "The Lovers", do Magritte) e seu

amante, papel desempenhado pelo Turner. Produção de moda caprichada: anéis, pulseiras, colar e cabelos cuidadosamente penteados, balançando ao vento. Bem, estou me referindo ao Turner. A modelo também estava toda produzida. Existe ainda um clipe "incendiário" que emenda *Fire in the basement* com *Fire, ice and dynamite*, composto por imagens de bastidores durante a gravação do disco.

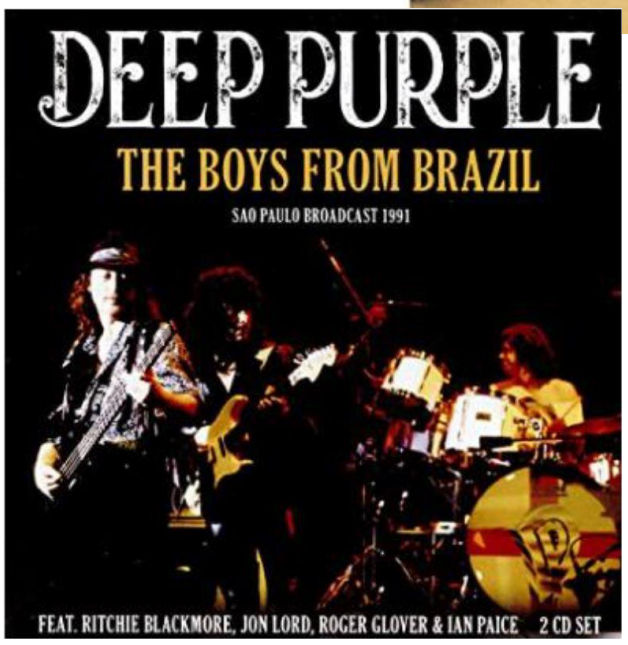
O que marcou mesmo nessa época, pelo menos para os brasileiros, foi a turnê da banda por aqui em 1991. Foram sete shows: quatro em São Paulo e mais Rio, Curitiba e Porto Alegre, com direito aos efeitos especiais de laser e tudo mais.

Acima, foto tirada pelo Eremita em São Paulo, na primeira turnê do Deep Purple pelo Brasil, em 1991. Ao lado, o cartaz dos shows, cortesia de Marcelo Soares.

Pearl

Pearl
Marshall

Nesta página e na anterior, mais fotos tiradas pelo Eremita durante a apresentação do Purple. No final, capas de CDs duplos piratas, trazendo a gravação dos shows que aconteceram no Brasil. O da esquerda é francês e o da direita tem o curioso nome de "Smoke and Samba" e atribuiu à casa de shows o status de estádio.



Capitulo 17
The Battle Rages On

1. The battle rages on (5:56)
2. Lick it up (4:00)
3. Anya (6:32)
4. Talk about love (4: 07)
5. Time to kill (5:50)
6. Ramshackle man (5:34)
7. A twist in the tale (4:17)
8. Nasty piece of work (4:36)
9. Solitaire (4:42)
10. One man's meat (4:38)

The Battle Rages On

Mark II

7,0

Produção: Roger Glover & Thom Panunzio
Gravação (Engenheiro): Bearsville Studios, N. York (Bill Kennedy);
Red Rooster Studios, Alemanha (Hans Gemperle);
Greg Rike Studios, Orlando (Jason Corsaro)
Capa: Reiner Design Consultants, Inc.
Lançamento: Julho de 1993
Gravadora/Selo: BMG/RCA
Código (CD): 74321 15420-2
Lançamento no Brasil: 1993

Visão geral

Naquele meio de ano de 1992, Turner atingiu o auge de sua popularidade: os músicos da banda (exceto Blackmore) queriam sua saída; os fãs queriam a sua saída; a gravadora queria a sua saída. As bases das composições para o novo disco já estavam gravadas, que já seria sem o Turner. Pensaram em vários nomes para substituí-lo. Blackmore sugeriu Mike di Meo, do Riot, que chegou a gravar algumas das músicas do álbum que sucederia o malogrado "Slaves And Masters". Ao final, por pressão dos demais componentes, Gillan retornou. Ele reescreveu todas as letras e gravou os vocais sobre as bases existentes. Disco lançado, a turnê comemorativa do aniversário de 25 anos agendada, a banda voltou à

rotina. Incluindo aí a rotina de brigas entre Blackmore e Gillan. Blackmore deixou pela segunda vez o Purple, após um show em Helsinque, em novembro de 1993. Para completar a turnê foi contratado Joe Satriani, outro americano, que ficou até julho de 1994, sem participar de nenhum álbum de estúdio.

O produto de toda essa perturbação é um disco irregular, com picos e vales. Uma mudança importante que ocorreu foi na produção. Desde os discos da MK I que não havia a presença de um produtor "externo" (as aspas são porque Martin Birch não pode ser considerado um cara de fora). As pequenas mudanças na sonoridade das gravações, que despontaram no "The House Of Blue Light", ficaram marcantes neste disco. A qualidade da gravação deixa a desejar, principalmente no som da bateria. O registro do som da caixa ficou muito seco – dá a impressão que Paice está batendo em um pedaço de madeira. Esse problema tem sua parcela no comprometimento do resultado final, embora o maior fator esteja mesmo na qualidade das composições. Não era uma fase particularmente brilhante de Blackmore. Na falta de novas ideias para riffs, ele abusou da reciclagem de alguns antigos, conforme citado a seguir nos comentários das faixas.

O retorno de Gillan garantiu uma melhor vendagem na Inglaterra, atingindo o 21º lugar na parada. Nos Estados Unidos, o terreno estava mesmo perdido: obteve apenas o 192º lugar.

Título

Apesar de apenas repetir o título da faixa inicial, o álbum acabou sendo batizado com uma frase bem irônica, refletindo o clima (uma batalha) que quase sempre marcou os períodos de convivência entre Blackmore e Gillan.

Capa

Um desastre. O que se salva? A ilustração não tem relação com o título, a menos que seja claro para qualquer um que dois dragões daqueles que

se vê em catálogos de tatuadores, por estarem enroscados no logotipo, indiquem que a batalha continua. Seria uma metáfora do relacionamento Gillan/Blackmore? O logotipo, que já não era essas coisas, foi destruído na ilustração. Aqueles traços imitando brilho são de doer. Tudo bem, o disco não é um dos mais legais da banda, mas não precisava esculhambar a capa desse jeito.
Conceito: D.

As faixas

The battle rages on
Blackmore/Gillan/Lord/Paice

A faixa inicial dá uma sensação de otimismo quanto a uma possível recuperação do grupo em relação aos dois discos anteriores. Sensação que não tem reflexo na letra da música, de tom bem pessimista, falando de aniquilação e matanças. O Gillan tem disso, muitas vezes reflete nas letras o momento que está passando. Um recurso recorrente em todo disco já aparece nesta faixa – o vocal está dobrado (overdubs). O riff parece ter sido extraído do início do solo de guitarra de *Fire Dance*, do Rainbow. De qualquer forma, um começo de álbum digno e animador.
Nota: 8

Lick it up
Blackmore/Gillan/Glover

A sensação de otimismo lançada pela faixa anterior não dura muito. Esta segunda faixa não segura o pique. Não tem brilho.
Nota: 6

Anya
Blackmore/Gillan/Glover/Lord

Aqui temos um exemplo de outro dos recursos de Blackmore para compor – a inspiração em músicas regionais. Com as turnês nos anos 80 e 90 indo a países que até então estavam fora do circuito convencional, como Hungria, Rússia e, é claro, Brasil, Blackmore aumentou sua possibilidade

de captar ideias. O riff de *Anya* pode ter surgido de alguma música folclórica ouvida em suas viagens, pois é um tanto exótico (e belo). Uma das melhores faixas do disco, com um começo acústico, até a entrada do riff. Entre o início da parte cantada e o riff temos um trecho reciclado de *Stranded*, do Rainbow. Um dos pontos altos entre as interpretações de Gillan no disco, gravado em um período em que ele não estava no auge de sua forma.
Nota: 9

Talk about love
Blackmore/Gillan/Glover

Outra faixa fraca, sem nada de especial a destacar. Tanto esta quanto *Lick it up* são exemplos de algo que não costuma frequentar os álbuns do Purple, as tais "fillers", ou seja, faixas que servem apenas para completar o disco, de onde não se espera nem se extrai muita coisa. Surpreendentemente, entrou no repertório dos shows. Como em geral acontece, ficou melhor ao vivo.
Nota: 6

Time to kill
Blackmore/Gillan/Glover

Outro caso de reciclagem. Esta faixa é muito parecida com *Call of the wild*. Assim como aquela, esta também não funciona.
Nota: 4

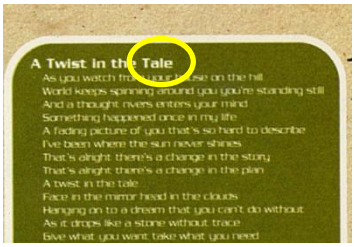
Ramshackle man
Blackmore/Gillan/Glover

Ainda no campo ecologicamente correto da reciclagem, temos um caso em que a origem não é uma composição interna. A base desta música é muito, mas muito, parecida com *Green onions*, número instrumental da banda americana Brooker T. and the MG's. Sintomaticamente, a *Green Onions* entrou no repertório de alguns shows, como no DVD "To the Rising Sun", de 2015 e, em na faixa que encerra o "Turning to crime". Descontando a coincidênica, temos um dos picos do disco, com bom

desempenho geral e a volta de Gillan tocando sua gaita, ainda que em participações tímidas.
Nota: 8

A twist in the tale
Blackmore/Gillan/Glover

Desta vez, temos uma re-reciclagem, pois o riff de *Spotlight kid*, já utilizado em *Dead or alive*, voltou a sofrer uma adaptação. É um bom riff, não há dúvida e acaba gerando músicas rápidas, que rendem bem ao vivo, como é o caso desta. Entrou no repertório dos shows, ao lado de *Anya*, como pode ser comprovado no CD "Come Hell Or High Water". Curiosamente, nesse CD o nome está grafado como "Twist in the tail". Ou seja, em vez de uma "mudança na história", temos uma "torcida de rabo"! Coisas que acontecem, até mesmo entre os ingleses (é só conferir nas reproduções dos encartes dos dois CDs).
Nota: 8



Nasty piece of work
Blackmore/Gillan/Glover/Lord

Uma das minhas preferidas do disco. Purple dos bons tempos. Tem uma levada mais cadenciada, conduzida pelo Hammond e com intervenções de Blackmore ao longo de toda música. E o que é melhor, não é reciclagem, pelo menos não tão explícita como as demais (isso, lógico, baseado em meu restritíssimo conhecimento musical).
Nota: 9

Solitaire
Blackmore/Gillan/Glover

Sinceramente, nunca conversei com ninguém a respeito desta música e não sei a opinião dos fãs. Talvez muitos não gostem. É uma canção estranha, meio balada, meio pesada, mas que me agrada. Tem um clima melancólico, reforçado pela letra de Gillan. Achei curioso o termo "solitaire" e fui pesquisar. Em inglês, ele é usado para designar aquele tipo de anel que tem um único brilhante ou para o jogo de cartas que conhecemos como paciência. O termo em inglês que indicaria solitário, no sentido de sozinho, seria "solitary". Ao terminar este parágrafo fiquei imaginando o quanto esta última informação irá interferir na vida das pessoas que lerem este texto...
Nota: 8

One man's meat
Blackmore/Gillan/Glover

Última faixa, último caso de reciclagem. Desta vez o reaproveitamento foi o riff de *LA Connection*, do Rainbow. A faixa mais fraca do disco, bem abaixo do que a banda costuma produzir.
Nota: 4

Complementos

Além do CD, o outro produto importante desta fase do Purple, ou seja, a terceira reunião da MK II, é o vídeo que tem o mesmo nome do disco ao vivo lançado em 1993 – "Come Hell Or High Water". O vídeo intercala apresentações ao vivo com entrevistas com os músicos. Após cenas da montagem do palco e curtas declarações de todos (menos Blackmore, é claro), começa o show, com *Highway star*. Sem Blackmore, é claro! Quando soube que o show seria filmado, Blackmore não gostou, mas acabou aceitando, com a condição de que não houvesse câmeras no palco (ele definitivamente não gosta de dividir espaço com câmeras – vide o "California Jam"!). Contrariado, ele retardou a sua entrada, aparecendo no palco somente na hora do solo de guitarra, que interrompe para jogar um copo d'água em um câmera que estava logo atrás de Gillan. Típico

dele, mas lamentável. Nenhum dos músicos gostou, como mostram as declarações inseridas após o final da música. Na seguinte, *Black night*, Blackmore sumiu do palco na hora do duelo com Gillan. A demonstração mais categórica da reprovação da banda às atitudes de Blackmore foi o próprio lançamento do vídeo. Em condições normais, seria escolhida outra apresentação para ser comercializada como um vídeo oficial.

Capa da edição brasileira do vídeo (em VHS, 1994) "Come Hell and High Water". Vale destacar a grafia correta de *Twist in the tale*.

Capitulo 18
Purpendicular

Purpendicular

Mark VII

8,1

1. Vavoom: Ted the mechanic (4:16)
2. Loosen my strings (5:57)
3. Soon forgotten (4:47)
4. Sometimes I feel like screaming (7:29)
5. Cascades: I'm not your lover (4:43)
6. The aviator (5:20)
7. Rosa's cantina (5:10)
8. A castle full of rascals (5:11)
9. A touch away (4:36)
10. Hey Cisco (5:36)
11. Somebody stole my guitar (4:09)
12. The purpendicular waltz (4:45)

Produção: Deep Purple
Gravação: Orlando, EUA, Greg Rike Productions
Engenheiros: Darren Schneider
e Keith Andrews
Capa: M.C.W. e Peter H. Bird
Lançamento: Fevereiro de 1996
Gravadora/Selo: BMG/RCA
Código (CD): 7 4321 33802-2
Lançamento no Brasil: 1996

Visão geral

Com a saída de Joe Satriani, que preferiu voltar à sua carreira-solo, Steve Morse foi convidado para o cargo de guitarrista. Steve vinha com uma grande reputação, com seguidos prêmios de melhor do ano pela revista Guitar Player, além de um trabalho consistente com suas bandas Dixie Dregs e The Dregs. A entrada de Steve lembrou a de Bolin: além de também ser americano e talentoso, participou diretamente das composições do novo disco, que voltaram a ser creditadas aos cinco

músicos, como na primeira fase da MK II. A primeira apresentação ao vivo de Morse com o Purple aconteceu na cidade do México, no Sports Palace, em 23 de novembro de 1994.

Àquela altura da vida, estava na hora do Purple mudar um pouco de estilo. Já eram todos cinquentões, os que ainda tinham cabelo mostravam os muitos fios grisalhos e estava na hora de mudar um pouco o foco, fazendo um som mais calmo. As velhas temáticas carros/garotas ficariam um pouco anacrônicas partindo de uma banda tão madura. Felizmente, foi isso que aconteceu. Após três discos opacos, "Purpendicular" se revelou estupendo. O velho Hard Rock compareceu, mas em minoria, rodeado de faixas acústicas e outras suingadas. A verve criativa estava de volta, com faixas de sonoridade totalmente distintas uma das outras e também quando comparadas às composições anteriores. Pena que os discos seguintes não mantiveram essa linha.

Neste disco é possível sentir que todos estavam em ótimo astral. A saída de Blackmore, a principal força criativa e locomotiva do grupo, não foi sentida. Certos detalhes mostram o bom clima como, por exemplo, o desempenho de Paice, que voltou a se destacar com suas viradas e quebradas de ritmo e, também, Lord, que teve mais espaço para seus solos. Outra mudança foi no repertório dos shows. Muitas músicas que nunca tiveram oportunidade de ser apresentadas ao vivo foram incluídas nas turnês, algo que o público adorou. Um exemplo dessa vivacidade está registrado no CD "Live At Olympia". Nesse show a banda se apresentou acompanhada de uma seção de metais, algo que Blackmore nunca concordaria.

A qualidade da gravação do disco foi também um ponto positivo, recuperando a sonoridade dos velhos tempos.

Embora seja um grande disco, não teve grande vendagem. Na Inglaterra obteve apenas o 58º lugar da parada e nem pontuou nos Estados Unidos.

Título

Um óbvio trocadilho com "perpendicular". Segundo Gillan, esse nome já fora tentado anteriormente – havia sido a sua escolha para o "Battle Rages On" e só desta vez teve a chance de ser usado.

Capa

Mostra a trilha de um palito de fósforo sendo riscado e que, aparentemente, quebra em um ângulo reto, ou perpendicular. Mais uma capa sem graça. A parte gráfica do encarte também não ajuda, com os nomes das faixas rabiscados e as letras das músicas com um tamanho minúsculo.
Conceito: D.

As faixas

Todas por Gillan/Glover/Lord/Morse/Paice

Vavoom: Ted the mechanic

À primeira audição, torci meu nariz (conforme comentei em algum canto do texto, isso é algo que exige certo esforço, devido ao avantajado tamanho da "napa"). Esperava alguma coisa mais elaborada, mas, com o tempo fui percebendo as qualidades da música. Alguns fãs mais radicais acharam que o Gillan canta como se fosse um rap. Nada a ver. Sua forma de cantar encaixa bem na música, a exemplo do que já havia rolado em *No one came*. Outra daquelas músicas que funcionam bem ao vivo, tendo sido usada como abertura em muitos shows. Com o passar do tempo, passei a gostar mais e mais dela.
Nota: 8

Loosen my strings

A primeira de uma trinca de músicas com uma ambientação mais para o acústico do que para o Hard. Todas as três têm belas melodias e foram

apostas acertadas em novos rumos, por quem sempre se caracterizou por fazer boa música, acima de tudo.
Nota: 8

Soon forgotten

A menos agradável entre todas do disco. Lembra vagamente *Demon driver*, da banda Gillan (disco "Magic").
Nota: 6

Sometimes I feel like screaming

A letra fala da rotina das turnês e da saudade de casa. Misto de balada com refrão pesado, com participação notável de Morse, em uma combinação maravilhosa. Entrou de cara na lista de obras-primas da banda.
Nota: 10

Cascades: I'm not your lover

Começa com um discurso balbuciado de forma incompreensível, sobre o som maciço do teclado de Lord. Segue-se um Hard de primeira, com interpretação marcante de Gillan.
Nota: 8

The aviator

Ao lado de *Loosen my strings* e *A touch away* compõe o trio de músicas que dão um toque diferente ao disco, com sua roupagem semi-acústica. Outra bela melodia.
Nota: 8

Rosa's cantina

Música com um balanço delicioso, em que a melhor cozinha do mundo, Glover e Paice, deita e rola (a música fala de uma cantina, então não

resisti em citar a cozinha – velho só pensa em comer...). Poderia passar facilmente como uma gravação de uma banda funk classuda (aquele funk dos anos 70, é claro).
Nota: 8

A castle full of rascals

Hard convencional, que fica meio perdido rodeado de músicas de estilo mais inovador do repertório deste disco.
Nota: 7

A touch away

A mais bela das três semiacústicas.
Nota: 9

Hey Cisco

Outra em que a cozinha se diverte. A letra é baseada na série de TV da qual, ao que parece, Gillan era fã. Não me recordo de ter visto essa série, mas, me lembro que existia um Sr. Bernado na série Zorro. Coincidência ou o Gillan fez confusão? Ou, ainda, que diferença faz?
Nota: 8

Somebody stole my guitar

Outro Hard convencional. Mas, assim como no caso da *Castle*, vai bem, ainda mais se ouvida de forma isolada.
Nota: 7

The purpendicular waltz

Temos aqui uma música subestimada. Para mim, o outro ponto alto do disco. Blues classudo, com interpretação soberba de todos. Gillan manda bem na gaita e, principalmente, no vocal.
Nota: 10

Complementos

As anotações dos músicos ao longo do ano de 1995 foram compiladas e publicadas como "Purpendicular Yearbook" (segue reprodução da capa). Traz um monte de fotos tiradas pelos próprios músicos e observações sobre o desenvolvimento das canções, os primeiros shows com Morse e o processo de gravação do disco. Pelo livreto (são 24 páginas) é possível saber que foram compostas 16 faixas, sendo que 14 foram incluídas no disco, ficando de fora *The stallion* e *Don't hold your breath*. Esta última foi inserida na edição japonesa do CD.

Será que cabe aqui um pequeno registro sobre essa história de faixas extras nos CDs? Como já citei antes, essa é uma vantagem de ser seu próprio editor – eu mesmo posso decidir! A desvantagem é que não tem ninguém para dizer "oh, não, isso é besteira". Vamos então ao caso do CD. Quando ele surgiu como mídia, na hora de relançar discos de catálogo, em geral as gravadoras simplesmente pegavam a matriz analógica usada para o LP e a transformavam em CD, muitas vezes sem sequer adaptar a parte gráfica (as músicas apareciam no encarte divididas em lados "A" e "B", por exemplo, como é o caso da edição que tive do "Long Live Rock'n'Roll"). Com o passar do tempo, para incrementar o interesse pelos CDs, as gravadoras começaram a inserir faixas extras, como lados "B" de compactos, aproveitando a margem adicional de gravação que essa mídia permitia (uns 30 minutos, aproximadamente). No Japão, como o preço do CD é muito alto e acaba recebendo concorrência dos importados, para valorizar o produto "Made In Japan" as gravadoras acabam pedindo aos artistas que inserissem faixas extras exclusivas nos discos novos, criando uma distinção em relação aos lançados no resto do mundo, como foi o caso do "Purpendicular", com *Don't hold your breath* e muitos outros exemplos mais.

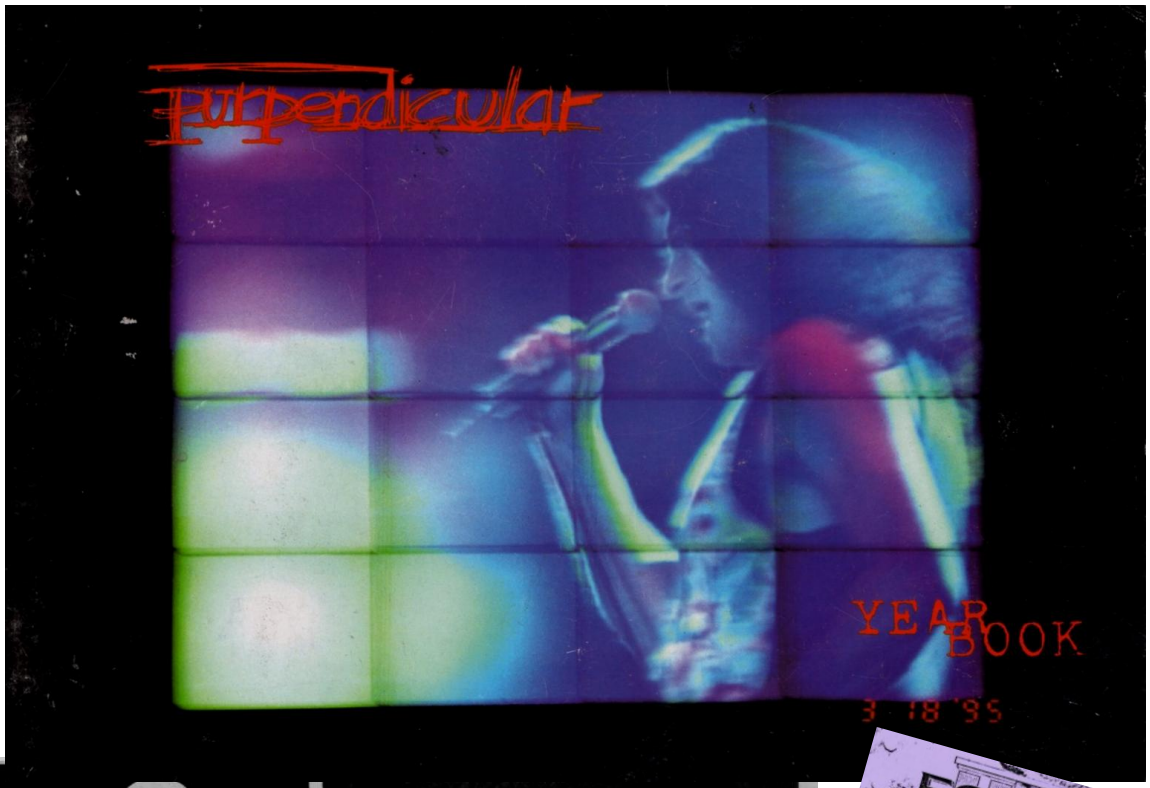
Com o avanço da divulgação de músicas e vídeos pela Internet (e, no caso do Brasil, da pirataria), as vendas dos CDs passaram a cair rapidamente e a representar uma parcela cada vez menor na receita dos artistas e gravadoras. O próprio videoclipe perdeu prestígio, não recebendo mais investimentos tão pesados como nas décadas de 80 e 90. Existe um único

clipe referente ao álbum "Purpendicular", de *Sometimes I feel like screaming*.

Os DVDs apareceram como mídia alternativa de receita e o Purple aderiu, lançando vários shows da fase Morse. São muitos os títulos, entre eles "Bombay Calling" (1995), "Live at Montreux 1996", "Total Abandon" (1999), "In Concert with The London Symphony Orchestra" (1999) e "Perihelion" (2002).

Ao lado: reproduções de capas de edições brasileiras de três dos DVDs citados. Abaixo: uma das poucas fotos que encontrei do Deep Purple com Joe Satriani. O cabeçudo que aparece ao pé da foto (ou melhor, ao pé do Gillan) é o senhor Rolando Lero.

Flanders Expo, Gent, 18th June 1994.



Hoje ainda é dia de rock

No mundo do rock, a nostalgia é mesmo um ótimo negócio. Só nesta semana se exibem na cidade duas grandes atrações que vivem em função de glórias passadas: o cantor **Little Richard** e a banda **Deep Purple**. Não é pouca coisa. Ambos ajudaram a escrever a história do gênero e ainda hoje enchem casas de espetáculos pelo mundo. No Brasil, país ainda novato no circuito das turnês internacionais, essas visitas têm sabor de novidade para a maior parte do público.

A apresentação única de Litlle Richard é um programão. Aos 64 anos, ele vem reafirmar que foi um dos inventores do rock'n'roll, repetindo o repertório, os gritinhos e os trejeitos da época em que mudou a história da música americana cantando *Tutti Frutti*. Hoje avesso a levantar polêmicas, como a bandeira da bissexualidade, Richard não alterou a marca principal de seu som: a diversão. Ao lado de cinco músicos e duas dançarinas, ele faz sua festa cantando *Lucille*, *Long Tall Sally*, *Good Golly Miss Molly* e outros roquinhos antológicos dos anos 50.

Nas três noites comandadas pelos ingleses do Deep Purple, o estilo é diferente: o hard rock dos anos 70. Mais de duas décadas depois da fase áurea, a banda retomou sua formação clássica quase completa. A única ausência é a do guitarrista Ritchie Blackmore, substituído por Steve Morse. Assim, os brasileiros podem ver o Purple com o vocalista Ian Gillan, ausente na primeira passagem do grupo pelo país, em 1991. Nesta turnê, serão tocadas músicas do CD *Purpendicular*, de 1996, mas não faltarão a clássica *Smoke on the Water* e outras velharias. Afinal, a nostalgia é a alma do show. *L.S.*

Little Richard: festa com hits dos anos 50

Deep Purple: formação clássica quase completa

LITTLE RICHARD. 14 anos. Segunda (17), 21h30. R$ 30,00 a R$ 70,00.
DEEP PURPLE. 14 anos. Terça (18) a quinta (20), 21h30. R$ 40,00 a R$ 60,00.
Olympia (2 500 lugares, nas mesas, no show de Little Richard; 5 000 pessoas em pé no show do Deep Purple). Rua Clélia, 1517, Lapa, ☎ 252-6255. **TIS.**

BLAKE LITTLE/STOMA
DIVULGAÇÃO

90

Em cima: capa do "Purpendicular Yearbook", versão de bolso (tem uma versão maior, para os hipermétropes). Embaixo: anúncio em jornal dos shows do Purple em São Paulo; reprodução do ingresso da apresentação em Curitiba e notícia publicada na Veja São Paulo, sobre a mesma turnê, de 1997.

Capitulo 19
Abandon

Abandon

Mark VII

6,0

1. Any fule kno that (4:27)
2. Almost human (4:49)
3. Don't make me happy (4:45)
4. Seventh heaven (5:29)
5. Watching the sky (5:57)
6. Fingers to the bone (4:53)
7. Jack Ruby (3:47)
8. She was (4:17)
9. Whatsername (4:11)
10. '69 (5:13)
11. Evil Louie (4:50)
12. Bludsucker (4:29)

Produção: Roger Glover & Deep Purple
Gravação: Orlando, EUA, Greg Rike Productions
Engenheiro: Darren Schneider
Capa: Vivid Images Worldwide
Lançamento: Maio de 1998
Gravadora/Selo: EMI
Código (CD): 495 306-2
Lançamento no Brasil: 1998

Visão geral

O Deep Purple voltava à sua primeira gravadora, a EMI. Passada a excitação da chegada de Morse, vinha o primeiro disco com a MK VII estabilizada. Como o disco anterior tinha sido brilhante, caso o Teorema de Glover ainda estivesse válido, este seria um álbum confuso. Novamente o Teorema mostrou–se robusto. "Confuso", neste caso, seria um eufemismo para "mais ou menos". Lamentavelmente a banda abandonou (êpa!) os bons caminhos tomados no disco anterior, de

registros mais balançados e acústicos, voltando ao Hard, puro e simples. Faltou inspiração. O disco não traz nenhuma música que seria selecionada para uma coletânea séria. As músicas estão relativamente niveladas, mas em um patamar um pouco abaixo do que se espera de um álbum do Purple. Tem seus bons momentos, mas nada de arrebatador.

Nesta altura cabe um comentário sobre Blackmore. Apesar de suas manias, antipatia e outros defeitos, é inegável que se trata de um guitarrista fora de série, tanto pelos seus solos quanto por sua criatividade. Vejamos a comparação com o Steve Morse. Este é um talento reconhecido mundialmente. Sua prova de fogo foi este segundo disco. No anterior, além do entusiasmo da chegada, ele contribuiu com sua coleção de ideias em estoque, esperando para ser desenvolvidas, coisa que normalmente acontece com um músico recém-chegado. Neste "Abandon", a tarefa de compor começava do zero. Resultado: um disco pouco criativo. Algumas faixas até são parecidas entre si, pecado raro em termos de Purple. Os solos também não são tão variados como os de Blackmore. Não quero dizer com isso que Steve não seja um grande guitarrista. Quem sou eu para dizer isso? A verdade é que eu acho que sua guitarra apita demais. Neste disco, o timbre em quase todas as faixas é o mesmo, o que cansa um pouco caso seja ouvido do início ao fim. Na comparação com Blackmore, para mim, ele perde feio, embora seja, de fato, um grande (e risonho, o que é legal) guitarrista.

Naquela época o Purple já vivia dificuldades com as vendagens. O disco ficou apenas em 76º lugar na parada inglesa e foi mais um a não entrar na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos, à semelhança do que ocorreu com o "Purpendicular". A vendagem de ingressos para os shows também não ia bem, principalmente na América, o que levou os empresários a buscar outra estratégia, tentando explorar novos mercados, como Índia e Turquia, por exemplo.

Título

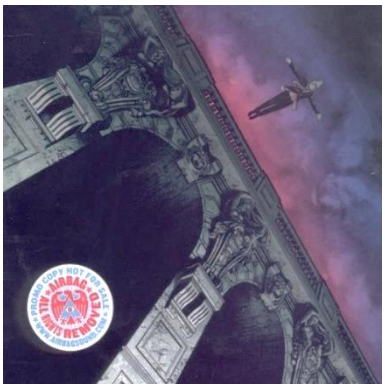
Um trocadilho esperto de Gillan, usando a palavra que, em inglês, tem como um dos significados "se entregar, renunciar" e, ao mesmo tempo

pode ser fragmentada em "A band on", ou seja, algo como "uma banda seguindo em frente".

Capa

Depois de muitas tentativas em acertar na capa, resolveram contratar um estúdio gráfico. A capa seguiu o estilo da Hipgnosis, com uma fotomontagem bem trabalhada de um sujeito mergulhando de cima de um prédio. Visualmente ficou bonito, mas houve quem lembrasse que há uma capa parecida do Def Leppard, em que aparecia um sujeito (suponho que seja outro, pois ninguém aguentaria uma queda daquelas) mergulhando em uma piscina vazia. Muitos anos depois, a banda prog Airbag (sou eu ou esse nome é bem bobo?) usou o mesmo tema na capa da sua obra de 2011, "All Rights Removed" (bom disco, por sinal).

Houve, ainda, comentários irônicos sugerindo que a capa ilustrava a reação de alguns fãs após ouvirem o disco. O que, venhamos, é um pouco de exagero.
Conceito: B.



Ao lado as capas dos discos citados: Def Leppard (1981) e Airbag.

As faixas

Todas por Gillan/Glover/Lord/Morse/Paice, exceto (*)

Any fule kno that

Há décadas (nossa!) um disco do Deep Purple não começava de forma tão fraca. Desta vez não dá para defender – é uma tentativa de modernizar o som da banda, fazendo alguma coisa que lembra vagamente o rap. O riff

de guitarra remete bandeirosamente a *Bloodsucker*. É tão fraca que pouco foi usada em shows. Quando o Purple esteve no Brasil com a orquestra, um ano e meio após o lançamento deste disco, abriu com *Ted the mechanic*. Aliás, a única que entrou no repertório daquele show foi *Watching the sky*.
Nota: 6

Almost human

Composição típica deste disco. Tudo certo: bem interpretada, aparentemente nada fora do lugar. Mas não provoca nenhum impacto, ou seja, não funciona! Faltou aquele detalhe indescritível que distingue uma faixa clássica de uma comum. Triste constatação que se repete em quase todas as demais músicas.
Nota: 6

Don't make me happy

Ah, a exceção! Belo Blues lento, um bonito solo de Morse. Esta sim, vai para a lista de clássicas da banda. Curiosamente, consta que ela foi reproduzida em mono, pois houve um problema de sincronização dos canais na fita master. Essa informação veio de uma das fontes consultadas, porque eu, sinceramente, não havia percebido o problema.
Nota: 8

Seventh heaven

Como quase todas as suas colegas do disco, na sua dissecação achamos peças interessantes aqui e ali. O começo é legal, assim como o solo do meio. Só que as partes que sobram não entusiasmam.
Nota: 6

Watching the sky

Às primeiras notas parece que estamos ouvindo *Battle rages on*! O que vem em seguida? Oh, não, mais um pseudo-rap! Lembra a música de abertura.
Nota: 6

Fingers to the bone

Traz momentos que remetem ao disco anterior. Pena que é contaminada pela insistência de Morse em colocar um peso desnecessário no acompanhamento da guitarra. Mesmo assim, é uma das mais agradáveis do disco, com uma bela (e breve) passagem intermediária de piano e gaita.
Nota: 7

Jack Ruby

Informação enciclopédica: Jack Ruby foi o cara que assassinou Lee Harvey Oswald, após ele ser preso, acusado de matar John F. Kennedy. Faixa com pouco a salientar, seguindo na toada do disco. Salva-se o solo de Lord.
Nota: 5

She was

Outra das melhores do disco, com um bom riff e uma inventiva mudança de ritmo na hora do solo, com um breve duelo Lord-Morse. Não se deve dar atenção à letra.
Nota: 7

Whatsername

Assim como as demais (e poucas) boas faixas do disco, esta é valorizada quando ouvida isoladamente. O único problema é o refrão, quando a música perde um pouco de força.
Nota: 7

'69

A letra faz referências a locais e situações vividas pela banda em 1969, ano em que Gillan e Glover ingressaram no Purple. Música rápida, daquelas que podem render bem ao vivo. No disco não funcionou muito bem.
Nota: 5

Evil Louie

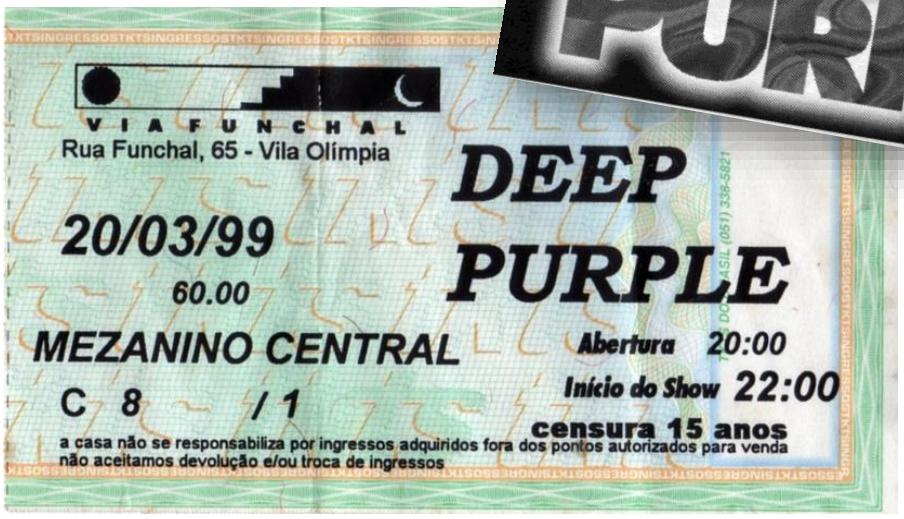
Lembra um pouco a *Whatsername*. É melhor, com um refrão mais forte.
Nota: 8

Bludsucker
(*)Blackmore/Gillan/Glover/Lord/Paice

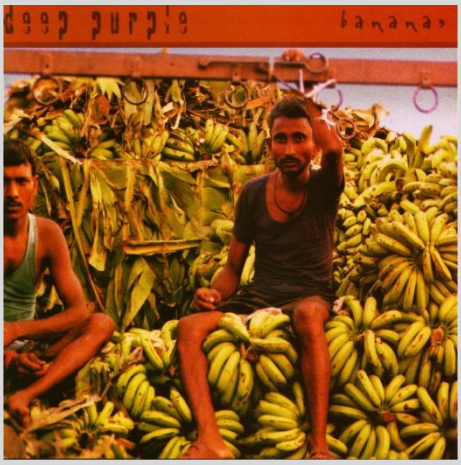
Na Parte II deste texto, eu citei que dificilmente a cover de um Rock Clássico supera a versão original. Aqui está mais um exemplo. Eu não entendo que vantagem existe em se regravar uma música tentando reproduzir a original em detalhes. A primeira versão sempre vai ter mais valor justamente por ter sido a primeira. A regravação só teria sentido se desse uma nova roupagem à música, como em *With a little help from my friends*, dos Beatles, que Joe Cocker transformou, deixando-a muito melhor. Outro exemplo vem do próprio Deep Purple, quando regravou *Help*, mudando totalmente o arranjo, embora sem ter sido tão bem sucedido quanto Cocker. A regravação do Purple para um clássico de seu próprio repertório é incompreensível. Por que regravar esta música? Por que manter o mesmo arranjo original? Por que mudar a grafia do título? Foi uma ideia infeliz e mal executada. Gillan, quase 30 anos depois, não tem como alcançar os mesmos agudos da gravação presente no "In Rock". Não há nenhum demérito nisso. A voz não é algo que se pluga em uma tomada e, graças à energia e aos circuitos elétricos, sempre soa de forma idêntica. A voz vai se deteriorando, acompanhando o que acontece com o resto do corpo, conforme a idade avança. Para piorar, Gillan nunca foi de se cuidar muito. Era fumante, por exemplo. Natural que sua voz não esteja no mesmo grau que estava na década de 70. A saída para isso?

Evitar certas armadilhas, como querer repetir os gritos super agudos de outrora. Ele (e a banda) preferiu enfrentar a tarefa e o resultado foi constrangedor, praticamente uma autoparódia.
Nota: 1

Ingresso e um folheto dos shows em São Paulo da turnê do Purple no Brasil em 1999, na difícil missão de promover o álbum "Abandon".



Capítulo 20
Bananas



Bananas

Mark VIII

6,7

1. House of pain (3:34)
2. Sun goes down (4:10)
3. Haunted (4:22)
4. Razzle dazzle (3:28)
5. Silver tongue (4:04)
6. Walk on (7:03)
7. Picture of innocence (5:11)
8. I got your number (6:01)
9. Never a word (3:46)
10. Bananas (4:50)
11. Doing it tonight (3:28)
12. Contact lost (1:31)

Produção: Michael Bradford
Gravação: California, EUA, Royaltone Studios
Engenheiro: Michael Bradford
Capa: Ioannis, Vivid Image Design
Lançamento: Agosto de 2003
Gravadora/Selo: EMI
Código (CD): 7243 5 91042 8
Lançamento no Brasil: 2003

Visão geral

O novo disco trouxe novas mudanças. Jon Lord, um de seus fundadores, deixou a banda, esgotado com a sequência de turnês e pensando em se dedicar aos trabalhos solo. A escolha do substituto de Lord foi óbvia – Don Airey, que sempre frequentou o círculo de grupos próximos ao Purple, especialmente o Rainbow, além de dezenas de outros. Airey já havia substituído Lord no Purple. Foi um pouco antes da saída de Lord, quando este teve problemas de saúde. Lord fez seu último show com seu

velho grupo em 19 de setembro de 2002, em Ipswich, ocasião em que dividiu o palco com Airey. Era o início da MK VIII.

A entrada de Don Airey não afetou de forma significativa o som da banda. Isso era previsível. Airey, cujo talento e versatilidade não se discutem, é um músico sem um estilo muito personalizado. Passou por vários grupos, de várias vertentes, como Blues, Jazz Rock e, principalmente, Hard Rock, mas nunca chegou a deixar sua marca. Não se pode dizer que sua participação no Purple interferiu na música na mesma medida que ocorreu com a integração de outros músicos, como Bolin ou mesmo Morse. Por outro lado, sua condição técnica permitiu que o Purple seguisse em frente sem reduzir o nível que vinha apresentando.

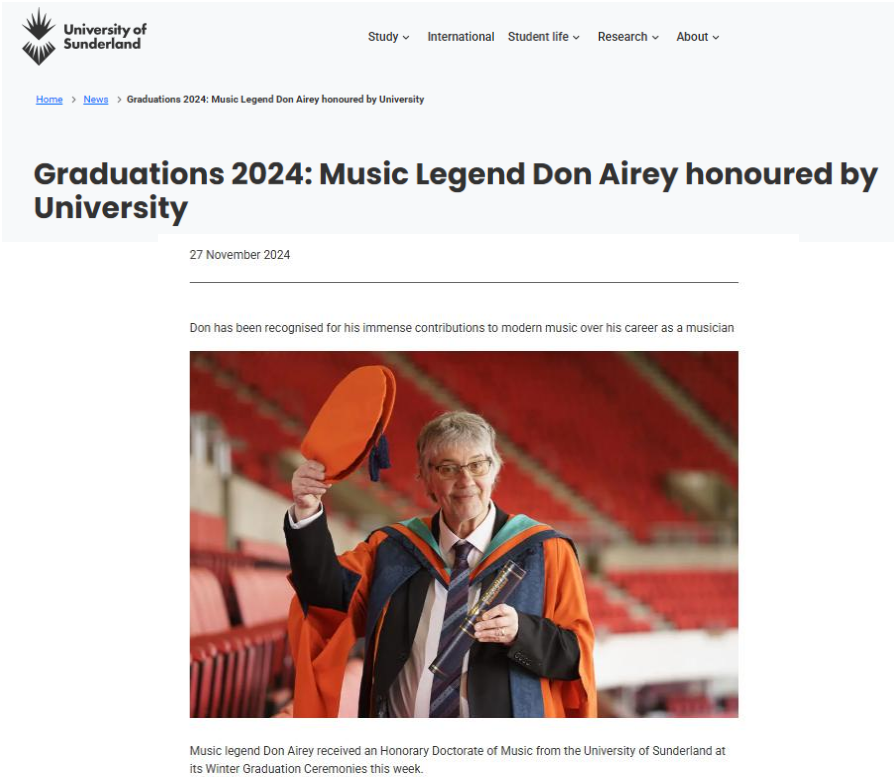
O "Bananas" é melhor do que o anterior, sem dúvida. É um disco mais variado, não tão preso ao Hard Rock e sem tentar acompanhar modismos como o "Abandon". Por outro lado, é fato que a fase que conta com Morse (MK VII e VIII) deixou somente dois discos realmente criativos, o "Purpendicular" e o "Now What?!". Os demais podem ser considerados, no máximo, bons discos, com algumas faixas de destaque. Nada que se compare aos melhores trabalhos da banda.

Outra mudança que ocorreu no "Bananas" foi na produção. Desde a MK II que o Purple produzia seus discos, diretamente ou, pelo menos, com a coprodução de Glover. Desta vez a produção ficou a cargo de Michael Bradford, que também foi o engenheiro de gravação. Bradford, um grande fã da banda, ofereceu-se para o trabalho. Seu currículo como produtor e compositor não indicava que ele seria talhado para a função, pois até então esteve envolvido mais com grupos e cantores que misturavam Rock e Rap. Mas, após conversas com os músicos e equipe, ele conseguiu a produção.

As duas novidades finais foram um músico externo nos créditos das músicas (no caso, do produtor Bradford) e a participação de convidados na execução de duas faixas (em *Haunted* e *Walk on*). Com exceção do "Concerto", este último caso nunca havia acontecido em discos do Purple.

A baixa vendagem do disco continuou mostrando que se o Purple quisesse arrecadar tinha mesmo que excursionar, algo que fazia intensamente, explorando os anteriormente chamados mercados alternativos, que, na verdade, se tornaram o grande filão do grupo, como Ásia e América Latina. Nos antigos nichos principais a tendência de queda nas vendas se manteve: o disco obteve apenas o 85º lugar na lista inglesa e, novamente, não pontuou na americana.

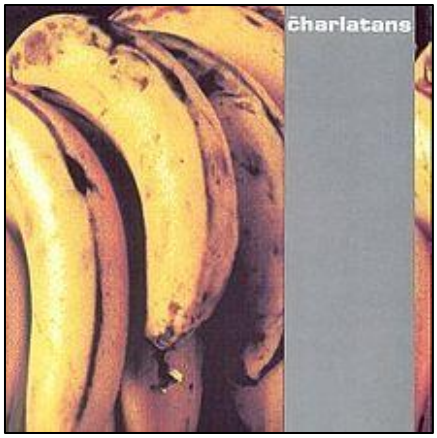
Graças à informação do William Cook, um dos 12 trocedores do Sunderland, clube da Premier League (pelo menos na temporada 2025/2026), soube que um dos diretores do Museu dos Torcedores do Sunderland é Don Airey, que é filho da terra! O Wiliiam também mandou a informação sobre O recebimento do título de Doutor Honorário em Música da Universidade de Sunderland.



Título

Os ingleses têm uma expressão, "going bananas", usada no sentido do cara que perdeu o controle, ficou louco. A ideia do título veio de uma brincadeira de estúdio, quando foi citado que Morse saiu de si ("going bananas") em um duelo com Don Airey. O nome depois serviu para batizar uma das músicas do disco. Roger Glover deu outra versão em uma entrevista. Contou ele que folheava um jornal durante um vôo na Austrália e, na seção de viagens, viu uma foto de um vietnamita empurrando uma bicicleta onde ele carregava uma enorme quantidade de bananas. Ele virou para o Gillan e disse: "esta é a foto da capa. O álbum podia chamar 'Bananas'". Gillan respondeu "Brilhante!". Glover ainda tentou esclarecer: "estou brincando"! No fim, seguiram com a ideia, com outra foto na capa. A da bicicleta foi usada na contracapa.

Capa



A foto da capa foi tirada por Bruce Payne, gerente da banda, aparentemente na Índia. As demais fotos também parecem tiradas de países asiáticos, incorporados às novas rotas de shows do Purple. Se a foto não é nenhuma obra de arte, pelo menos tem certa originalidade e evitou o lugar comum de associar a fruta ao falo, algo bastante explorado e já desgastado no mundo do Rock. A banda inglesa Charlatans teve uma ideia semelhante para ilustrar a capa de seu álbum "Between 10th and 11th", de 1992. Também não ficou lá essas coisas.
Conceito: B.

As faixas

House of pain
Bradford/Gillan

Longe de ser um clássico, mas um bom começo para o disco. Faixa divertida, com um vocal de apoio legal e um solo de teclado onde Airey soa como Lord, fato que se repete no restante do disco.
Nota: 7

Sun goes down
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Esta parte da discografia é complicada para um fã comentar. Os dois últimos discos trazem boa música. Se não fossem do Deep Purple, é bem provável que eu os comprasse assim mesmo. Em uma comparação com a média geral dos discos de Rock e, de forma muito especial, com o som que se faz atualmente, ambos têm um conjunto de músicas bem consistente. O problema é a confrontação com os grandes discos da banda, como "Machine Head" e "In Rock". Por uma questão de justiça e honestidade com o legado do Purple, essa comparação não pode ser deixada de lado. Por essa óptica, poucas faixas deste e do próximo disco podem ser consideradas como novos clássicos. São faixas regulares, de um modo geral, como esta. Se ela tivesse surgido na década de 70, não entraria nem como lado B de um compacto, pois não tem nada de especial.
Nota: 6

Haunted
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Balada que traz uma novidade – um vocal de apoio ao Gillan. Até esta gravação, Gillan sempre tinha feito as harmonias vocais dobrando sua voz em estúdio. Aqui temos a participação de Beth Hart fazendo o vocal de fundo. Há também um arranjo de cordas, de Paul Buckmaster. Tentativa de incrementar a vendagem do disco com uma faixa de apelo mais

comercial. Foi a única deste álbum que saiu como single, em 2003. Esta música foi apresentada ao vivo em uma das aparições da banda na TV brasileira, no Programa do Jô.
Nota: 6

Razzle dazzle
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

A mais fraca do disco. Sem nada de especial. Se há um exemplo de faixa dispensável, só para preencher o disco, é esta aqui. Existe uma música homônima gravada pelo Bill Haley & The Comets. A expressão do título é uma gíria que pode ser traduzida como "agitação". Estas duas últimas sentenças são como a faixa, ou seja "fillers" de texto.
Nota: 4

Silver tongue
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Lembra um pouco a *Ted the Mechanic*, mas sem o mesmo brilho.
Nota: 6

Walk on
Bradford/Gillan

Ponto alto do disco. Música com uma pulsação maciça baixo–bateria, ao estilo da *Stratus* (disco "Spectrum", de Billy Cobham), só que com uma pegada mais blueseira. Brilhante interpretação, com destaque para Gillan. Outra participação especial – o produtor e coautor Bradford toca guitarra. Incursão por um tipo de música fora do padrão Hard Rock, no qual a banda podia se dar bem se tentasse mais vezes, pela qualidade de seus músicos.
Nota: 9

Picture of innocence
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

O início da música é animador, indicando que a música poderia evoluir por algum caminho diferente. Pena que logo entra a parte pesada, fazendo com que seja perdida boa parte da graça.
Nota: 6

I got your number
Airey/Bradford/Gillan/Glover/Morse/Paice

De novo, o início é muito bom, mas o desenvolvimento, nem tanto. Tem uma bela parte intermediária.
Nota: 7

Never a word
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Outra das melhores – é praticamente uma faixa progressiva, com belíssimas texturas acústicas de Morse. Outra fuga do padrão Hard Rock e, novamente, o resultado é muito bom.
Nota: 8

Bananas
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Ótima música. Foge um pouco do padrão prevalecente nos dois discos anteriores. Como não sou músico, não sei precisar, mas dá para perceber que ela tem um compasso um tanto quanto incomum. Tem um bom duelo entre Morse e Airey. A gaita de Gillan está presente, preenchendo as passagens entre os versos.
Nota: 8

Doing it tonight
Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Tecnicamente, tudo certo com esta música: a parte construtiva, os solos, a dinâmica, a variação de ritmo. Só que é uma daquelas que, se ficar muito tempo sem ouvir o disco, será difícil lembrar como que ela é. Não tem muita "personalidade".
Nota: 6

Contact lost
Morse

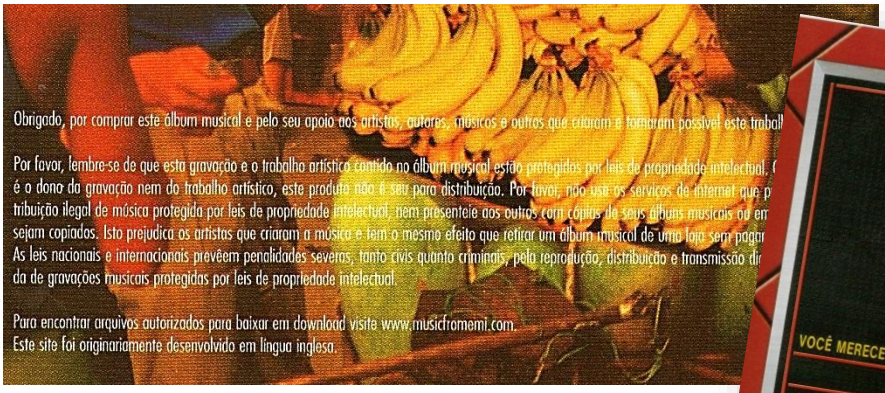
Esta instrumental tem uma história. Kalpana Chawla era o nome de uma astronauta fã da banda e que fazia parte da equipe de uma das missões da nave Columbia. Durante os treinamentos, a música usada para acordar os astronautas foi *Space truckin'*, por influência de Kalpana. Infelizmente, em fevereiro de 2003, a missão da Columbia teve um final trágico, quando a nave explodiu no seu retorno à Terra. Steve compôs a música – uma bela e sensível melodia – em homenagem aos tripulantes mortos.
Nota: 7

Complementos

As versões anteriores desta Discografia nem traziam esta seção, pois pouco ou nada havia a complementar sobre o "Bananas". Posteriormente me lembrei de algo que havia deixado escapar: a edição nacional do CD veio com um software embutido para reprodução do conteúdo, como se fosse um Windows Media Player exclusivo. Aparentemente seria uma forma de proteger a obra da pirataria (há um texto em português no encarte sobre o tema). Negócio esquisito, ainda mais porque o CD roda no próprio Media Player, sem problemas.

Existem músicas que surgiram nas sessões de gravação do "Bananas" que não integraram o disco. A mais conhecida é *Well dressed guitar*, tema instrumental de Morse, que passou a fazer parte dos shows daí em diante. Apareceu depois na edição limitada do "Rapture of the Deep". Há ainda *Long time gone*, que permanece inédita em disco até hoje, tendo sido tocada pouquíssimas vezes ao vivo e *Up the wall*, que fez parte de alguns shows, sendo um deles o do dia 22.fev.2002, no Hammersmith Apollo,

em Londres, que saiu em disco, inclusive no Brasil, graças à honorável Shinigami Records. *Up the wall* foi transformada em *I got your number*.

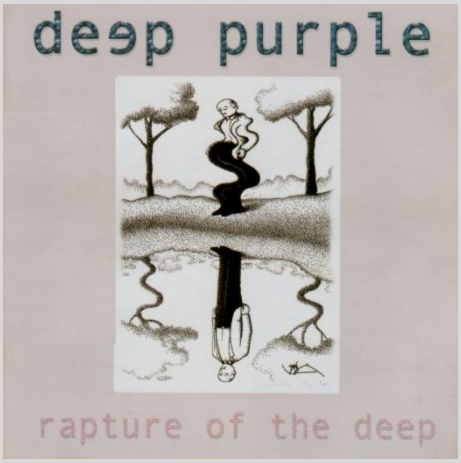


Acima: detalhe do rodapé do verso da capa da edição nacional do CD, que informa sobre o dispositivo "Cópia Controlada" e, abaixo, reprodução de parte do encarte onde consta o texto anti-pirataria. Ao lado, anúncio de show ocorrido em 2003.

Abaixo: capa e contracapa do single *Haunted*, que traz a versão de estúdio e uma remixada, mais curta. Ao lado, a capa do CD duplo que traz o registro da *Up the wall* ao vivo.

Em 2003 o Purple se apresentou no programa humorístico "Casseta & Planeta", dublando *House of pain*. As fotos foram extraídas do vídeo da gravação, que não está com boa definição, daí a sua má qualidade. Mas, com um pouco de boa vontade dá para ver que na bateria tem uma banana bell, assim como Gillan está tocando uma banana em lugar da gaita.

Capitulo 21
Rapture Of The Deep



Rapture Of The Deep

Mark VIII

6,5

1. Money talks (5:34)
2. Girls like that (4:04)
3. Wrong man (4:55)
4. Rapture Of The deep (5:57)
5. Clearly quite absurd (5:27)
6. Don't let go (4:35)
7. Back to back (4:06)
8. Kiss tomorrow goodbye (4:22)
9. Junkyard blues (5:34)
10. Before time began (6:32)

Produção: Michael Bradford
Gravação: California, EUA, Chunky Stile Studios
Engenheiro: Michael Bradford
Capa: Tom Swick
Lançamento: Outubro de 2005
Gravadora/Selo: Edel/Essential
Código (CD): 016554 ZERE
Lançamento no Brasil: 2005

Visão geral

O décimo-oitavo disco do Purple seguiu o esquema do anterior: mesma formação, mesmo produtor/engenheiro, mesmo nível de composições, com faixas médias e uma ou outra mostrando algum brilhantismo. Se eu não tivesse prometido não usar analogias futebolísticas, diria que a estratégia neste caso foi "não se mexe em time que está empatando".

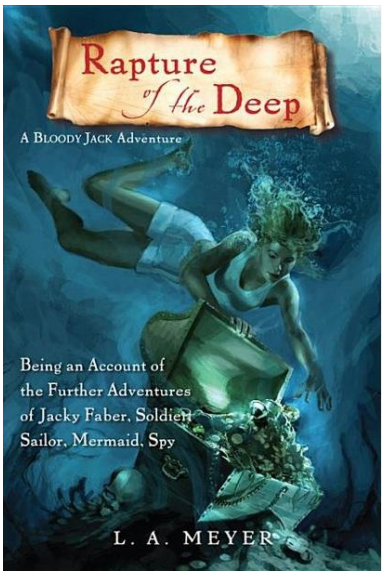
Nestes anos de agonia do CD como mídia, este disco teve uma pontuação fraca (81º lugar) no ranking inglês. No americano, nada.

O Purple esteve no Brasil na época de seu lançamento, em uma de suas muitas excursões pela pátria amada e idolatrada. Estiveram no Casseta e Planeta e no programa do Jô, quando deram ao apresentador uma edição limitada do disco, em versão dupla, com uma capa especial e conteúdo expandido (ver "Complementos").

Título

O título, cuja tradução poderia ser "a euforia da profundidade", é uma expressão usada no mergulho. A partir de certa profundidade, existe a possibilidade do mergulhador sentir uma espécie de narcose, resultante da pressão excessiva. Essa narcose pode gerar uma euforia, que pode trazer grave risco ao mergulhador.

Como a expressão contém a palavra "deep" e tem uma sonoridade incomum, acabou sendo uma escolha esperta como nome do disco.



Acima, capa de livro homônimo, do autor americano L.A. Meyer, lançado em 2009. Seria ele fã do Purple?

Capa

A capa traz uma ilustração do, até então, não muito conhecido cartunista americano Tom Swick. Glover a viu em um jornal e quis aproveitá-la. Não tem muita relação com o título, mas acabou formando com o restante da parte gráfica um conjunto bem acabado.
Conceito: B.

As faixas

Todas por Airey/Gillan/Glover/Morse/Paice

Money talks

Começo fraco. Nenhuma novidade na melodia, que lembra um pouco o tipo de sonoridade das faixas do "Abandon", incluindo o vocal declamado. Letra cínica de Gillan, declarando que o dinheiro lhe dá tudo que ele precisa. Declara também que ele costumava mostrar alguma emoção. Sinal dos tempos.
Nota: 6

Girls like that

Sessentões narrando suas cantadas em garotas? Não cola. A melodia tem uma levada semelhante a uma música do disco "Naked Thunder", do Gillan.
Nota: 6

Wrong man

O riff lembra muito o da *Ready an' willing*. Outra que compõe a longa série de "faixas mais ou menos para o nível do Purple, mas que seriam pontos fortes do repertório de grupos de menor reputação". Fez parte de algumas apresentações ao vivo, como em 2006, em Mountreux. Tem o mesmo título de um dos célebres filmes de Hitchcock. A letra trata do mesmo tema do filme, ou seja, alguém acusado injustamente de ter feito algo errado. Gillan cita na letra "Oh yes - this is a DSF", sigla cujo significado não faço a menor ideia. Alguém sabe?
Nota: 6

Rapture of the deep

Para fazer valer seu status de faixa título, esta é um pouco mais trabalhada. Um dos destaques, em um disco não muito inspirado. Nesta altura, ao escrever estas bem traçadas linhas (graças ao computador, que não permite linhas mal traçadas), bate uma angústia. Ao decidir colocar um comentário sobre cada música nesta discografia, não imaginei que poderia estar criando uma auto-armadilha. Não é agradável escrever palavras não elogiosas à banda mais querida de sua vida. Por outro lado, não dá para ser desonesto com a própria consciência. Os fatos incomodam. É o Purple, mas, a produção musical está muito aquém do que foi criado nos dias gloriosos. Não dá para dizer que este e alguns outros discos estão à altura das suas principais obras. É evidente que têm qualidade, ainda mais quando comparados à média do que a maioria das bandas produz hoje. Pontuar um disco como este com média inferior a 7,0 é algo que incomoda. Porém, como fica a comparação com o "Machine Head"?
Nota: 7

Clearly quite absurd

Bela balada. Esta e a anterior, como já foi escrito, são exemplos de composição em que eles deveriam focar o seu trabalho. Não que uma ou outra música mais pesada não cairia bem, mas chegou a hora de desacelerar. Sem, é claro, deixar de produzir boa música. Na "Limited Edition" (ver Complementos) tem uma versão diferente e igualmente bonita desta música, com um fundo emolulando uma orquestra.
Nota: 8

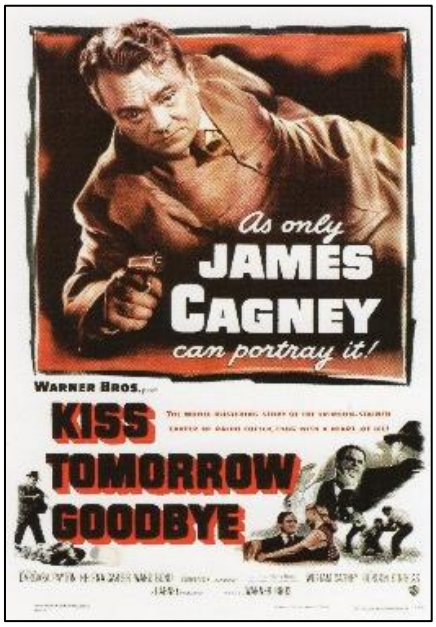
Don't let go

Outra que lembra o tipo de som presente no "Naked Thunder". Tem uma boa levada, que deve cair bem ao vivo (não me recordo dela ter entrado no repertório dos shows). Outra das melhores do disco. Assim como na anterior, belo trabalho de Airey.
Nota: 7

Back to back

Típica "filler". Nenhum destaque, em uma faixa meio sem graça. Morse repete pela enésima vez o mesmo solo. Um indicador do quanto essa faixa me chamou a atenção é que quando fui repassar o disco para escrever este texto, olhei na capa, li o título e não tinha a mais vaga ideia de como era a música.
Nota: 6

Kiss tomorrow goodbye



Outra faixa que nunca vai entrar em uma coletânea da banda, embora tenha feito parte de algumas apresentações ao vivo. Assim como a anterior, tem sua dignidade, mas não desperta grandes emoções. Tem o mesmo título de um filme noir dos anos 50, estrelado por James Cagney, que no Brasil virou "O amanhã que não virá".
Nota: 6

Junkyard blues

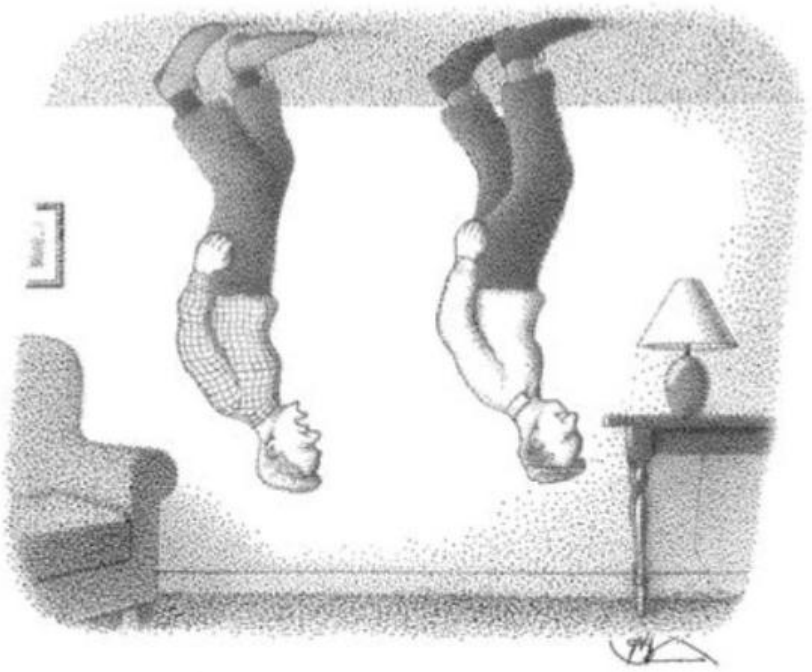
Um pouco melhor do que suas sucessoras. Novamente Airey é o destaque, com seu solo. Continuamos aguardando alguma coisa mais excitante.
Nota: 6

Before time began

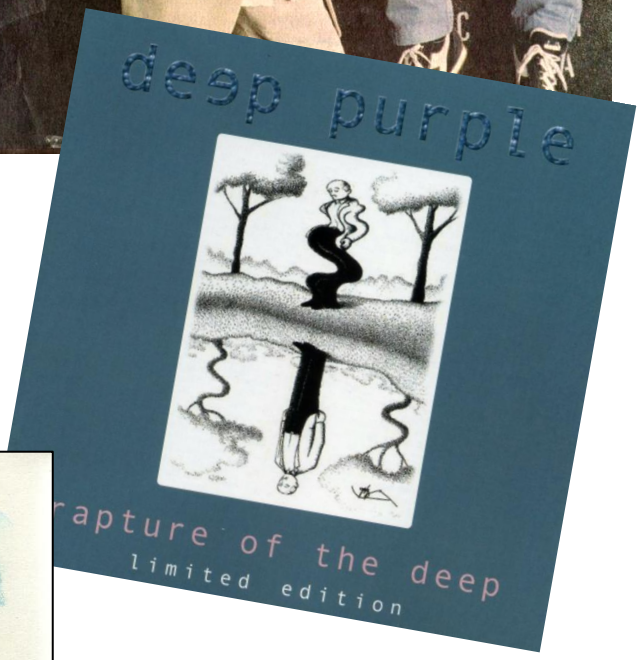
A-ha! Eis que no final há uma recuperação! Música com um jeitão de Rock Progressivo, onde o grupo mostra muita classe.
Nota: 7

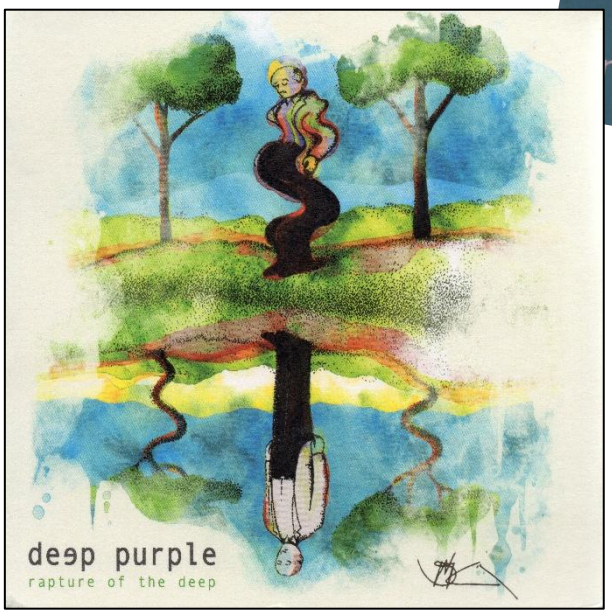
Complementos

Conforme citado no início, existe uma versão com dois CDs (batizada, seguindo um velho truque de marketing, de "edição limitada"), trazendo algumas faixas extras. Esta edição foi lançada no Brasil em agosto de 2011 pela gravadora (e loja) paulista Hellion Records (HEL 0801AB) e é destinada aos colecionadores "ultra-fanáticos-que-não-deixam-escapar-nada" e que já compraram as outras coisas bem mais legais que têm por aí, como, por exemplo, os lançamentos do selo brasileiro "Biplane Records" (ver ref. B.5 do Apêndice). Eu não me considero um "ultra-fanático etc", mas acabei comprando o disco. Um dos motivos foi prestigiar a iniciativa da gravadora brasileira. O CD "limited edition" traz a faixa *MTV* no disco 1. O disco 2 é composto por cinco faixas ao vivo gravadas em Londres, no Hard Rock Café, em 2005. São elas: *Rapture of the deep*, *Wrong man*, *Highway star*, *Smoke on the water* e *Perfect strangers*. Completam o disco 2 uma versão diferente da *Clearly quite absurd* e mais a inédita *Things I never said*, que faz parte do repertório do CD e do DVD "Live At Montreux 2006", e, ainda, a versão de estúdio da instrumental *The well-dressed guitar*.



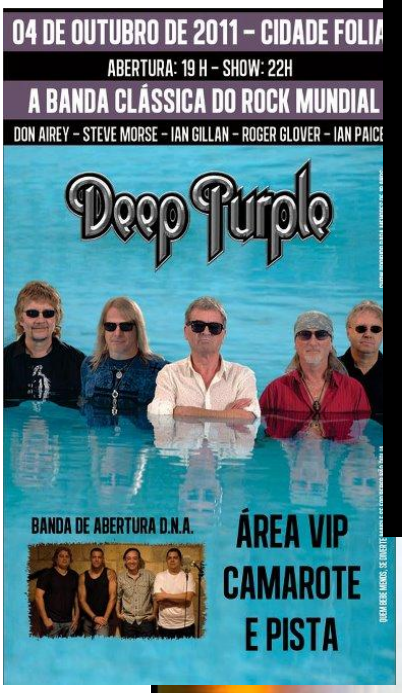
"Personally, I find it counterintuitive."





Acima, anúncio publicado em jornal sobre os shows em São Paulo da turnê brasileira em 2005. No meio, reprodução da capa da versão especial do "Rapture". Além do CD extra, existem pequenas diferenças na parte gráfica em relação à edição original. À esquerda, reedição de 2025, remixada e remasterizada (realmente houve ganhos sensíveis, desta vez), com nova arte e um CD extra, que traz ensaios e outros bônus.

Em 2011 o Deep Purple fez nova turnê pelo Brasil, com shows em Belém (segue reprodução da publicidade), Fortaleza, Campinas, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba. As demais reproduções são sobre a apresentação em São Paulo em 10 de outubro: ingresso, duas fotos do show (fonte: UOL) e recortes de jornal.



Capítulo 22
Now What?!

1. A simple song (4:39)
2. Weirdstan (4:11)
3. Out of hand (6:10)
4. Hell to pay (5:11)
5. Bodyline (4:26)
6. Above and beyond (5:30)
7. Blood from a stone (5:18)
8. Uncommon man (6:59)
9. Après vous (5:26)
10. All the time in the world (4:21)
11. Vincent Price (4:46)

Now What?!

Mark VIII

7,1

Produção: Bob Ezrin
Gravação: Tennessee, EUA, The Tracking Room
Engenheiro: Justin Cortelyou
Capa: Antje Warnecke
Lançamento: Abril de 2013
Gravadora/Selo: Edel/Ear Music
Código (CD): 0208486ERE
Lançamento no Brasil: 2013

Visão geral

"Now What?!" é o terceiro registro de estúdio da fase mais longeva entre todas as formações do Deep Purple, mesmo somando os três períodos da MK II. Nesta altura, o time está junto há mais de nove anos ininterruptos. Steve Morse é o guitarrista que mais tempo esteve na banda.

O primeiro disco que ouvi do Purple foi o "Who do we think we are", ainda em 1973, meses após o lançamento no Brasil. Peguei

imediatamente o vírus púrpura desde então. Quando saiu o "Burn" eu simplesmente me recusei a ouvi-lo, contrariado pelo fato de que o Gillan não era mais o cantor da banda. Com isso, o primeiro disco que eu ouvi assim que chegou às lojas brasileiras foi o "Stormbringer". Desde então, cada novo disco lançado era acompanhado de um grande *frisson* (um *frisson* macho, que fique bem claro), sempre naquela expectativa: "quantas novas obras-primas terá esse disco novo?". Confesso que, com o passar dos anos e dos lançamentos, a tensão pré-audição foi caindo. Os discos mais recentes foram bons, mas não muito emocionantes. A coisa mudou com a aproximação da data em que o "Now What?!" estaria disponível. Foram vários os motivos para isso: a produção de Bob Ezrin; o tempo decorrido desde o disco anterior (oito anos – um prazo tão longo só havia acontecido entre o "Come Taste the Band" e o "Perfect Strangers") e, principalmente, a audição prévia de *All the time in the world*.

A produção do Bob Ezrin fez diferença. Bob é um produtor com larga experiência e grande currículo. O primeiro disco que produziu foi "Love it to Death", do Alice Cooper, em 1971, quando ele tinha a mesma idade dos caras da banda. Aprendeu rápido o ofício e foi responsável pela produção dos álbuns seguintes de Mr. Cooper, entre eles três discaços, que eu adoro: "Killer", "Billion Dollar Babies" e "Muscle of Love". Daí em diante produziu dezenas de bandas de primeira linha e virou celebridade. A escolha dele para produzir o novo Purple foi uma aposta certa. O disco tem uma excelente produção. Como é frequente em seus trabalhos, Ezrin participou na composição das músicas, sendo creditado como co-autor em todas as onze faixas do CD.

Algumas linhas gerais que definem o disco: predominância do teclado de Airey nas execuções; algumas introduções longas; uma variação maior no tipo de composição (o Hard Rock está presente, como em *A Simple Song* e *Hell to Pay,* mas existem pitadas de outros estilos aqui e ali) e poucos overdubs (Ezrin declarou que as gravações são praticamente "ao vivo" no estúdio).

A característica principal é que existe um conjunto de músicas fortes, que fazem com que este disco seja o melhor desde "Purpendicular". O público inglês gostou, a ponto dele chegar ao 19º lugar em vendagens. Se bem, que à esta altura, o conceito de paradas de sucessos, refletindo a vendagem de mídia física já estava descaracterizado com o surgimento das músicas via streaming.

Título

Quando soube o nome do novo disco do Purple um velho amigo meu correu na internet para tentar fazer o download. Tomou um susto ao ouvir as primeiras notas. O susto aumentou quando entrou um vocal feminino! Ele foi apressado. O disco ainda não tinha saído e ele acabou baixando o arquivo de um álbum homônimo da Liza Marie Presley. Ela mesmo, a filha do rei.

O nome do álbum do Purple que, conforme visto, não é original, foi escolhido pelo Gillan. Eles se reuniram para gravar um disco e aí pintou o famoso "e agora?". Acabou sendo essa a escolha. Depois de "Bananas", qualquer nome vale.

Capa

A responsável pela capa e por todo o planejamento gráfico das mídias envolvidas no lançamento do novo disco foi a artista alemã Antje Warnecke, que faz trabalhos para a gravadora Edel. Ela também trabalhou na capa do EP "Who cares" de Ian Gillan e Tony Iommi. Um bom trabalho. A capa tem um grafismo despojado, mas bem marcante. Um único porém é que ela lembra a de uma coletânea do New Order, de 2008 e, de forma menos próxima, a do álbum de estréia da banda inglesa Gracious (1970).
Conceito: B

As faixas

Todas por Airey/Ezrin/Gillan/Glover/Morse/Paice

A simple song

Uma calma introdução instrumental, com uma linda participação de Morse. Gillan surge de forma impactante, cantando "o tempo não importa, mas é tudo o que temos para pensar". Em seguida entra a bateria e, principalmente, o teclado e a aí a música explode. Uma faixa de abertura que retoma as tradições dos antigos discos da banda. Uma das grandes composições dos últimos tempos em termos de Hard Rock.
Nota: 10

Weirdstan

Contraste forte em relação à antecessora. Lembra a maioria das faixas dos discos anteriores, ou seja, está tudo lá, certinho, composição, execução, solos corretos etc, mas não empolga. Das onze, a mais fraca.
Nota: 4

Out of hand

Uma que poderia ter feito parte do "Abandon". Vale aqui o comentário anterior, com a diferença que esta tem um refrão mais agradável.
Nota: 5

Hell to pay

Hard Rock clássico, escolha correta para promover o disco. Tudo certo: bom riff, bom refrão, solos bem colocados, boa letra. Ela fala de um revolucionário dos dias de hoje, que quer ir para as ruas defender suas posições, embora com um tanto de dificuldade em fazer as pessoas entenderem seus motivos (ei, acho que isso me lembra alguma coisa que rolou por aqui!). Assim como em todo o disco, Airey tem participação destacada. Gillan está muito bem.
Nota: 8

Bodyline

Faixa mais balançada, onde a cozinha Glover/Paice deita e rola. Descontraída e gostosa de ouvir. Morse poderia dar um pouco menos de peso no riff.
Nota: 7

Above and beyond

No encarte deste disco tem uma dedicatória a Jon Lord, com uma frase pinçada da letra desta faixa, algo como "almas, quando tocadas, se entrelaçam para sempre". É uma homenagem digna, tanto pela lembrança, quanto pela qualidade da música. A letra representa uma espécie de mensagem de Jon aos demais companheiros de banda.
Nota: 8

Blood from a stone

Sempre é muito difícil traduzir em palavras uma música. Mesmo assim, vou tentar. As notas do baixo no começo lembram a introdução de *You keep on moving*. O clima, viajandão. O som do teclado lembra Doors. Gillan canta em um tom grave, só elevando a voz no refrão. O efeito final é muito bom e apesar das semelhanças citadas, é uma música que tem sua identidade.
Nota: 7

Uncommon man

Airey é um fã do compositor americano Aaron Copland, autor de *Fanfarre for the common man*, regravada pelo Emerson, Lake & Palmer no disco "Works". Após uma longa introdução instrumental entra o riff the teclado de Airey, claramente inspirado na obra de Aaron, assim como o título da faixa. Uma música com um toque progressivo, em um disco bem variado. Uma versão instrumental foi incluída no EP de *Time for bedlam*, lançado em 2017.
Nota: 6

Après vous

Uma daquelas músicas que não arrancam suspiros. Entretanto tem um ponto forte na parte intermediária, durante os solos.
Nota: 5

All the time in the world

Uma pena que o estilo de composições do "Purpendicular" não se estendeu aos discos subsequentes. Apesar de ter gostado muito de *Hell to pay* e, principalmente de *A simple song*, sempre achei que o Purple poderia se concentrar mais em composições de um estilo mais livre, sem tanta preocupação em fazer coisas pesadas. Nada melhor do que esta música para provar a teoria. Ela (a música, não a teoria) é simplesmente brilhante. O vocal de Gillan está perfeito, com mais uma amostra de como é fácil para ele alternar do grave para o agudo com uma naturalidade que poucos possuem. A parte instrumental é igualmente fúlgida. A letra, de novo, fala sobre o tempo. Gillan e Glover estão com 68 anos. Airey e Paice têm 65. O "caçula" da banda é Morse, que está com 59. Não é a toa que preocupações com o futuro, com o tempo que resta e inquietações metafísicas do gênero rondem a cabeça desses senhores. Eu sempre me pergunto se, caso eu chegue aos 68, terei um pique como o deles. Voltando à faixa, a letra também é fulgurante. Tem uma frase que gostei em particular: "às vezes em um dia bonito eu sento e penso. Às vezes eu

apenas sento". Frase que Gillan usou também na *Soon forgotten*, mas, como não a ouvi muito, não tinha reparado. A tradução e a interpretação dessa letra está no item D.4 do Apêndice. Para fechar simbologicamente a música, Paice faz no bumbo o som das batidas de um coração. Mais um feito retumbante dos meus heróis.
Nota: 10

A matemática é rica em paradoxos

Paradoxos famosos tinham o objetivo de mostrar que a mudança é ilusória

Marcelo Viana
Matemático e diretor-geral do Impa. Ganhador do prêmio francês Louis D.

O veloz Aquiles disputa corrida com a tartaruga. Ela sai 100 m na frente, mas Aquiles cobre essa distância em 10 s. Quando chega no ponto de onde ela partiu, a tartaruga já se moveu 1 m. Aquiles percorre esse trajeto em 0,1 s mas, de novo, quando chega onde a tartaruga se encontrava, ela não está mais lá. Assim, apesar de ser mais rápido, Aquiles nunca alcança a tartaruga.

Esse e outros paradoxos famosos, atribuídos ao filósofo grego Zenão de Eleia (490-430 a.C.), tinham por objetivo mostrar que a mudança e, em particular, o movimento são ilusórios. Em frontal oposição ao pensamento de contemporâneos como Heráclito de Éfeso (500-450 a.C.), que inspirou o aforismo "tudo flui como um rio".

A maioria dos matemáticos acredita que esses paradoxos foram resolvidos com a descoberta do cálculo, mas a discussão filosófica continua até hoje. E os avanços recentes da mecânica quântica apontam para direções estranhamente reminiscentes das ideias de Zenão.

Recorte extraído da edição de 22 de julho de 2020 do jornal Folha de São Paulo em que é citado o paradoxo de Zenão (ou Zenon, para os torcedores do Guarani) a respeito da corrida entre Aquiles e a tartaruga. Esse paradoxo é citado na letra de *All the time in the world*. Quem, além de Ian Gillan, iria inserir algo assim em um Rock?

Obs.: Repararam que eu consegui me conter e não terminar o texto com o clichê "Rock também é cultura?". Estou orgulhoso de mim.

Vincent Price

Grande faixa de encerramento, climática e surpreendente. Uma bem humorada homenagem ao ator americano de filmes de terror. Esta não é a primeira conexão dele com o Purple. Em 1975 ele esteve no Royal Albert Hall fazendo a narração da apresentação ao vivo da obra "Butterfly Ball", de Roger Glover. Fiquei imaginando se na versão argentina do disco virá, como de costume, as traduções dos nomes das músicas e se nesta eles colocariam algo como "Vicente Preço".
Nota: 8

Complementos

Este álbum do Purple teve toda uma estratégia de marketing, instigando ainda mais os fãs que esperaram longos anos pelo novo disco. Começou pelo site da banda, que passou a exibir um contador regressivo para o lançamento (veja reprodução). Depois houve a divulgação de duas faixas (*All the time in the world* e *Hell to pay*) um pouco antes da data oficial de lançamento do disco. Os americanos chamam essa técnica de "teaser" (poderia ser traduzida como "provocação"), ou seja, dar uma amostra antecipada da obra para ir criando um clima para o lançamento oficial e completo.

Por último, um adesivo foi colado na edição inglesa do CD, comparando o novo lançamento ao encontro do "Made In Japan" com o "Perfect Strangers". Aí foi um evidente exagero (algo que poderia ser chamado de *over-marketing*, se esta expressão existisse).

Além do CD normal, foram lançados três singles: um com *All the time in the world/Hell to pay*, outro com *Vincent Price* e um terceiro com *Above and beyond*. Este último traz ainda *Things I never said* e duas gravações ao vivo: *Space truckin'*, gravada na Itália e *Green onions/Hush*, extraída de uma apresentação na Suiça.

Foram produzidas também a versão em vinil e uma edição especial com dois discos: um CD e um DVD (lançada no Brasil pela Helion Records, sob código HEL 1016AB). Esta traz no CD uma faixa bônus, *It'll be me*, um cover de um antigo Rock'n'Roll composto por Jack Clement. Gillan havia gravado essa canção no CD "Sole Agency and Representation", acompanhado por uma de suas bandas pré-Purple, The Javelins, reunida em 1994 especialmente para a gravação do seu antigo repertório. Gillan deve ter ouvido essa música na versão de Cliff Richards quando era garoto. Existe também uma boa versão dessa música no dico "The Winter of '88", do Johnny Winter. O DVD que acompanha essa edição especial do "Now What?!" traz uma entrevista de 20 minutos com a banda (áudio e vídeo) e mais três músicas (só áudio): a versão para rádio (mais curta) da *All the time in the world* e duas gravações ao vivo: *Perfect strangers* e

Rapture Of The deep, sem citar em que shows elas foram registradas. Uma edição dupla semelhante saiu no Japão, contendo três faixas a mais, todas no CD: a versão para rádio de *Hell to pay* e duas ao vivo, *Smoke on the water* e *Wrong man*.

Há ainda mais uma (boa) faixa extra, *First sign of madness*, primeiramente lançada "com exclusividade" na Alemanha e incluída posteriormente no single da *Vincent Price*.

Alguns meses após o lançamento do CD normal surgiu mais um ao vivo, com gravações da nova turnê, chamado "Live Tapes". Uma edição dupla traz os dois CDs: o de estúdio e o ao vivo, batizada de "Golden Tapes".

Foram produzidos três vídeos a partir do álbum. Para *Hell to pay* e *All the time in the world* foram feitas apenas animações, com as letras sendo reproduzidas simultaneamente ao andamento das músicas, usando o mesmo tipo de fonte da capa do CD, sobre um fundo fixo. Já *Vincent Price* recebeu uma produção mais cara, com um divertido vídeo em preto e branco, rodado em clima do filme de terror "B" "Museu de Cera" ("House of Wax"), de 1953, típico daqueles em que o personagem-título da música atuou aos montes.

Se ainda tiver sobrado algum dinheiro depois de tantos itens, caso alguém queira todo o pacote (CDs, DVD e singles) há uma caixa que junta tudo e traz ainda uma camiseta, um livreto, pôster e adesivo (veja reprodução mais à frente).

O Purple voltou a excursionar, para promover o novo trabalho (com uma passagem em 2014 pelo Brasil, conforme registrado no "Rock Brado"). Já existe pelo menos um pirata da turnê, o "Mawazine Rabat", gravado em 20 de maio de 2013, no Marrocos. As primeiras faixas têm som ruim, mas depois a qualidade fica ótima. Pode parecer um pouco de preconceito com

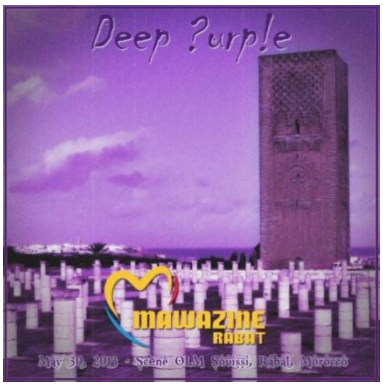
nossos velhinhos, mas a audição completa revela que nas últimas faixas a banda dá sinais de cansaço, perdendo um pouco do gás inicial. Do "Now What?!" estão no repertório *Vincent Price*, *All the time in the world* (com Gillan mandando bem) e *Body line*. O legal desse pirata (ôpa!) é o registro do solo final do Glover, semelhante ao que ele fez no último show em São Paulo. Um merecido momento de brilho isolado desse grande artista.

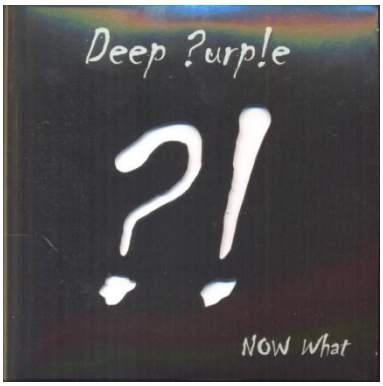
Em 2014 foi publicada pelo site da revista "Hollywood Reporter" uma notícia muito curiosa. O Deep Purple havia sido convidado para fazer uma participação na série de TV israelense *Atlantica*. Será no último episódio da primeira temporada e Gillan e Glover interagirão com os atores, músicos de uma banda de Rock local, que tem a dupla como ídolos. Não sei se isso se concretizou. Não achei nada sobre isso no YouTube.

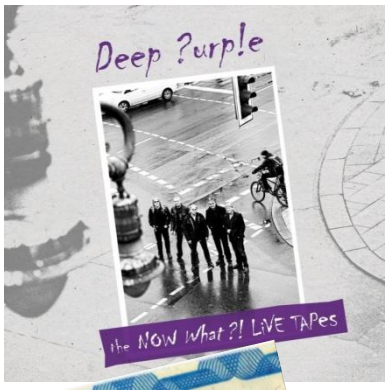
Reprodução da contagem regressiva para o nascimento do disco, exibida no site da banda.

Reprodução do pacote de coisas ligadas ao lançamento do "Now What?!" chamado de "Limited Edition Boxset"; capa alternativa para *Vincent Price* e coletânea que veio como brinde na revista Classic Rock e que traz *Hell to pay*, além de "uma cover da cover" da antiga compilação "24 Carat Purple".

Em setembro de 2022, a earMusic soltou o "disco" ao lado, só disponível por streaming. Como o título é auto-explicativo, vamos ao conteúdo: (1) *Hell to pay* (editada para rádio); (2) *It'll be me*; (3) *All the time in the world* (editada para rádio); (4) *Fist sign of madness*. As quatro próximas são versões instrumentais: (5) *Uncommon man*; (6) *Above and beyond*; (7) *Après Vous* e (8) *Hell to pay*. (9) *Green Onions* e (10) *Hush* fecham o pacote, ambas ao vivo em Gaevle. De todas, somente as quatro últimas podem ser consideradas novidades.







No sentido horário, a partir do topo: capas do recente pirata, do "Golden Tapes" e do "Live Tapes", mais dois discos ao vivo na carreira do Purple (quantos seriam até agora? Já perdi a conta!); edição de julho de 2013 de uma revista distribuída por uma livraria de São Paulo, que destacou o lançamento do Purple; ingresso para o show do Purple em São Paulo, em 12.nov.14, quando o Eremita tirou a foto acima. Ao lado, publicidade dos shows em São Paulo dessa mesma turnê.

Capitulo 23
Infinite

Infinite

Mark VIII

7,0

1. Time for bedlam (4:35)
2. Hip boots (3:23)
3. All I've got is you (4:42)
4. One night in Vegas (3:23)
5. Get me outta here (3:58)
6. The surprising (5:57)
7. Johnny's Band (3:51)
8. On top of the world (4:01)
9. Birds of prey (5:47)
10. Roadhouse blues (6:00)

Produção: Bob Ezrin
Gravação: Tennessee, EUA; The Tracking Room and Anarchy Studios
Engenheiro: Justin Cortelyou
Capa: Büro Dirk Rudolph
Lançamento: Abril de 2017
Gravadora/Selo: Edel/Ear Music
Código (CD): 0211848EMU
Lançamento no Brasil: 2017

Visão geral

Quatro anos depois do "Now What?!" o mesmo time se junta no mesmo estúdio para gravar um novo álbum. Para aproveitar o trocadilho do título, eu diria que o resultado foi ir-regular. Três grandes músicas são os pilares desta nova obra da banda: *Time for bedlam*, *The Surprising* e *Birds of prey*. No mais, seis músicas de bom nível (o que para esses senhores é inevitável) e uma cover. Mais uma significativa contribuição para a boa música do planeta, sem ser um disco dos mais brilhantes. Curiosamente chegou ao 6º lugar da parada inglesa, um resultado excelente. Como será que eles medem essa vendagem atualmente? Nem lojas de discos tem

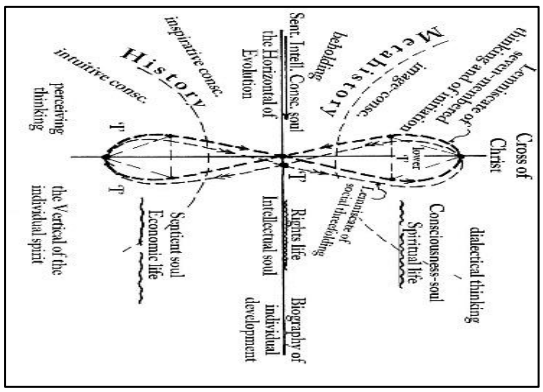
mais! O álbum foi o pretexto para "The Long Goodbye Tour", excursão que passou por dezenas de países ao redor do mundo, incluindo o Brasil, e que juntando todos os elementos do contexto (o nome escolhido para a turnê; idade e saúde dos músicos – lembrando que Paice teve um AVC no meio da agenda; hiato de tempo entre os dois últimos discos) dava toda pinta que seria a aposentadoria de nossos bravos ídolos. Que nada, os velhinhos são trabalhadores – novo álbum, "Whoosh!" e a volta aos palcos.

Título

Um título bem adequado, com mais de uma explicação. A contribuição do Deep Purple ao Rock vai durar para sempre, é algo infinito, ou que vai durar até o final dos tempos. Reforço esse pensamento cada vez que vejo ainda hoje bandas de garotos de quinze anos tocando músicas do Purple. O título também reflete as recorrentes preocupações metafísicas de Gillan com o universo, o tempo e, suponho, a idade que avança.

Capa

Uma beleza. O desenho no gelo feito pelo USCGC Healy (WAGB-20), quebra-gelo da marinha americana, é uma combinação das iniciais do nome da banda com a lemniscata, a curva que representa o infinito. Todo o material promocional foi baseado nesse visual ártico mostrado na capa, o que resultou em um pacote elegante. Alguns caras mais chatos vão apontar que ela se parece um pouco com a capa do "Sky Blue", álbum do Devin Townsend Project. Não devemos dar atenção a eles.
Conceito: A.



Em cima: a lemniscata e a capa do Devin Townsend citada no texto.

As faixas

Todas por Airey/Ezrin/Gillan/Glover/Morse/Paice; com exceção de *Roadhouse Blues*

Time for bedlam

Grandiosa! Ritmo épico, início incomum com canto gergoriano, tem uma vibração semelhante à *Pictures of home*. Irretocável. Uma constatação da mais alta relevância é que esta é a primeira das faixas de abertura entre todos os discos de estúdio do Purple cujo título não é citado na letra! Importante isso, não?
Nota: 10

Hip boots

Esta faixa é um exemplo de várias outras que povoam este disco. Boa música, sem dúvida, interpretada de forma irreparável, mas que não tem aquela fagulha, aquele brilho especial que a destaque no imenso repertório da banda. O EP "Time for bedlam" (contracapa ao lado) traz uma versão instrumental com Paice em primeiro plano.
Nota: 6

All I've got is you

Esta está um patamar acima da anterior. Tem um ritmo mais animado e solos bem colocados de Airey e Morse. A letra poderia ser considerada um tanto machista para estes nossos tempos esquisitos. Mas, como o próprio Gillan cita no ultimo verso, *I don't give a fucking damn.*
Nota: 7

One night in Vegas

Esta, assim como a seguinte, estão no grupo da *Hip boots*. A letra conta uma das várias gandaias em que Gillan esteve metido em sua regrada vida. Não empolga.
Nota: 6

Get me outta here

A bateria inicial lembra a de *Body line*, mas o prosseguimento é menos entusiasmante. A curiosidade fica por conta de Gillan desejando "Bom fim de semana" no final, em claro português, efeito do tempo em que mora em Portugal.
Nota: 6

The surprising

Aqui vemos o Purple indo por um caminho que eu gostaria que ele frequentasse mais: o Rock Progressivo. Que fique claro, não aquele tipo de Prog com canções enormes, de solos masturbatórios e partes desconexas, mas sim aquele que esta exemplifica. Músicas elaboradas, sem cair no exibicionismo, explorando sonoridades mais variadas do que as limitadas pelo Had Rock. Este, aliás, eles ainda fazem bem – e o exemplo está em *Time for bedlam*. Mas, com todos na casa dos 70, não tem mais sentido fazer Rocks rápidos contando "causos" de festinhas com a mulherada madrugada adentro. Uma curiosidade que não tem nada a ver com a música em si é que na versão "Gold Edition" (Ver "Complementos") houve um erro na grafia do título, saindo "The surprisaing". Esses alemães... O pior é que a versão brasileira foi na onda e manteve o erro. Esta música gerou um saboroso vídeo, que a valoriza mais ainda.
Nota: 9

Johnny's Band

Uma agradável canção Pop contando a história básica de uma banda de Rock, com a formação inicial a partir da junção de amigos de adolescência, seguindo pelo inevitável roteiro de shows em clubes e bares, até que surjem as músicas de sucesso e, com ele, começa a decadência (drogas etc). Gerou um clip bem humorado.
Nota: 7

On top of the world

A menos forte do disco (um jeito gentil de dizer que é a mais fraca). Mostra a banda meio que indo no piloto automático. De novo a letra relembra os tempos de festinhas descontroladas com primas. Nesta, Gillan conta que as senhoritas serviram um prato à base de arroz. Ele pegou no sono com um pouco na boca, que, devido ao porre, ficou meio aberta. Ele acordou então com baratas se servindo, ali, na sua cara. O sensível romantismo das palavras não chegam, entretanto, a salvar a música.
Nota: 5

Birds of prey

Grande! Mesmo caso da *Surprising*. Riff, melodia, interpretação, clima, solos, tudo funciona em encaixes perfeitos. Não lembra nada que o Purple tenha feito antes. Majestosamente Prog.
Nota: 9

Roadhouse Blues
J. Densmore/R. Krieger/R. Manzarek/J. Morrison

O caso não é avaliar o resultado final desta cover dos Doors. O resultado não tem como sair ruim. Afinal, é o Purple. Acho que até seu eu fizesse uma música e desse para o Purple tocar, ficaria boa (uau, isto é o que chamo de um exemplo extremo!). Sempre existiram ligações do Purple com os Doors, desde a época do Episode Six, que tocava *Light my fire* em

seus shows. O caso é: por que? Se fosse para incluir uma cover, seria melhor alguma coisa menos conhecida, que não tivesse já tantas versões (uma também muito boa é a do Status Quo). Bom ouvir Gillan de volta à gaita (ou harmônica, para os defensores do termo). Talvez desse mais jogo trocar com *Paradise Bar*, esta vindo para o álbum e *Roadhouse* para o single.
Nota: 5

Complementos

São muitas as mídias derivadas do álbum principal. Temos singles, vídeos, discos e um filme, além dos pacotes que juntam várias dessas coisas. Fatiando:

(A) Discos

Existem três singles/EPs, por enquanto: *Time for bedlam*, *All I got its you* e *Johnny's band*. Cada um tem seus atrativos em termos de faixas complementares, sendo que o de *Time for bedlam* traz a *Paradise Bar*. Em termos de álbuns, a gravação ao vivo da apresentação do Purple no festival francês "Hellfest" aparece como CD 2 da "Gold Edition" e no "Infinite Live Recordings Vol.1", este de belíssima capa. Não tenho ideia se haverá o Vol. 2. A revista "Clasic Rock" anexou à sua edição 234 um CD bônus dedicado exclusivamente ao Deep Purple, denominado "Limitless". Ele traz oito faixas, quatro ao vivo retirada de discos oficiais, mais quatro de estúdio em que os destaques ficam para a versão editada para rádio da *All the time in the world* e *First sign of madness*, faixa-extra do "Now What?!".

(B) Vídeos

Cinco vídeos foram produzidos: *Time for bedlam* (dois), *All I got its you*, *Johnny's band* e *The surprising*. O primeiro de *Time for bedlam* seguiu o modelo adotado para o álbum anterior, com a exibição das letras enquanto a música vai sendo executada. O segundo é uma espécie de documentário mostrando a preparação para a sessão de fotos na temática ártica adotada

como elemento visual que cercou todo o projeto. O vídeo de *All I got its you* tem como cenário o estúdio de gravação e mostra as movimentações que ocorrem durante as gravações. *Johnny's band* tem uma produção maior, com figurantes fazendo o papel dos músicos da banda que vai evoluindo conforme a descrição da letra. Tem pelo menos dois registros "autobiográficos": em uma rápida cena, um prato de macarronada é enfiado por um dos músicos na cara de um companheiro de banda e, em outro momento, a peruca encaracolada de um dos componentes é arrancada de surpresa, já na fase em que todos estão mais velhos. Mas, o melhor dos quatro é o feito para *The Surprising*. O filme é em animação e mostra a banda no quebra-gelo, sob comando do capitão Gillan, navegando por males gelados. Gradativamente são mostrados no filme itens que identificam cada um dos álbuns de estúdio da banda. Dois destaques: não identifiquei claramente a citação ao terceiro disco. Talvez tenha sido um momento em que o tempo fecha, referenciando *Chasing shadows*. Não tenho certeza sobre isso. O segundo destaque vai para a cena em que eles entram em uma caverna e uma luz está emanando de uma bola de cristal. Gillan e Glover cobrem os olhos com as mãos, em um simbolismo nada sutil. Um grande vídeo para uma grande música.

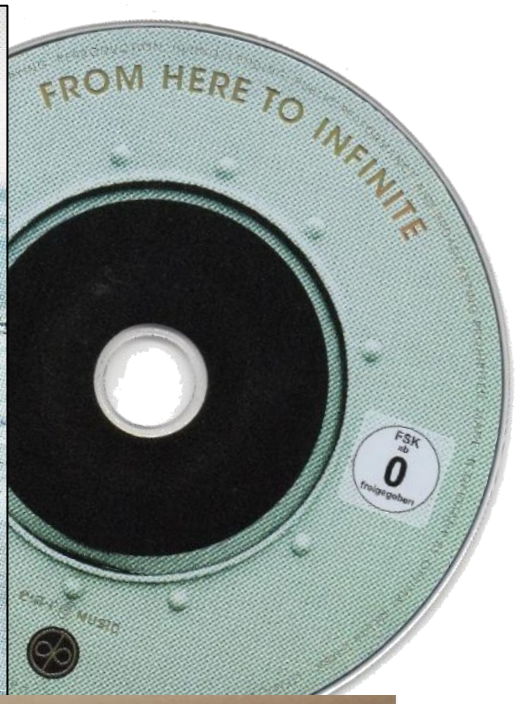
(C) Filme

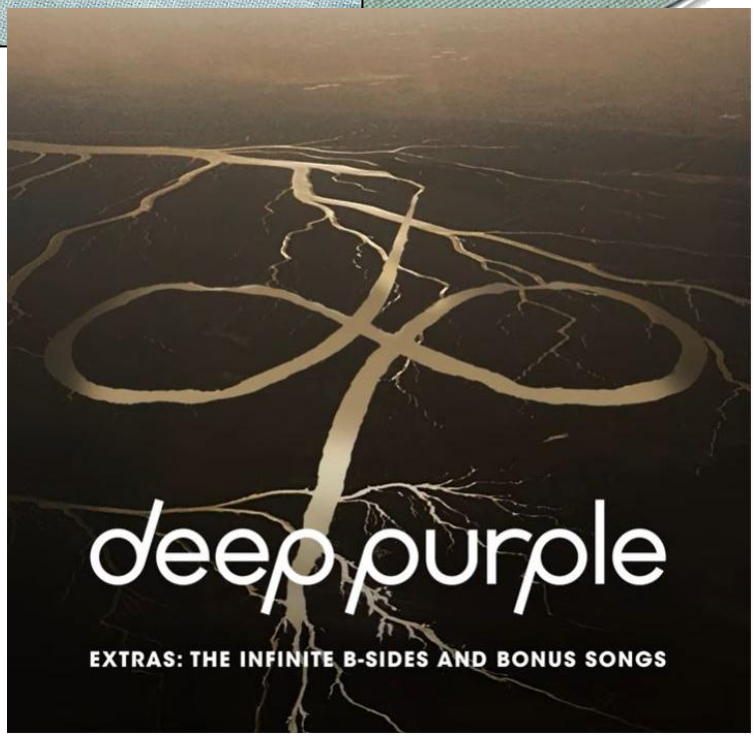
Foi lançado um Blu-ray intitulado "From here to Infinity" (trocadilho com o título do filme "From here to Eternity", que no Brasil foi batizado como "A um passo da Eternidade"), trazendo um documentário e um monte de extras, que somam um tempo maior do que a atração principal! Não foi lançado no Brasil. Depois de muito tempo (2022), consegui meu exemplar do filme, em DVD (tem menos material do que no Blu-Ray), que acompanhou uma edição especial do CD. É um item envolvente. A narração é de Rick Wakeman! As imagens mostram o dia a dia da banda no estúdio em Nashville e a forma com que as músicas surgem, de um riff ou uma melodia que alguém traz até a forma final, sempre sob os olhos e, principalmente, ouvidos atententos do produtor Bob Ezrin. Este faz um papel de um diretor de cinema, conduzindo os músicos e sugerindo alterações que acabam se concretizando na versão da música que vai para o disco. Três momentos pinçados do filme, que mostram o jeito informal

com que a banda e a equipe procuram amenizar a dura rotina das gravações. Roger e Airey vão a um pub em Nashville e tocam com a banda local, que fica perplexa com a presença dos dois. Roger dá a impressão de ter se emocionado ao final da jam. No meio das sessões, um compromisso social – o casamento do filho de Airey! Por fim, Ezrin vê uma banda de garotos mandarem muito bem uma cover do Purple e os convida para o estúdio, para tocar com a banda! Por outro lado, um tercho tocante: Morse explica o problema que ataca sua mão direita (osteoartirite), que o obrigou a adaptar seu jeito de tocar para poder suportar as dores. As caretas que ele faz enquanto sola ao longo do vídeo ficaram explicadas. Vendo o filme, a gente acaba gostando mais do disco.

(D) Pacotes

Aqui há grande variação, pois as gravadoras ao redor do mundo inventam vários produtos para colocar as mãos em nossos bolsos. Assim como os discos, esses pacotes saem a todo momento, de modo que não dá para querer esgotar o assunto. A foto a seguir mostra um exemplo.





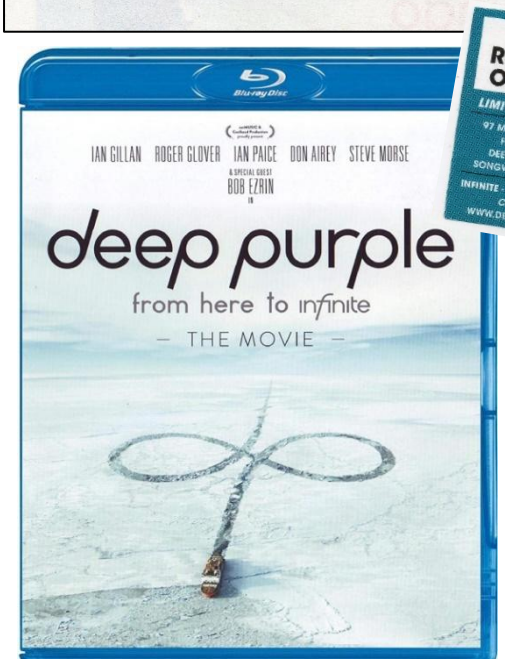
Acima: capa do encarte e reprodução do DVD que acompanha a edição dupla (CD+DVD) do "Infinite". Ao lado, disco lançado em 2022, só disponível por download, que traz uma compilação de faixas bônus e versões instrumentais de músicas do "Infinite". A maioria já estava disponível em outras mídias.

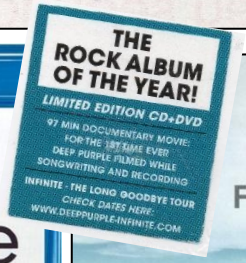
SHOWS
Juliene Moretti

CLÁSSICOS DO DEEP PURPLE NO ALLIANZ

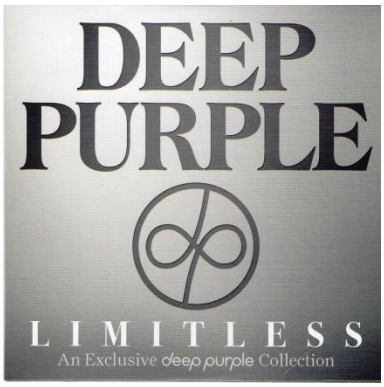
JIM RAKETE

Parte da santa trindade do rock pesado inglês dos anos 70, ao lado de Led Zeppelin e Black Sabbath, o Deep Purple é a atração principal do **Solid Rock.** O quinteto roda com *The Long Goodbye Tour*, ou "a longa turnê de despedida" (alguém acredita que os veteranos vão largar o osso?). Além do tecladista Jon Lord, morto em 2012, outro integrante da fase mais gloriosa do conjunto já não faz mais parte da banda. No lugar do genial Ritchie Blackmore encontra-se Steve Morse, virtuose da guitarra que fez carreira em uma banda de fusion antes de entrar para o Purple. Apesar das baixas, o repertório é um dos mais poderosos do universo roqueiro. Devem rolar *Hush*, *Perfect Strangers*, *Smoke on the Water*, *Highway Star* e outros clássicos do mesmo calibre. Antes, sobe ao palco o quarteto americano Cheap Trick, inédito por aqui, com hits como *Dream Police*. Tesla é a banda convidada para abrir a jornada roqueira. *Allianz Parque. Avenida Francisco Matarazzo, 1705, Água Branca,* ☎ *4003-5588. Quarta (13), a partir das 19h. R$ 390,00 a R$ 580,00.*

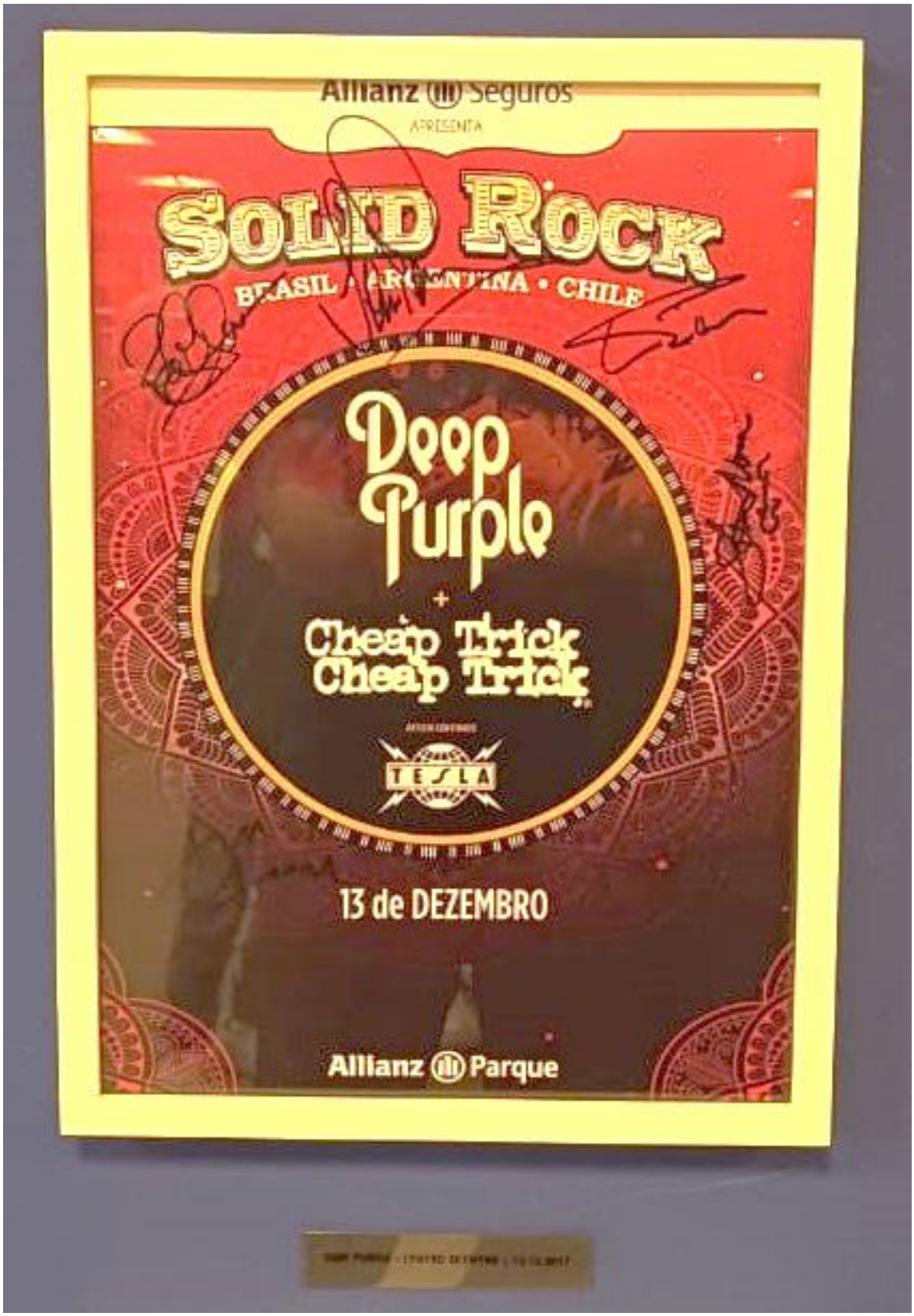




Acima: matéria sobre a apresentação do Deep Purple em 13.dez.17 no repositório da glória futebolística brasileira. Embaixo: capa e contracapa do Blu-ray do filme do Purple que fez parte do projeto do álbum "Infinite".

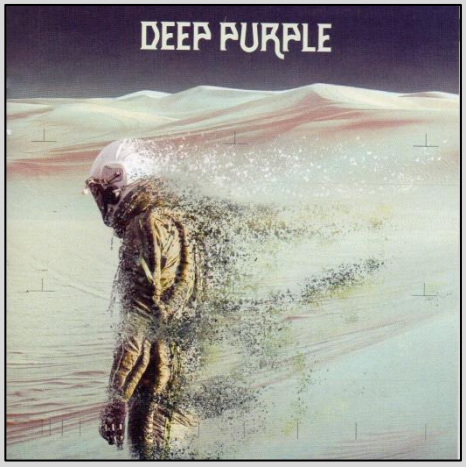


Na primeira linha, capas dos 3 singles; na segunda linha, capas do "Gold Edition", do "Live Recordings" e a do CD bônus da Classic Rock. À direita, um dos muitos "combos" disponíveis com itens derivados do "Infinite" direcionados aos não-assalariados. Abaixo, o navio quebra-gelo americano protagonista da maior parte dos itens de comunicação visual do projeto.



Cartaz autografado pelos músicos do Deep Purple referente ao show de 13.dez.17 que está afixado nas dependências do templo sagrado do futebol mundial.

Capitulo 24
Whoosh!



Whoosh!

Mark VIII

7,0

1. Throw my bones (3:40)
2. Drop the weapon (4:23)
3. We're all the same in the dark (3:44)
4. Nothing at all (4:43)
5. No need to shout (3:31)
6. Step by step (3:34)
7. What the what (3:32)
8. The long away around (5:40)
9. The power of the moon (4:09)
10. Remission possible (1:39)
11. Man alive (5:35)
12. And the address (3:35)
13. Dancing in my sleep (3:54)

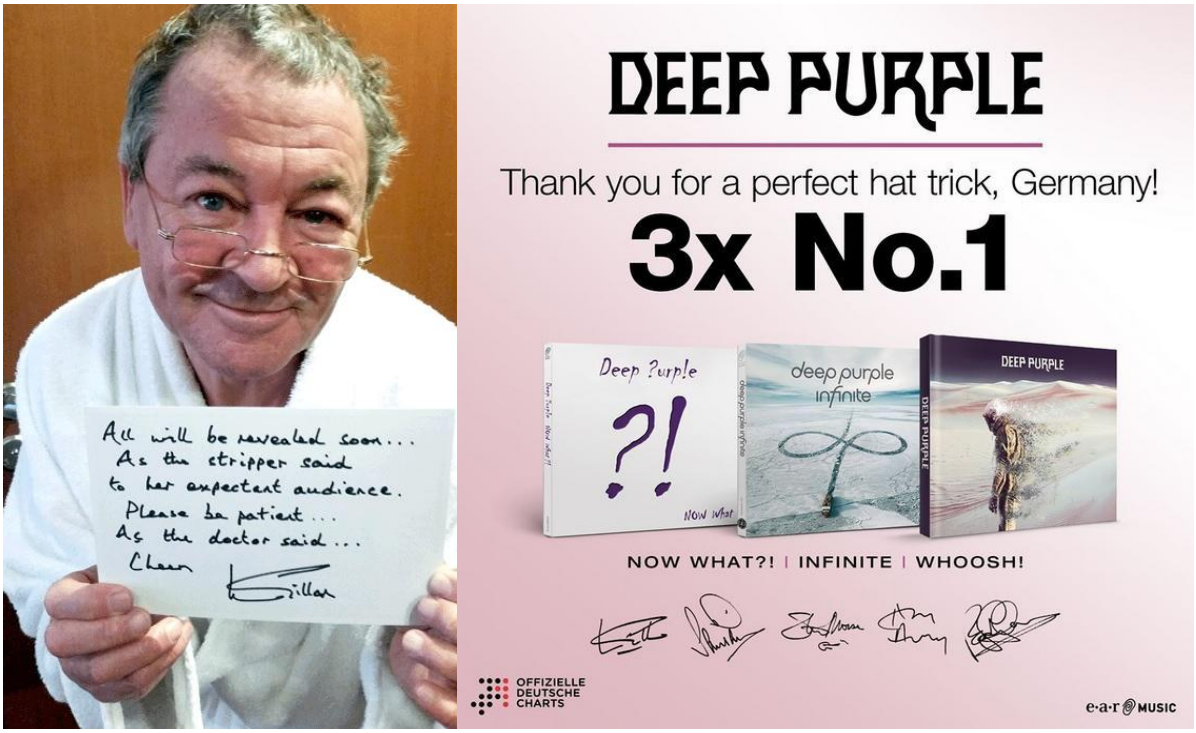
Produção: Bob Ezrin
Gravação: The Tracking Room e Anarchy Studios (Nashville); Noble Street Studios (Toronto) e Henson Recording Studios (Los Angeles)
Engenheiro: Justin Cortelyou
Capa: jekyll & hyde
Lançamento: Agosto de 2020
Gravadora/Selo: Edel/Ear Music
Lançamento no Brasil: Agosto de 2020

Visão geral

Novamente nossos decanos preferidos se reuniram com Bob Ezrin e seguiram a estratégia dos dois álbuns anteriores. Dicas sutis dão a entender que, este sim, seria o último disco de estúdio da banda. A mais fácil de notar é a regravação da primeira música do primeiro álbum da banda, que aparece como faixa final do "Whoosh!", como que fechando um ciclo. Outros toques, alguns claros, outros frutos da imaginação estéril do Eremita, são citados adiante. Como qualquer obra que parta desse

grupo de músicos, temos música de alta qualidade. A diferença principal é que, desta vez, não dá para citar alguma composição que seja fora da curva. As letras, desta vez, ficaram mais a cargo do Gillan, muito inspirado e, em parte delas, vemos o tema da defesa do planeta contra a devastação imposta pelo homem. Não é um tema original, mas algumas tiradas de Gillan são notáveis. Desde o disco "Abandon", grande parte das músicas são conduzidas por riffs sombrios da guitarra. Neste a coisa se repete desde a primeira faixa. Como é característico dessa formação do Purple, Morse segue variando pouco os timbres de sua guitarra, enquanto Airey faz o contrário e, mais uma vez, sua participação é destacada.

O "Whoosh!" deveria vir ao mundo em 12 de junho, mas a pandemia provocou um atraso e ele foi lançado no início de agosto (inclusive no Brasil!). Outro efeito da pandemia foi o cancelamento da turnê promocional do álbum. Em entrevistas recentes (ou seja, no final de 2020), os músicos deram indicações que, mesmo com todos os indícios, este pode não ser o último disco. Afinal, eles estão há mais de um ano em casa, as ideias vão se acumulando e… quem sabe?



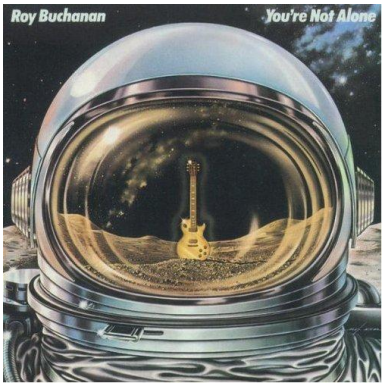
Gillan se pronunciou quando do adiamento do lançamento com um cartaz que diz: "Tudo será logo revelado..., assim como disse a stripper para sua ansiosa platéia. Seja paciente, por favor... Assim como disse o médico. Felicidades!". Ao lado, anúncio da Ear Music agradecendo a primeira colocação em vendagens pela terceira vez seguida na Alemanha. Foi um "hat trick"! O Purple fez o mesmo que o atante do Palmeiras Obina em 2009, contra o Corinthians, como bem lembrou o William Cook. Isso me fez lembrar de outro "hat trick" contra o mesmo rival, em 2000, perpetrado pelo Alex.

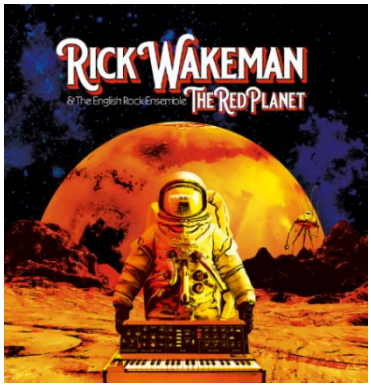
"Whoosh" é uma onomatopéia de algo que passa muito rápido. Seria mais ou menos como nossa expressão "num piscar de olhos". Segundo Gillan, o título reflete o caráter transitório da passagem do homem pela Terra. Faz, portanto, a ligação com as preocupações ecológicas que conceituam algumas das faixas do album. Toda a identificação visual seguiu esse tema, simbolizado na figura que parece ser um astronauta extraterrestre. O título vem acompanhado de um ponto de exclamação, confirmando a influência do saudoso Roberto Avalone nos processos nominativos dos discos da banda, já presente no "Now What?!". Segundo Glover, a primeira ideia era chamar o disco de "Fawlty Towers", em homenagem ao seriado cômico da BBC, produzido na década de 70, estrelado por John Cleese (Monty Python). Depois, Gillan veio com a sugestão do "Whoosh!", que agradou mais. A primeira lembrança que me veio à mente quando soube do nome foi o disco "Home", do Procol Harum, que tem lá um "Whoosh!" no meio da capa. A banda australiana The Stroppies lançou um disco em 2018, com o mesmo título que, curiosamente, abre com uma faixa chamada "Nothing at all". Tenho certeza que não houve plágio nesse caso, pois essa banda é desconhecida até mesmo na Austrália. Desconhecidos até mesmo na rua onde eles moram.

Capa dos discos do Procol Harum e da famosíssima banda australiana cujo nome me ainda me lembrarei e, acredite se quiser, o falcão peregrino é o animal mais rápido do mundo, chegando a 200 milhas por hora. Whoosh!

Capa

A arte principal do belo pacote gráfico (capa, letras, logotipo, diagramação) foi feita pelo estúdio italiano jekyll & hyde (em minúsculo mesmo). Eles são novos na área da música. Seu portfolio tem apenas mais um disco, além do Purple. Uma daquelas curiosidades que só os fãs doentes reparam é que este é o único disco de estúdio da banda que não traz o título impresso na capa. O logotipo utilizado para o nome da banda é uma reestilização do primeiro, utilizado em 1968. No site dos designers italianos tem uma pequena animação mostrando a evolução de um para o outro. Seria essa mais uma evidência do fim do ciclo?
Conceito: A





Astronautas em capas de disco não são novidade. Por exemplo, o mais novo disco de Rick Wakeman, "The Red Planet" (jun.20) traz um. Indepententemente do tema não ser original, a execução da arte do "Whoosh!" ficou muito boa. A capa do single, que traz uma ilustração frontal do astronauta, me lembrou a do disco "You're not Alone" (1978), do Roy Buchanan, excelente (tanto o disco quanto o Roy).

As faixas

Airey/Ezrin/Gillan/Glover/Morse/Paice, com exceção de *And the address*

Throw my bones

A primeira faixa resume a tônica do disco. Boa música, instrumental perfeito, letras coerentes. Como estamos acostumados a faixas de abertura fortes, esta fica um pouco aquém. O álbum vem separado em dois atos. O Ato I vai da primeira até a sexta faixas (*Step by step*). O segundo ato engloba as seis faixas seguintes (não inclui a bônus). Aparentemente, é só

um jeito de dividir os lados A e B do vinil, pois não identifiquei nenhuma lógica por trás desse agrupamento.
Nota: 8

Drop the weapon

Aqui começa uma série de cismas d'O Eremita, que acha que algumas faixas deste álbum fazem referência a músicas de outros discos, em uma espécie de retrospectiva da obra da banda, ou seja, mais uma indicação que o ciclo se fecha. Esta faixa, por exemplo, me lembra uma que o Gillan já citou publicamente como uma de suas preferidas, *Hazzle Dazzle*. Entre as duas, prefiro a mais recente. Uma letra desamarmentista de Gillan, lúcida e sensata, ainda mais nestes tempos.
Nota: 7

We're all the same in the dark

Outra letra, digamos, política de Gillan, desta vez apontando para a questão do racismo: *todos somos iguais no escuro*. A parte musical não coloca esta entre as melhores do disco, embora, como as demais, tem suas qualidades e pode acabar entre as preferidas de alguém.
Nota: 6

Nothing at all

Já citei diversas vezes que a banda sempre se dá bem quando envereda para o lado do Rock progresssivo. Esta é mais uma prova. Um riff clássico, que lembra os tempos de "Purpendicular". O solo de Airey é brilhante. Gillan encaixa na letra "platitudes and pleasantries" (banalidades e gentilezas), conversando com a Mãe Natureza (The old Lady). Ambientalismo, de novo. A melhor de todas.
Nota: 9

No need to shout

A primeira nota emitida pelo teclado de Airey não pode deixar de ser uma referência à *Perfect Stranger*, na minha banal opinião. Outra das melhores do álbum. A cozinha segura um excelente riff. Airey saca bem um solo de piano honky tonky, que contrasta com o restante da música. A letra? Definitivamente política. Vejam reprodução abaixo:

> ***Classic Rock 278 (CR) - Há algumas letras engraçadas nele (no "Whoosh"). Em 'No need to shout', você canta: "Você fica aí em seu palanque, destemido, pregando como um leiloeiro demente."***
>
> **Gillan - É uma detonada nos políticos.**
>
> ***CR - Alguém em particular? Boris? Trump?***
>
> **Gillan - Na verdade, não. Eles são todos inúteis. Eles vêm cheios de idealismo e vigor e em cinco anos eles estão falando bobagem. É o mesmo com músicos.**

Outro trecho nada sutil em que Gillan demonstra sua admiração pelos políticos está no verso "*what a bunch of trash you got, exuding from your ass*" (algo como "*que monte de lixo você tem, exalando da sua bunda*").
Nota: 9

Step by step

O andamento e a melodia lembram *The Purpendicular Waltz* (segue meu devaneio com essa coisa das referências), só que desta vez, com desvantagem em relação à antiga. Morse e Airey valorizam a música com ótimos solos. Desta vez, não percebi mensagens na letra. Parece mais um exercício do Gillan em ajeitar palavras que caibam na cadência da melodia.
Nota: 7

What the what

Título indecifrável (dentro dos meus mirados conhecimentos de inglês), para um Rock'n'Roll básico, cuja letra trata do momento em que o grupo se reuniu com Ezrin para gravar o álbum. Uma das menos inspiradas do disco.
Nota: 6

The long way round

Lá vou eu, de novo – a melodia desta me lembra *The mule*. Outra: a letra cita *I would not get trashed again*. Com todo respeito, boa música, mas a gente sempre espera muito do Purple e esta não arrebata.
Nota: 6

The power of the moon

Outra com aura de Rock progressivo, outra bola dentro. Outra das melhores. Levada tranquila, com belas harmonias vocais.
Nota: 8

Remission possible

Rápida (tanto no andamento quanto na duração) instrumental conduzida pelo Hammond de Airey. Título interessante. Entretanto, sem muito a entregar.
Nota: 6

Man alive

O início é muito bem arranjado, com Airey criando um fundo para o dedilhado de Morse. Um daqueles riffs que eu chamo de sombrios. Pode ser definida como a música central do disco, pois seu tema é o esgotamento do planeta e a eminente extinção do homem (*a Mãe*

Natureza adora um aspirador..., declama Gillan). A palavra final da letra é o momento em que Gillan sentencia nosso destino: *Whoosh.*
Nota: 8

And the address
Blackmore/Lord

Ideia do Bob Ezrin, mais uma evidência que o recado é: chegamos ao último álbum, é o fim de uma era gloriosa. A primeira faixa do primeiro disco, do longínquo 1968 é regravada. A original já não era das mais iluminadas e a regravação não fugiu muito do arranjo anterior. Mesmo assim, Glover e Paice quebram tudo.
Nota: 6

Dancing in my sleep

Faixa creditada como bônus, mas que está em todas as mídias, tendo a letra sido incluída no livreto que acompanha o disco. Airey usa um *sequencer* (o efeito que faz o som inicial). Roger entra com um baixo bem swingado. Uma música que busca certo ar de modernidade, lembrando um pouco momentos de discos solo do Gillan. Não é daquelas que decolam.
Nota: 6

Complementos

Assi como foi feito para o "Infinite", resolvi separar os complementos por tipo de mídia, tantos são os derivados desta nova obra do Purple:

(a) Discos

Existem várias versões do novo disco. Em CD são, basicamente, duas: a normal e a chamada "Limited edition". Aqui cabe um comentário sobre o lançamento da Shinigami Records, que vem suprindo o mercado brasileiro com vários lançamentos da família Purple, incluindo o "Whoosh!", que saiu por aqui no mesmo dia do lançamento mundial. A

Shinigami colocou à disposição os dois tipos de CD, sendo que a "Limited Edition" vale muito mais a pena. Além do CD normal, traz um DVD com uma conversa entre Glover e Ezrin e o show de 2017 no Hellfest (veja mais a seguir). A edição nacional é bem caprichada, no formato batizado de "digipac" (imagino que todos saibam do que se trata), contendo um livreto com as letras e fotos. Em termos de vinil, existem diversas versões, incluindo discos coloridos que brilham no escuro! Três singles derivaram do lançamento principal: *Throw my bones*; *Man alive* e *Nothing at all*. Outro item que saiu como bônus em uma versão especial em vinil é a gravação de três músicas extraídas de um show no Rio de Janeiro, em 2017.

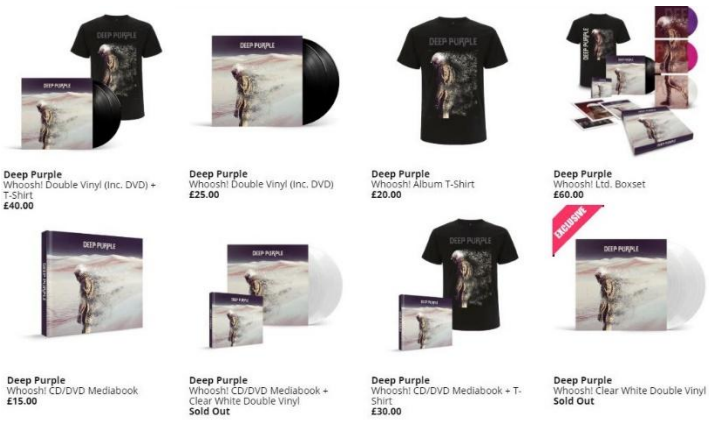
(b) Vídeos

São vários os vídeos oficiais que a gravadora Edsel produziu. Três são clips de faixas do álbum: *Throw my bones*; *Man alive* e *Nothing at all*. Os três trazem a figura do astronauta alienígina que passeia pela Terra contemplando a destruição do ambiente pelo homem. O de *Nothing at all* tem um quê da iconografia da Hipgnosis, lembrando imagens típicas das usadas pelo Pink Floyd. Mas, o recado ecológico é o mesmo. Tirante os clips, temos mais seis vídeos: (1) um tutorial de como tocar *Man alive* na guitarra, apresentado pelo Steve Morris, com discreta participação de seu cachorro; (2) um entitulado "Creating the album", com declarações dos Ians sobre, adivinhem, a criação do álbum, sendo que Gillan aparece de cartola (!), em uma possível provocação a Blackmore; (3) uma das sessões de ensaio de *Throw my bones*, em um formato ainda preliminar, só instrumental; (4) uma entrevista feita por meio de vídeo-conferência em duas partes, com dois fãs da banda, um dinamarquês e um inglês, com a presença simpática e bem humorada de Glover e Airey. Muito interessante. Entre os muitos assuntos abordados, um que mais me chamou a atenção é que o Glover disse que recentemente recebeu os masters do "Rapture of the Deep" e que ele prentende remixá-lo, pois não ficou contente com o produto final; (5) uma conversa em estúdio entre Glover e Ezrin, em que eles repassam faixa a faixa o novo disco, às vezes individualizando o áudio de um dos instrumentos (ou do vocal). Tem por volta de uma hora de duração e é muito legal. Não tem legendas, nem em

inglês, nem em português, o que é uma pena. Este vídeo integra o DVD que vem de bônus na já referida "Limited edition" do CD, assim como o próximo; (6) finalmente, uma hora de show do Purple no Hellfest de 2017, na França. Parte desse show havia saído no Blu-ray do "Infinite". O Purple se apresenta durante o dia, em um palco enorme, bem distante da plateia. Dá para ver que o público fica meio paradão quase o tempo todo, apesar da grande apresentação da banda. Como sempre, aliás.

Imagens extraídas dos vídeos citados: Gillan com a cartola (possivelmente um presente do amigo Ritchie) e Bob Ezrin, conversando no estúdio com Glover. Ao lado, imagem de divulgação do vídeo de *Nothing at all*, com sua estética "pinkfloydiana".

Ao lado, imagem extraída do clip de *Throw my bones*; abaixo, dois exemplos de como explorar o merchandising ao limite, com opções das mais variadas para se adquirir o álbum; segue também reprodução do cartaz do Hellfest 2017, origem do vídeo que acompanha a edição dupla em CD, conforme ilustração do selo externo da embalagem, mostrada ao final.



No alto, anúncio no site da gravadora brasileira Shinigami Records, que lançou o álbum simultaneamente ao resto do mundo (novamente, os fãs do Purple agradecem!); abaixo, capa da revista Classic Rock italiana destacando o lançamento do "Whoosh!". Na versão inglesa veio um CD de brinde (capa ao lado), com *Throw my bones; Birds of prey* e *Strange kind of woman*, as duas últimas gravadas ao vivo no Rio, em 2017. Por fim, uma das muitas imagens promocionais do álbum envolvendo a figura do astronauta. Dizem que quem vestiu o traje todo o tempo foi o ministro Marcos Pontes, em uma colaboração anônima.

Capitulo 25
Turning to crime

Turning to crime

Mark VIII

Sem nota

1. 7 and 7 is (2:28)
2. Rockin' Pneumonia and the Boogie Woogie Flu (3:15)
3. Oh Well (4:21)
4. Jenny take a ride! (4:36)
5. Watching the river flow (3:02)
6. Let the good times roll (4:22)
7. Dixie chicken (4:43)
8. Shapes of things (3:40)
9. The battle of New Orleans (2:51)
10. Lucifer (3:45)
11. White room (4:53)
12. Caught in the act (7:49)

Produção: Bob Ezrin
Gravação final: Anarchy Remote Records
Engenheiros: Julian Shank e Bob Ezrin
Capa: jekyll & hyde
Lançamento: Novembro de 2021
Gravadora/Selo: Edel/Ear Music
Lançamento no Brasil: Novembro de 2021

Visão geral

Apesar das várias pistas contidas em "Whoosh!", ele não foi o último disco do Purple. Em plena epidemia de Covid, com o mundo todo em regime de confinamento, deram um jeito de gravar mais um álbum. Foi o produtor Bob Ezrin quem instigou a coisa toda. Se, por um lado, a tecnologia permite que cada músico grave sua parte separada e remotamente, por outro, o *modus operandi* da banda tem sido o de gerar

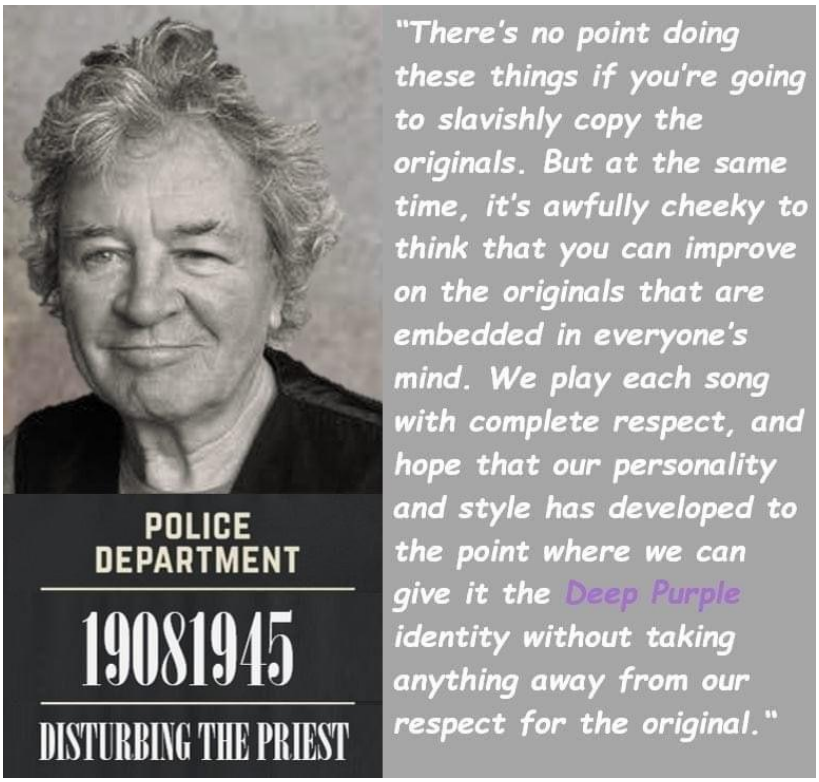
as composições a partir de ensaios e trocas de ideias em conjunto, reunidos em estúdio, o que era impraticável naquele momento. A saída foi regravar músicas de outros. Cada integrante fez uma lista das suas candidatas a receberem uma leitura "Purple". A lista chegou a 50 e, com a direção de Ezrin, chegaram ao repertório final, que rendeu 13 faixas. Segundo Gillan, nenhuma das que ele listou entrou. Por meio de troca de mensagens e arquivos, o processo de juntar as partes e dar o acabamento final coube a Ezrin, tarefa que levou por volta de seis meses. Ou seja, foi um disco "de estúdios" (ai...).

Eu já expressei minha opinião sobre a gravação de covers em outras oportunidades, principalmente no randômico blog "Rock Brado", ocasiões em que comentei que não via muito valor em regravações que seguiam à risca a versão original. Gillan, que entende um pouco mais de música do que eu (atenção desatentos, isto é ironia!), soltou a seguinte nota (tradução gaiata d'O Eremita): *Não vale a pena fazer essas coisas se você vai copiar os originais servilmente. Mas ao mesmo tempo, é terrivelmente atrevido pensar que você pode melhorar os originais que estão embutidos na mente de todos. Tocamos cada música com total respeito e esperamos que nossa personalidade e estilo tenham se desenvolvido a ponto de podermos dar a ela a identidade Deep Purple sem tirar nada do nosso respeito pelo original* (bilhete reproduzido a seguir).

Sabemos que gravar covers não é inédito na história da banda. Eles eram numerosos no começo da carreira, quando gravaram versões muito boas (*Hush*; *Help!*) e outras sofríveis (*River deep, mountain high*, por exemplo) e foram escasseando com o passar do tempo, surgindo, basicamente no repertório dos shows.

A escolha das músicas ficou dividida em covers improváveis e outros manjados.

São nove músicas de origem americana e apenas três inglesas, fora o medley. A "paternidade", ou seja, quem foi o responsável por cada escolha não ficou completamente definida, mas algumas foram declaradas.



No final, temos um disco extremamente agradável, mais uma contribuição da banda à boa música e um produto digno de figurar na discografia do Purple.

Mais uma vez cumprimento a gravadora Shinigami Records, que lançou a edição brasileira concomitantemente à Europa, com uma qualidade igual à produção internacional.

Título

Qual seria o significado do título, "voltando-se para o crime" (ou coisa assim)? Seria considerado um crime a banda mais criativa do Rock gravar covers? Ou o crime foi lançar disco novo em plena pandemia? Ou, ainda, uma mera brincadeira, que serviria bem a arranjos gráficos de arte e de divulgação? Um título que dá margem a, pelo menos, três interpretações é porque acertou o alvo. Em uma entrevista, Glover esclareceu tudo: quando perguntou ao Gillan o que ele faria durante a quarentena, ele respondeu "Sei lá, acho que vou entrar para o crime".

Capa

Os americanos chamam as fotos de prisioneiros fichados de *mug shots*. São os *mug shots* dos músicos a principal peça de divulgação do álbum e que formaram a capa. Nas placas de identificação dos prisioneiros (fotos ótimas!), algumas brincadeiras, como na do Gillan, que traz "Sing Sing", um dos vários trocadilhos e brincadeiras presentes nos detalhes do

encarte, como, por exemplo na ficha do Paice em que ele preenche à pergunta "Nome:" "Sim, eu tenho um!". Os rostos dos músicos voltaram à capa, fato que não ocorria desde o "Come Taste the Band".

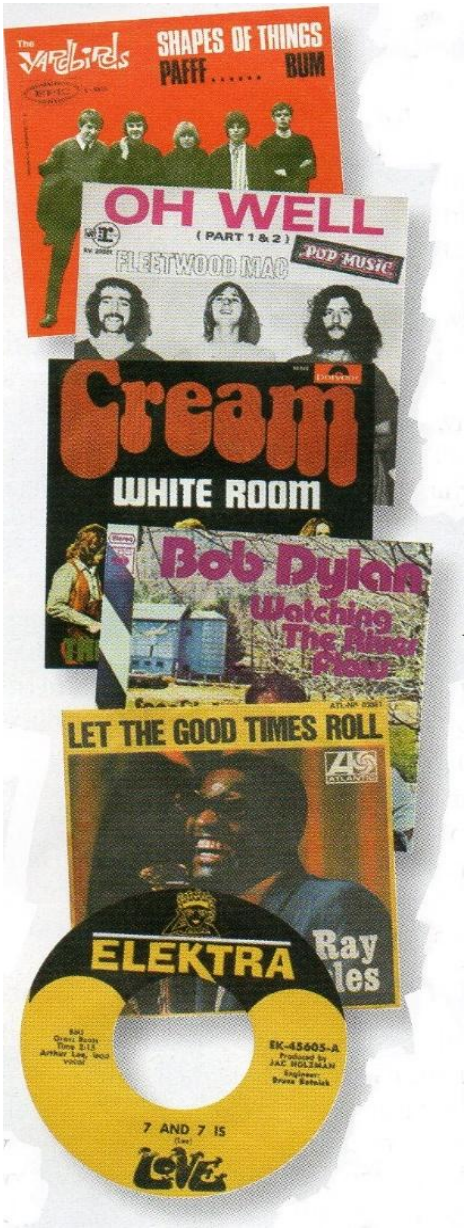
O encarte não traz as letras, mas tem fotos e pistas humorísticas interessantes para serem analisadas com atenção. A execução coube novamente ao estúdio italiano jekill & hyde, que havia feito um ótimo trabalho no "Whoosh!" e aqui repete a dose.
Conceito: B

As faixas

Por não serem criações da banda, não atribui notas a cada faixa neste disco.

7 and 7 is
Arthur Lee

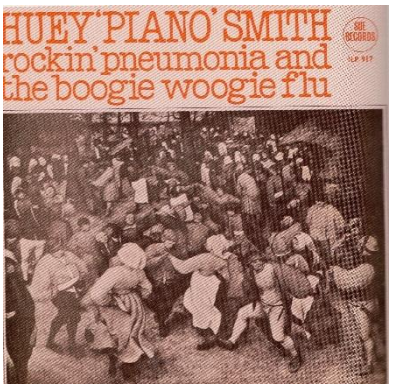
Nos anos 70 eram os jornais ingleses Sounds e Melody Maker que guiavam a moda musical, determinando quais bandas ou músicos deveriam ser seguidos pelos outras mídias e público, como se tivessem um cetro e o usassem para batizar os músicos: "de agora em diante e pelo tempo que eu quiser vocês serão os caras quentes do momento". No Brasil, respeitosamente, se abaixava a cabeça e a ordenação era cumprida. Nos anos 2000, a coisa do batismo continua, só que agora são as revistas Uncut e Mojo quem têm o cetro. E eles decidiram que a banda Love entraria para o ranking dos "sons maneiros", sabe-se lá sob qual critério. Pois bem, ao contrário de alguns servos brasileiros, eu fui ouvir o Love. Não gostei.



Recorte extraído da revista Classic Rock, com as capas dos singles originais das faixas regravadas pelo Purple.

Isto é, pela expectativa criada, achei que ia conhecer uma banda revolucionária e maravilhosa. O som deles nada mais é do que Pop psicodélico, que é dureza de ouvir direto. Uma ou outra música pinçada aqui ou ali, até que é digerível. A escolhida para abertura do álbum pelo Purple é uma das que descem sem muito esforço, muito mais pela interpretação da banda. Paice esmigalha. Ficou muito melhor e, no fim, tornou a música muito mais interessante. Essa, por sinal, é uma regra neste disco. Alice Cooper e Rush são dois que também fizeram covers desta música. Como visto no início do Capítulo, cada músico deu seus palpites sobre as canções que receberiam as versões. Esta foi culpa do Glover. Foi a primeira a ser divulgada, em um clip em que os músicos são filmados individualmente, cada um fazendo sua parte em um estúdio diferente.

Rockin' Pneumonia and the Boogie Woogie Flu
Huey "Piano" Smith



A segunda faixa foi uma escolha bem mais divertida. Gravação dos anos 50, que já recebeu vários covers, com destaque para o gravado pelo Aerosmith, um pouco mais pesado do que o do Purple, que seguiu mais de perto o arranjo original, incluindo a presença de metais. Airey faz um solo e tanto, soltando um trechinho do riff de *Smoke on the water* no final. Também teve um clip produzido, seguindo o espírito da música, ou seja, bem divertido, contando a saga de um piano que tocava sozinho e enxertando várias referências sobre a banda. O quadro do Glover sobre o incêndio no Casino está nele. Exames atentos vão encontrar mais um monte de alusões. Uma das melhores do disco.

Oh Well
Peter Green

Escolha de Steve e a única uninamidade entre as escolhas da banda. No já referido álbum ao vivo do Purple, no Hammersmith Apollo, ele toca parte do riff em seu solo. Foi a primeira música gravada pelo Fleetwood

Mac e ela se tornou paticamente uma instituição do Blues inglês. Muita responsabilidade regravá-la, ainda mais que as várias covers registradas até então não conseguiram impregnar a tensão e o contraste entre a suavidade do violão de Peter Green e o peso da banda acompanhando depois. Só que a missão estava nas mãos de mestres e, como sempre, não teve erro. Um tributo digno e honrado. Foi a terceira a ser divulgada antes do lançamento do álbum e também foi acompanhada de outro videoclipe bem humorado, com os cinco músicos se passando por uma banda de mafiosos que saem roubando as músicas dos outros, com participação de sósias de Ray Charles, Bob Dylan e dos próprios Macs, na onda do conceito de "virando pro crime". Podem colocar esta também na lista das melhores.

Jenny take a ride!
Bob Crewe; Enotris Johnson; Richard Penniman

Uma das menos conhecidas do repertório, teve uma cover pelos irmãos Johnny e Edgar Winter e é uma música curiosa. Na opinião deste leigo e meigo escriba, ela é uma junção da tradicional *C.C. Rider* com *Jenny Jenny*, de Little Richard (tanto que seu nome, Richard Penniman, foi incorporado aos créditos). Foi gravada por Mitch Ryder & The Detroit Wheels em 1965. Tem um solo matador de Don Airey, começando com um boogie e emendando com um breve diálogo com o Morse. Versão correta, bem executada, como não poderia deixar de ser, mas um ponto médio do disco.

Watching the river flow
Bob Dylan

Outro registro que consta no agorafóbico blog "Rock Brado" é que eu não consigo ouvir Bob Dylan por Bob Dylan. É óbvio que ele tem músicas boas, mas seus arranjos e, principalmente, sua voz, me irritam com uma força forte. Não é à toa que muitos covers de Bob Dylan ficaram muito, muito melhores do que as gravações originais. Esta música foi escolha de Glover, que gosta da versão que Leon Russel (ele produziu e participou da gravação original) registrou anos mais tarde, mais puxada para o Blues. A do Purple seguiu o andamento da primeira gravação, mais rápida. É

mais um exemplo de memória afetiva. Quando se aplica à música, surgem casos como este, em que o valor estético em si é secundário. O que pesa são as recordações e sentimentos que a música carrega na experiência pessoal. Aparentemente, esse tipo de escolha é que orientou todo o disco, pois algumas músicas não têm atrativos suficientes para recebem regravações, como é o caso desta. Voltando à faixa: nem é preciso comentar que ficou melhor do que as duas, mas vou comentar assim mesmo - ficou melhor.

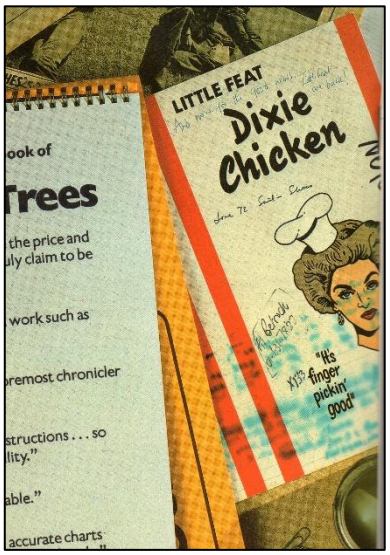
Let the good times roll
Fleecy Moore & Sam Theard

Esta é a música mais antiga entre as escolhidas para este álbum. A primeira gravação é de Louis Jordan and His Tympany Five, em 1946. Também é a que tem mais regravações, com mais de 180 covers, sendo o mais conhecido a de Ray Charles, músico que é citado na letra da versão original. A do Purple segue o primeiro registro, com acompanhamento de metais e o mesmo andamento. Gosto muito de ouvir o Gillan cantar músicas fora do contexto da família Purple, como neste caso. É mais uma forma dele mostrar sua capacidade interpretativa. E ele deita e rola nas inflexões. Os solos de teclado (Airey que escolheu esta) e guitarra não constam da versão original e aqui são executados com perfeita adaptação ao restante do arranjo. Coisa de gente com muita estrada nas costas.

Dixie chicken
Lowell George & Fred Martin

O Little Feat é uma banda curiosa. Tem ligações com Frank Zappa e Captain Beefheart, mas seu som pouco lembra essas influências, embora seja uma mistura de muitos elementos, com um viés comercial, como é o caso desta música, uma das suas mais conhecidas. Lá fora, porque no Brasil o Little Feat nunca foi muito comentado. Muitas de suas composições foram regravadas por músicos de variados estilos. Gillan não gravou nenhuma, mas incluiu *Let it roll* no repertório de alguns de seus shows como

artista solo. Apesar disso, foi uma sugestão de Morse. Não vejo nada de especial em *Dixie Chicken*. Provavelmente mais uma escolha por memória afetiva. Por outro lado, serve como mais uma prova que os experientes músicos do Purple navegam bem em qualquer tipo de ritmo e conseguem sempre entregar um produto agradável aos ouvidos, como neste caso.



Shapes of things
James McCartey; Keith Relf & Paul Samwell Smith

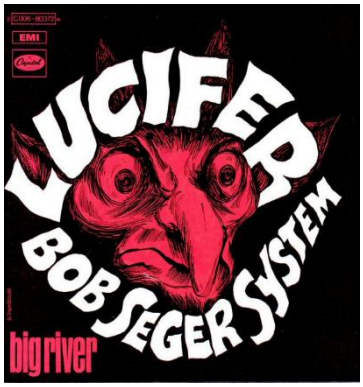
Ao lado de *White room*, são as duas músicas mais conhecidas entre as escolhidas (fora o medley). *Shapes of things*, primeiro sucesso dos Yardbirds, tem várias versões, entre elas as de Gary Moore e do Rush. Paice usou uma marcação mais direta, ao invés da batida marcial da versão original, que procurava pontuar o caráter anti-bélico da letra (que não era propriamente um exercício de clareza). Uma parte sensível seria a guitarra, pois o solo de Jeff Beck na primeira versão foi muito marcante. Mas Steve fez um grande solo, sem ficar devendo nada ao velho mestre. A versão do Purple deu uma modernizada na gravação original, que ficou um pouco datada.

The battle of New Orleans
Jimmy Driftwood

A batalha de New Orleans realmente aconteceu (1812) e foi entre os Estados Unidos e a Inglaterra, que pretendia tomar um teco das terras americanas. A música é bastante conhecida, os americanos costumam usá-la em filmes e eventos esportivos. A letra e o ritmo tratam o assunto com leveza. Curiosamente foi gravada por um representante do lado derrotado, o inglês Lonnie Donegan, artista muito ouvido por Gillan e Glover na adolescência (foi a gravação de Donegan que inspirou Gillan a regravar *No more cane on Brazos*). A versão do Purple é rápida, dançante e divertida. Traz um fato inusitado – Roger Glover é o vocal

principal, em sua primeira experiência nesse posto em sua história na banda.

Lucifer
Bob Seger



Foi Morse quem a indicou. Provavelmente a menos conhecida entre as músicas escolhidas para este álbum. Tanto que a única regravação é esta do Purple. Não é de se estranhar, ouvindo a versão original. Não que seja algo intragável, mas é uma música que não tem nada de especial. Não chamaria a atenção nem se estivesse em uma coletânea do próprio Bob Seger. Para comprovar, dei uma verificada em quatro coletâneas oficiais dele e *Lucifer* não está em nenhuma delas. Uma demão de tinta púrpura acabou por dar uma impressão melhor à obra. Tinta fosca, não brilhante.

White room
Jack Bruce & Peter Brown

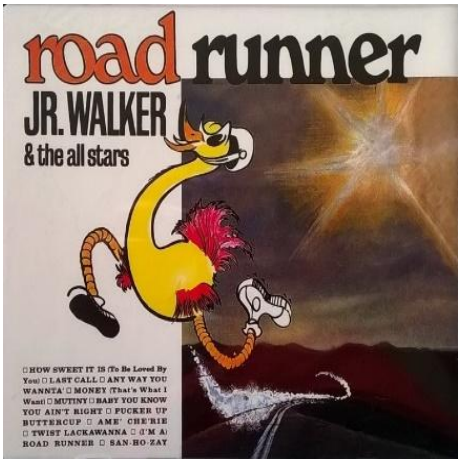
Competir com o Cream é uma tarefa para bravos. Nossos velhos ídolos se saíram bem. Steve Morse segue Clapton no uso do wah-wah. O Cream lançou *White room* em agosto de 1968. No mês seguinte, o "Shades" era lançado. Por isso, não é de se estranhar que a produção supere a original, pelo tempo decorrido entre os dois registros. Exceto por esse aspecto, a versão do Purple é bem próxima da gravação original, o que é bom, porque é difícil mexer em algo que está bem resolvido por todos os lados. Mais uma que estava na lista de Glover.

Caught in the act
Don Nix (Going down); Stephen Cropper, Lewie Steinberg, Al Jackson Jr. & Booker T. Jones (Green Onions); Gregg Allman, Howard Allman, Richard Betts, Claude Trucks, Raymond Oakley & Johnny Johnson (Hot 'Lanta); Jimmy Page, Robert Plant & Jake Holmes (Dazed and Confused); Stephen Winwood, Muff Winwoof & Spencer Davis (Gimme Some Lovin')

Antigamente esse tipo de faixa em que as músicas vão se conectando sem interrupção era chamado de *pot-pourri*. Fica mais chique usar o termo

inglês, *medley*. Ou então, poderíamos tentar o equivalente português – miscelânea. Enfim, esta faixa é uma espécie de oficialização dos *encores* dos shows, quando a banda se deixa levar pelos improvisos instrumentais. *Going down* começou a entrar no shows na época da MK III; *Green onions* é outra que vira e mexe aparece nos improvisos ao vivo e, como foi citado no comentário do "The Batlle Rages On", serviu de inspiração para *Ramshackle man*. Depois temos um trecho de uma música do Allman Brothers, seguida de *Dazed and confused*, devidamente creditada a Page, Plant e Jake Holmes, este último o verdadeiro autor da música, apropriada pelo Led. O conjunto de músicas e o disco terminam com capricho, com uma música que gosto muito, *Gimme some lovin'*, em versão cantada.

Complementos

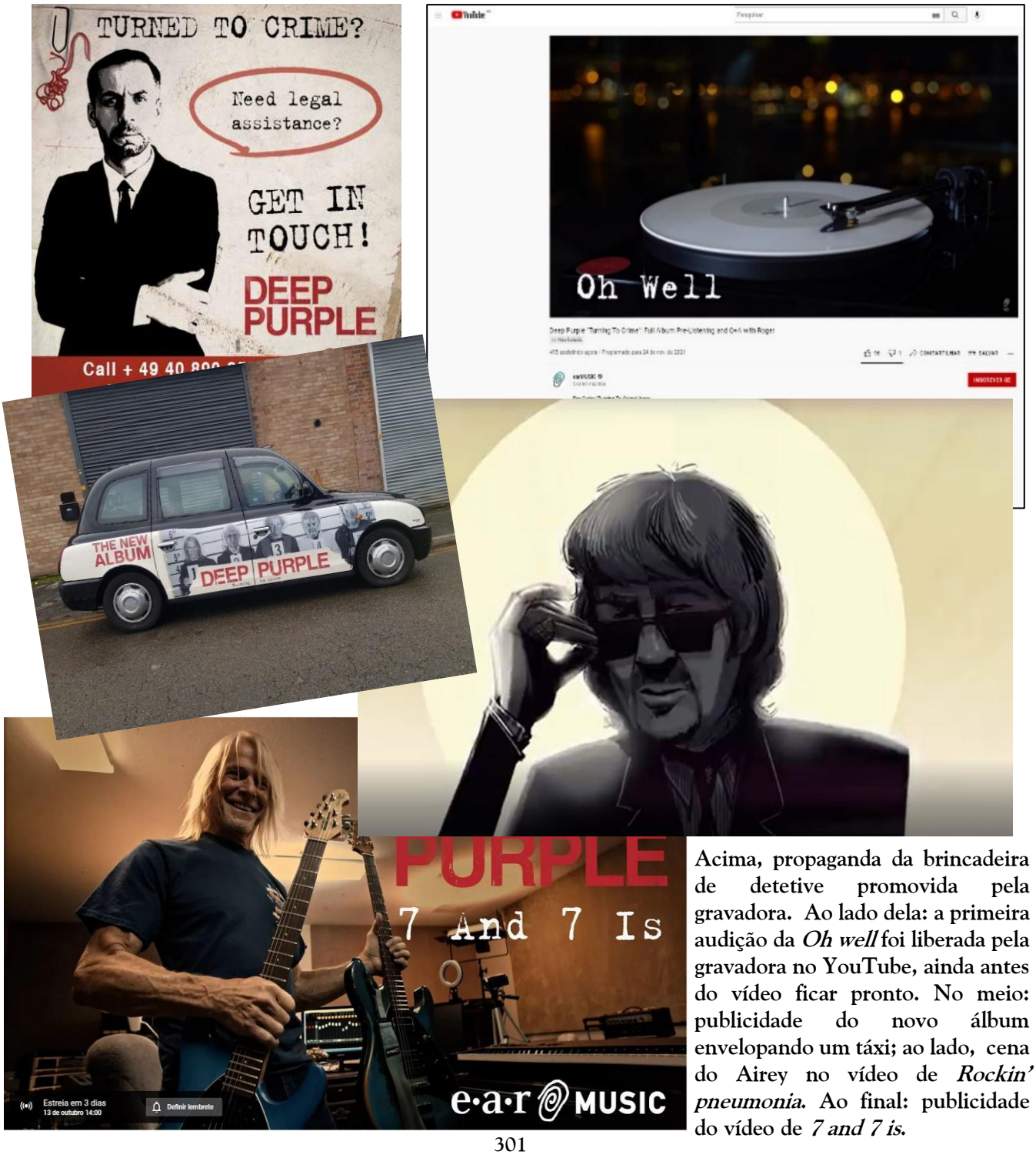


Seguindo a rotina dos últimos álbuns da banda, o que não faltou foi uma batelada de itens extras. A começar pela música *(I'm a) roadrunner*, do trio de compositores Holland-Dozier-Holland. A original teve algum sucesso em 1966 com Junior Walker & The Allstars. Essa faixa foi liberada de início para download a quem havia se inscrito no site do Purple. Agora está disponível no dispendioso e inacessível (pelo menos para eremitas) box-set, que traz o álbum original dividido em cinco discos de vinil e o DVD "Locked Up", com um documentário sobre a confecção do disco.

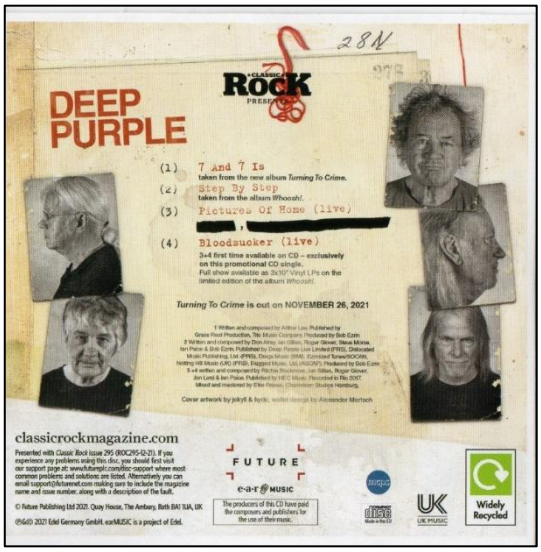
Da mesma forma que ocorreu com "Now What?!", foi inserido no site oficial uma contagem regressiva para o lançamento do disco, iniciada em 03 de setembro de 2021. Além dessa, foram várias as ações de marketing, como o uso intensivo de cartazes na Europa, em ônibus, estações de metrô e táxis, lançamento de vídeos e até uma brincadeira de detetive, do tipo "descubra as pistas e ganhe um prêmio", que rolou no site da gravadora.

Até onde pude acompanhar, não houve compactos derivados do álbum. Algumas faixas foram divulgadas com antecedência, mas em forma de vídeos.

Foram muitos os vídeos produzidos para instigar os fãs. Três trazendo faixas do álbum e muitos como aperitivos do que viria pela frente. Os vídeos produzidos a partir das músicas do disco foram, pela ordem, *7 and 7 is*, *Oh well* e *Rockin' pneumonia and the boogie woogie flu*.

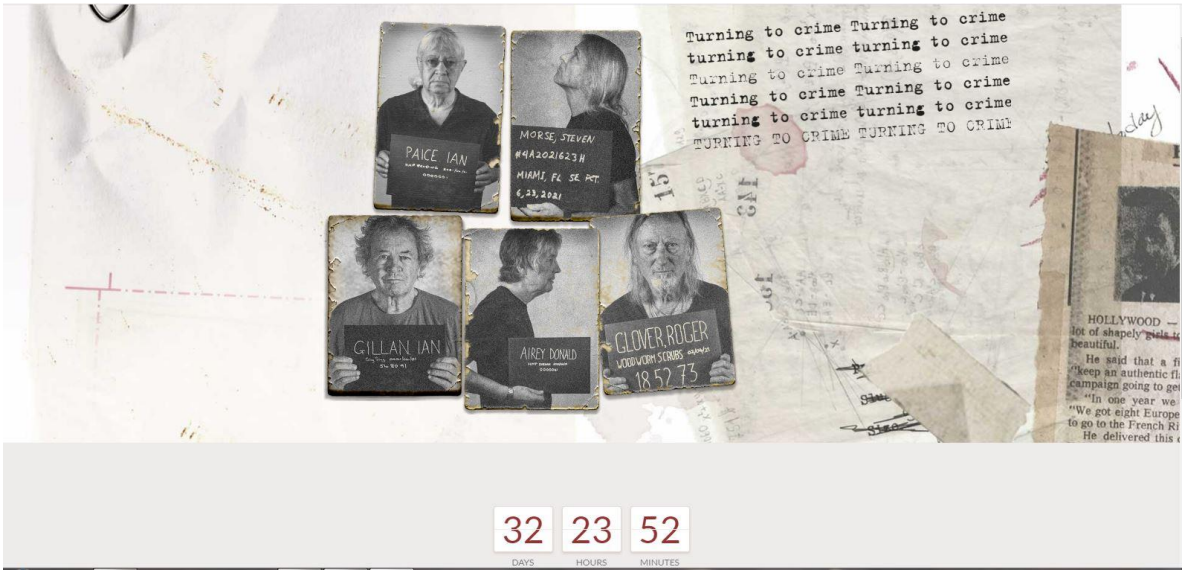


Acima, propaganda da brincadeira de detetive promovida pela gravadora. Ao lado dela: a primeira audição da *Oh well* foi liberada pela gravadora no YouTube, ainda antes do vídeo ficar pronto. No meio: publicidade do novo álbum envelopando um táxi; ao lado, cena do Airey no vídeo de *Rockin' pneumonia*. Ao final: publicidade do vídeo de *7 and 7 is*.



Capa da revista Classic Rock 295, que destacou o Purple e seu novo lançamento e que trouxe um CD encartado ("A Taste of Crime", contracapa acima), contendo *7 And 7 is*; *Step By Step* (versão do "Whoosh!"); *Pictures of home* e *Bloodsucker* em versões ao vivo. Abaixo: pacoteira de itens derivados do "Turning to Crime".

A mais recente moda entre os veteranos do Rock para defender um cachê e ainda se divertir: cruzeiros marítimos com shows de Rock a bordo. O Deep Purple também aderiu, como pode ser visto na propaganda acima. Ao lado, publicidade da Shinigami Records, mostrando que o disco novo vendeu bem por aqui. Abaixo dela, capa do DVD "Locked Up", ainda não assistido pelo Eremita. Vi apenas um pitaco que foi postado no YouTube para instigar os fãs a desembolsar mais uma grana (maldito marketing!). Abaixo, um instantâneo da contagem regressiva postada no site oficial da banda.



A saída de Steve Morse e a entrada de Simon McBride

Em julho de 2022 o Deep Purple anunciou a saída de Steve Morse. Ele havia se afastado em março para cuidar de sua esposa, Janine, que estava em tratamento contra o câncer. Alguns meses depois veio a confirmação de sua saída definitiva, pois o Purple iria partir em mais uma excursão pelo mundo, o que exigiria que ele se mantivesse afastado da família por um período muito longo. Infelizmente ela faleceu em 4 de fevereiro de 2024. Steve foi o guitarrista de maior permanência no Purple e sua intensa colaboração para a produção da banda foi um dos fatores que manteve o grupo unido durante tanto tempo. Gillan também perdeu sua esposa, um pouco antes. Bron Gillan faleceu em 19 de novembro de 2022, de problemas cardíacos.

O substituto de Morse foi mais uma escolha natural, a exemplo do que aconteceu com Don Airey. Simon McBride já era da turma, pois havia trabalhado com Gillan e Airey, conforme citado anteriormente.

A banda voltou a excursionar. A primeira apresentação com o novo guitarrista foi em Israel, em 22 de maio de 2022, na Menora Mivtachim Arena (cartaz abaixo, ainda com Morse na foto).

FOR MORE NEWS: WWW.CLASSICROCKMAGAZINE.COM

INSIDE THE WORLD OF ROCK

the DIRT

Steve Morse (left) and Ian Gillan with Deep Purple. The guitarist brought a lot to the band, both musically and personally.

Morse's Purple Exit Permanent

Guitarist Steve hands over to Simon McBride.

Steve Morse is to step away from Deep Purple, ending 28 years as the guitarist with the group. Back in April, Morse took leave of absence from the band's touring commitments to look after his wife Janine, who is battling cancer. It was understood, or at least hoped, that he would be returning. To that end, Purple brought in Simon McBride – the Irishman was a good fit, having previously worked in the solo bands of both singer Ian Gillan and keyboard player Don Airey – to fill in temporarily. Purple's current tour began in Tel Aviv back in May. Now, however, a lengthy statement from the band reveals that Morse is to leave Deep Purple permanently.

"Last Autumn, I left the Purple writing session in Germany because my wife was having a real medical crisis," Morse explains. "Almost a year later, we are learning to accept stage four aggressive cancer, and chemo treatment for the rest of her life.

"Both of us miss being at shows, but I simply couldn't commit to long or far-away tours, since things can change quickly at home," he continues. "I suggested lining up a substitute guitarist last autumn, hoping for the miraculous cancer cure all of us have heard about [but] as time went by I could see the way things were heading."

Resigned to the fact that he has played his last show with Purple, Morse has added to the generous praise already received by McBride.

"I know that Simon has the gig nailed already," he says. "But I'm now handing over the keys to the vault which holds the secret of how Ritchie's [original version of] *Smoke On The Water* intro was recorded. I guess you have to jiggle the key just right, because I never got it open."

McBride recently told *Classic Rock*: "It would be lovely if Ritchie [Blackmore] gave me his blessing. But am I worried if he doesn't? No. Joe Satriani [Deep Purple's guitarist in 1993/94, having replaced Blackmore after his final exit from the band] gave me his blessing, so that's good enough for me. That's my childhood hero, so it's like the hand of God saying: 'You're okay.'" Satriani had earlier hailed the introduction of McBride as "a great call".

During Morse's more than quarter-century with Purple, they recorded eight studio albums: *Purpendicular*, *Abandon*, *Bananas*, *Rapture Of The Deep*, *Now What?!*, *Infinite*, *Whoosh!* and the covers collection *Turning To Crime*.

"In circumstances like these it's normally difficult to find the right words," Gillan says in the statement. "But not in the case of Steve Morse; I know what I want to say.

"Steve came from a different background to the rest of us in Deep Purple, and yet his musical genius has been somehow compatible and played a big part in the fresh direction adopted by the group when he made his first album with us in 1996, and then onwards, enjoying the longest incumbency of any Deep Purple guitarist and contributing to the longest unchanging line-up, which started when Don Airey replaced Jon Lord – who retired in 2002 – until the present day.

"I got to know Steve as a very kind man, full of ideas and the patience to see them developed. He would say: 'You never know until you try it.' We sure had some fun debating that approach, but mostly in good humour and he always gave as good as he got. Steve has a legacy with Deep Purple that can never be forgotten, and that smile will be missed. It would be wrong to comment on his personal circumstances, suffice to say he's in a bad place right now but dealing with it bravely. We all admire his devotion."

Drummer Ian Paice, the longest-serving member of Purple, added: "From the moment Steve joined Purple, it was obvious he could open up new musical possibilities for us. Like most great creative musicians, he has the ability to come up with musical ideas that no one else has thought of. He's always thinking outside the box'. Not many of us can do that."

> **"Steve inspired us, his contribution and legacy in this band is beyond words."**
>
> **Roger Glover**

Bassist Roger Glover added: "During the early 1980s, whilst on tour with Rainbow in Germany, I heard *Go For Baroque* by [one of Morse's previous bands] the Dixie Dregs on a car radio. Captivated, I immediately bought *Unsung Heroes*, and then Steve's first solo album. What a guitar player. Never could I have dreamed that twelve years later we would be in a band together.

"He's a teacher, he inspired us, me in particular, with his energy, encouragement and wisdom, and his contribution and legacy in this band is beyond words," Glover added. "Janine needs him now, and my best wishes and thoughts go out to them. He will be missed but our friendship will remain."

Keyboard player Don Airey commented: "Thanks Steve for being such a shining light both musically and personally to me over the last few – 20! – years. All I can do is wish you and Janine the best for the future. Hopefully we'll see you down the road a-piece."

The group's statement concluded: "There will be no further comment from the band. We kindly ask that Steve and Janine's privacy is respected and to keep them in your thoughts at this time." **DL**

'Deep Purple's twice-postponed five-date UK tour, with special guests Blue Öyster Cult, is scheduled to begin in London on October 20.

Acima: nota da revista "Classic Rock" sobre a saída de Morse. Ao lado: cartaz de turnê inglesa, com a mais recente formação. Abaixo: o Purple novamente no Brasil, desta vez em 22 de abril de 2023, participando do "Monsters of Rock".

Capitulo 26
= 1

= 1

Mark IX

7,5

1. Show me (3:59)
2. A bit on the side (4:10)
3. Sharp shooter (3:44)
4. Portable door (4:48)
5. Old-fanged thing (4:08)
6. If I were you (4:42)
7. Pictures of you (3:51)
8. I'm saying nothin' (3:28)
9. Lazy sod (3:40)
10. Now you're talkin' (4:05)
11. No money to burn (3:21)
12. I'll catch you (3:20)
13. Bleeding obvious (5:50)

Produção: Bob Ezrin
Gravação: Noble Street Studios, Toronto
Engenheiros: Jill Zimmerman, Justin Cortelyou e Anthony Yordanon
Capa: Phillip Hentges, Eike Fietje e Palos Santos
Lançamento: Julho de 2024
Gravadora/Selo: Edel/Ear Music
Lançamento no Brasil: Julho de 2024

Visão geral

Esta versão da Discografia está sendo escrita em fevereiro de 2026. Nesta ocasião, a idade dos músicos do Deep Purle é a seguinte: Ian Paice, 77 anos; Ian Gillan, 80; Roger Glover, também 80; Don Airey, 77 e o novato, o garoto da banda, Simon McBride, 46. O Deep Purple está com 57 anos de existência!

Eles continuam excursionando, compondo, gravando discos, fazendo vídeos, comparecendo a eventos promocionais, enfim, exercendo suas profissões até que as forças lhes permitam. Isso seria, por si só, uma grande lição de vida. Mas, eles vão além, fazendo tudo com grande competência, bom gosto, cuidado e respeito ao seu público. Compõem músicas tocando instrumentos de verdade, sem truques e sem se render a modismos. A vitalidade parece uma das consequencias da diversão que eles têm em fazer boa música. Este disco foi lançado em 2024 e pode não ser o último. Que banda!

As trocas anteriores de guitarristas (Bolin e Morse) resultaram em discos revolucionários, considerando o estilo de música predominante nos álbuns da banda. Desta vez, a entrada de McBride gerou um disco sem novidades em termos estéticos, mas um dos melhores do Purple. Seu estilo não é personalizado o suficiente para que distinguamos sua guitarra às primeiras notas. Seus trabalhos anteriores também não geraram repercussão. Mas, ele provou neste disco, estar à altura da banda.

Título

Equal to one, ou seja, igual a um. Essa foi a escolha para o título. Não podia ser mais simples. A campanha publicitária tinha entre suas peças uma frase matemática complexa e assustadora, cujo resultado era igual a um. Em entrevistas Gillan disse que a ideia era mostrar quão complicado o mundo vinha se tornando e o seu desejo de retorno à simplicidade.

É um sábio exemplo de filosofia de vida, buscarmos sempre simplificar a forma de tratar as coisas e as relações em nosso dia a dia, pois se optarmos pelas complicações, podemos nunca mais nos livrar delas.

Capa

A capa seguiu o conceito da simplicidade. Fiquei pensando o tempo que levou e o quanto o estúdio gráfico ganhou para produzí-la. O livreto ainda traz algum tipo de trabalho, baseado em ilustrações que lembram o tecido muscular humano e cinco bolas brancas com jeito de planetas, tudo em preto e branco. Alguém acha que, por ser simples, tem que ser feio?
Conceito: D.

As faixas

Airey/Gillan/Glover/McBride/Paice/Ezrin

Show me

Faixas de abertura impactantes deixaram de ser uma tradição nos álbuns do Purple. Esta é mais uma que não causa sequelas nos maxilares à primeira audição. A introdução e o final da guitarra são bem criativos. Boa música, mas eu não a colocaria como a primeira do disco.
Nota: 7

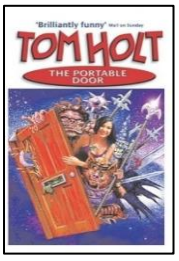
A bit on the side

A fórmula dos velhos tempos foi usada aqui, sem soar repetitiva ou datada. Base pesada, ótimos solos de Airey e McBride, melodia envolvente.
Nota: 8

Sharp shooter

Uma das fracas do disco. Não empolga. Exemplo de que usar a antiga fórmula nem sempre dá certo.
Nota: 6

Portable door



Uma das escolhidas para divulgar antecipadamente o disco e uma das minhas preferidas. Segundo declarou McBride, ela surgiu naturalmente nos ensaios, em dez minutos. Levada à la *Pictures of home*, mas com personalidade própria.
Nota: 9

Old-fangled thing

80 anos nas costas e ainda fazendo Rocks rápidos e pesados? Bons, ainda por cima? Aqui está! Eu poria esta para abrir o disco.
Nota: 9

If I were you

Citei algumas vezes nesta Discografia que gostaria de ver o Purple fazendo um som mais para o Prog do que para o Hard. Queimei os dedos, porque este disco trouxe coisas pesadas e muito boas. Entretanto, temos aqui um exemplo de que os mestres artesãos são peritos tanto no peso quanto na suavidade. Mais uma bela balada, adornada com um riff grudento (no bom sentido).
Nota: 7

Pictures of you

A segunda (não pela ordem) música divulgada previamente e outra entre as melhores. A letra de Gillan comenta as fotos manipuladas que as pessoas postam nas redes sociais e que pouco lembram os rostos verdadeiros.
Nota: 8

I'm saying nothin'

Esta se junta à *Sharp shooter* e à *Bleeding obvious* formando o trio das destoantes em um disco de repertório forte. Nada de errado com elas, são apenas opacas.
Nota: 6

Lazy sod

Mais uma (de novo, não pela ordem) a ir à público antes do lançamento oficial do álbum. Novamente o Gillan faz menção à sua preguiça, o que parece ser um absurdo, pela gigantesca produção artística nesses 80 anos. Mais uma faixa clássica para a longa lista da banda.
Nota: 8

Now you're talkin'

Mais uma rápida? Sim! É boa? Sim! Rock'n'Roll de veteranos, com uma letra que parece descrever uma suruba. Das duas, uma: ou saiu da memória ou da imaginação, afinal, haja ânimo pros velhinhos... No meio tem uma frase de guitarra que devemos agradecer por ter sido criada. O Rock não poderia ter ficado sem ela!
Nota: 8

No money to burn

Temos aqui, novamente, o protocolo completo muito bem cumprido para se obter um Hard Rock de primeira linha: bom riff, bom desenvolvimento, bom vocal, bons solos.
Nota: 7

I'll catch you

A melhor do disco! Outra balada, mas essa me deixou arrepiado. Gillan arrasa no vocal. Belíssimo solo de McBride. Melodiosa, climática, tocante e com um riff garymooriano. Encantadora.
Nota: 9

Bleeding obvious

O início é impactante, mas depois perde a força, apesar da bela ponte. Posso estar ouvindo coisas, mas me lembrou em alguns techos o estilo do Rush. Envererar pelos caminhos do Prog, sim. Mas, não assim.
Nota: 6

Complementos

Já virou tradição – a cada disco novo uma série de itens de mídia satélites do álbum original são produzidos, incluindo as peças de marketing. Conforme a data do lançamento oficial se aproximava, o site da banda publicava anúncios no estilo contagem regressiva, seguindo o grafismo escolhido para o disco e explorando aquela expressão matemática maluca cujo resultado é igual a um.

Uma campanha de marketing alternativa foi divulgada pelo Eremita, tendo como protagonista Nino, o cachorro mais inteligente do mundo. Ela pode ser acessada pelo link:

https://drive.google.com/file/d/11DKfPDWMXzMDywVUzvq7f6Tnm3CNpuUV/view?usp=sharing

O álbum teve dois singles derivados, com faixas do novo disco e inéditas ao vivo. Seguem os detalhes:

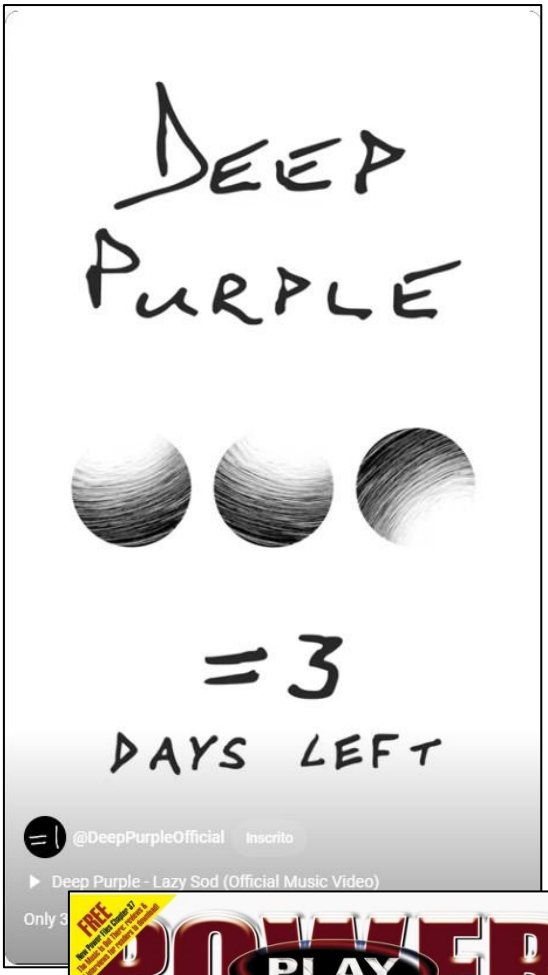
- **"Pictures of you": (A)** ***Pictures of you*** **e** ***Portable door*****; (B)** ***When a blind man cries*** **e** ***Uncommom man*** **(ambas ao vivo em Milão, 17.out.22.**

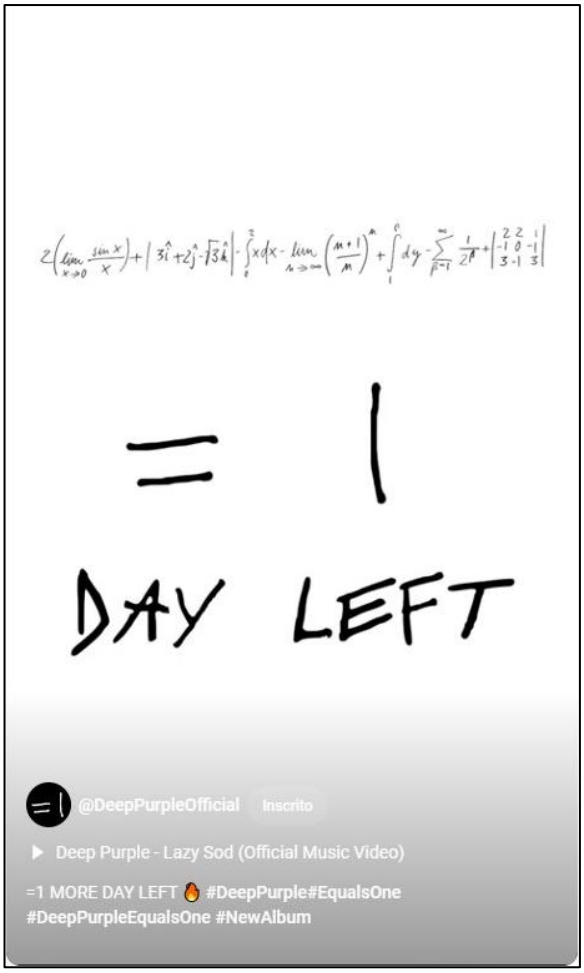
- **"Lazy sod" (A)** ***Lazy sod*****; (B)** ***Highway star*** **(ao vivo em Milão, 17.out.22) e** ***Lazy*** **(ao vivo em Sofia, Bulgaria, em 29.mai.22.**

Entre os itens para colecionadores, dois são os destaques. O primeiro, mais simples, é a edição que vem acompanhada do documentário em DVD "Acess all Areas", que teve alguns pequenos trechos divulgados no YouTube ao longo da campanha de lançamento do disco. O segundo é a caixa que traz uma série de badulaques, como camiseta, palhetas e cordão porta crachá, além de música, é claro. O álbum original vem em vinil e em CD. Mais três discos em vinil de 10" acompanham o pacote, contendo gravações ao vivo inéditas da turnê de 2022 em Milão e Sofia, complementando as que saíram nos singles. O documentário em DVD também faz parte da caixa.

Foram produzidos vídeos para as músicas ***Portable door*****, lançado bem antes do disco (30.abr.24);** ***Lazy sod*** **e** ***Pictures of you*****. Os três são simples, mostrando a banda dublando as músicas, sem grandes produções.**

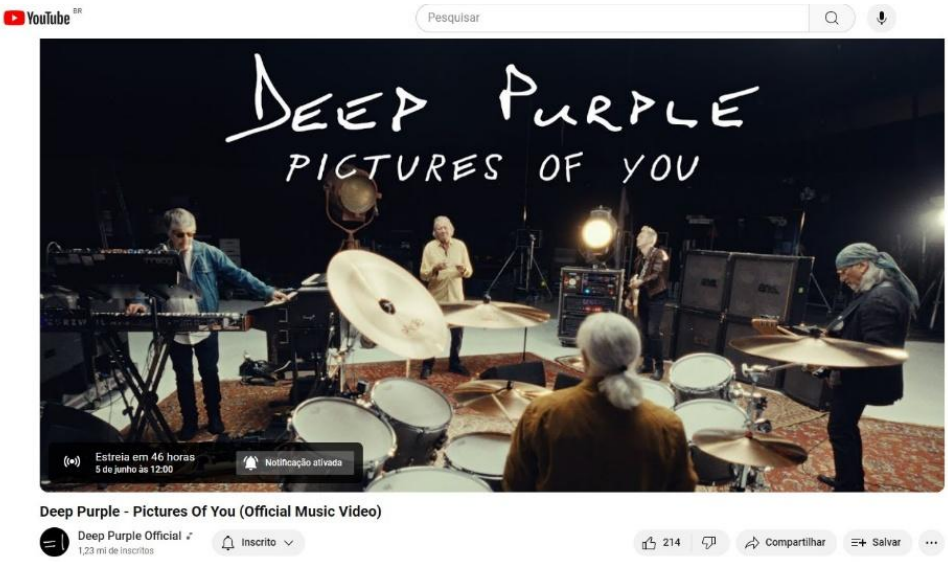
Publicidades dos mais recentes shows do Purple no Brasil: 13 de Setembro de 2024, em apresentação única em São Paulo e dias 14 e 15 de Junho de 2025, no Festival Best of Blues and Rock, no Parque do Ibirapuera, também em São Paulo.



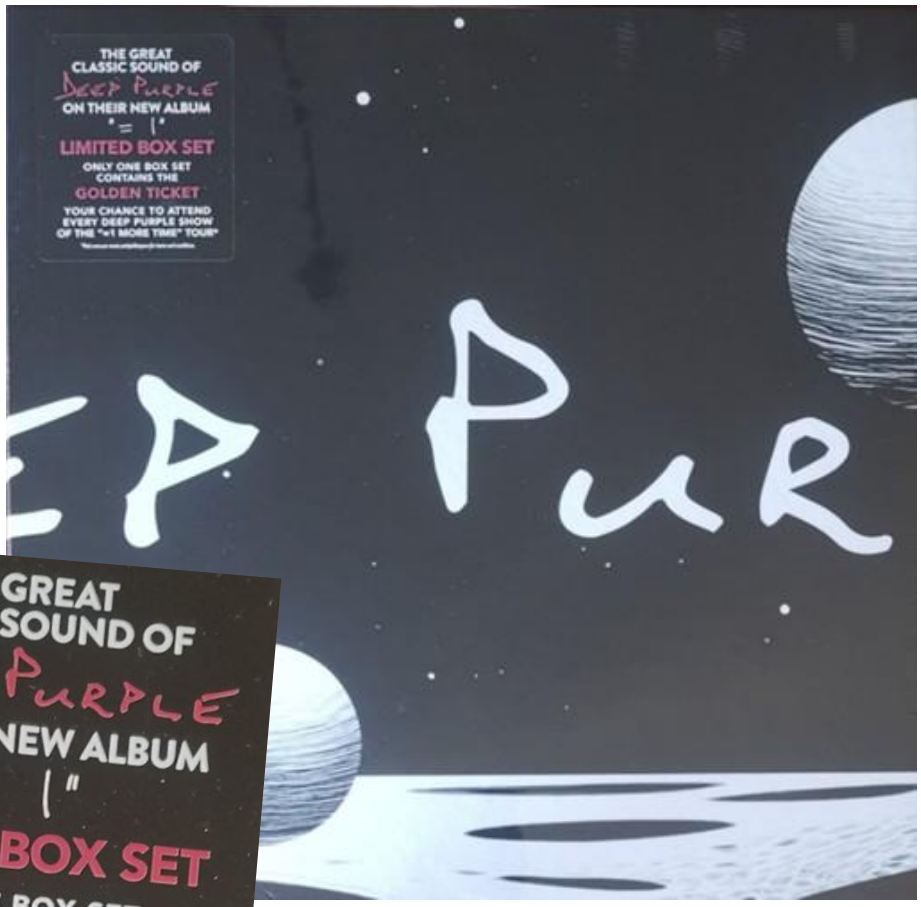


Acima: reproduções de contagens regressivas para o lançamento no "= 1", sendo que na direita temos o resultado da equação usada na publicidade do álbum (em escala maior abaixo). Tive que recorrer a matemáticos para confirmar se essa expressão maluca, uma mistureba de vetores, integrais e matriz resultava mesmo em um. Confirmado: dá um mesmo. Ao lado, a revista inglesa "Powerplay", de Julho de 2024, dedicando sua capa ao Deep Purple.

$$2\left(\lim_{x\to 0}\frac{\sin x}{x}\right)+\left|3\hat{i}+2\hat{j}-\sqrt{3}\hat{k}\right|-\int_0^2 x\,dx-\lim_{n\to\infty}\left(\frac{n+1}{n}\right)^n+\int_1^e dy-\sum_{\beta=1}^{\infty}\frac{1}{2^\beta}+\begin{vmatrix}2&2&1\\-1&0&-1\\3&-1&3\end{vmatrix}$$



Acima: capas de dois dos singles derivados do "= 1". Ao lado, imagem inicial do vídeo de *Pictures of you*, publicado dias antes do álbum. Abaixo, edição especial que veio com um DVD com cenas de bastidores, entrevistas e outras coisas e que levou o nome usado anteriormente em um dos vídeos do pacote de 2008 "Around the World Live".



O pacotão: caixa contendo três singles, mais o álbum em vinil e em CD, livreto, camiseta, palhetas e porta crachá. A curiosidade fica por conta de um "cartão dourado" (sim, à la Willy Wonka!) que, se encontrado, daria direito a assistir a todos os shows da turnê "=1 More Time".

Parte III – Outras coisas

Capitulo 27
Balanço dos conceitos e notas

Muitas coisas da nossa realidade são inexplicáveis. A mania dos Rockeiros por listas é uma delas. Listas são ótimas para alimentar discussões. Ninguém concorda com uma lista alheia. Eu, como Rockeiro orgulhoso e praticante, também gosto e faço minhas listas. Um texto como este, com notas e conceitos, é uma usina de listas. Pois, vamos a elas.

As melhores músicas

A lista das que receberam nota dez neste texto, sendo consideradas obras-primas irretocáveis, tem 20 músicas, conforme mostrado abaixo (em ordem alfabética):

- All the time in the world
- A simple song
- Bloodsucker
- Burn
- Child in time
- Highway star
- Knocking at your back door
- Lazy
- Mistreated
- Perfect strangers
- Pictures of home
- Place in line
- Smoke on the water
- Soldier of fortune
- Sometimes I feel like screaming
- Speed king
- Stormbringer
- The purpendicular waltz
- This time around
- Time for bedlam

Trinta e cinco faixas receberam nota 9, ou seja, foram consideradas excelentes. São elas (ordem alfabética, de novo):

- A gypsy's kiss
- Anya
- Anyone's daughter
- A touch away
- Bad attitude
- Birds of prey
- Fireball
- Flight of the rat
- Fools
- Hold on
- I' catch you
- Into the fire
- Lady double dealer
- Living wreck
- Love child
- Mad dog
- Maybe I'm a Leo
- Might just take your life
- Nasty piece of work
- Never before
- Nobody's home
- No need to shout
- No one came
- Not responsible
- Nothing at all
- Old-fangled thing
- Portable door
- Sail away
- Space truckin'
- The surprising
- Walk on
- Wasted sunsets
- Woman from Tokyo
- You fool no one
- You keep on moving

Temos, então, duas listas reunindo 55 dos melhores Rocks da história. Caso uma gravadora decidisse fazer uma coletânea séria e representativa sobre o Purple, teria que contemplar grande parte desse conjunto de músicas. Uma curiosidade: das 55, foram compostas 29 pela Mark II (mais da metade). Cá entre nós, que somos fãs, que outra banda tem um repertório desses, hein?

A classificação dos discos

Quais são os cinco melhores discos do Deep Purple? E o pior? Essas perguntas que há tanto tempo atormentam a humanidade estão respondidas a seguir, na lista em ordem decrescente das médias das notas atribuídas pelo

Eremita, lembrando que o "Turning to Crime" está fora, pelo motivo já explicado.

1º) Machine Head: 9,6
2º) In Rock: 9,3
3º) Perfect Strangers: 8,7
4º) Burn: 8,6
5º) Fireball: 8,3
6º) Purpendicular: 8,1
7º) Come Taste The Band: 7,9
8º) Who Do We Think We Are: 7,7
9º) Stormbringer: 7,6
10º) = 1: 7,5
11º) House Of Blue Light: 7,2
12º) Now What?!: 7,1
13º) The Battle Rages On, Infinite e Whoosh!: 7,0
16º) Bananas: 6,7
17º) Rapture of The Deep: 6,4
18º) Abandon: 6,0
19º) Deep Purple: 5,9
20º) Book Of Taliesyn: 5,6
21º) Shades Of Deep Purple: 5,4
22º) Concerto For Group And Orchestra: 5,0
23º) Slaves And Masters: 4,5

As melhores capas

Só três receberam o conceito "A": "Stormbringer", "Infinite" e "Whoosh!".

Com conceito "B" temos nove capas, conforme a lista em ordem alfabética a seguir:

- **Abandon**
- **Bananas**
- **Burn**
- **Deep Purple**
- **In Rock**
- **Machine Head**
- **Now What?!**
- **Rapture of the Deep**
- **Turning to crime**

As listas e o gráfico

Uma banda com uma obra tão preciosa é um veio que produzirá ainda muito dinheiro para os empresários do entretenimento. Uma das minas, contudo, está secando. A agonia do CD está diminuindo gradativamente o derrame de coletâneas no mercado. A exemplo dos discos ao vivo, coletâneas do Deep Purple existem aos montes, mundo afora. Uma coisa interessante de se fazer é comparar os repertórios das coletâneas com a lista das 50 músicas listadas anteriormente. Isto é, interessante, mas não para eu fazer. Segue como sugestão para aquela noite de insônia. Se a leitura deste texto não o fizer dormir, o caso é grave. A última saída, então, é seguir minha sugestão e fazer a comparação entre as coletâneas e o "Top 50" listado pelo Eremita. De cara, pelo menos duas diferenças aparecerão: *Black night* e *Strange kind of woman* não estão na lista, pois não fazem parte de nenhum LP, mas são frequentadoras ponta-firme das coletâneas. Outras possíveis ausências: *Demon's eye* e *Emmaretta*. Ambas nem tanto pela qualidade. A primeira por causa da substituição que os americanos (e brasileiros) fizeram no LP "Fireball" e a segunda por ser lado B de compacto. A outra não pontuada neste texto e que aparece em coletâneas é *When a blind man cries*. Esta, entretanto, entra pelos dois motivos: qualidade e por ser lado B, não presente em LPs oficiais.

O gráfico a seguir, batizado de "Quadro VI" para atender às normas da ABNT de numeração de adereços em textos irrelevantes, traz outra linha do tempo. Desta vez, temos o lançamento dos discos ao longo dos anos e a respectiva pontuação atribuída de forma rigorosamente subjetiva pelo Eremita. Dá para ver pelo gráfico como na maioria da vida do Purple o Teorema de Glover funcionou, de fato. É um tal de sobe e desce o tempo todo, exceto pelo final em que, infelizmente, a banda entrou em regime de estabilidade em um nível intermediário. Conforme explicado, o "Turning to Crime" ficou sem nota e, portanto, não aparece no gráfico.

Quadro VI – os discos ao longo do tempo e as respectivas médias das notas atribuídas pelo Eremita

O Deep Purple nas paradas

Mais uma lista? Calma lá! Desta vez só reuni e coloquei em ordem as informações citadas no início de cada capítulo a respeito das vendagens e a respectiva posição de cada álbum no índice inglês. Não deixa de ser curioso constatar alguns dados, como, por exemplo, o caso do "Fireball" atingindo o primeiro lugar nas vendas, o que o "In Rock" não conseguiu. De qualquer forma, esses dados tem uma importância relativa, porque os resultados foram obtidos sob circunstâncias e contextos completamente diferentes. Como explicar o sexto lugar do "Infinite" se não existem nem mais as lojas físicas pra comprar CDs? De todo modo, é uma lista, então pau nela!

Posição	Título	Ano	Tipo
1	Fireball	1971	Estúdio
1	Machine Head	1972	Estúdio
1	Deepest Purple	1980	Coletânea
3	Burn	1974	Estúdio
4	In Rock	1970	Estúdio
4	Who Do We Think We Are	1973	Estúdio
5	Perfect Strangers	1984	Estúdio
6	Stormbringer	1974	Estúdio
6	Infinite	2017	Estúdio
10	The House of Blue Light	1987	Estúdio
12	Made in Europe	1976	Ao vivo
14	24 Carat Purple	1975	Coletânea
16	Made in Japan	1973	Ao vivo
19	Come Taste the Band	1975	Estúdio
19	Now What?!	2013	Estúdio
21	The Battle Rages on	1993	Estúdio
23	Live in London	1982	Ao vivo
24	The Mark II Purple Singles	1979	Coletânea
26	Concerto for Group and Orchestra	1970	Ao vivo
30	In Concert	1980	Ao vivo
38	Nobody's Perfect	1988	Ao vivo
39	Very Best of	1998	Coletânea
39	The Platinun Collection	2005	Coletânea
43	Very Best of	2008	Coletânea
45	Slaves and Masters	1990	Estúdio
50	The Anthology	1985	Coletânea
58	Purpendicular	1996	Estúdio
76	Abandon	1998	Estúdio
81	Rapture of the Deep	2005	Estúdio
85	Bananas	2003	Estúdio

Capitulo 28
Discografia complementar

Outro dos fatos inexplicáveis deste mundo é a mania do ser humano de colecionar coisas. Existe algo mais inútil do que colecionar? Exceto se a decisão for como a minha, de colecionar quadros da Mona Lisa (só falta um!), como regra as coleções não têm muita utilidade e nunca são completadas. Você que é colecionador, encare a realidade: você nunca terá todos os chaveiros do mundo (além disso, para quê?) ou todos os selos ou todos os tipos de bigornas já fabricados. E o que acontece na remotíssima hipótese da coleção ser completada? Começa outra? Mas, não adianta querer mudar a esse aspecto ridículo da raça humana. Como os Rockeiros também fazem parte da raça humana (assim imagino), sabemos que, além de listas, adoramos colecionar material de nossas bandas favoritas, principalmente os discos. No caso do fã do Purple, bem, esse está lascado. São discos e mais discos e mais discos e mais alguns discos.

Conforme mencionado em algum lugar, este texto só abordou os discos de estúdio. As coletâneas ficaram de fora porque são inúmeras e pouco relevantes para os fãs. Os discos ao vivo, embora muito relevantes para os fãs, também são inúmeros. Não bastassem os lançados regularmente pelas gravadoras que detém contratos com o grupo, ainda temos as edições especiais de gravadoras alternativas e, o que é quase incrível, a "oficialização" dos discos piratas mais famosos. Os verdadeiros discos pirata, se é que se pode chamar assim, também são em um número espantoso, contados na casa das centenas. Até discos com ensaios foram lançados!

Desse modo, resolvi colocar neste capítulo apenas algumas curiosidades sobre a discografia complementar, para ilustrar a diversidade de lançamentos mundo afora, provando que a decisão de colecionar todos os discos do Deep Purple é algo reservado apenas aos milionários.

Quem tiver maior interesse ou quiser comparar sua coleção com a do Eremita, pode conferir a "Discografia Brasileira do Deep Purple" onde estão reunidos os discos em vinil lançados no Brasil, abrangendo tanto o Purple como as bandas derivadas e carreiras-solo. Mais detalhes no Apêndice, ref. A.2.

Coletâneas

Na já citada Into the Purple Nº 5 (o fanzine que bateu o recorde mundial de encalhe, que pertencia à Into the Purple Nº 4) tem uma matéria sobre as coletâneas do Deep Purple, enfocando as existentes na data da publicação. Tal informação vital pode ser baixada completamente de graça via Internet, seguindo as indicações do Apêndice (ref. A.3). Naqueles idos de 1988, no final do século passado, quando o vinil ainda reinava, já existiam centenas de coletâneas do Deep Purple, deixando os colecionadores malucos. Com a chegada do CD, a coisa desandou. Moral da história: com a exceção das fotos a seguir, o assunto coletâneas para por aqui.

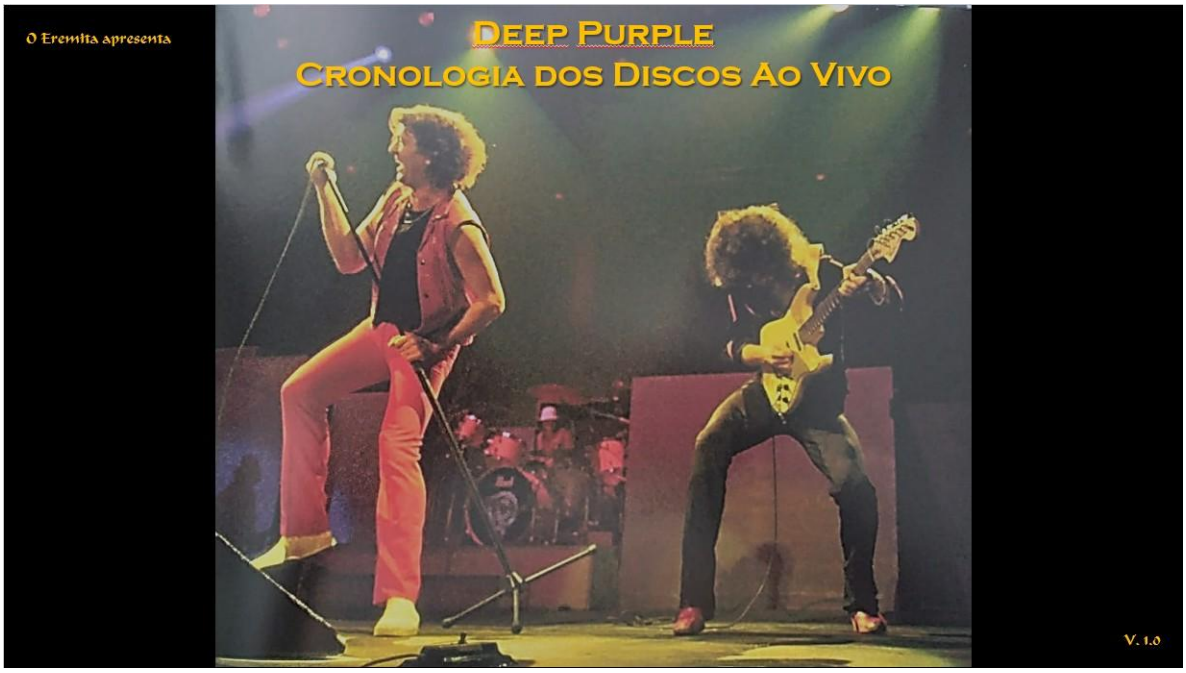
Alguns exemplos: coletânea brasileira em CD; coletânea russa, em vinil, com a lista de músicas no detalhe; frente e verso da edição uruguaia em vinil da "Deepest Purple", com um acabamento incrivelmente pobre (dois pequenos adesivos colados em uma capa genérica); o verso da edição uruguaia do "Powerhouse" e a capa argentina para "Simples: Los Lados A&Bs", ambos em vinil.

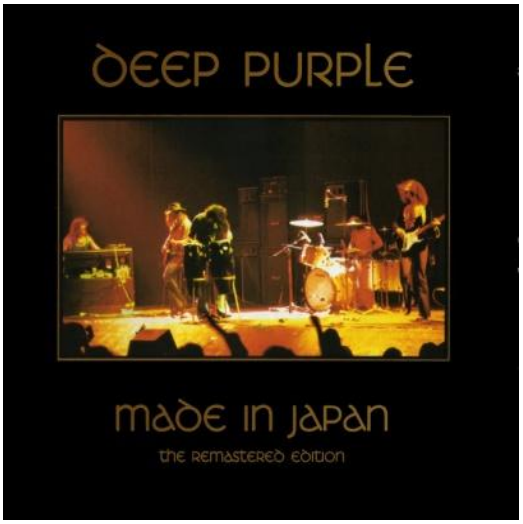
Discos ao vivo

O sucesso de vendas e a qualidade do "Made In Japan" mostraram ao público que o Purple era uma banda que ao vivo rendia tanto ou até mais do que em estúdio e surpreendia com seus improvisos e o comportamento instável de Blackmore. Com isso, os discos ao vivo do Purple vem sendo lançados desde então, sem parar. Existem mais discos ao vivo oficiais do que de estúdio, o que, provavelmente, é um fato único no mundo do Rock.

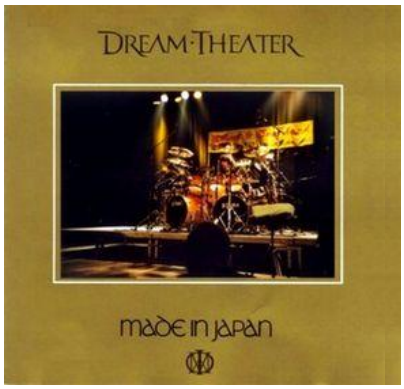
O "Made In Japan" permanece imbatível como melhor ao vivo da banda e, na minha suspeitíssima opinião, o melhor de todos os discos de Rock ao vivo até hoje. Existem outros grandes discos ao vivo do Deep Purple.

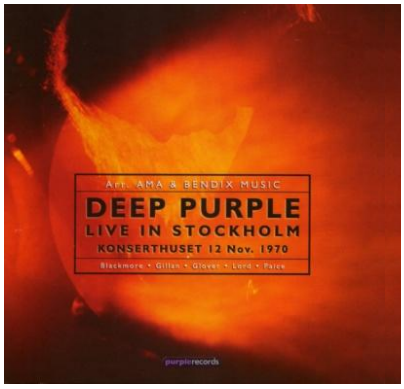
Em fevereiro de 2026 O Eremita publicou "Cronologia dos Discos ao Vivo", comentando todos os álbuns da banda tendo como base a data de gravação e não o ano de lançamento. A Cronologia está disponível nos Arquivos d'O Eremita (link no Apêndice).

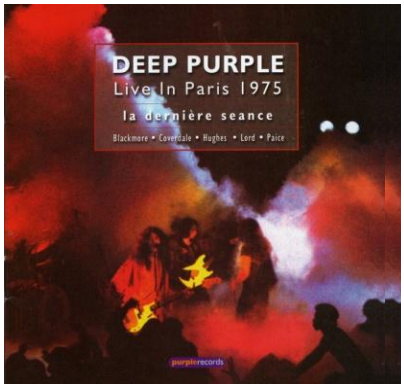


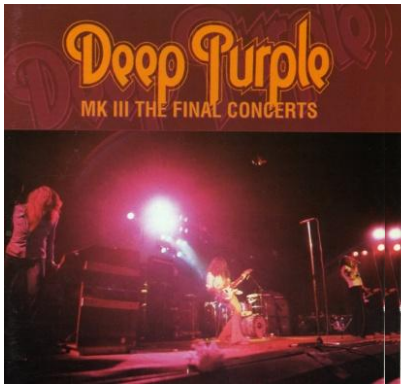


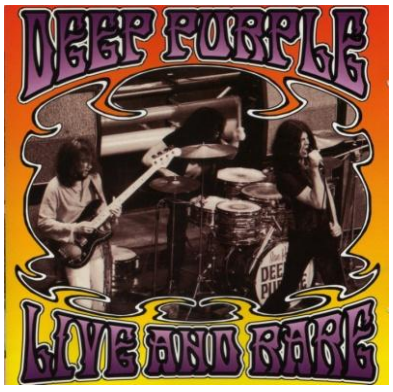
Na linha superior: versão uruguaia do "Made In Japan", que deve ser a campeã mundial de mutilações: a capa é diferente, o disco é simples e a contracapa traz uma foto da MK I (!); em baixo, o triplo do "Made In Japan" (cada CD traz um dos shows daquela turnê). À sua direita, o "Made In Japan" remasterizado, que, a rigor, não traz nenhuma diferença substancial em relação às versões anteriores, uma vez que a qualidade sonora original é excepcional para um disco ao vivo. Ocorre que as gravadoras são insaciáveis em seu objetivo de extrair o máximo de dinheiro possível dos fãs. Um novo exemplo está aí ao lado: uma edição "super de luxo", com uma nova rematerização (desta vez feita no "Abbey Road"...) em um pacotão com cinco discos e penduricalhos gráficos variados, tudo para instigar aqueles fãs que não deixam passar nada, mesmo sem que haja novidades para ouvir, só para ver – e olhe lá (êpa!)!

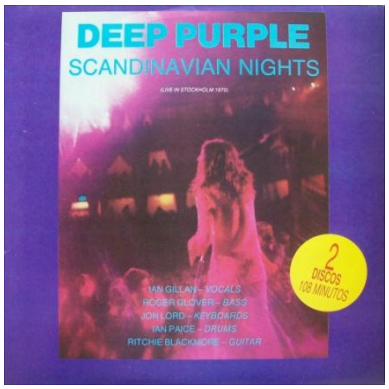


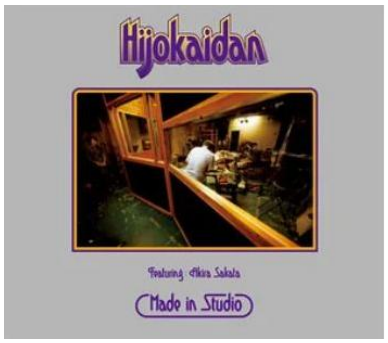










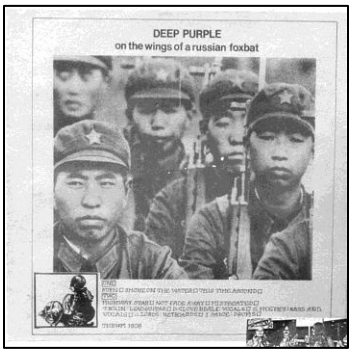


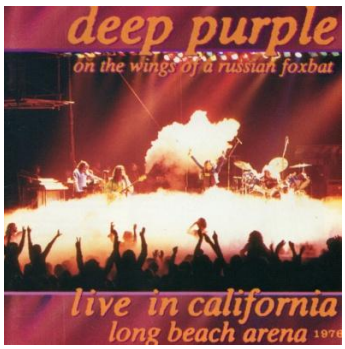
Na primeira linha, uma versão do "Made In Japan" pelo Dream Theater em que até a capa é "cover" (humm...). No meio, mais um ao vivo do Purple no Japão, só que desta vez com a MK IV. Este disco é simples e é muito picotado. Nem mesmo os notoriamente honestos japoneses escaparam de uma sacanagenzinha nos créditos: "Woman from Tokyo" aparece na lista de músicas, mas apenas um pequeno trecho instrumental é executado. Ao lado o CD com a versão completa do show (*) que gerou o disco anterior e que tem uma lista de músicas mais séria. Na linha de baixo, após toda essa coleção de discos no Japão, temos alguns da década de 70 – "Live In Stockholm" e "Live In Paris" (*). Este traz o último show de Blackmore antes de deixar a MK III. Na direita da segunda linha temos o "The Final Concerts", um CD duplo, que é uma expansão do "Made In Europe". Na última linha, o "Live And Rare", que tem o mesmo conteúdo do disco à sua direita, "Scandinavian Nights". Só mudam a capa e o formato – o primeiro é em CD e o segundo em LP. Este show tem várias versões em CDs, com nomes diversos. A reprodução da capa e da contracapa é da edição argentina em vinil . Os dois LPs vem em uma capa simples. Um presente muito gentil do Gibin ao Eremita. Por fim, outra capa que homenageia um disco ao vivo do Purple, desta vez da banda japonesa Hijokaidan, lançado em 2012.

(*) Estes 3 discos faziam parte do catálogo da Biplane Records – mais detalhes na referência B.5 do Apêndice.

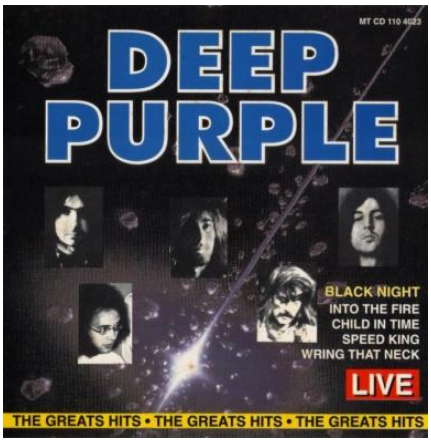
Discos pirata

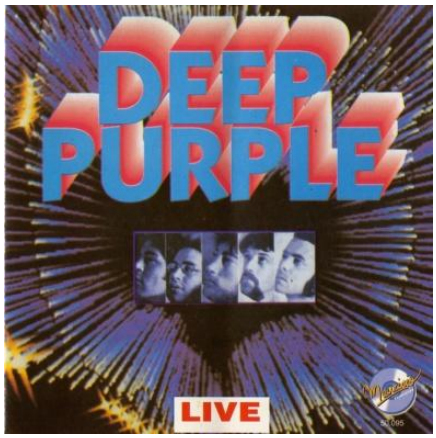
Mesmo todas as opções de discos ao vivo oficiais não impediram que a banda tivesse uma enorme quantidade de piratas editados pelo mundo afora. São por volta de 300 as gravações piratas conhecidas do Purple. Um exemplo forte do interesse que os fãs têm por discos ao vivo é que alguns piratas mais célebres foram oficializados e são comercializados normalmente, sob o selo de uma gravadora regularizada. São vários os exemplos, como o "H-Bomb", de 1970, um disco histórico, por ser o primeiro e um dos seus piratas mais famosos. Ele foi reeditado várias vezes, com outros títulos (como, por exemplo, "Darker than Blue" e "Space Vol. 1 & 2") e em outras edições piratas (a pirataria da pirataria!), até que saiu em edição oficial, sob o nome de "Live In Aachen". Outro caso semelhante, desta vez envolvendo a MK III é o "Perks & Tit", que virou o oficial "Live In San Diego". As capas dos discos citados estão reproduzidas a seguir, além de outros exemplos, inclusive Made in Brazil.

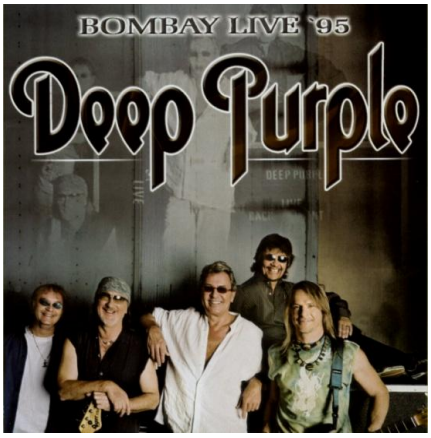


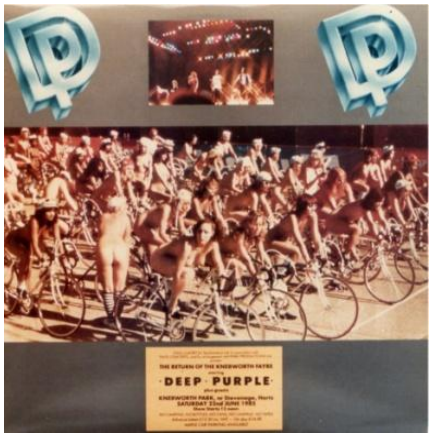


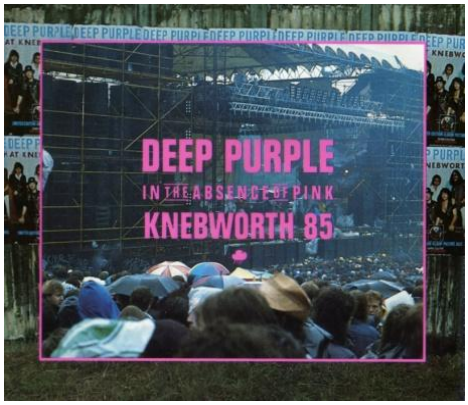
Exemplos de discos piratas que viraram discos oficiais: "H-Bomb", que agora pode ser comprado com o título de "Live In Aachen", com direito a capa e acabamento gráfico de primeira (para boa parte dos fãs, este é o melhor pirata entre todos do Deep Purple); "Perks & Tit", reeditado como "Live In San Diego 1974" e o "On The Wings Of Russian Foxbat", que recebeu o subtítulo de "Live In California, 1976". Na coluna da esquerda, as capas das edições piratas em LP, típicas da época. Consistiam em uma folha com uma ilustração em preto e branco, colada sobre um envelope de papelão liso. Com o passar do tempo, os piratas foram ganhando pacotes gráficos mais elaborados, como mostram as fotos dos discos pós-retorno da MK II. Na coluna da direita, as capas das edições oficiais, todas em CD.

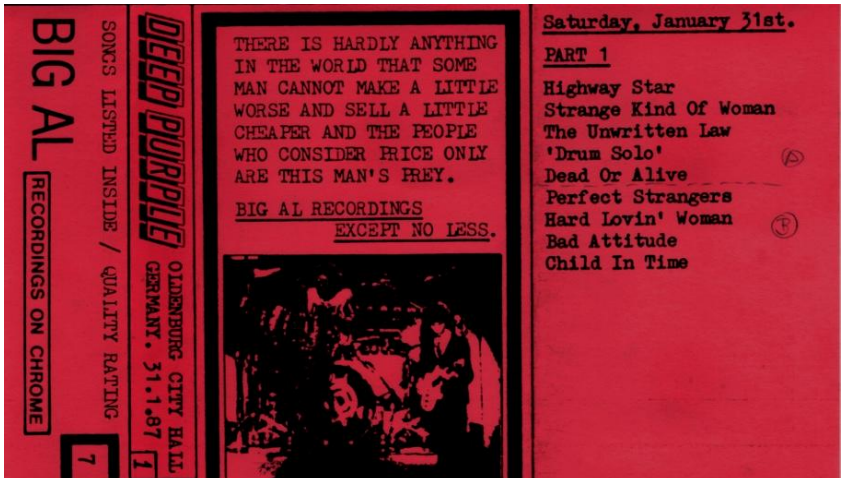












Outras curiosidades da pirataria: na primeira linha, três exemplares brasileiros, todos lançados somente em CD. Os dois primeiros saíram por duas "gravadoras" diferentes e trazem a mesma gravação ao vivo, de boa qualidade, da MK II. Era vendido em lojas e supermercados, como se fosse um produto licenciado. O terceiro, um "legítimo pirata", traz a gravação de um dos shows em São Paulo em 1997 e foi produzido por Purplemaníacos paulistanos. Na segunda linha, mais um caso de pirata lançado nas lojas por uma gravadora brasileira, vendido como se fosse oficial. O som foi extraído do DVD "Bombay Calling". Ao lado, outro caso de pirata que depois foi oficializado, o show em Knebworth. O da esquerda é o LP pirata e o da direita, o CD oficial. Na última linha, o "Back In Action", um dos muitos "bootlegs" da Perfect Strangers Tour. Também dessa turnê é o de Oldenburg, vendido em outro tipo de mídia outrora usada pela pirataria, a fita cassete. Na capa tem uma frase que não poderia ser mais irônica: *"Não há quase nada no mundo que um homem não possa fazer um pouco pior e vender um pouco mais barato. As pessoas que somente levam em conta o preço são as presas desse homem".*

Apresentações

O Eremita adora uma tabela. Então, lá vem mais uma. O que segue é uma estimativa da quantidade de apresentações que cada formação da banda fez. No começo da história da banda os registros não eram tão precisos como hoje, de modo que é muito difícil se obter uma lista exata das vezes em que eles subiram aos palcos.

Formação (Mark)	Duração	Primeira apresentação	Última apresentação	Apresentações realizadas
I	Mar/1968-Jul/1969	20 de abril de 1968	4 de julho de 1969	79
II	Jul/1969-Jun/1973	10 de julho de 1969	26 de junho de 1973	397
III	Jun/1973-Mai/1975	9 de dezembro de 1973	7 de abril de 1975	107
IV	Jun/1975-Mar/1976	8 de novembro de 1975	15 de março de 1976	56
II	Abr/1984-Abr/1989	27 de novembro de 1984	2 de outubro de 1988	148
V	Dez/1989-Ago/1992	13 de dezembro de 1989	29 de setembro de 1991	62
II	Ago/1992-Nov/1993	21 de setembro de 1993	17 de novembro de 1993	38
VI	Nov/1993-Jul/1994	1 de dezembro de 1993	2 de julho de 1994	30
VII	Ago/1994-Set/2002	25 de novembro de 1994	19 de setembro de 2002	446
VIII	Set/2002-Jul/2022	20 de setembro de 2002	17 de fevereiro de 2022	1.103
IX	Jul/2022-hoje	22 de maio de 2022	23 de novembro de 2025	138

Total = 2.604 apresentações realizadas até 04 de março de 2026.

Capitulo 29
Bibliografia

Conforme citado no início, este texto é uma coleção de opiniões d'O Eremita sobre as faixas dos discos de estúdio do Deep Purple. Evidentemente que foi necessário recorrer a arquivos e livros para detalhes como datas, locais e outros fatos que, somente alguém com uma memória excelente poderia saber de cor, o que está longe de ser o meu caso.

Foram consultadas várias fontes: as pastas de recortes montadas durante a breve existência da SBADP, os encartes dos CDs das edições comemorativas e as obras descritas a seguir.

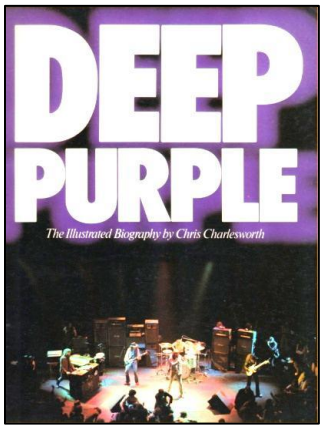
Deep Purple Discography
Simon Robinson

Nenhuma organização, entidade, sociedade, seita, fã-clube, seja lá que nome que se queira dar pode rivalizar com a "Deep Purple Appreciation Society – DPAS", comandada por Simon Robinson, um inglês que é o cara que mais sabe sobre Deep Purple no mundo. Desde a década de 70 ele solta publicações para os fãs. Com o passar do tempo ele se tornou referência máxima no assunto – ele organiza e edita a maioria dos encartes dos relançamentos dos álbuns do Purple e de todas as bandas derivadas. É só verificar e constatar que o nome dele sempre aparece, inclusive recebendo agradecimentos especiais do Charlesworth (referência seguinte). Atualmente, entre outras atividades, ele detém os direitos da Purple Records e está reeditando o acervo da gravadora (exceto as obras do próprio Deep Purple). Em 1982 ele publicou a discografia do Deep Purple (100 páginas, em preto e branco, capa reproduzida acima), compilando dados sobre os discos ao redor do mundo, tanto de compactos, como LPs regulares e coletâneas. Uma coisa engraçada na discografia é a advertência

que existe logo no início: "plágios indiscriminados não serão tolerados – Japão, isto é destinado a vocês". O endereço da DPAS está no Apêndice, ref. B.3. Uma obra recente do Simon é o livro sobre a história do "In Rock" (citado algumas páginas à frente).

Deep Purple: The Illustrated Biography

Chris Charlesworth



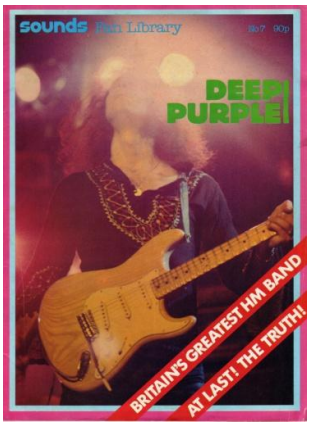
Entre os livros aqui citados, este é o meu preferido. A edição é de 1983, pela Omnibus Press, Inglaterra (100 páginas) e não abrange, portanto, a fase do retorno do Purple às atividades. Seus pontos fortes são vários: foi escrito por um jornalista contemporâneo ao período de maior sucesso da banda e, graças a isso, não é tão baseado em compilações de entrevistas publicadas na imprensa especializada como os demais; conforme o nome diz, é abundantemente ilustrado, com fotos simbólicas (como a que ilustra o comentário do "Concerto" deste trabalho), além de reproduções de cartazes, recortes etc; traz todas as datas e locais dos shows desde seu início e foi realizado com cooperação dos músicos, empresários e equipe técnica, além do já citado Simon Robinson (boa parte do material ilustrativo foi fornecida pela DPAS). Entre os vários documentos importantes reproduzidos no livro, destaco duas cartas: a manuscrita por Gillan em dezembro de 1972, onde ele informa ao empresário Tony Edwards sua decisão de deixar a banda em junho do ano seguinte e a emitida pela Deep Purple Overseas Limited à rede de televisão americana ABC, com um pedido de desculpas e informando a disposição em pagar os danos causados por Blackmore à uma das câmeras da emissora no "entusiasmo do momento", durante a apresentação no California Jam. Na pequena nota introdutória, o Chris informa que, entre os músicos, o único que não respondeu às suas várias cartas pedindo contato foi (fácil adivinhar) o Blackmore e por isso seu livro é dedicado ao guitarrista, num gesto de "prazer perverso", nas palavras do autor.

Em 2023 a Rufus Stone Limited Editions Ltd, da Inglaterra, lançou uma nova versão da obra do Chris Charlesworth, reescrita pelo próprio, só que em um formato jumbo. Existem duas opções de edição, a normal e a "Deluxe", a qual o Eremita adquiriu. Segundo a editora, a versão de luxo é limitada a 500 exemplares (a do Eremita é a 398) e é sensacional. O livro (do tamanho de um LP) vem em uma caixa que contém como extras 2 posteres e a reprodução de 5 revistas de turnês: 2 dos shows no Japão em 1972, uma de promoção do "Burn" e 3 do "Come Taste the Band". O democratizador Eremita escaneou essas 5 revistas e colocou os arquivos para download em seu site – fique à vontade para baixá-los. Além disso, o livro vem com autógrafos dos Purples acessíveis, uma encadernação batuta e uma capa holográfica deveras bonita. O papel, a impressão e todos os requisitos gráficos são impecáveis. O conteúdo, entretanto, não segue exatamente o esquema da publicação original, de modo que uma complementa a outra. É

um troço caro, mas, se tem alguma coisa entre os objetos de exploração dos fãs que vale a pena, é essa.

Sounds Fan Library Nº 7 - Deep Purple

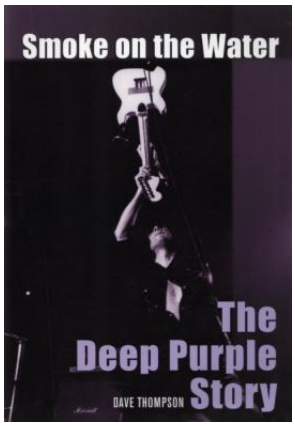
Steve Gett & Pete Makowski



Revista de 48 páginas, escrita por dois jornalistas do Sounds, famoso jornal inglês de música. Também é de 1983. Tem bom texto, contando a história da banda em tom bem humorado e traz a discografia comentada. O forte são as fotos, apesar de muitas serem em preto e branco. Foi desta edição que a SBADP, ahn, como eu diria, "emprestou" a foto usada na capa da Into the Purple Nº 1. Após pagar uma fortuna pela licença, o Eremita escaneou esta revista de cabo a rabo e a colocou na Internet, para acesso geral. É só acessar o endereço que consta no Apêndice.

Smoke On The Water - The Deep Purple Story

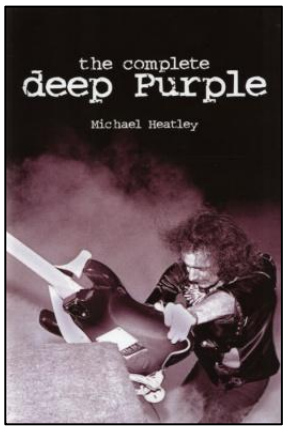
Dave Thompson



Livro editado em 2004, no Canadá, pela ECW Press (402 páginas). Segue o padrão dos atuais livros de Rock, ou seja, texto direto, sem fotos. Estas ficam em um bloco central com algumas páginas. Neste caso, são 16 páginas de fotos, todas em preto e branco. Tanto esta como as duas seguintes são obras relativamente recentes, em boa parte baseadas nas informações retiradas de entrevistas publicadas na imprensa musical ao longo dos anos. Este livro tem um texto um pouco rebuscado, o que tornou mais dificultosa a leitura d'O Eremita, que não é nenhum especialista em traduções. Um ponto a destacar é a discografia, bem completa, abrangendo tanto o Purple como os seus filhotes.

The Complete Deep Purple

Michael Heatley



Não se pode acusar o autor pela falta de ambição. Olha só o título: "complete". Edição inglesa, de 2005, pela editora Reynolds & Hern (256 páginas). Segue o padrão do anterior, só que um pouco mais miserável nas fotos – são apenas oito páginas, sendo que duas das fotos (do Evans e do Simper) são as mesmas do concorrente Thompson! Tem a seu favor o fato que a maioria delas é colorida. O texto é em um inglês bem mais acessível. Não traz a discografia, mas a sua parte dois é composta por comentários dos discos de estúdio, faixa a faixa. Que droga, ele me copiou! Por sorte, nossos comentários são totalmente diferentes, senão eu ia colocar toda a agilidade e implacabilidade da Justiça brasileira atrás desse impostor.

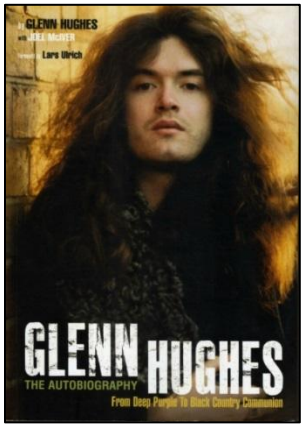
Gettin' Tighter Deep Purple: '68 - '76

Martin Popoff

O autor é um fenômeno. Já escreveu mais de 25 livros sobre Rock (ele não come?). Essa edição também é canadense, de 2008, pela Power Chord Press (244 páginas). Ele conta a história da banda, como informado no título, do início até a era Bolin, sendo cada capítulo dedicado a um disco (onde é que eu já vi essa idéia?). Meus cumprimentos pelo peito de colocar o Bolin em uma capa de um livro sobre o Purple, coisa louvável e que pouca gente faria. Não tem aquela seção de fotos concentradas. Todas são em preto e branco e inseridas ao longo do texto, a maioria de capas dos discos. O livro é baseado em depoimentos de músicos (não só do Purple) concedidos ao autor, todos feitos neste século.

Glenn Hughes: The Autobiography - from Deep Purple to Black Country Communion

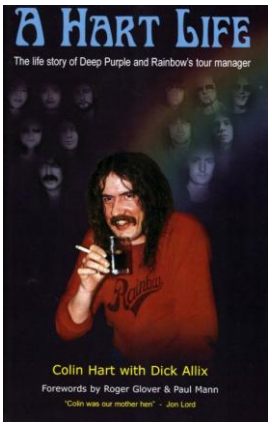
Glenn Hughes & Joel McIver



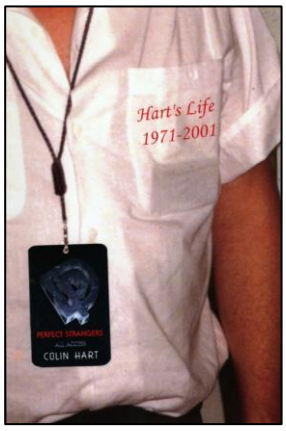
Ganhei este livro do amigo Purplemaníaco e jornalista Marcelo Soares (valeu!), responsável pelo blog "Purpendicular" (Apêndice, B.7). A publicaçao é da editora inglesa Jaw Bone (2011, 256 páginas), que caprichou na editoração: papel de primeira e um trabalho gráfico dos mais agradáveis. O livro segue uma narrativa linear. Depois que a história entra na vida de Hughes como músico, o assunto predominante é o seu envolvimento com as drogas. São raras as páginas em que não há uma citação sobre cocaína ou estar chapado. Entre várias curiosidades, o livro traz a explicação da omissão de Hughes nos créditos das músicas do "Burn": quando ingressou no Purple, ele ainda estava sob contrato com outra editora musical, que controlava os direitos sobre a obra do Trapeze. Os empresários do Purple propuseram a Hughes uma parcela maior na vendagem do disco, desde que ele concordasse em não ser creditado como compositor. Como muito dinheiro estava entrando e ele era muito jovem e inexperiente, topou. Anos depois os advogados do músico corrigiram esse arranjo e os créditos a Hughes passaram a constar nos discos, como no caso da reedição do "Burn".

A Hart Life

Colin Hart & Dick Allix



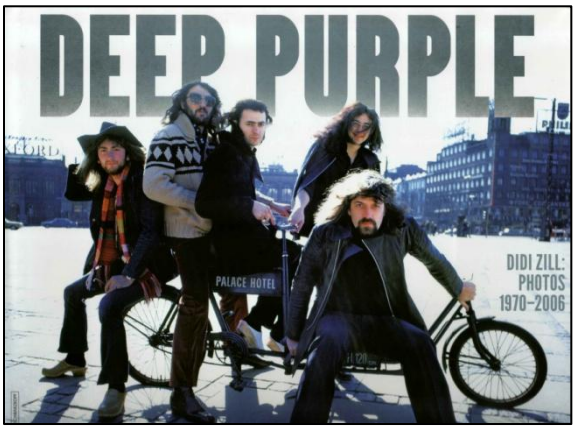
Colin Hart começou como roadie do Purple em 1971. Depois de alguns anos tornou-se o responsável pelas turnês da banda. Fez a mesma função no Rainbow. "A Hart Life" é um livro de memórias das suas aventuras na estrada. Vale muito a pena para o fã, pelas curiosidades e documentação apresentada. Entre uma pancada de fatos de destaque, Hart relata episódios envolvendo o estranho comportamento de Blackmore fora do palco, como, por exemplo, instigar um dos seus roadies a brigar sem motivo nenhum com um freguês escolhido ao acaso em um pub, só pelo prazer de assistir aos dois se batendo. Há um registro sobre a primeira turnê no Purple no Brasil (o texto a seguir foi traduzido mal e porcamente pelo Eremita): *"No mês seguinte, o Brasil nos recepcionou, muito bem. Foram grandes shows, provavelmente porque ainda não tínhamos nos apresentado lá antes e o país estava acordando para as grandes turnês de Rock. Bruce levou seu melhor amigo, Bill Dill (seu nome verdadeiro, acredite), que falava português fluentemente. A razão de termos levado Bill era que ele poderia ficar de olho nos nossos promotores para ver se e como eles estariam nos passando para trás, coisa que, sem sombra de dúvida, é o passatempo nacional".* Bonito para nós, não? Que reputação! A fama dos nossos políticos caiu sobre toda a população. O livro foi lançado no final de 2011 e tem uma edição bem cuidada. Segundo a editora, a sobrecapa e o livreto adicional ("Hart's Life 1971-2001", capa mostrada ao lado), que contém fotos e reproduções de documentos do arquivo pessoal do Colin só acompanhará as primeiras trezentas cópias do livro (como diria Maxwell Smart, "o velho truque da edição limitada para colecionadores"). Um dos itens mais legais do "Hart's Life" é a cópia do tour book do



Burn (veja reprodução da capa e de uma publicidade desse tour book a seguir). Uma das muitas curiosidades reveladas no livro é que o maestro Paul Mann (veja o Capítulo 6, "Concerto") é sobrinho de Hart! Vejam só, há lugar para o nepotismo até mesmo no mundo do Rock...

No alto, à esquerda: sobrecapa do livro; à direita, um bilhete em que Colin apresenta as exigências dos músicos em uma das turnês, citando um curioso pedido de não colocar Ritchie em um quarto cuja soma dos algarismos desse 13!; capa do tour book do "Burn"; a banda em publicidade da Marshall, que também faz parte desse tour book. A foto ao lado está no livro principal e foi feita no casamento de Ronnie e Wendy Dio! A foto é de 7 de abril de 1978. Da esquerda para a direita: Colin, Raymond D'Addario; o garoto Danny Padavona; Sr. e Sra. Dio; Bob Daisley, ajoelhado vemos um sorridente e arrumadinho Ritchie e ao seu lado Bruce Payne.

Deep Purple Photos 1970-2006
Didi Zill

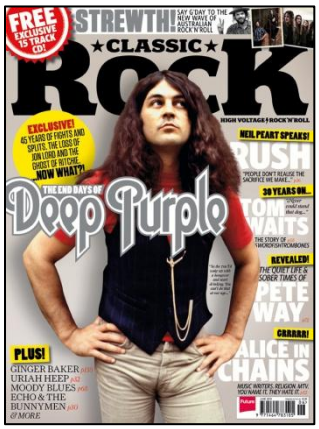


Dieter Zill é um fotografo alemão que trabalhava para a revista germânica Bravo, uma espécie de "Caras", só que voltada para a música. Desde o início da MK II ele teve oportunidade de fotografar a banda em diversas ocasiões e acabou tornando-se amigo dos músicos. Há alguns anos Didi (quem diria, alemães também usam apelidos) lançou um livro reunindo parte de suas fotos. Esse livro esgotou-se rapidamente e virou uma raridade. Quando O Eremita soube do livro e quis compra-lo só havia disponível por preços absurdos (coisa de mais de 400 dólares). Felizmente, foi feita uma reedição, na qual já pus as mãos. Como não vi a primeira edição, não tenho como saber as diferenças entre as duas, exceto que a capa traz outra foto. A versão que comprei é numerada e autografada (o meu exemplar é o de número 516). O livro é esplêndido. Deveria vir acompanhado de um babador. Centenas de fotos inéditas, com reproduções e papel de primeira qualidade. São mais de 400 páginas – o livro é um bocado pesado (pesado no sentido, ahn, "gravitacional" da coisa). Ele é organizado em capítulos temáticos. Traz as várias fases da banda a partir da MK II, passa por fotos nas casas dos músicos e termina com entrevistas com os atuais componentes. Tem de tudo, desde grandes imagens de shows e de estúdio, até cenas prosaicas do cotidiano dos integrantes da banda, a maioria inédita. Exemplos: por um lado, tem registros dos ensaios no castelo Clearwell (primeiros momentos da MK III) e das gravações do primeiro disco do Rainbow. Por outro, Lord cozinhando e Blackmore jogando pebolim! Didi esteve presente nas gravações do "Machine Head". As fotos do encarte da edição comemorativa dos 25 anos do disco são dele. A que está reproduzida na página seguinte é do momento em que Gillan ouvia nos fones a base da *Smoke on the water* e escrevia a letra! Didi também fotografou o

bloco com o manuscrito. Acho que isso dá uma boa ideia do que esse livro representa para os fãs. Gostaria de ter colocado mais amostras, mas tem lá um aviso que não se pode reproduzir as fotos sem autorização e, sabem como é, não estou a fim de encarar um processo internacional, mesmo eu estando aqui fazendo uma propaganda gratuita do livro.

Revista Classic Rock

www.classicrockmagazine.com

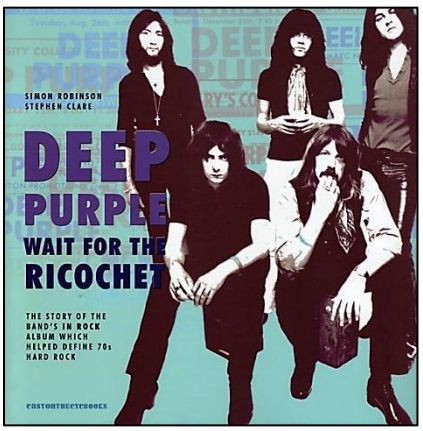


Revista inglesa cujo título deixa bem claro do que trata, embora o conceito de "Classic Rock" seja vago e amplo. Certamente, o deles não bate com o meu. Ela é vendida por aqui por um preço um pouco salgado (R$ 90,00), mas, em geral, vale. Além de fotos históricas e um time de redatores de primeira (muitos deles egressos da "Into the Purple"), trazia sempre um CD de brinde. Dá suas pisadas de bola, como todo mundo. Por exemplo, tem uma coluna fixa sobre moda (!) para Rockeiros. O que poderia ser menos Rockeiro? Ela é mais um dos representantes da mídia que coloca o Led Zeppelin acima das demais bandas. A edição de agosto de 2014 foi a ducentésima (ah, os ordinais!). Em uma página dupla, foram reproduzidas todas as capas. O primeiro número surgiu em 1998. O Eremita fez uma contagem: as bandas (e seus derivados) que mais apareceram foram o Led e, incrível, o Guns and Roses, com 18 capas cada. Em segundo, o Black Sabbath, com 13. O Purple teve apenas duas capas referentes à banda. As outras foram sobre matérias com o Blackmore (uma capa), duas com o Coverdale e uma sobre a Black Country Communion. Portanto, seis no total. Apenas uma capa a mais do que o...Bon Jovi! Mais uma prova que o Purple não é o queridinho da mídia. Outra pisada de bola: uma edição recente continha a reprodução de um cartaz que anunciava a apresentação do "Concerto For Group And Orchestra", só que era falso! Coloquei isso no meu blog, o implacável e verdadeiro "Rock Brado", o que quase provocou o seu fim. Do blog e não da revista, é claro. Extraí da edição 198 (julho de 2014) parte dos dados citados no comentário sobre *The mule*. A capa aqui reproduzida é de outra edição, próxima à do lançamento do "Now What?!". A revista reflete perfeitamente a realidade desta era de escassez de novos talentos no Rock, em que ainda se cultua o que foi feito a partir do final dos anos 60: tem uma coluna obtuária fixa trazendo um resumo da carreira dos músicos falecidos no mês! As fotos atuais dos Rockeiros Clássicos provocam um misto de constrangimento e

risos devido à aparência dos nossos velhos ídolos: gordos, cheios de rugas e cabelos brancos. Isto é, os grisalhos são uma parte deles, apenas, pois a maioria está careca. Não se trata de crítica, obviamente. Como alguém no bagaço, como O Eremita, ousaria criticar esse tipo de coisa? Nada mais normal que envelhecer, afinal o tempo é algo essencialmente democrático – trata a todos da mesma maneira.

Deep Purple - Wait for the Ricochet

Simon Robinson & Stephen Clare



Ele, o Simão, de novo. Não sei se ele ficou rico explorando a mina púrpura. Pouco importa. O fato é que ele solta novos produtos regularmente. Outro fato é que normalmente os produtos são atraentes e, na maioria das vezes, com a qualidade que a banda e seus fãs merecem. Este livro é mais um caso. Uma publicação de 170 páginas inteiramente dedicada a um único disco! O título usa uma frase extraída da letra da *Child in time* que eu sempre admirei – *espere pelo ricochete*!. É um dos muitos exemplos que Ian Gillan, além de abençoado pela sua voz, ainda foi afortunado com um dom especial em lidar com as palavras.

O conteúdo do livro é uma dissecação completa: traz o desenvolvimento das músicas acompanhando a evolução nos shows e suas gravações. Os autores tiveram acesso a verdadeiros tesouros, como as fitas originais dos três estúdios nos quais o disco foi gravado (tudo está nelas, incluindo dezenas de registros abandonados ou preteridos) e ao diário de Roger Glover (uma reprodução de um fragmento dele é mostrado). Tudo isso, mais uma extensiva pesquisa na imprensa resulta em uma precisão de dados impressionante. Tudo que cerca o disco foi abordado: fotos dos estúdios, instrumentos usados, lista dos shows do período e centenas de ilustrações, a

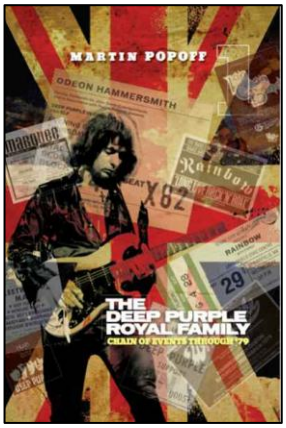
maioria inédita. Há uma ou outra falha de edição, principalmente nas remissões às páginas e notas, algo incomum no trabalho do Simon. São muitas as curiosidades, como a parte final em que são mostradas várias capas de outros artistas homenageando a do "In Rock" ou o recorte de jornal em que a mãe do Jon Lord reclama de um leitor que acusou seu filho de plágio – o velho caso da *Child in time/Bombay Calling* (veja ao lado). Entre as muitas novidades, uma das que mais me chamou a atenção foi que em 28 de agosto de 1970 Blackmore teve reação a uma vacina e não pode tocar no show marcado para San Antonio, no Texas. Ele foi substituído por um garoto de 19 anos, um tal de...Christopher Cross!

HAS ANYONE noticed the similarity between "Bombay Calling" on the album "Its A Beautiful Day," which was issued in 1969 and "Child In Time" on the album "Deep Purple in Rock" issued in 1970? — PHILIP KRAMER, 15 Firshill Avenue, Sheffield 4, Yorks.

REGARDING PHILIP KRAMER'S letter in MM, Deep Purple performed "Child in Time" publicly at their concert at the Albert Hall on September 24, 1969, and had played it at their gigs for several months before that.

Is it not within the bounds of possibility that Philip Kramer is putting the cart before the horse? Quite without malice, of course. — MRS. M. LORD (mother of Jon Lord), 128 Averil Road, Leicester.

The Deep Purple Royal Family – Chain of Events through '79
Martin Popoff

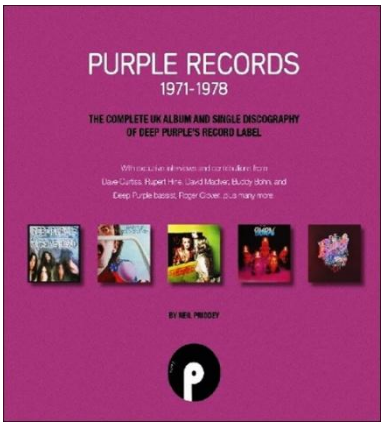


Comprar esta edição foi uma nova experiência, pois optei pela versão eletrônica (vulgo "e-book"), coisa que não tinha feito ainda, pela simples resistência de comprar um livro e não poder folheá-lo nem cheirá-lo. Trata-se de mais um trabalho da usina de livros de Martin Popoff (Power Chord Press, Canada, 2011, 289 páginas), que deve estar chegando próximo ao 40º título publicado! No fim, fiquei feliz por ter escolhido a versão eletrônica, porque o livro físico é muito caro, o que faz com que não valha a pena quando comparado ao e-book. Conforme o subtítulo já indica ("Cadeia de eventos até 1979"), o texto é organizado cronologicamente, tendo como capítulo inicial os fatos e datas

anteriores a 1960 que têm relação com a banda, como, por exemplo, o ano de invenção do Hammond e as datas de nascimento dos músicos, até chegar a 1979. Para cada ano abordado o autor lista alguns fatos históricos relevantes sobre a banda e o contexto musical da época, além de trechos de entrevistas dos músicos do Purple. O livro também cobre as bandas derivadas e os trabalhos solo. Nesse aspecto ele não acrescenta muita coisa ao que já está fartamente documentado em outras obras, algumas delas do próprio Martin. O ponto forte são as ilustrações daquilo que se convencionou chamar de memorabilia, como cartazes de shows, ingressos, capas de compactos e publicidades, que ocupam a maior parte do espaço. Muitas são curiosas e eram inéditas para mim, como a aqui reproduzida, que mostra uma propaganda de 1972 de parte do elenco da Purple Records. Mas, também muitas fotos e figuras são referentes à cena do momento, com itens de bandas como Uriah Heep, Black Sabbath e outras que, embora interessantes, poderiam dar lugar a textos/fotos do Purple ou derivados. Um ponto fraco (ou melhor, muito fraco) é que não são dados os créditos das ilustrações. Não ficamos sabendo qual é a origem das imagens mostradas, como por exemplo, de quais revistas as peças de marketing foram extraídas ou qual é o país de origem de alguns discos cujas capas foram reproduzidas.

Purple Records 1971 - 1978

Neil Priddey



O Deep Purple tornou seus empresários, Tony Edwards e John Coletta caras muito ricos. Ao que pode ser atribuído esse sucesso: ao tino comercial da dupla ou a uma boa dose de sorte em assinarem com uma banda de um talento gigantesco? Considerando certos episódios da vida profissional da dupla, eu tenderia a apostar mais na sorte. Um dos episódios que mostra que eles não eram gênios nos negócios foi a fundação da Purple Records(PR). Para saber tudo sobre a gravadora, recomendo o e-book de

Neil Priddey. Ele conta a história do selo, seu elenco e todos os discos por ele lançados, desde maio de 1971 até o final das atividades, em 1978. O nível de detalhe deste trabalho chega ao ponto de revelar a distribuição societária da gravadora. A propósito: Blackmore, Glover, Lord e Paice eram sócios, cada um com 6,5% do capital. Ian Gillan não quis fazer parte do empreendimento (outro notório comerciante de mão cheia). O restante foi dividido entre Edwards e Coletta. Foram produzidos álbuns de 15 artistas diferentes (incluindo trabalhos solo dos músicos do Purple), em um total de 33 LPs.

Em 1973 a gravadora lançou um LP para promover o seu elenco. A coletênea se chamou "Purple People" e contava com duas faixas do Purple (*Smoke on the water* e *When a blind man cries*). As demais foram distribuídas entre parte dos demais artistas da gravadora, a saber: Tony Ashton, Hard Stuff, Rupert Hine, Yvone Elliman, Tucky Buzzard, Silverhead, Maldoon, Buddy Bohn e Carol Hunter.

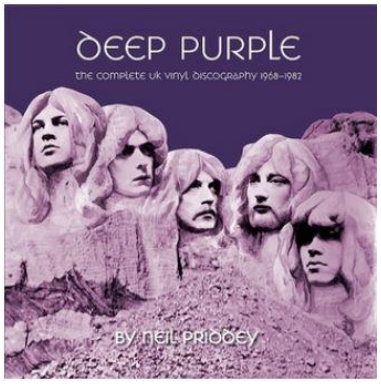
Capa e contracapa da coletânea "Purple People". Ao lado, publicidade da EMI saudando o Deep Purple (e, por tabela, a Purple Records) pela vendagem equivalente a 2,5 milhões de dólares australianos.

Do conjunto de álbuns lançados pela PR, apenas nove pontuaram na parada. Todos eles do Deep Purple, do "Machine Head" até o "Come Taste the Band", mais coletâneas e discos ao vivo. Desse segundo grupo, o único a não aparecer nas paradas foi o "Powerhouse". No mais, nenhuma das produções fez sucesso, mostrando que a escolha do elenco pelo selo não foi das mais felizes. O mesmo se repetiu em relação aos compactos. Foram 34

lançamentos e os quatro que pontuaram também foram do Purple. Ou seja, se não fosse por Gillan, Blackmore & Cia., a PR teria sido um grande fiasco. Tudo que era possível fazer para popularizar o elenco foi feito pela dupla Coletta-Edwards, como publicidade constante nos jornais musicais ingleses e a colocação das bandas contratadas para abrir shows do Purple, como foi o caso do Elf. A banda de Dio acabou rendendo grandes frutos, só que posteriormente, quando fez parte da história do Rainbow. Este, também estava nas mãos da dupla de empresários, mas sob outro selo, o Oyster. Além deste, outros dois foram criados por eles: o Safari, por onde saiu o terceiro disco do Elf e o Sunburst, que abrigou o Whitesnake no início de carreira.

Um exemplo da falta de direção da Purple Records é o disco da capa ao lado (sim, estampando o símbolo nazista!). Trata-se da trilha sonora de um documentário, evidentemente sobre a guerra, feito pela BBC. Além da capa, outra coisa estranha e que deve ter impulsionado muito a vendagem, é que o disco não tem músicas, apenas efeitos sonoros do que acontece na guerra, ou seja, explosões, ruídos de tanques se movimentando, tiros e outras coisas alto-astral do gênero. Altamente recomendado para, ahnn, ninguém!

Deep Purple: Complete UK Vinyl Discography 1968-1982
Neil Priddey



Mais um ótimo e-book do Neil, desta vez trazendo os discos de vinil (LPs, EPs e singles) do Deep Purple lançados no Reino Unido. Ou seja, basicamente, as versões originais da discografia do banda. É repleto de ilustrações das variações da capas, dos selos e de publicidades. Contém também textos trazendo detalhes de cada álbum, com informações que só quem é conterrâneo dos caras consegue obter. Pobre da minha versão da Discografia Brasileira do Purple & Família... (devo destacar duas coisas: a do Eremita é anterior e tem

pelo menos uma vantagem – é de graça!). A ilustração abaixo, que ocupou uma página inteira do jornal inglês Melody Maker em 18 de dezembro de 1971, é um exemplo do conteúdo da obra do Priddey.

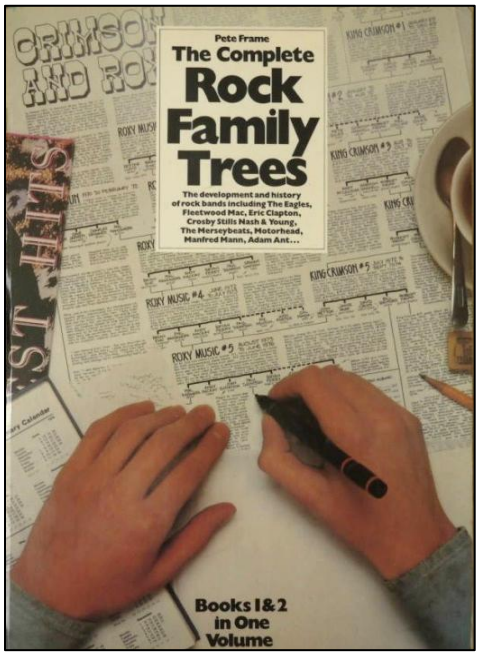
The Complete Rock Family Trees – Books 1 & 2 in One Volume
Pete Frame

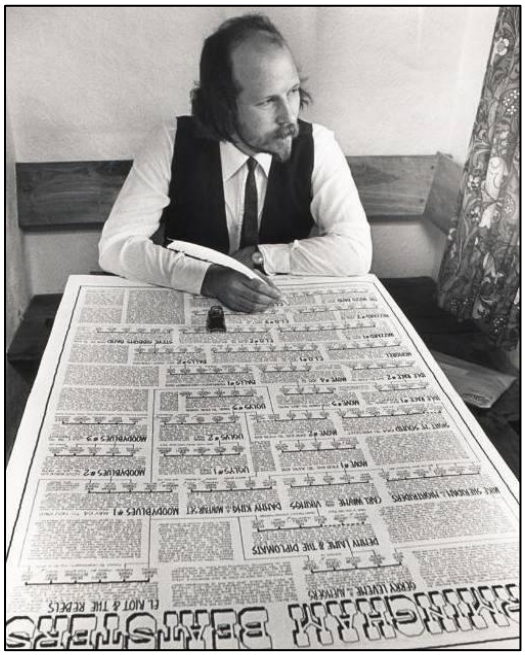
Apresenta-se aqui uma oportunidade de consertar a falha nº 3.456 dos escritos do Eremita. Tão consultada e nunca creditada por mim é a obra do inglês Pete Frame. Ele se especializou em registrar graficamente a genealogia de bandas e artistas, conhecidas como "Family Trees". A forma como ele realiza as árvores é um artesanato realmente artístico (ele faz tudo à mão), com um planejamento de ocupação de espaços digno de prêmios e mais prêmios de *design* (não sei se algum dia ele ganhou algum). Além da evolução detalhada da carreira das bandas e artistas colocados

cronologicamente na vertical (da data mais antiga para a mais recente), ele faz articulações para bandas derivadas e também árvores derivadas. Nos espaços entre os "galhos" ele insere notas da carreira de quem está sendo abordado, além de discografia e dados biográficos. A foto que está junto ao comentário da *Dixie Chicks*, do "Turning to crime" foi copiada da contracapa do livro aqui citado. Muita coincidência, não?

Em uma das edições da "Into the Purple" (espero que você já a conheça, a esta altura) foi reproduzida a "Family Tree" do Deep Purple. Esta serviu de base para um pôster que a SBADP fez para a Editora Três, que chegou às bancas pouco antes da editora abrir falência. Sem que uma coisa tenha a ver com a outra, é claro.

Um grande artista e historiador, esse Pete Frame.





Apêndice

Este apêndice está dividido em quatro seções: a primeira traz outras provas de que deixar O Eremita ter acesso a um computador não foi uma boa ideia; a segunda seção é dedicada à indicação de alguns sites interessantes e importantes sobre o Deep Purple. A terceira traz quatro letras do Deep Purple, sua tradução e interpretação. A última seção apresenta uma crítica a este trabalho, pelo implacável e desconhecido João Cucci Neto (quem ele pensa que é?).

SEÇÃO A - O AUTOR E SUAS ESTRIPOLIAS NA INTERNET

Muita gente diz que a Internet tem muita coisa boa, mas outros alertam que também tem muita coisa inútil. Eu ando me esforçando para dar razão ao segundo grupo. Seguem alguns dos trabalhos citados ao longo deste texto. Todos (exceto o blog, A.4) estão disponíveis gratuitamente no endereço:

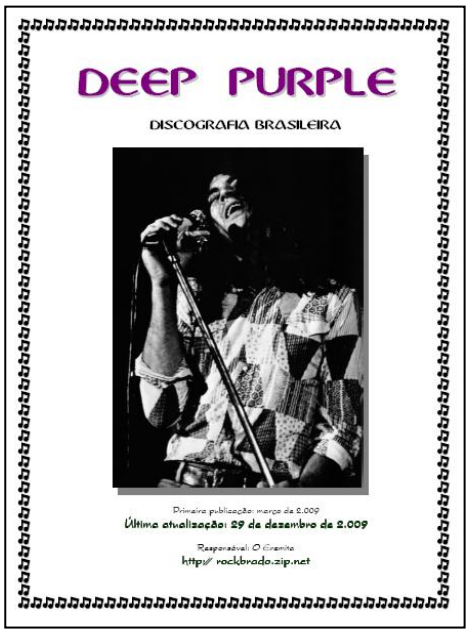
www.arquivosdoeremita.com.br

(A.1) Sociedade Brasileira dos Apreciadores do Deep Purple - SBADP

Toda a história da aventura que foi fundar e curtir a SBADP até o seu encerramento está registrada no texto "Como trabalhar de graça, perder dinheiro e ainda se divertir". O Eremita recomenda, pois existem atrativos mesmo para aqueles que não conheceram a SBADP e pouco se importam em conhecer, desde que, é claro, seja fã da banda.

(A.2) Discografia Brasileira do Deep Purple

Durante seus raríssimos momentos de ócio o Eremita organizou esta discografia, que reúne os discos em vinil (somente em vinil) lançados no Brasil. Ela abrange os discos do Deep Purple e também das bandas derivadas (Rainbow, Gillan, Whitesnake etc) e trabalhos solo. Ela vem sendo atualizada gradativamente, conforme o Eremita vai descobrindo itens ou dados mais precisos. Ela está longe de ser completa. Provavelmente você tem algum item que não está citado nesta Discografia. Colabore! A sua colaboração é relativamente importante! Download gratuito no site do Eremita.



(A.3) Fanzines Into the Purple

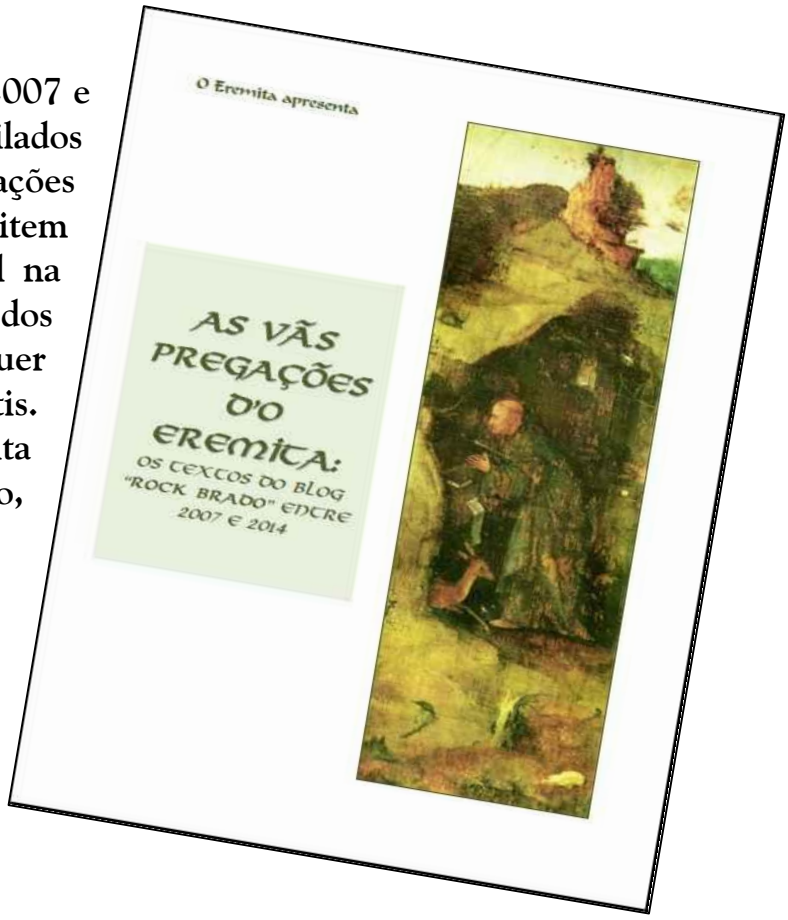
Quem já ouviu falar do fanzine "Into the Purple"? Ninguém? Bem, isso tem conserto. Aqui está a oportunidade de preencher esse vazio na sua vida. Todas as edições desse famoso e significante fanzine foram digitalizadas e podem ser baixadas gratuitamente, assim como os informativos da SBADP, no site informado no começo deste item.

(A.4) blog "Rock Brado"

O Eremita mantém um blog, o "Rock Brado". Se você quiser se informar sobre os últimos acontecimentos no mundo do Rock, procure um desses sites que tem as últimas informações sobre o mundo do Rock. Agora, se você quiser perder seu tempo lendo um monte de bobagens escritas por um cara esquisito, acesse o endereço abaixo:

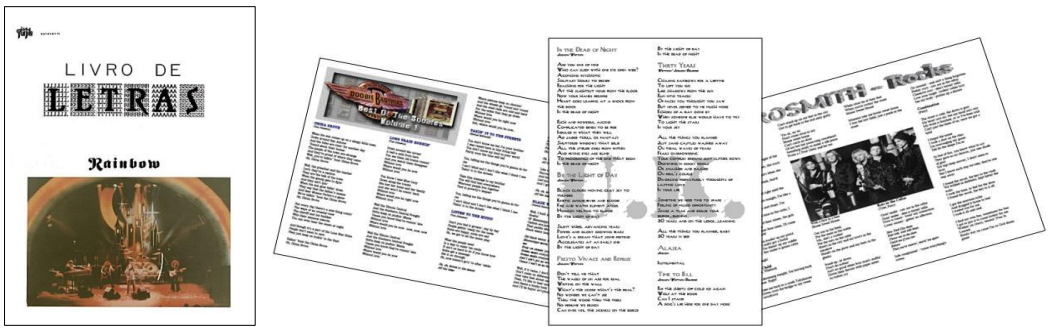
https://rockbrado.meusitenouol.com.br/

Os textos publicados entre 2007 e 2014 neste blog foram compilados sob o título "As vãs pregações d'OEremita", um item absolutamente indispensável na coleção de e-books de todos aqueles que baixam qualquer arquivo, desde que seja grátis. Disponível no site do Eremita (aquele, lá do começo, lembra?).



(A.5) Letras de Rock

Em seu site o Eremita colocou à disposição das pessoas seus arquivos de letras de Rock. Uma das muitas manias do Eremita é a de fazer encartes para os CDs, compilando as letras em um formato A4. Se você gostar de bandas dos anos 70, como Aerosmtih, Thin Lizzy, Lynyrd Skynyrd e congêneres, dê uma olhada no link fornecido. Como tudo até aqui, os downloads são grátis. Também está disponível o "Livro de Letras do Rainbow", mais uma vã publicação da extinta SBADP.

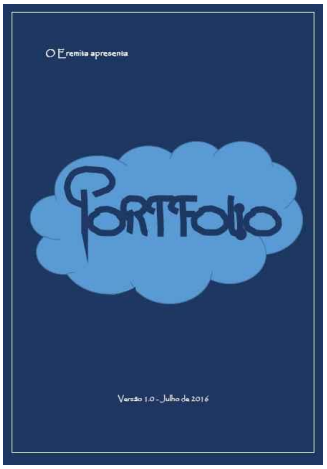


(A.6) Recortes e Capas

Nesse comprovadamente abarrotado site d'O Eremita você ainda encontra mais de cem recortes de revistas com notícias sobre o Purple, principalmente dos anos 70. São reproduções das principais publicações internacionais (Sounds, Record Mirror, Circus etc) e nacionais. Existe, ainda, um arquivo só com capas. São reproduções das capas das revistas brasileiras que destacam o Purple (e família). Também tudo grátis.

(A.7) Portfolio

Também estão disponíveis reproduções dos artigos que O Eremita escreveu para algumas editoras brasileiras não muito exigentes. Candidato forte ao prêmio de arquivo menos baixado de toda a Internet.

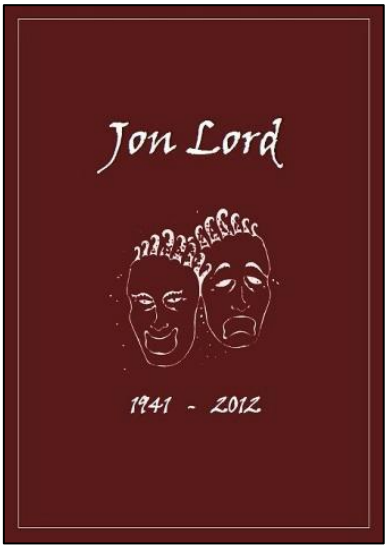


(A.8) Tour Books

Veja só, ainda é possível baixar gratuitamente vários Tour Books na íntegra, graças ao altruísmo do Purplemaníaco Roberto Silva e Souza (O Eremita, orgulhosamente, colaborou com parte do material). Além de Tour Books do Deep Purple citados neste texto, existem reproduções de exemplares do Rainbow, Whitesnake e Gillan, entre outros.

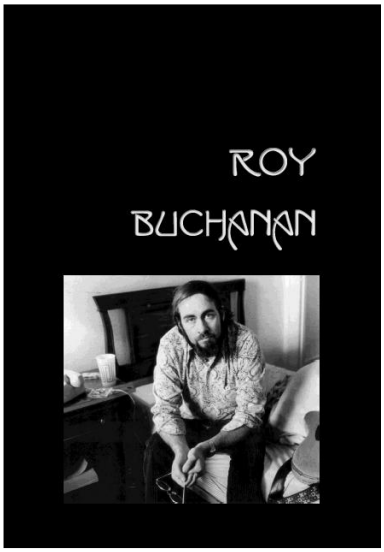
(A.9) Jon Lord

Esta publicação reúne entrevistas de Jon Lord extraídas de revistas nacionais e estrangeiras. Uma pequena homenagem d'O Eremita.



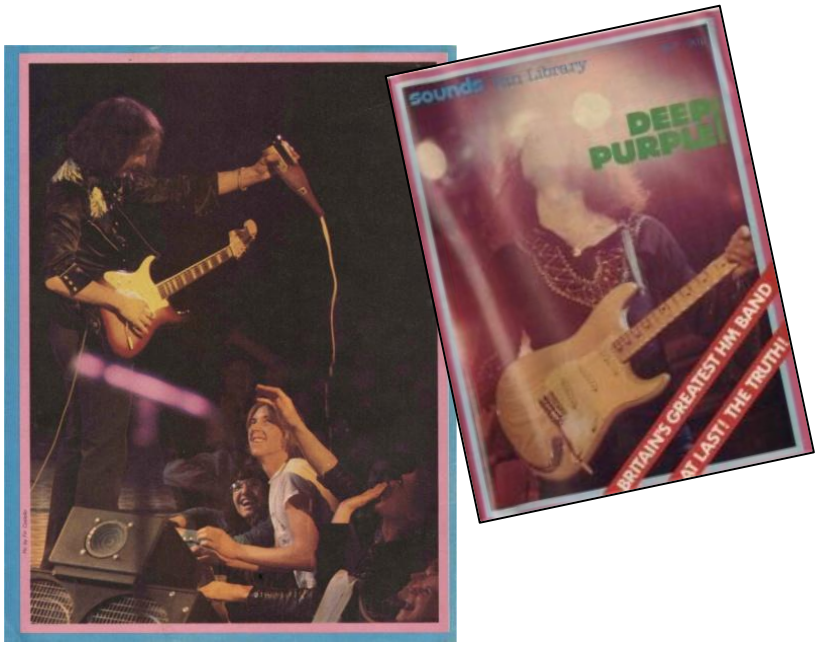
(A.10) Roy Buchanan

Assim como no caso do Jon Lord, este texto traz uma compilação de matérias sobre esse grande guitarrista e, também, a discografia comentada pelo Eremita, além de outras informações.



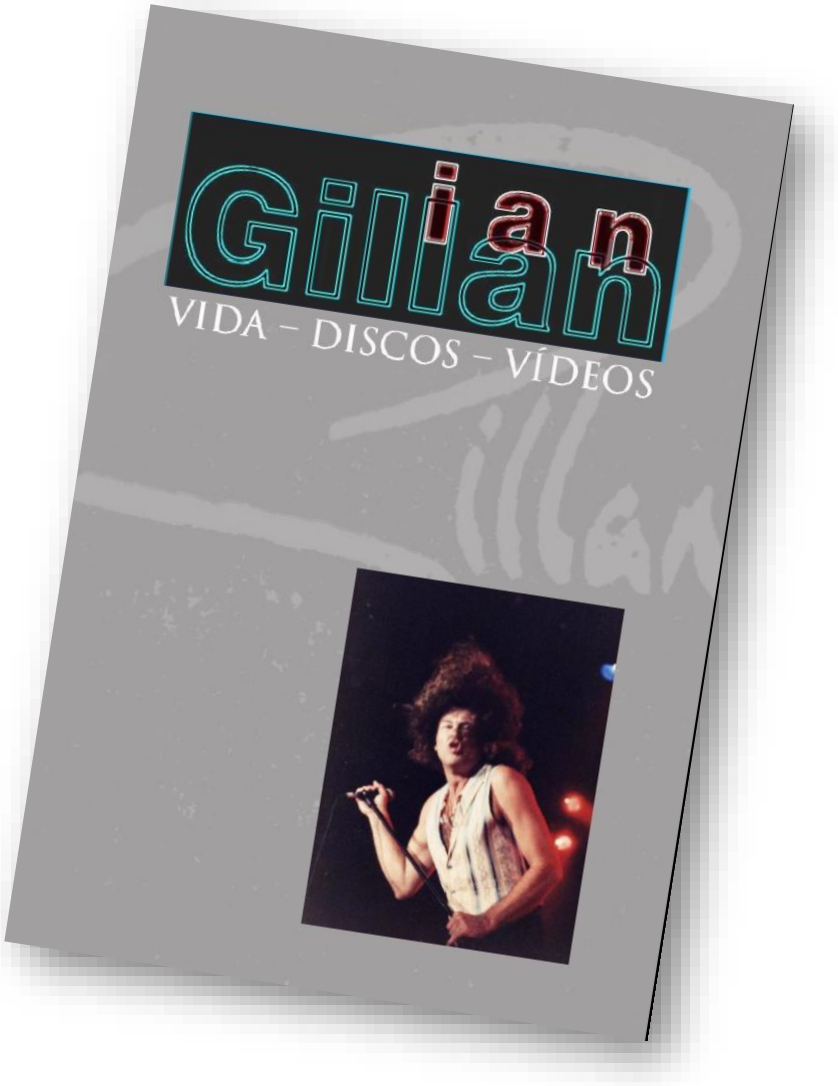
(A.11) Fan Library e Tommy Bolin

Recentemente compartilhei mais dois arquivos para download: reproduções do encarte da compilação "The Ultimate" do Tommy Bolin e o conteúdo da revista "Fan Library", comentada na Bibliografia. Veja abaixo:



(A.12) Ian Gillan: Vida - Discos - Vídeos

Em dezembro de 2019, finalmente, consegui editar um trabalho que era um velho sonho: contar um pouco da carreira de Ian Gillan fora do Deep Purple. Está disponível para download no site d'O Eremita de graça, como é o usual. Como o subtítulo explicita, são três partes: uma com uma breve biografia, outra abordando os discos e a terceira trazendo os vídeos lançados até então. Torço para que três coisas bastante improváveis aconteçam: que você baixe o arquivo; que você leia a publicação e que você goste. Necessariamente nesta ordem.

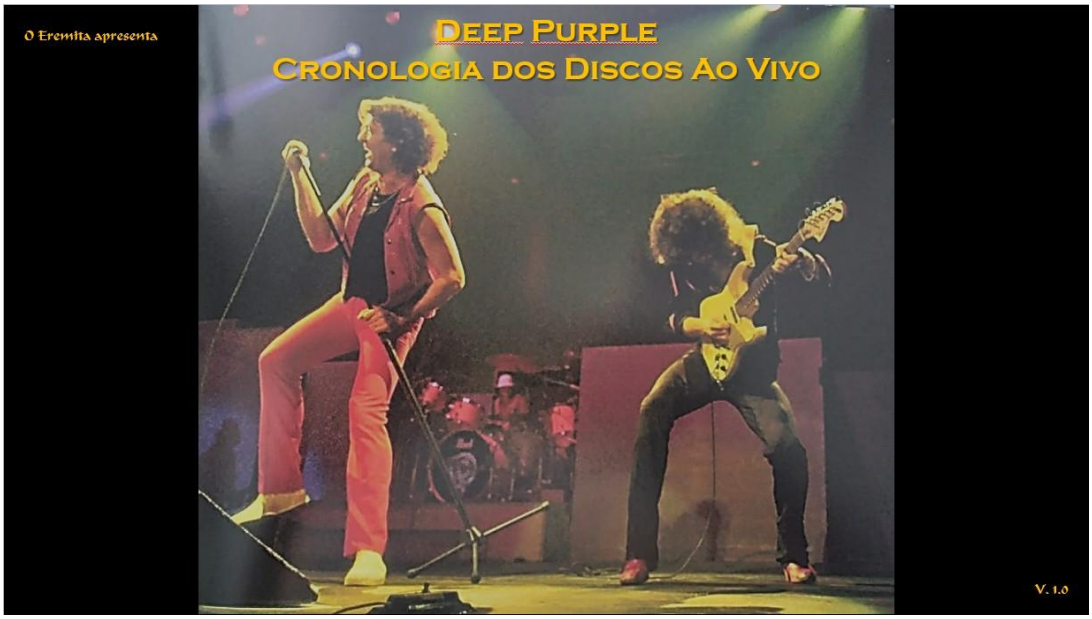


(A.13) Linha do Tempo do Rock

Este trabalho veio da necessidade do Eremita em ter mais clareza sobre a ordem em que os discos e fatos mais marcantes do Rock surgiram. Abrange dos primórdios do Rock'n'Roll até 1980.

(A.14) Deep Purple – Cronologia dos Discos ao Vivo

Todos os discos ao vivo oficiais do Deep Purple comentados e ordenados pela data da gravação do show. Além disso, mais coisas.



SEÇÃO B - SITES DECENTES RECOMENDADOS

Existem milhares de links na Internet sobre o Purple – uma busca no Google dará mais de 40 milhões de resultados. Os que seguem são os alguns entre os principais. Pena que desde a primeira compilação, alguns acabaram desativados, mas foram mantidos nesta seção porque eu assim quis. Cada um dos músicos que passaram pelo Purple tem sua página oficial na Internet, que podem ser obtidas facilmente nos sites citados a seguir. Provavelmente existem muitos outros, igualmente interessantes, e, desde já, peço desculpas pelas omissões.

(B.1) Datas dos shows e lista dos discos piratas

www.deeppurpleliveindex.com

Organizado por Martin, traz todas as datas das turnês (quase todas - aceita colaborações) e a lista dos piratas (na minha última consulta eram 293). Está em reconstrução desde janeiro de 2019.

(B.2) The Highway Star

Site mantido pelos fãs, com um enorme conteúdo. Dá para navegar por dias e dias.

www.thehighwaystar.com

(B.3) DPAS webpage

Site que é um braço da Deep Purple Appreciation Society, já citada na Bibliografia. Se tiver algum dinheiro sobrando, o que não falta neste site são itens tentadores para gastá-lo.

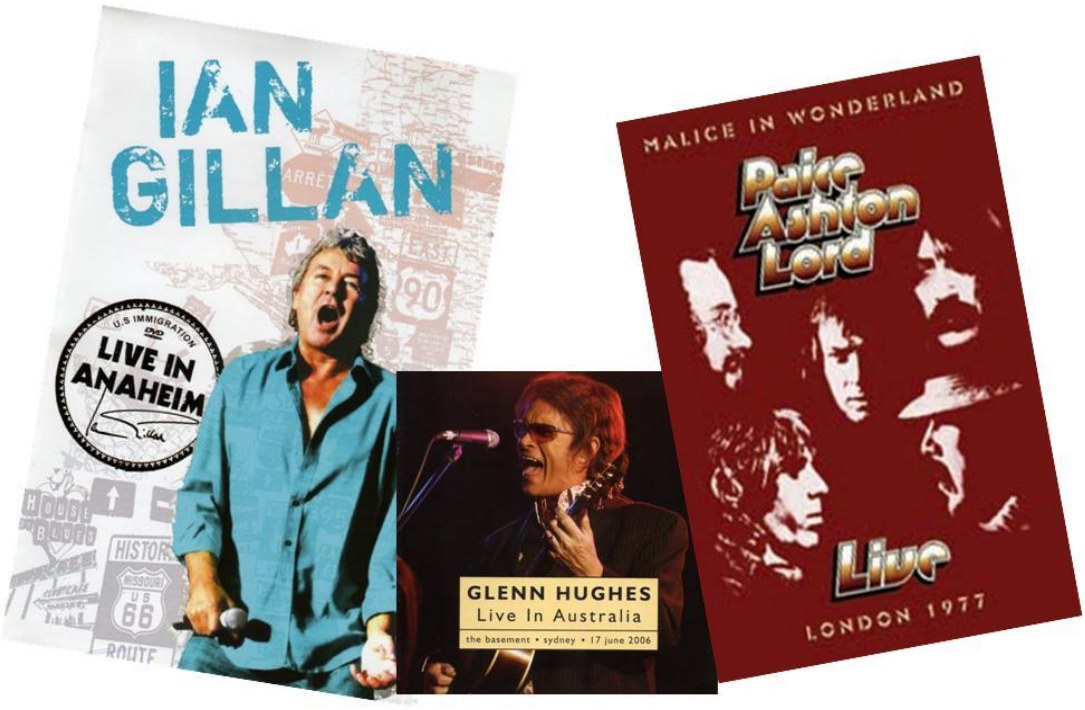
www.deep-purple.net

(B.4) Site oficial do Deep Purple

www.deep-purple.com

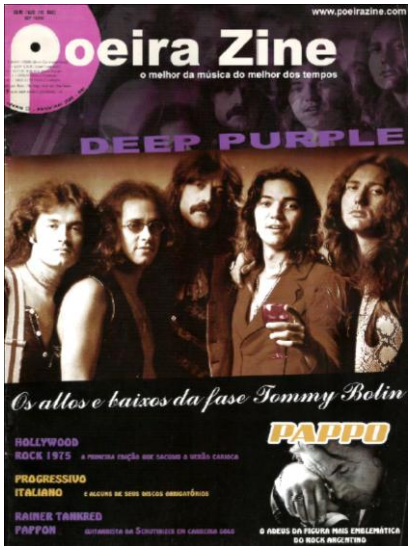
(B.5) Biplane Records

Infelizmente, o site da Biplane Records não existe mais. Resolvi mantê-lo aqui como uma forma de homenagear a iniciativa. A Biplane foi uma gravadora fundada por um Purplemaníaco que permitiu o acesso a nós, fãs brasileiros, de itens preciosos da discografia da banda e outros agregados. Além dos três CDs duplos ao vivo citados no Capítulo 25, a Biplane lançou coisas muito interessantes, como DVDs do Gillan e da banda Paice, Ashton & Lord e, ainda, um sensacional CD acústico do Glenn Hughes.



(B.6) poeiraZine

Era, seguramente, a melhor revista de Rock em circulação no Brasil. Criação do jornalista Bento Araújo, que também é responsável pelo site, blog, podcast e outros mídias afins. O Eremita teve a honra de escrever umas coisinhas para o pZ (Apêndice, ref. A.7). A edição 7 abordou o Deep Purple (veja reprodução da capa) e pode ser baixada gratuitamente no site abaixo.



www.poeirazine.com.br

(B.7) Wiki Purple

Uns anos atrás descobri o blog "Purpendicular", do jornalista Marcelo Soares. As versões anteriores deste texto traziam o endereço do interessantíssimo blog. Infelizmente ele foi forçado a desativá-lo, porque um certo site resolveu republicar suas matérias, sem citar a fonte. Ah, sim, o "certo site" é o Whiplash (não deveria dignificá-lo, citando-o aqui, mas, é bom deixar as coisas claras). Porém, O Marcelo ainda mantia o WikiPurple, que era lotado de dados e fatos púrpuras. Lamentavelmente este também saiu do ar. De qualquer modo, mantive o logo, como memória e como homenagem.

(B.8) Heavy Rock Hard Radio

Certo dia recebi um e-mail de André Luiz "Heavy", que, muito gentil, disse que acompanha os textos d'O Eremita desde os tempos de Rock Brigade (sempre desconfiei que alguém tinha lido aqueles textos!) e que tinha um canal no YouTube dedicado à divulgação do Rock de boa qualidade. O André abriu um grande espaço para divulgação dos trabalhos d'O Eremita, incluindo um programa com a seleção de 20 músicas escolhidas por mim. Esta é uma modesta retribuição à atenção do André. O link para o programa está logo aí, abaixo. Poucos dias antes de fechar esta versão fui surpreendido com uma comunicação que ele deixou de produzir novos programas para se dedicar a outras coisas. Quando isso acontece (e não é a primeira vez, vide episódio da revista Somtrês), eu sempre fico preocupado com minha parcela de culpa. Sorte que eu não sou supersticioso (êpa!), senão iria achar que meu pé, além do já indefectível chulé, ainda é frio.

https://www.youtube.com/watch?v=6eya-6lmSKY&list=PLiAoLpw723B6dry4pF5rrCWEezyO1r23a

(B.8) More Black than Purple

Mais um site desativado. Este era do fanzine citado no Capítulo 1. O responsável é Jerry Bloom, autor de "Black Knight", uma biografia não autorizada de Blackmore. No site, além de uma pancada de informações sobre o guitarrista, havia detalhes sobre como obter o fanzine e outros itens disponíveis para venda, como CDs e camisetas. Atualmente o "More Black Than Purple" só está disponível no Facebook. Fico devendo o link porque eu não tenho página no Facebook – nada supreendente vindo de um Eremita, não?

(B.9) Museu do ingresso

Os ingressos reproduzidos abaixo foram extraídos do site "Deep Purple Ticket Museum", que tem mais de 600 exemplares, entre eles os históricos "Concerto" (esquerda) e "California Jam". O curador é Tony Steenhagen. Outro site que estava fora do ar em minha última consulta (abril de 2020).

www.deep-purple-ticketmuseum.co.uk

SEÇÃO C – LETRAS TRADUZIDAS

Esta é uma novidade, inserida na V.12 da Discografia. No blog d'O Eremita, o praticamente secreto "Rock Brado", vira e mexe eu publico letras de Rock significativas, sob o título de "Letras Líricas". Três delas são do Deep Purple. Aproveitei e incluí aqui uma da banda que está na quinta edição do fanzine "Into the Purple", sob o título "Interpretação de Letra", após uma ajeitada no lay-out original. Seguem as quatro letras, na ordem em que surgiram nos discos.

C.1) No One Came

Letras líricas do Rock III (publicada em 01.nov.14).

Quando Ian Gillan entrou no Deep Purple, em 1969, ele já tinha alguma experiência no mercado profissional da música, especialmente com a banda "Episode Six", que nunca teve grande destaque. Na verdade, ela acabou ficando famosa justamente por ser a banda de onde saíram Gillan e Roger Glover e não devido à sua música. A entrada dessa dupla foi uma das coisas que fez com que o Purple virasse um sucesso mundial. O primeiro disco clássico da banda, "In Rock", saiu em 1970. Um ano depois veio o álbum "Fireball", que contém a faixa "No one came", cuja letra está reproduzida aí embaixo. Todo esse histórico foi para contextualizar a carreira de Gillan, que, em coisa de mais ou menos três anos viu sua vida mudar, passando a conviver com os benefícios e as preocupações do que era ser um grande astro do Rock. A letra de "No one came", que pode ser aplicada a muitos tipos de artistas, reflete as angústias e a insegurança da fama ("Eu acredito que devo falar a verdade e dizer as coisas como elas são. Mas se eu disser a verdade e nada além da verdade, serei um astro um dia?").

Gillan sempre teve a característica de criar belos textos. Além desta, são muitos os exemplos de letras suas fora do padrão do meio do Rock pesado. Entre elas, "Super Trouper", do disco "Who do we yhink we are" que também trata do tema da montanha russa que é a carreira da maioria dos artistas (esta letra estará, em breve, neste bronquiotoráxico blog).

Segue a letra, seguida da tradução feita pelo Eremita da melhor forma possível usando meus parcos conhecimentos do inglês. Aqueles que dominam melhor o idioma e quiserem mandar algumas sugestões de

correção, fiquem à vontade. Não terei o menor problema em corrigir depois. Isso se estende também à tradução, é claro.

No one came *(Blackmore, Gillan, Glover, Lord, Paice)*

Maybe it's because I'm only starting/That I think it won't take too long/Maybe it's because I can see you laughing/That I think you've got it wrong/Maybe I could be like Robin Hood/Like an outlaw dressed all in green/Someone said what's he gonna turn out like/And someone else said never mind/Well I was big and bold and more than twice as old/As all the cats I'd ever seen/I grew my hair and bought a suit/Of shiny white or was it cream/I shook and shivered danced and quivered/And stood on a mountain top/No one came from miles around and said Man your music is really hot

Well I knew what they meant because I was a freak/Oh, my throat was tired and worn/My pretty face just looked out of place/As they poured on the scorn/I wrote on yellow paper from a man who was the king/He said "my boy we'll have some crazy scenes"/There weren't any scenes at all like he was talkin' about/He must've been the king of queens/Well I could write a million songs about the things I've done/But I could never sing them so they'd never get sung/There's a law for the rich and one for the poor/and there's another one for singers/It's die young and live much longer/Spend your money and sit and wonder/No one came for miles around/And said man your music is really funky

I believe that I must tell the truth/And say things as they really are/But if I told the truth and nothing but the truth/Could I ever be a star/Nobody knows who's real and who's fakin'/Everyone's shouting out loud/It's only the glitter and shine that gets through/Where's my Robin Hood outfit/Well I've come and I've gone before you wink an eye/No one ever cared enough to say goodbye/The money's good and the time you have/Fun and games galore/But you spend your money and lie in bed forgotten/And you wonder what you did it for/No one came from miles around/And said man who's he?

Ninguém veio

Talvez porque eu esteja apenas começando/É que eu imagino que não vai demorar/Talvez seja porque eu possa vê-la sorrindo/Que eu ache que você não entendeu direito/Talvez eu pudesse ser como Robin Hood/Como um fora da lei vestido todo de verde/Alguém diria: "No que ele se tornará?"/E algum outro diria: "Não importa"/Bem, eu era grande e confiante e mais de duas vezes mais velho/Do que todos os caras que já tinha visto/Deixei o cabelo crescer e comprei um terno/Branco e brilhante ou era cor de creme?/Eu balancei e tremi, dancei e vibrei/E fiquei no topo de uma montanha/Ninguém veio de longe e disse/"Cara, sua música realmente é maneira"

Bem, eu sabia que isso significava que eles me achavam esquisito/Minha garganta estava cansada e esgotada/Meu rosto bonito parecia fora do lugar/Enquanto eles jorravam desprezo/Busquei nas páginas amarelas o homem que se dizia o rei/Ele disse: "Meu rapaz, nós vamos viver loucuras"/Não aconteceu nada daquilo que ele tinha falado/Ele devia ser um rei de araque/Bem, eu posso compor um milhão de músicas sobre as coisas que já fiz/Mas eu não poderia cantá-las, então elas nunca seriam cantadas/Há uma lei para os ricos e uma para os pobres/E há outra lei para os cantores/É morrer jovem e viver muito mais/Gastar seu dinheiro, sentar e indagar/Ninguém veio de longe/E disse: "Cara, sua música realmente é demais"

Eu acredito que devo falar a verdade/E dizer as coisas como elas são/Mas se eu disser a verdade e nada além da verdade/Serei um astro um dia?/Ninguém sabe quem é verdadeiro e quem é falso/Todos gritando muito alto/É só o brilho e o resplendor de todo esse desperdício/Onde está minha roupa de Robin Hood?/Bem, eu fui e voltei antes que você piscasse os olhos/Ninguém nunca se importou em se despedir/Dinheiro é bom assim como o tempo que você tem para a diversão e jogos sem fim/Mas você acaba gastando seu dinheiro e jaz na cama esquecido/E se pergunta o porquê você fez isso/Ninguém veio de longe/E disse: "Cara, quem é esse aí?"

C.2) Super Trouper

Letras líricas do Rock VI (publicada em 03.out.21).

Há muito tempo, em uma galáxia muito distante, O Eremita colocou a letra de *No One Came* nesta seção (foi na "Letras Líricas III"). Desta vez, vamos de *Super Trouper* (não, não é a do Abba!), outra música do Deep Purple, outra letra de Ian Gillan e outra abordagem sobre as agruras do sucesso. Suponho que a maioria dos viventes não admite que alguém que ganhe muito dinheiro, que viva em um ambiente de sucesso, com todas aquelas viagens, hotéis de luxo, limusines e, é claro, fartura de mulheres (ou homens...ou os dois, sei lá, está duro para um velho entender os tempos atuais) tenha sentimentos mundanos como angústia e abatimento. Pois é, nem tudo é maravilhoso, mesmo para os famosos. Todos têm problemas. Mais uma parte deles foi expressa por Gillan nos versos a seguir, na tradução sempre carregada de infidelidades d'O Eremita.

Em tempo: *Super Trouper* era o nome dado a um tipo de canhão de luz enorme, usado no século passado para iluminar os palcos. Portanto, sendo um nome, não cabe versão, apesar de que nossos Hermanos fizeram uma boa tentativa com "Super Actor" (!). Mais uma típica amostra da tradição portenha de traduções cômicas.

Super trouper
(Blackmore, Gillan, Glover, Lord & Paice)

I was a young man when I died
I was a flash, I was full of pride
I gave it all, I gave my soul, I was so strong
I felt the truth, I felt the pain in every song

How well you know me
You've seen me cry
I'm just a shadow
In a Rock and Roll sky

I was living in a Rock and Roll sky
I was a king, heavy on the style
Super trouper, yes I know you well, making me shine
I couldn't see what you did to me, I was so blind

I wanna be like I was before
But this time I'm gonna know the score
I need a home I can leave behind knowing you're there
Super trouper, I can see you now, return your stare

Eu era jovem quando morri
Eu brilhava, era todo orgulhoso
Eu dei tudo, dei a minha alma, eu era tão forte
Eu senti a verdade, senti a dor em todas as músicas

Quão bem você me conhece
Você me viu chorar
Eu sou apenas uma nuvem
Num céu de Rock and Roll

Eu estava vivendo num céu de *Rock and Roll*
Eu era um rei do estilo pesado
Super trouper, sim, eu te conheço bem, me fazendo brilhar
Eu não conseguia ver o que você fazia comigo, eu estava tão cego

Eu quero ser como antes
Mas desta vez eu vou conhecendo a realidade
Eu preciso de um lar em que você esteja quando que eu voltar
Super trouper, eu te enxergo agora, deixa de me encarar

C.3) Smooth Dancer

Interpretação de Letra (publicada no Into the Purple nº 5 (junho de 1988).

Interpretação de Letra

A principal intenção da Into the Purple, como vocês sabem, é divulgar entre os Apreciadores as informações a respeito do Deep Purple (e família) que não são veiculadas pela nossa imprensa 'especializada'. Dentro desse princípio, todos os pedidos dos Apreciadores foram sendo incorporados à estrutura da revista, com exceção das traduções de letras. Essa posição da SBADP foi explicada na Into the Purple nº 3 e muitos compreenderam os motivos ali expostos. No entanto, muitos também insistiram no pedido das traduções. Era preciso encontrar um meio termo, que satisfizesse os dois lados. A solução veio com a sugestão do Rodrigo, 'the Shyster': 'Por que você não coloca a letra traduzida, mas contando os fatos e circunstâncias que a cercaram, para dar uma idéia do que o compositor quis dizer?'. Ou seja, algo mais que uma simples tradução, uma interpretação da letra. Aí está, então, a estréia desta nova seção, com a letra de 'Smooth Dancer', do LP Who do we think we are, do Deep Purple. Mais um trabalho da dupla 'the Shyster'/'the Hootchie', cuja repercussão esperamos que seja a contento - evidentemente para saber se foi uma idéia boa ou não, é preciso que vocês escrevam, dando sua opinião. Portanto, cartas para a SBADP - já!

O CASO SMOOTH DANCER

Todos sabem que o LP Who do we think we are foi gravado sob um clima pesado, em condições desfavoráveis que em pouco tempo levaram à saída de Gillan e Glover. Nesta música, Gillan registra com louvável sutileza seu descontentamento com o comportamento de Blackmore. Gillan não figura entre os maiores poetas que o Rock revelou, mas suas letras sempre foram acima da média, tanto pelo vocabulário, quanto pelas rimas incomuns e até mesmo pelo bom humor presente em muitas composições. Em sua fase no Purple, Gillan alternou letras muito criativas com outras corriqueiras (sua melhor fase como letrista foi na sua segunda banda solo, a 'Gillan'). O que temos aqui é um dos exemplos da capacidade criativa e de extrema sutileza do vocalista. Tão sutil que Blackmore, um grande e sensível músico, acabou gravando a música sem perceber a referência feita a ele, o que só aconteceu mais tarde.

A primeira impressão que se tem sobre esta letra é que esta fala sobre uma mulher, uma dançarina. No entanto, se substituirmos a figura feminina por Ritchie, vemos que a letra se encaixa perfeitamente a ele e a situação pela qual o Purple passava.
Desse modo, olhando por este outro angulo, temos mais um dos elementos - talvez o principal - responsáveis pelo fim da Mark II: um desentendimento entre Blackmore e Gillan. Qual dos dois estava certo, ou qual dos dois foi o culpado, não vem mais ao caso. Provavelmente ambos estavam errados.
Por isso, julgamos esta tradução ideal para inaugurar esta seção. Tanto por mostrar que a tradução ao pé da letra nem sempre preserva o sentido original da idéia do artista, quanto por provar que, mesmo uma tradução livre e coerente como esta não diria muito aos Apreciadores sem as várias observações explicativas do contexto que envolveu toda a música.

SMOOTH DANCER - por Gillan,Blackmore,Lord,Paice e Glover

Black Suede, don't mean you're good for me
Black Suede, just brings your mistery
I want to be inside of you
But you're black and I don't know what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And you can never break me though
you try to make me think you're magical
Baby you're the one who can never see
the sun because it don't shine nightly
Don't you look at me because I'm gonna shake free,
you'd better hang on tighly
You wanna rule the world but you're acting
like a girl who's got a false pregnancy
You've swollen up inside with nothing
but your pride and yet you keep on dancing

Black Suede, don't waste your time on me
Black Suede, I sense your mockery
I tried to go along with you
But you're black and I know just what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And you can never take though you
try to make think you're magical
I think you're crazy, your two timing ways
they don't bother me none
You'd better do it right because one day or night
I'm gonna walk to freedom
You know I loved you once
and I wanna love again but you don't give nothing
You can see it in my eyes so you've got to realize,
baby I ain't bluffin'
Black Suede, don't waste your time on me
Black Suede, don't bring me misery
I tried to be inside of you
But you're black and now I know what to do
You're a smooth dancer
But it's alright
'Cause I'm a freelancer
And I can tell you're fakin' though
you try to make me think you're magical
Baby you're the one who can never see the sun
because it don't shine nightly
Don't you look at me because I'm gonna shake free,
you'd better hang on tighly
You know I loved you once
and I wanna love again but you don't give nothing
You can see it in my eyes so you've got to realize
baby I ain't bluffin'
Baby you can rock'n'roll but you never
show your soul, smooth dancer.

DANÇARINA SUTIL - Tradução livre de Rodrigo Rosas Fernandes

Black Suede[1], não me diga[2], que você é boa[3] para mim
Black Suede , só me traz o seu mistério[4]
Eu quero estar dentro de você
Mas você é preta[5], e eu não sei o que fazer
Você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente[6]
E você não pode nunca me dobrar apesar
de você tentar me fazer acreditar que você é mágica
Baby você é aquela que nunca pode ver
o sol porque ele não brilha à noite
Não olhe para mim porque eu vou chacoalhar livre[7]
e é melhor você se segurar firme
Você quer comandar o mundo mas está agindo
como uma menina que tem uma gravidez falsa[8]
Você se encheu toda por dentro com nada
a não ser seu orgulho e ainda continua a dançar

Black Suede, não perca seu tempo comigo
Black Suede, eu consigo sacar as suas gozações
Eu tentei me dar bem com você
Mas você é preta e eu acho que sei bem o que fazer[9]
Você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente
E você nunca pode me pegar apesar de você
tentar me fazer pensar que você é mágica[10]
Eu acho que você é louca, os seus duplos sentidos
não me aborrecem nem um pouco
É melhor você entrar na linha porque um dia ou uma noite dessas
Eu vou andar para a liberdade
Você sabe que eu já te amei
e quero amar de novo mas você nem liga[11]
Você pode ver pelos meus olhos, então você tem que entender
que eu não estou blefando
Black Suede, não perca seu tempo comigo
Black Suede, não me traga desgraças
Eu tentei estar dentro de você[12]
Mas você é preta e agora eu sei o que fazer[13]
Porque você é uma dançarina sutil
Mas tudo bem
Porque eu sou um independente
E eu posso dizer que você está fingindo apesar
de você tentar me fazer pensar que você é magica
Baby você é aquela que nunca pode ver o sol
porque ele não brilha à noite
Não olhe para mim porque eu vou chacoalhar livre,
É melhor você se segurar firme
Você sabe que eu te amei uma vez
e quero amar de novo mas você nem liga
Você pode ver isto nos meus olhos então você tem que entender
que eu não estou blefando
Baby você pode saber como tocar Rock mas você não pode nunca
mostrar sua alma, dançarina sutil[14].

Observações:

1) Não foi traduzido, uma vez que, no caso, faz o papel de um nome próprio. 'Black Suede' significa Camurça Negra, que era o traje preferido de Blackmore.

2) Trocadilho de Gillan. Em inglês, 'mean' pode ser traduzido como o adjetivo 'maldoso', o substantivo 'maldade' ou como os verbos 'significar', 'fazer entender' ou 'querer dizer'. No caso, 'don't mean, you are good', seria: 'não me diga que você é bom', sendo que o 'mean' entra como sentido antagônico ao 'good' (bom).

3) Foi traduzido no feminino, para manter a coerência do primeiro significado da letra, que refere-se a uma mulher. Poderia-se trazer os adjetivos todos para o masculino, uma vez que na língua inglesa isto é indiferente. Mas, vocês podem fazer isto automaticamente ao transportar Blackmore como personagem da letra.

4) No disco, Gillan canta miséria (desgraça), como na terceira estrofe.

5) Neste caso, o duplo sentido da colocação do Gillan se apresenta mais uma vez. Em primeiro plano, ele dá a idéia que as dançarinas negras são mais sutis, delicadas. Em segundo plano, temos o preto como cor (deixemos os rigores da Física de lado...) preferida de Blackmore e também o sentido que ele se torna preto, maléfico, devido a sua postura.

6) Aqui 'freelancer' foi traduzido como 'independente', apesar de ser uma palavra frequente na nossa língua, repleta de anglicismos. Talvez 'freelancer' fosse exatamente a condição de Gillan dentro da Purple Records. Talvez ele fosse de fato um autônomo.

7) Expressão inglesa que não possui equivalente em Português. Na gíria atual, o mais próximo seria 'soltar a franga'.

8) Primeira indicação precisa que Gillan fez sobre a atitude que Blackmore havia tomado na época.

9) Primeiro aviso que Gillan deu sobre a posição que ele (Gillan) iria tomar.

10) Outra das referências de Gillan sobre as atuações de Blackmore, no sentido que Ritchie queria 'parecer mágico', ou seja, místico, uma vez que ficou conhecido pelo seu interesse por ocultismo e assuntos esotéricos.

11) Aqui uma das frases que disfarçam o duplo sentido da letra, pois parece que Gillan realmente se dirige a uma mulher. No entanto, se considerarmos que os ingleses e americanos usam a palavra 'love' (amor) mais frequentemente que nós (para eles, 'love' tem tanto o sentido de 'amar' quanto de 'adorar'; nós nos referimos mais a 'amor' para um sentimento superior a 'adorar'), encontraremos mais uma das indicações de Gillan ao comportamento de Blackmore.

12) É o mesmo caso acima. Antes que alguém comece a pensar bobagens, é bom frisar que Blackmore e Gillan resumiam sua parceria apenas à música, certo?

13) Neste ponto Gillan diz que já sabe o que fazer. Notem que o tempo do verbo muda para o presente e o que era hipótese, vai se concretizando.

14) Gillan finaliza com uma séria crítica a Blackmore, dizendo em outras palavras que ele é um ótimo guitarrista, no sentido técnico, mas que como pessoa deixa muito a desejar, já que é óbvio que Ritchie coloca emoção (aquilo que o Gillan chamou de 'alma') no seu tocar.

O que podemos concluir é que Gillan não faria algo assim se não gostasse de Blackmore, pois ninguém se importa com quem não se gosta. Ódio e amor andam sempre lado a lado e uma frágil linha os separa. O que Gillan demonstrou com essa letra foi justamente um ato de amor, de admiração, pelo ódio que está em suas frases. E lembrem-se, o contrário de amor é a indiferença e não o ódio.
As verdadeiras causas que geraram toda esta estória, nunca ficarão realmente claras e nem vem ao caso para nós. Afinal, ser fã não dá o direito a ninguém de devassar a intimidade de um artista. Tudo isto aqui exposto serve apenas para exemplificar a competência de Gillan como letrista, ao mesmo tempo que mostramos um dos principais motivos da alteração do Purple em 73. Tudo, depois de dezenas de audições de Smooth Dancer, o que não foi nada mal...

C.4) All the time in the world

Letras líricas do Rock VII (Publicado em 08.nov.24).

Traduzir letras de Ian Gillan é um problema. Principalmente para os semianalfabetos em inglês como O Eremita. Gillan é um letrista acima da média de seus pares do Rock, que gosta de brincar com as palavras e contar história com sentido, ao invés de simplesmente unir frases sem nexo como "na árvore perto do riacho há um pássaro cantando. Às vezes todos os nossos pensamentos são equivocados". Na estupenda *All the time in the world*, do álbum "Now What ?!", lançado pelo Deep Purple em 2013, Gillan insere várias imagens que mostram seu domínio da escrita. Um exemplo é a frase final: "Às vezes, em um bom dia, sento-me e penso. Às vezes, apenas me sento". Simples e profundo. Devemos pensar na vida, mas, às vezes, devemos, simplesmente, esvaziar a cabeça e contemplar o que nos cerca. Além das preocupações metafísicas com a chegada do final da vida, inerentes aos veteranos e presentes em boa parte da composição, Gillan comete a proeza de encaixar um paradoxo matemático no meio da letra! Monstro! Para completar, essa letra brilhante está encaixada em mais uma das obras-primas musicais perpetradas pela banda.

All the time in the world

(*Don Airey, Ian Gillan, Roger Glover, Steve Morse, Ian Paice e Bob Ezrin*)

There's still a long way to go	Ainda há um longo caminho a percorrer
And the nights are closing in	E as noites estão ficando sombrias
But if I'd travelled any faster, babe	Mas se eu tivesse viajado mais rápido, querida
Lord knows where I might have been	Deus sabe onde eu poderia estar
Right from those early days	Desde aqueles primeiros dias
I put my faith in the axle not the wheels [1]	Eu coloquei minha fé no eixo, não nas rodas
Like old Zeno's toytus [2]	Como a velha tartaruga de Zenão
With Achilles snapping at my heels	Com Aquiles mordendo meus calcanhares
Don't worry	*Não se preocupe*
There's no hurry	*Não há pressa*
Here we are	*Aqui estamos*
With all the time in the world	*Com todo o tempo do mundo*
I could have been a high-flying dealer [3]	Eu poderia ter sido um vendedor de sucesso
But I have no desire for speed	Mas não tenho desejo por velocidade
I could have been a wide receiver	Eu poderia ter sido um receptor
But I've got everything I need	Mas tenho tudo o que preciso
And so, I watch the world	E então eu observo o mundo
Go racing by tearing up the street	Indo para uma rápida destruição
I lay back in the long grass	Eu me deito na grama alta
Take it easy and rest my feet	Relaxo e descanso meus pés
No-one ever held me back	Ninguém nunca me segurou
You know that no-one ever put me in chains	Você sabe que ninguém nunca me acorrentou
No-one ever saw me racing ahead	Ninguém nunca me viu correndo à frente
No-one had to tug on my reins	Ninguém teve que puxar minhas rédeas
As everybody knows	Como todos sabem
I may be slow, but I never quit [4]	Posso ser lento, mas eu nunca desisto
Sometimes on a good day I sit and think	Às vezes, em um bom dia, sento-me e penso
Sometimes I just sit	Às vezes, apenas me sento

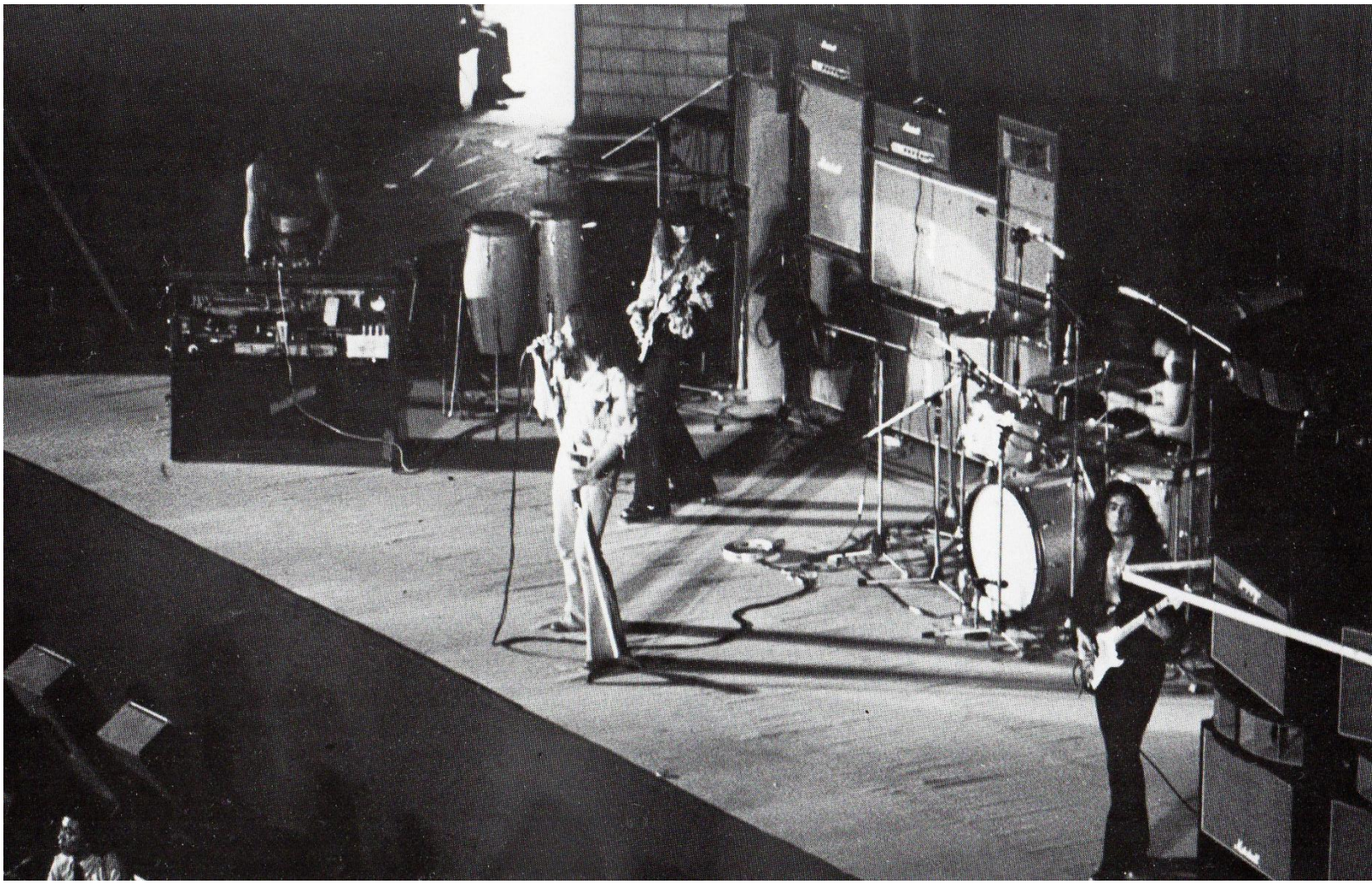
[1] Este ponto da tradução foi um dos muitos em que O Eremita travou. Essa imagem "Eu coloquei minha fé no eixo, não nas rodas" poderia ser uma expressão filosófica pessoal ou uma citação de fundo religioso. O movimento de uma roda girando em torno de um eixo pode representar as viradas que a vida dá. Uma hora você está por cima, outra está afundado no barro. Por isso, o eixo poderia ter o significado que, apesar das voltas da vida, existe um ponto que permanece estável e que a sustenta, que seria a fé. Apenas especulando por aqui, pessoal. Para saber o que o Gillan realmente quis dizer, só perguntando para ele. Se alguém conseguir, por gentileza, me avisa. Ok?

[2] Aquiles e a tartaruga fazem parte de um pensamento deixado pelo filósofo grego Zenão de Eleia. Trata-se de uma alegoria, em que uma corrida é disputada pelos dois, na qual a tartaruga sai na frente e, pela argumentação do Zenão, o Aquiles nunca a alcançaria. Foi a forma que o filósofo encontrou de demonstrar que os movimentos são ilusórios. Como diria Foucault, "que coisa, hein!".

[3] Mais uma travada. Aqui pode ser que o Gillan tenha feito um jogo de palavras. "High-flying dealer" seria um vendedor bem sucedido. Só que "dealer" também é usado para "traficante". Gillan cita, entretanto, que não tem interesse na velocidade, o que é um atributo do "Wide Receiver". Conforme pesquisei na Internet, wide receiver é uma posição ofensiva no futebol americano. É o jogador chave na maioria das jogadas que levam às pontuações, pois são os jogadores mais rápidos no campo. "Speed", nesse caso, poderia então uma referência à droga "speed", associando à citação do "dealer". Como diria Schopenhauer, "sei lá!". Gillan também cita que ele já conseguiu tudo o que quer, motivo pelo qual ele não precisaria ser um homem de negócios bem sucedido. Acho que me enrolei aqui na explicação, mas, uma aposta provavelmente tola d'O Eremita é que o Gillan, propositalmente, alterou a ordem dos versos desta estrofe. Como citei antes, traduzir letra do Gillan é um problema.

[4] Uma das melhores músicas do álbum "= 1", lançado em 2014 pelo Deep Purple é a música *Lazy sod* (algo como "preguiçoso do cacete"), inspirada em uma acusação feita, em tom de brincadeira, ao Gillan. Aparentemente, ele se acha realmente lento. Os padrões dele devem ser bem altos, porque

chamar de lento ou preguiçoso alguém que ainda trabalha aos 80 anos, é um paradoxo (usei essa palavra há pouco, então ficou na minha cabeça. Acho que encaixou bem aqui).



SEÇÃO D - CRÍTICA A ESTA "DISCOGRAFIA COMENTADA"

Achei que seria uma boa ideia encomendar uma crítica e já incorporar ao texto. De outro modo, esta humilde obra nunca seria criticada por ninguém. O que eu consegui está registrado a seguir. Não é uma crítica positiva e isso não é bom. O que fazer, então? Sei que existe em algum lugar neste mundo um livro de autoajuda com uma frase perfeita para concluir este parágrafo, o que me conforta.

Onde já se viu, eu, um famoso crítico de Rock, que já criticou discos de bandas importantes como Alvacast e Concrete Blonde sendo encarregado de criticar um texto como este, que não passa de um desses registros de fãs deslumbrados, que circulam aos montes nos blogs da vida. Às vezes dá raiva da Internet... O que se pode esperar de mais um texto sobre o Deep Purple? Já não bastam os que têm nas dezenas de sites e livros (de uns tempos para cá livros de Rock e de futebol viraram moda)? Além do mais, quem vai se importar e perder tempo lendo as opiniões de um cara desconhecido e ainda por cima esquisito, que se autodenomina "Eremita"? Bom, é para criticar, então vamos lá. Ossos do ofício. A proposta, se é que se pode chamar assim, do livro, novamente "se é que se pode chamar assim", é comentar as faixas de todos os discos de estúdio do Deep Purple. E o discos ao vivo, por que ficaram de fora? Foi preguiça ou o autor está nos ameaçando com uma continuação?

Já perdi tempo demais com essa história. Meu resumo: não leia! Aproveite seu tempo em coisas mais interessantes, o que, aliás, não é difícil de encontrar. Até a leitura do discurso de abertura do congresso dos auditores fiscais que estão em licença médica remunerada tendo seu salário pago às nossas custas é mais interessante que o texto do tal Eremita. Como sou um velho de coração mole, não consigo terminar sem citar pelo menos algo de positivo. Sei lá, deve ter um lado bom nessa bagaça. Eu poderia dizer que pelo menos é um texto curto, mas nem isso é, pois tem mais de duzentas páginas. Ah, já sei: o texto é uma desgraça, mas pelo menos é de graça. Críticos de categoria, como eu, fazem assim – sempre terminam os textos com trocadilhos bem bolados...

João Cucci Neto,
um cara idôneo.

O Ferenita apresenta

Discografia Comentada do

Os discos de estúdio